CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

ANTONIO VIEIRA.

RAZÃO

E FIM D'ESTE LIVRO.

São as Cartas do Padre Antonio Vieira uma estimavel preciosidade da litteratura portugueza : não fallando da admiravel doutrina que contèm, e dos importantes assumptos que tractão, « o decó-« ro da phrase, como diz o douto Conde « da Ericeira[1], póde ser o melhor mo-« delo do profundo respeito, com que se « deve escrever aos principes; da devi-« da attenção, com que se hão de tratar « os grandes; da amavel facilidade, « com que se correspondem os iguaes; e « da urbanidade preciza, com que se « falla aos inferiores; » mas achando-se impressas sem alguma ordem nem systema, em quatro volumes, e d'estes o III°, mũi raro, acontece só serem conhecidas

[1] Censura do tomo II.

dos litteratos, e ficar o maior numero privado da utilidade, que de sua lição lhe deveria resultar, ou pelo menos ter grande difficuldade para conseguíl-a : por esta razão, e com o fim de que a mocidade Portugueza e Brazileira possa, com commodidade e sem grande dispendio, trazer entre as mãos desde seus mais tenros annos *estas primorosas Cartas*, e nestes *perfeitos exemplares* formar-se um estilo epistolar e legitimamente portuguez, nos propozémos fazer esta collecção, em que se achão classificadas por ordem de materias, e generos de composição, as Cartas mais notaveis do Padre Antonio Vieira, e por certo a maior parte das que elle escreveo importantes.

E como a Biographia de um autor é de grande interesse para melhor apreciar seus escriptos, julgámos de toda a necessidade juntar-lhe o epitome da vida de um homem tão notavel, e em quem se encontrão tantas virtudes a imitar. Neste nosso trabalho tomámos por guia : 1° o projecto da antiga Junta da Directoria dos Estudos sobre uma se-

lecta portugueza, em que, como de razão, tinhão grande parte as Cartas de Vieira; 2° o Discurso Historico e Critico á cerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras, impresso em Coïmbra em 1823 : possa elle ser tão util á mocidade dos dous paizes, a quem Vieira illustrou com suas lettras e virtudes, como é sincéra a offerta que d'elle lhe fazêmos.

Pariz, 20 de Julho 1838.

José Ignacio Roquete.

EPITOME

DA VIDA

DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

Nasceo o Padre Antonio Vieira em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608. Fôrão seus pais Christovão Vieira Ravasco, que nascêra na Villa de Moura no Alemtejo, e D. Maria de Azevedo, natural de Lisboa; ambos de familias mũi honradas e antigas.

Por fins de 1615 deixou o Reino Christovão Vieira Ravasco, e se passou com sua familia para a cidade da Bahia de todos os Santos, no Brazil, quando seu filho Antonio Vieira não tinha aïnda completos oito annos de idade. Ignora-se qual o motivo d'esta ida; mas é mũito de presumir fosse o desempenho d'algum emprego publico e honroso, talvez o de Secretario d'aquelle Estado, por quanto Bernardo Vieira Ravasco, filho tambem de Christovão Vieira Ravasco, exerceo depois aquelle emprego; e seus filhos e descendentes ou exercitárão iguaes profissões, ou se alliárão em casamentos com as pessoas de mais impor-

tancia em sangue e fazenda, que então erão conhecidas n'aquella Provincia.

Foi Antonio Vieira dotado d'um engenho subtil e penetrante, d'uma imaginação viva e assisada, d'uma alma nobre e aspirante a grandes emprezas; qualidades estas, que, sendo cultivadas pela desvelada educação que de seus pais recebêo, se desenvolvêrão tão promptamente, e se mostrárão tão suas, que a mesma subtileza e penetração, que se notava nas respostas e ditos de sua puericia, se admirou na sua decrepitude; com a addição d'uma firmeza de memoria, d'uma clareza de idéas, e d'uma facilidade de expressão que raramente se encontra em a avançada idade em que elle terminou seus dias[1].

Não passou muito tempo, depois que desembarcou com seus pais na Bahia, que se não applicasse ao estudo das Humanidades nas escholas dos Jesuïtas; os quaes, com grande proveito da Religião e do Estado, dirigião então a mocidade no estudo das lettras, e da moral christã. A applicação de Antonio Vieira ao estudo, o ardor em se avantajar a seus condiscipulos, a assiduidade em cultivar seus talentos; e, da parte de seus mestres, o dom particular de aperfeiçoar os

[1] Antonio Vieira faleceo de oitenta e nove annos a 18 de Julho de 1697. Vejão-se as Cartas XCVIII, e XCIX d'esta collecção, escriptas ou no mesmo mez de sua morte, ou no precedente, nas quaes se não acha differença das da idade mais florente.

dotes naturaes de seus alumnos, e de os encaminhar suavemente a um fim justo e louvavel, formárão no Collegio da Bahia aquelle Antonio Vieira, que um dia deveria ser o lustre da Companhia, e um grande ornamento de sua Patria.

Venturosa é a idade em que amanhece a luz da razão aïnda não obfuscada pelos vapores dos vicios! A candura, a franqueza, a docilidade formão o caracter da infancia, guiada por mão sábia e cuidadosa, n'essa época feliz, mas curtissima, da vida, em que a razão se emancipa, mas que das violentas paixões aïnda não sente os impulsos. Taes erão as circumstancias em que se achava Antonio Vieira aos quinze annos de sua idade. Sentia-se chamado para cousas maiores do que as para que seus pais o destinavão; e como seu trato não era senão com homens de lettras e virtudes, nenhum outro caminho se lhe ant'olhou tão seguro para chegar a seus fins, como o de abraçar o instituto d'aquelles que o instruião com sua doutrina, e edificavão com seu exemplo. Lavravão ha muito em seu peito estes intentos e santos desejos, mas hesitava em pôl-os por obra; porèm, ouvindo a um Prégador certa historia, e reflectindo sobre ella, decidio-se a abraçar o Instituto Jesuïtico[1]: o que executou fugindo de casa de seus pais na noite de 5 de Maio de 1623, em idade pouco acima de 15 annos, e procurando o

[1] Elle mesmo o declara no vol. VII, Sermão VI, n.º 105.

Collegio da Companhia onde foi recebido pelos Padres com grande alvoroço. Quizérão os parentes retirál-o de seu proposito, e instárão fortemente para que voltasse á casa paterna; mas todos estes combates forão resistidos por Antonio Vieira com aquella firmeza e resolução que tanto caracterizão as acções de sua Vida.

Se os Jesuïtas tivérão alguma parte em inspirar ao mancebo Vieira uma vocação, que parece prematura; e se nas pretenções e instancias de seu pai se houvérão com menos desinteresse que o caso pedia, attentos os verdes annos do novo adepto, cousa é de que póde desconfiar-se: mas a preciosidade do thesouro desculpa a cobiça de possuîl-o, e o procedimento invariavel de Vieira para com a sua Corporação justifica a sinceridade de seus votos.

Durou o noviciado dous annos completos vindo a professar a 6 de Maio de 1625: proseguio logo nos estudos, admirando os condiscipulos e os mestres com a promptidão e alto gráo de aproveitamento. O applauso porèm de seus progressos litterarios não o enlevou de tal sorte, que resolvesse fazer do estudo das Boas-Artes e Sciencias o emprego principal de suas applicações e trabalhos. Como que esta gloria, por facil, era insufficiente para satisfazer o seu coração! Propoz-se correr por caminhos mais arduos e menos trilhados. Fez voto, pouco depois da profissão, de gastar a vida instruïndo nas doutrinas da Re-

ligião Christã os escravos Africanos, e os boçaes gentios do Sertão do Brazil. Aprendeo para isso as linguas Brazilica e Bunda; e sem declarar aïnda o voto, que havia feito, entrou a desempenhál-o nas occasiões que se ião offerecendo.

Tinhão os Jesuïtas por costume escrever annualmente ao Geral da Ordem uma carta latina, em que relatavão as cousas importantes succedidas n'aquella Provincia; e tal conceito fazião da capacidade de Antonio Vieira, que logo depois de sua profissão o encarregárão de compor estas cartas chamadas *ânnuas:* tambem o nomeárão, tendo apenas dezoito annos, lente de Rhetorica para Olinda, o que desempenhou tão cabalmente, que não só explicou aquella disciplina, senão que até compoz commentarios ás Tragédias de Séneca, ás Metamorphoses de Ovidio; e o que é mais, sem ter aïnda frequentado as aulas de Theologia nem de Philosophia, atreveo-se a commentar o Livro de Josué, e até o dos Cantares.

Quando entrou em os vinte e um annos de sua idade, parecendo aos Superiores que se achava em estado de emprehender mais elevados estudos, resolvêrão que entrasse no ordinario curso de Philosophia, para passar finalmente a ouvir as doutrinas Theologicas. Foi então que Antonio Vieira declarou o voto, que d'antes fizéra, instando fortemente para que o dispensassem da carreira tranquilla das lettras, para todo se dedicar á laboriosa tarefa de instruïr na Religião

Christã os Africanos e Indios selvagens. Porèm os Superiores, julgando que não devião grande attenção a um voto, que, em razão da idade, se podia reputar mais pio que avisado; e não querendo privar a sociedade dos avultados proveitos, que justamente esperavão dos talentos insignes de Vieira, fôrão d'outro parecer, e irritando o voto, o mandárão conformar com sua resolução. Obedeceo Vieira, posto que com alguma repugnancia, e conformando-se com a resolução de seus Superiores deo principio aos estudos philosophicos.

Alèm da intelligencia e engenho, que até ali manifestára Vieira, distinguio-se especialmente por uma facilidade de penetração em comprehender, e por uma subtileza e força em argüir tão extraordinarias, que seus mestres declaravão não tinha que aprender d'elles. Aïnda era ouvinte de Philosophia, e já compunha no seu particular um curso philosophico; e quando depois frequentava as aulas theologicas saïo com tractados e questões de tal importancia, que teve dos Superiores positiva determinação para não tomar as apostillas d'outrem. Era o mesmo que confessar, que ao tempo, em que se considerava como discipulo, possuïa cabedal bastante para ser mestre.

Antes de se ordenar Presbytero em Dezembro de 1635, e nos annos posteriores até 1640, exerceo na Bahia e suas vizinhanças o ministerio do pul-

pito com grande frequencia e applauso, começando a ganhar aquella celebridade, que depois se espalhou em toda a Europa [1].

Com a entrada do anno 1641 chegou á Bahia a feliz nova da restauração de Portugal, e do levantamento de rei natural na pessoa do Duque de Bragança D. João IV: successo este que não só foi applaudido n'aquella parte da Monarchia, mas imitado com igual primor e fidelidade. Era então Governador do Brazil, e residia como Vice-Rei na Bahia D. Jorge de Mascarenhas, primeiro Marquez de Montalvão; o qual, não satisfeito de cumprir fielmente as ordens que recebêra do novo Rei, mandou aïnda seu filho D. Fernando de Mascarenhas, para que por seu pai e por si désse os parabens e prestasse a devida homenagem a El Rei: e querendo que elle viesse acompanhado d'um mentor, cápaz de o dirigir em todas as cousas, escolheo para este ministerio o Padre Antonio Vieira, que ao principio recusára, mas que a final annuïo, abrindo-se por este modo o passo a um novo campo, em que seus talentos devião de brilhar com mais lustre.

Com D. Fernando Mascarenhas, e o Padre Simão de Vasconcellos largou Antonio Vieira

[1] Foi no anno 1640 que elle prégou o celebre Sermão *pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda*, um dos mais notaveis pela novidade do assumpto, o qual mereceo ser traduzido em Francez pelo Padre Raynal. Vem no tom. III, pag. 467.

da Bahia em 27 de Fevereiro de 1641. Foi a viagem ao principio prospera, mas já proximo das costas de Portugal forão uma e outra vez assaltados de furiosa tormenta, que os arrojou muito ao mar, e os obrigou a alijarem o batel, a artilheria, e até a aguada que trazião; e só a 28 d'Abril é que desembarcárão na praia de Peniche, onde os aguardava perigo d'outro genero, mas em que não tivérão as vidas menos arriscadas.

Raramente é o povo avisado em suas resoluções e propositos; porèm no momento de recobrar a liberdade é sempre suspeitoso e por vezes violento. Acabavão os Portuguezes de recobrar a perdida liberdade, olhavão com horror para tudo que lhe podia despertar a lembrança da passada sujeição, e como, por um infeliz acaso, se tivessem passado ao partido de Castella dous irmãos de D. Fernando de Mascarenhas, e sua mãi D. Francisca de Vilhena se achasse prêsa no Castello d'Arraiolos, por sua manifesta inclinação áquelle partido; alvoroçou-se o povo ao ver saïr em terra um membro d'aquella familia, que reconhecia traidora, e tendo-o por implicado em igual crime o maltratou cruélmente, fazendo-lhe uma grave ferida na cabeça, e de todo lhe tirára a vida se não viesse em seu soccorro o conde d'Atouguia, então Governador de Peniche, o qual, apaziguando o tumulto, o recolheo em sua casa, e d'elle houve cuidado. N'este ensejo, perigou tambem, como era natural, a vida de An-

tonio Vieira; foi mettido em prisão, onde esteve até o dia 19 d'Abril: porèm, acalmando o furor do povo, e conhecendo-se a innocencia e fidelidade dos que elle tinha por desleaes, foi Vieira posto em liberdade, e logo no dia 30 partio para Lisboa onde chegou a ver a Sua Magestade [1].

Aqui começa verdadeiramente a vida pública de Antonio Vieira, que n'este novo theatro não fez menos luzida figura que no primeiro; antes, dando maior exercicio á sua natural e rara actividade, prestou serviços á Religião e ao Estado d'uma ordem müito mais elevada e importante. O ministerio Evangelico foi quem lhe abrío o passo, seguio-se a graça d'El Rei, que, justo apreciador de seu prestimo, não o quiz deixar ocioso, antes o empregou com frequencia, ouvindo o seu conselho, e confiando de sua dexteridade e zelo emprezas müito relevantes e melindrosas [2].

No 1 de Janeiro de 1642 prégou á Côrte na Capella Real, e desde logo captou a attenção, e mereceo os elogios de tão escolhido auditorio. A novidade com que tractava os assumptos, o esmero com que se distinguia no gôsto do tempo, a opportunidade d'algumas lembranças não vulgares,

[1] Portugal Restaurado, vol. I, pag. 148, e André de Barros, liv. I, § xxxv.

[2] Pela Carta XXIX d'esta collecção se póde julgar quaes ellas erão.

o louvor e acerto com que fallava da nossa Restauração, a facilidade, pureza e elegancia da linguagem, e mais que tudo o desembaraço e affouteza com que combatia e prostrava os vicios então dominantes, ou que podião sêl-o, grangeárão ao Prégador tal fama, que Lisboa inteira corria para ouvíl-o, e os mais vastos templos erão acanhados recintos para conter a multidão de todas as classes e gerarchias, que para tal fim a elles concorria. Dos ouvintes os que erão sabios são admirados da vastissima lição das Escripturas, e de sua applicação nímiamente engenhosa, da subtileza dos argumentos, da finura dos conceitos, e da mũita agudeza que no Prégador encontravão; os menos cultos, e aïnda o povo, admiravão não menos a clareza com que se explicava, o sal, ás vezes bem picante, com que adubava suas phrases, e a efficaz intimativa com que annunciava as verdades, de que estava convencido; as pessoas mais dadas á piedade não se cançavão de lhe ouvir propôr a moral mais austéra e desenganada: assim que, de seus sermões saïão os ouvintes uns commovidos, outros satisfeitos, e todos admirados do engenho, do saber e espirito do Prégador [1].

Os grandes creditos que Vieira havia ganhado

[1] Não só o diz André de Barros, e Francisco de Santa-Maria no Diario Portuguez no dia 18 de Julho, nº IV, mas até o confessa o Auctor da Deducção Chronologica, p. I, nº 361, o mais ardente adversario da gloria de Vieira.

como Orador, juntos com o particular conhecimento, que El Rei tinha de sua capacidade e prestimo, fizérão com que o escolhesse para seu Prégador, de que no anno de 1644 lhe mandou Patente por um Grande do Reino. D'esta distincção tão notavel, da privança que tinha com o Soberano, e por ventura da acrimonia com que mũitas vezes se expressava, proviérão a Antonio Vieira varias contradicções e desgostos, não só entre os seculares, mas até entre os de seu mesmo instituto. Os Jesuïtas, ou fosse porque vissem em Antonio Vieira mais um aulico do que um Socio da Companhia, ou porque receiassem que ajudado por El Rei quizesse introduzir novidades na Corporação, mostrárão-se pouco satisfeitos de seu procedimento, e até chegárão a pôr em concelho o demittíl-o. Informado El Rei d'este caso, e do quanto devia elle penalizar a Vieira, propozse a valer-lhe por qualquer modo; e até lhe mandou offerecer, pelo Secretario d'Estado Pedro Vieira da Silva, alguns dos Bispados vagos, para saïr airosamente da Companhia. Antonio Vieira porèm não quiz aproveitar-se do real favor, respondendo ao Secretario d'Estado nos termos mais expressivos de devoção e respeito á Companhia, que allega André de Barros como formaes, e que são mũito para notar: « Que a « todas as Mitras, de que Sua Magestade podia dis- « pôr, antepunha elle o viver no lugar mais hu- « milde entre os Jesuïtas. Que se estes chegassem

« a o despedir, e nem para servo o quizessem « admittir de novo, ficaria da parte de fóra, « lastimando-se e chorando, até acabar a vida « junto d'aquellas amadas portas, dentro das « quaes lhe tinha ficado a alma toda. »

Em consequencia da maneira nobre como se houve Vieira n'este caso, ou porque não era culpado como o querião criminar, ou em fim porque emendou o de que o accusavão, a Companhia não adoptou similhante expediente [1], e An-

[1] Depois de composta esta vida de Vieira tivemos occasião de ver um manuscripto latino do nosso compatriota João Soares de Brito, que tem por titulo *Theatrum Lusitaniæ litterarium*, e que se acha na Bibliotheca do Rei, o qual fallando do Padre Antonio Vieira, de quem era comtemporaneo, pois escrevia em 1655, diz que elle chegára a ser despedido da Companhia, e que fôra segunda vez acceito com a expressa condição de se empenhar antes em unir a Companhia, que em a dividir, e de deixar Portugal e voltar para o Brazil : *Admissus iterum fuit ea conditione ut societati potius uniendæ quam dissipandæ incumberet, utque relicta Lusitania in suam Brasiliensem Provinciam reverteretur, quod quidem non solum præstitit, sed nunc in expeditione Maranhonii insigne sui exemplum præbet.* D'aqui se póde concluir que Vieira se propunha algum projecto de divisão, ou independencia de Provincias da Companhia, o que parece comprovar-se com o que elle diz na Carta ao Confessor do Principe D. Theodosio; veja-se pag. 147 : tambem d'aqui resulta grande luz para descobrir a razão da sua partida para o Maranhão, a que se vio forçado pela palavra que déra, mas de que pretendia esquivar-se fazendo com que interviesse ordem d'el Rei *para satisfação dos Padres* : veja-se a Carta ao Principe, p. 132.

tonio Vieira, sempre Jesuita, continuou a ser ouvido nos Concelhos do Rei [1], e a propôr negocios da maior utilidade e importancia.

Propoz em 1° lugar que, á similhança da Hollanda, se levantassem duas Companhias mercantes, uma Oriental, outra Occidental; chegando esta a estabelecer-se e a produzir grandes proveitos, e aquella não, de que elle muito se lamentava; em 2° lugar, que se mandassem passar ao Brazil as drogas da India, para destruïr o commercio dos Hollandezes; em 3° lugar, que se comprassem quinze fragatas em Amsterdão para defender o porto de Lisboa e acudir á Bahia; em 4° lugar, os meios de haver dinheiro para estas e outras despezas; e porque erão necessarios 300,000 cruzados, e no Concelho d'Estado se disse que não era possivel havêl-os, elle Antonio Vieira, com um simples escripto dirigido a Duarte da Silva, conseguio esta somma [2].

No anno de 1646 enviou El Rei pela primeira vez Antonio Vieira a Paríz e a Haya, onde chegou a 18 do mez de Março: não foi longa sua demora n'esta Côrte, que por fins d'Agosto do mesmo anno já se achava de volta em Portugal. No verão de 1647 foi enviado segunda vez ás mesmas duas

[1] Foi consultado especialmente ácerca do modo de fazer a guerra a Castella, cuja consulta é a Carta XXV d'esta collecção.

[2] Tudo isto refére elle mesmo n'uma Carta ao Conde da Ericeira, que é a XXIX d'esta collecção.

Capitaes, fazendo viagem por Londres e Douvres. Chegou a Pariz por fins d'Outubro[1], e em Dezembro do mesmo anno achava-se já em Haya. Ahi negociou Vieira o modo de enviar a Portugal três fragatas, que fez construïr em Hamburgo, n'uma das quaes viérão petrêchos de guerra importantes em 50,000 cruzados, os quaes forão de tanta utilidade nas linhas d'Elvas. Tanto confiava El Rei d'Antonio Vieira que o tinha nomeado para acompanhar D. Luiz de Portugal ao Congresso de Westphalia, que então se celebrava; porèm, como se desvanecesse este projecto, quiz deixál-o em Haya como Ministro, substituindo Francisco de Souza Continho, o que Antonio Vieira recusou, allegando as repugnancias de seu instituto. Passado pouco tempo voltou Vieira ao Reino, onde já se achava em fins d'Agosto de 1649.

Qual fosse o verdadeiro objecto d'estas missões elle mesmo o declara na Carta ao Conde da Ericeira[2]. Era informar El Rei ácerca do modo como procedião seus Ministros n'aquellas Côrtes, de cujo serviço não parecia Sua Magestade muito satisfeito, e como que fiscalizar, ou espiar as suas acções, sendo que se correspondia com El Rei por cifra particular, e o Marquez de Niza, Ministro em França, tinha ordem positiva de não fallar á Raïnha Regente, nem ao Cardeal Ma-

[1] D'esta Cidade escreveo ao Ministro d'Estado uma Carta digna de ler-se, e que é a LI d'esta collecção.

[2] É a XXIX supracitada.

zarini senão de companhia com Antonio Vieira.

Não esteve Vieira muito tempo ocioso, que logo a 10 de Janeiro de 1650 saïo de Lisboa para Roma, encarregado de nova e mais importante missão. Tinha esta por objecto negociar o casamento do Principe D. Theodosio com a Infanta D. Maria Thereza, unica herdeira de Philippe IV, como meio de terminar a guerra, a que o animo d'El Rei estava mũi inclinado, com a condição porèm que a Séde do Governo fosse em Lisboa; e tambem tinha outro fim mais recondito, qual era observar de perto as disposições dos Napolitanos, que havião dirigido a D. João IV propostas secretas pretendendo subtrahir-se ao jugo de Castella, ás quaes El Rei não tinha deferido, mas que, por boa politica, não lhe fazia conta desprezar de todo, para assim augmentar os embaraços de Castella.

Entrou Vieira no desempenho d'esta missão com o seu costumado ardor e efficacia: introduzio a prática do casamento com o Duque do Infantado, ministro de Castella em Roma, mostrou as vantagens da alliança, destruïo com victoriosos argumentos as razões contrárias; e posto que se não podessem conciliar os pareceres sobre a residencia dos Monarchas, não desesperava de todo de suas pretenções, quando de repente rebentou uma ordem de Madrid tão terminante para que Vieira saïsse de Roma, que o Duque do Infantado chegou a dizer que, se elle não partisse logo, se arrojaria a mandar-lhe tirar a vida.

Este procedimento tão rapido e violento da Corte de Madrid deve antes attribuïr-se ao conhecimento que tivéra da missão secreta de Vieira ácerca de Napoles, do que ao projecto de casamento por elle proposto a seu Ministro.

Não se sabe ao certo quando Vieira saïo de Roma, mas é fóra de dúvida que aïnda lá se achava a 30 de Maio, pela famosa Carta dirigida ao Principe D. Theodosio [1]; nem quando chegou a Lisboa, mas sabe-se que foi antes do fim de Novembro de 1650, pois ja então prégava n'aquella Capital.

Achava-se, por então, Vieira desoccupado de negocios politicos, e como não podesse nunca conservar-se inactivo, saïo com o Padre João de Soto-Maior em Missão á Villa de Torres-Védras; onde foi ouvido com o costumado fructo e applauso. Desejava agora Vieira ficar em Lisboa, não menos o desejava El Rei, mas outra era a vontade de seus superiores, a qual, segundo parece, exigia que elle voltasse para o Brazil; para satisfazer a esta, ou por ventura para cumprir palavra que déra, fez Antonio Vieira os seus preparativos para a viagem: não contava porèm que ella fosse a effeito por quanto El Rei lhe havia promettido de mandar contra-ordem na vespera da partida; mas como esta não chegasse, saïo do Tejo a 22 de Novembro de 1652 contra sua vontade, como elle mesmo confessa: porèm reconhecendo em tudo isto

[1] É a XXXIX d'esta collecção.

s decretos da Providencia, a elles se submetteo e bom grado [1], trocando as estimações e valias, que seus altos merecimentos lhe havião grangeado na Europa, por trabalhos arduos em Regiões tão apartadas e quas desconhecidas.

Depois d'um mez de viagem, em que não faltárão tempestades e infortunios, arribou a Caravella, que o conduzia, á Ilha de Cabo-Verde, d'onde escreveo ao Principe pedindo desculpa de se não ter despedido de Sua Alteza, e explicando os motivos de sua partida, e tambem ao Confessor de Sua Alteza intercedendo a favor dos Parochos e gentes d'aquella ilha [2]; na qual se deteve pouco tempo, mas este mesmo empregou em fazer doutrina e prégar aos moradores; e quando forão 17 de Janeiro de 1653, achava-se no porto do Maranhão.

Aïnda Vieira não tinha bem repousado dos trabalhos de sua viagem quando nova tormenta se levanta, e por ventura mais descomposta e difficil de aplacar. Em consequencia d'uma ordem Regia, que dava por livres todos os escravos d'aquelle destricto, a qual fôra promulgada com solemnidade, amotinou-se o povo, e suppondo ter sido solicitada pelos Jesuïtas arrojou-se contra elles violentamente; e na verdade grave risco terião corrido se não interviesse força armada. N'este conflicto empregou Antonio Vieira

[1] Veja-se a Carta ao Principe p. 132, e a nota a p. 16.
[2] Vejão-se as Cartas XXX, e XXXV d'esta collecção.

toda sua actividade e intelligencia, fallando aos amotinados, e procurando por meios brandos acalmar suas paixões; o que lhe não foi mũi difficil alcançar: graças ás poderosas armas que empregava, das quaes só aos Ministros da Religião é dado o servir-se! Prégava pelas ruas, catechizava os meninos, visitava os enfermos, e com as consolações espirituaes tambem lhes levava as temporaes, se as havião mistér; e porque não havia na Cidade um hospital, pelas exhortações de Vieira começárão a concorrer esmolas para se dar principio á sua fábrica, e se esta por então se não ultimou não foi por falta do seu zelo.

Entretanto que n'isto se occupava, enviava Padres ao Pará para começarem as Missões, e nomeava os que devião ficar na Cidade de S. Luiz; e tendo tudo assim disposto determinou-se a ir procurar os Indios que se chamavão *barbados*, subindo pelo rio *Tapicuru*. Não podia Antonio Vieira levar a effeito esta jornada sem a coadjuvação do Capitão-Mòr, para lhe dar Indios praticos, canôas, etc.; mas este, fosse por má vontade, fosse porque não queria perder o serviço dos Indios, foi retardando a viagem até que por fim não teve effeito. Vendo Vieira frustrada no Maranhão a sua esperança passou-se ao Pará com o projecto de remontar o grande Amazonas, e buscar a Nação dos *Poquiz*, que vivia nas margens do rio dos *Tocantins*. Encetou Vieira esta difficil tarefa, mas com grande mágoa sua vio baldados todos seus esforços; porque o Gover-

nador do Pará, sobre ser igualmente ambicioso que o do Maranhão, mostrou-se de mais a mais perfido, dando ordens públicas aos soldados para satisfazerem a Vieira, e outras particulares para, em despeito das ordens regias, saciar a sede de sua avareza e de seus apaniguados : o que vendo Vieira voltou immédiatamente ao Pará, para buscar remedio; porèm em vez d'este encontrou maior mal, convencendo-se pessoalmente das más intenções do Capitão-Mór.

Posérão então em concelho os Jesuïtas o estado perplexo em que se achavão as Missões, e tomárão por arbitrio enviar a Lisboa o Padre Antonio Vieira para advogar a causa dos Indios, e requerer a El Rei remedio contra a falta de observancia de suas ordens. Conformou-se Vieira com o voto commum, saïo do Pará para o Maranhão, e começou a dispor as cousas para o embarque, o qual effeituou occultamente a 15 ou 16 de Junho de 1654. Não quiz porèm deixar inteiramente occultas suas queixas contra os colonos, cuja reparação o trazia ao reino; e no Sermão de S. Antonio, pregado três dias antes de sua partida, desafogou o seu zelo, cobrindo-se com o véo da allegoria, e exprobrando aos peixes o que de si devião entender os homens[1].

Soffreo furiosa tormenta pela altura da ilha do Corvo, de maneira que o navio tombou, mettendo a borda no mar até meio do convéz,

[1] É o Sermão XI da parte II.

e a gente vio-se obrigada a passar-se para o costado, onde esperava ser comida das ondas. Os marinheiros mais resolutos conseguírão picar os mastros, alijárão vélas e enxarcias ao mar, e assim alliviado o navio, a mesma força do mar o virou e poz a direito; de sorte que os naufragantes podérão recolher-se dentro, como vinhão de primeiro. Um corsario hollandez, que então cruzava aquelles mares, fazendo prêsa no navio os recolheo a bordo, e passados nove dias os foi lançar, posto que despojados e despidos, nas praias da ilha Graciosa.

Acudio Antonio Vieira com largueza, múito de admirar n'aquellas circumstancias, aos seus companheiros, provendo-os do que havião mister, empenhando os seus creditos na Graciosa; d'onde partio logo para a ilha Terceira e de lá para S. Miguel. Depois d'alguma demora n'esta última, em que prégou o conhecido Sermão de Santa Thereza, partio em um navio Inglez a 24 de Outubro de 1654 para Lisboa, onde aportou em Novembro do mesmo anno, não sem insulto de nova tempestade. Achava-se então El Rei D. João IV em Salvaterra gravemente enfermo, e foi preciso esperar sua melhora e convalescença para dar principio a requerimentos. Chegárão entre tanto procuradores mandados do Pará e Maranhão para justificarem o passado, e obstar a resoluções inconvenientes á utilidade dos colonos. Restábelecido El Rei da enfermidade, e começando a entender nos negocios publicos, vio

que este havia tomado um caracter importante, e para o resolver com mais segurança mandou formar uma junta, de que nomeou presidente o Duque d'Aveiro D. Raimundo de Lencastre, á qual confiou a decisão do negocio. Forão ouvidos os Procuradores das Colonias, advogárão os Jesuïtas a sua causa, que era a da humanidade, pela bocca de Antonio Vieira; houve acordo conforme em favor d'estes, em que conviérão os mesmos Procuradores: e esta resolução, roborada com a approvação Real, foi mandada pôr em inteira execução.

Queria Vieira ser portador de despachos tão importantes; mas El Rei desejando têl-o mais perto de si insinuou aos Jesuïtas que, pondo em concelho esta materia, lhe impedissem a partida, entendendo que este seria o meio efficaz de o demorar: porèm Vieira, conseguindo ser ouvido no concelho, orou com tanta efficacia a sua causa, que inclinou em seu favor a pluralidade dos vogaes, ao que El Rei, por uma condescendencia discreta, não quiz obstar.

Negociados os despachos necessarios, e disposto o que convinha para a viagem e ao seu proposito, embarcou Vieira no porto de Lisboa a 16 d'Abril de 1655; e depois d'uma prospera viagem chegou ao Maranhão a 17 ou 18 de Maio seguinte. Era então Governador d'aquella provincia André Vidal de Negreiros, que lhe fez mũi bom acolhimento, e auxiliou em tudo; e com estes melhores auspicios começou a cumprir com o Regimento, que levava d'El Rei. Seus primeiros cui-

dados forão prover de mestres e Pastores as aldeias vizinhas, tendo em vista não só a Religião mas a educação civil dos Indios, que se achavão já d'antes aldeados. Abalançou-se logo a mais vastas emprezas, indo elle mesmo, ou enviando colaboradores em busca de povos errantes; uns em quem a Christandade estava ou de todo extincta ou mũito amortecida e desfigurada pela communicação com os Hollandezes; outros inteiramente barbaros, e que mais vivião como brutos que como homens; e não obstante as graves difficuldades que lhe oppunhão os desertos, os areiaes, as matas; os rios caudalosos que era forçoso atravessar, conseguio Vieira fazer varias entradas no sertão com feliz successo, não só em proveito da Christandade mas dos interesses da coroa de Portugal, nomeadamente na Missão dos Nheengaïbas, cujas hostilidades não podéra conter o Governador Pedro de Mello, mas que forão desvanecidas e extinctas com a industria animosa e incansavel diligencia de Vieira [1].

Seis annos bem completos e bem trabalhados empregou Vieira n'esta ardua tarefa, da qual ja começava a recolher copiosos fructos, e mais avultada colheita se promettia, quando novo contratempo veio frustrar todos os seus projectos. Falecêra no Reino El Rei D. João IV; a Raïnha Regente parecia disposta a querer continuar o

[1] Veja-se a Carta X onde se acha a descripção d'este memoravel successo da Vida de Vieira, a quem os Nheengaïbas chamavão o Padre Grande.

Regio favor ás Missões; porèm, ou porque mais graves negocios a divertissem, ou porque os Colonos julgassem que, com a morte d'El Rei, espirava a protecção para com os Jesuïtas, renovou-se a antiga repugnancia contra estes, forão resistidas as Regias determinações, e por fim rompêrão em motim formal os moradores do Maranhão, e prendêrão os Jesuïtas. Informado d'este successo correo Antonio Vieira ao Pará, d'onde andava ausente, para ver se ali atalhava igual rompimento; mas a prevenção foi inutil, que elle mesmo foi prêso com seus companheiros, e remettido para o Maranhão. Tratou de justificar-se, fez exhortações, escreveo protestações, mas tudo em vão: os do Pará lêrão seus protestos sem algum bom effeito, os do Maranhão não quizérão ouvíl-o, e Antonio Vieira e os mais Jesuïtas, entre desprezos e vilipendios, forão obrigados a navegar para Lisboa, onde aportárão aïnda dentro do anno de 1661 [1].

Não encontrou Vieira na Côrte aquelle acolhimento, que era de esperar depois de tamanha violencia: com a morte d'El Rei e do Principe D. Theodosio tinha expirado para elle a privança de que d'antes gozava; e posto que a Raïnha D. Luiza, então Regente do Reino, lhe não era menos affecta, todavia occupada com os espinho-

[1] Os protestos e exhortações, dirigidos desd'a caravella, em que foi mettido, á Camara do Pará em data de 13 d'Agosto de 1661, podem ver-se no l. III de Barros, e nas *Vozes saudosas* com o titulo de *Voz parenetica*, a p. 189.

sos negocios d'aquella época, e quiçá angustiada d'elles e resoluta a deixál-os, não tomou este em grande consideração; e Vieira não podendo já advogar a sua causa perante o concelho do Governo, advogou-a na Cadeira Evangelica. Sendo chamado a prégar, no dia 6 de Janeiro de 1662, diante da Côrte na Capella Real, e em presença da Raïnha, aproveitou-se mũi judiciosamente do sujeito da Festividade e Evangelho, que era a primeira conversão da Gentilidade, para trazer á memoria a Conversão do Gentio d'America; e com tão energicas expressões representou o seu desamparo, e triste orfandade, vendo-se privados de mestres e pastores que os trazião á sociedade e ao gremio da Religião; e não menos os desatinos dos colonos e as injurias ditas aos Missionarios, que todos os ouvintes forão tocados d'um geral sentimento, e a Raïnha especialmente se moveo a remediar os damnos, a emendar os aggravos, e a castigar a insolencia de vassallos refractarios; e com este proposito nomeou novo Governador para o Maranhão, fazendo-lhe efficazes recommendações a favor dos Indios, em satisfação e auxilio dos Missionarios seus defensores, e contra as ousadas pretenções da cobiça.

Não acompanhou Antonio Vieira o novo Governador para o Maranhão, como parecia natural, talvez porque negócios de não menos importancia o detivérão no Reino, e de novo o lançárão no campo da politica, ónde só colheo ingratidões e desgostos. Assás conhecidas são as desintelli-

gencias que lavravão entre a Raïnha D. Luïza e o Principe D. Affonso durante a sua minoridade, e bem sabido é quanto este se mostrava ambicioso do governo, sendo ao mesmo tempo pouco digno d'elle pelo seu máo comportamento e péssima escolha de pessoas de baixa condição, de quem se acompanhava, e que o trazião halucinado e sujeito a seus indecorosos caprichos. Não duvidava a Raïnha fazer entrega do governo nas mãos de seu filho, que ja então contava dezanove annos de idade, mas queria que primeiramente fossem separadas do seu lado as pessoas que o desencaminhavão. Consultou para isto sujeitos de conhecida intelligencia e virtude, e entre elles o P. Antonio Vieira. Inclinou-se este ao parecer da Raïnha, e não só se inclinou que até escreveo e assignou o papel, que em presença dos tribunaes do Reino foi lido a D. Affonso pelo Secretario d'Estado, na occasião em que fôrão prêsos os dous irmãos Contis e seus companheiros; o que succedeo a 27 de Junho do mesmo anno[1]. Incorreo por tanto Antônio Vieira no desagrado do novo Rei e de seus valídos, dos quaes o principal era o Conde de Castello-Melhor; e logo que elle tomou posse do governo o mandou desterrado para o Collegio do Porto, assim como fez desterrar para Almeida o Duque do Cadaval, e varios outros fidalgos para differentes sitios. Chegou Vieira a desconfiar que o

[1] Este papel é o ultimo da collecção N. C.

querião mandar para a India ou para a Africa, mas não succedeo assim, que em principios de 1663 teve ordem de vir para Coïmbra, o que logo cumprio.

Foi d'esta cidade que elle escreveo as principaes cartas de sua correspondencia com o Marquez de Gouvêa, que tambem se achava no desagrado d'El Rei, e residindo em seu solar com ordem de não voltar mais á Côrte sem ser chamado, e com D. Rodrigo de Menezes, filho do 2º Conde de Cantanhede, e irmão do 1º Marquez de Marialva, Vencedor das linhas d'Elvas e de Montes Claros: não fôra desterrado este fidalgo como os outros, talvez porque não tomára parte nos successos com que se concluïo a Regencia da Raïnha D. Luïza, mas participava das mesmas opiniões, e sendo mũito acceito ao Principe D. Pedro não podia ser estranho aos projectos, que ácerca de sua regencia começárão logo a formar-se: era amicissimo de Vieira, como se vê da franqueza com que este lhe escrevia, e entre elles erão communs os desejos e pensamentos como consta claramente da correspondencia; na qual o Principe D. Pedro é designado pelos symbolos de *Santelmo* e de *Corpo-Santo,* os erros e vicios da Corte são referidos ou alludidos com encarecida lastima, os descuidos são commentados com empenho, e os mesmos successos felizes, se não atenuados, em razão da grande parte que n'elles tivera o Marquez de Marialva, ao menos apreciados como não bas-

antes para a completa restauração do Reino. Antonio Vieira não esconde, antes manifesta claramente as grandes esperanças que tinha de ver estabelecido um vasto imperio de brilhantissima gloria para a Nação Portugueza, e de grande triumpho para a Igreja Catholica; dá conta das prophecias em que ellas assentavão, communica a obra mysteriosa em que ia trabalhando, e pede a D. Rodrigo a sua coadjuvação com livros e conselhos [1].

Em toda esta correspondencia, em que muito se admira o zelo e amor de patria de Antonio Vieira, conhece-se evidentemente qual era o seu principal defeito; era nimiamente credulo pelo que respeita a prophecias vulgares, e pouco philosopho pelo que pertence á influencia dos astros; mas ninguem ha que seja superior ao seu seculo, antes parece que os grandes homens como que capricháo em dar mór importancia ás opiniões da época em que vivem. Antonio Vieira todo enlevado nas futuras glorias do Portugal, e todo preoccupado das opiniões propheticas do seu tempo, das quaes não sómente fôra sectario mais ainda corypheo, escreveo um papel que intitulou *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo.* Este papel foi denunciado por principios de 1663, ou pouco adiante. O Santo-Officio de Lisboa mandou-o examinar com es-

[1] Vejão-se especialmente as Cartas XII, XXII, XXVII, XLIX, LII e LIII desta collecção.

crupulo, e o mesmo praticou a Congregação de Roma. Topárão os censores, tanto Portuguezes como Romanos, com algumas proposições arrojadas, que notárão gravemente; e accrescendo aïnda denuncias de proposições erroneas, que o Auctor arriscára ou no pulpito ou em particular conversação, foi Antonio Vieira chamado á Inquisição de Coïmbra, e declarado réo em Novembró do mesmo anno. Formou-se-lhe processo, a que elle ia sempre acudindo com coarctadas e respostas, que julgava opportunas, já por escripto, já de viva voz. Foi longo e demorado o processo, não só pelas frequentes réplicas do réo, mas por molestias que lhe sobreviérão, de sorte que a primeira resolução do Tribunal só appareceo em principios de Outubro de 1665, em que foi mandado reclusar n'uma das suas casas de custodia. Durou esta reclusão até 23 de dezembro de 1667; e todo este largo espaço de tempo se passou em pedir explicações a Vieira, em examinar as que elle offerecia, em attender ás suas replicas, e em o exhortar á desistencia e sujeição. Não parecia Vieira disposto a esta resolução, e o Tribunal vìa-se não pouco embaraçado n'este negocio; porèm saïo-se do enleio pela decisão de Roma. Alexandre VII approvou a censura, feita pelos Qualificadores da congregação do Santo-Officio; e dês que a Vieira constou esta approvação, desceo a desdizer-se e a retractar-se do que tinha sustentado, e a reconhecer a verdade em contrario, pedindo que a sua causa fosse decidida

n'estes ultimos termos. Lavrou-se a sentença, que, expendido largamente o relatorio, manda que « seja privado para sempre de voz activa e « passiva e do poder de prégar, e recluso no « Collegio ou Casa de sua Religião, que o « Santo-Officio lhe designar; e que por termo, « por elle assignado, se obrigue a não tractar « mais das proposições de que foi arguido no « decurso de sua causa : e de maior condem-« nação o reléva, havendo respeito á sua desis-« tencia, retractação, protestos, e ao mũito « tempo de sua reclusão, com outras conside-« rações que no caso se tivérão. » Esta sentença foi lida ao réo na Sala do Santo-Officio, perante os Inquisidores na tarde do dia 23 de Dezembro de 1667; e na manhã seguinte foi lida no seu Collegio de Coïmbra em presença de toda a Communidade por um dos Notarios do Tribunal [1].

Assignou o Santo-Officio para reclusão a residencia de Pedroso, a 18 léguas de Coïmbra na estrada do Porto. Porèm estando Vieira aïnda em Coïmbra, lhe foi pelo Concelho Geral commutada a residencia de Pedroso na Casa da Cotovia de Lisboa; aos seis mezes depois de publicada a sentença foi em tudo dispensado e perdoado pelo mesmo Concelho; e tinha já passado da Casa da Cotovia para o Collegio de Santo Antão antes de saïr para Roma em 1669.

1 Tudo consta da Sentença, que se acha nas Provas da Deducção Chronologica nº XLV, nn. 104-108.

Não deixa de parecer assás estranho, e algum tanto contradictorio, o procedimento do Santo-Officio para com Vieira. Condemnado agora com tanto rigor, e logo absolvido com tanta indulgencia!!... Mas se reflectirmos que aquelle Tribunal, posto que todo consagrado ás cousas de Religião, não deixava com tudo de participar das influencias da politica, mórmente n'aquella época em Portugal; e se nos lembrarmos que El Rei D. Affonso VI desistio do Governo em 23 de Novembro de 1667, e que entrou na Regencia o Principe D. Pedro, a quem Vieira chamava *Santelmo*; teremos a chave para explicar este periodo de sua vida, que foi para elle o mais trabalhado e angustioso.

Entrou por tanto Antonio Vieira no exercicio de seu ministerio do pulpito. Prégou extemporaneamente a 6 de Janeiro de 1669 na presença do Principe D. Pedro, em applauso do nascimento da Infante D. Isabel, succedido na madrugada do mesmo dia: prégou tambem na Quaresma seguinte, e coroôu seus trabalhos concionatorios d'este anno em Portugal com o Sermão de S.-Ignacio, já na Igreja de S.-Antão. O concurso dos ouvintes foi n'essa occasião estupendo: renovárão-se seus antigos creditos, e os applausos recebidos assás apagavão a nodoa originada pela sentença do Santo-Officio. Todavia Vieira, ou porque se não deo por satisfeito com este só desaggravo, ou porque esperava mais cabimento com o Principe, e por ventura igual

privança á que tivéra com seu paj, ou, emfim porque achou acertado mudar de residencia por causa do desar que havia experimentado em Portugal, decidio-se, com o consentimento do Principe e approvação de seus socios, a partir para Roma. Deo-lhe o Principe carta de recommendação para João das Roxas de Azevedo, que fôra seu Secretario quando Infante, e então Residente por parte de Portugal em Roma; e tendo saïdo de Lisboa a 15 de Agosto de 1669, chegou áquella Capital a 21 de Novembro do mesmo anno, depois de ter arribado com grande temporal a Marselha. Recebêrão-no os Jesuïtas com mostras de distinção pouco ordinarias; viérão esperál-o á duas milhas da Cidade; e como em triumpho foi levado ao Geral, em quem as demonstrações d'affecto não forão menores. Logo que chegou a Roma escreveo ao Duque do Cadaval sobre o negocio de que o havia encarregado de lhe procurar casamento em Italia [1]; tambem escreveo á Raïnha da Grão-Bretanha [2], e por esta carta bem se conhece quanto elle estava queixoso do Principe, o qual lhe não consentîra fazer sua viagem por Inglaterra, por onde elle queria ir com o fim, segundo parece, de empenhar o valimento d'aquella Princeza em seu favor na Côrte de Roma. Iguaes sentimentos se notão, e por ventura mais francamente pro-

[1] Veja-se a Carta XI.
[2] Veja-se a Carta XXXIX.

nunciados, na correspondencia que logo em Abril do seguinte anno 1670 abrio com Duarte Ribeiro de Macêdo, então Ministro em Pariz.

Achava-se em Marselha o Principe herdeiro do Grão Ducado de Toscana, quando ali arribára Vieira; e como fosse já d'elle conhecido, de quando estivera em Hollanda onde então se achava o Principe, foi Vieira comprimentál-o liando com elle amizade: seguio-se depois correspondencia amiudada, a qual por fim se encaminhou a negocio de mór importancia, qual foi o casamento projectado entre o herdeiro do Grão Ducado de Toscana com a filha do Principe D. Pedro, ha pouco nascida. Mostrou-se Vieira mũito interessado n'esta união, propôz em chegando a Lisboa as pretenções do Grão Duque, e escreveo um papel em que expôz e ponderou todas as razões de politica e de interesse que a tal respeito cumpria attender[1]: este projecto porèm desvaneceo-se, porquanto fallecendo a Raïnha, e passando o Principe a novas nupcias, teve successão masculina, ficando por consequencia a Princeza já não herdeira da Corôa, como até ali se julgava, que era este o presupposto sobre que assentava toda a negociação.

Como o nome de Vieira era demaziadamente conhecido pelos seus grandes creditos de insigne Prégador, cuidárão logo os Portuguezes, então

[1] Este papel vem no tomo III das Cartas, pag. 238. Veja-se tambem a Carta LXXX d'esta collecção.

residentes em Roma, em fazer conhecer os abalizados talentos de seu compatriota, a que Vieira se não recusou prégando o sermão de S.-Antonio, e alguns outros; os quaes fizérão tal impressão em Roma, e foi tal o enthusiasmo que se levantou em favor do Orador Portuguez, que os mesmos Italianos quizérão ouvíl-o em sua lingua. Negou-se porèm Vieira a tal pretenção, que era elle assás prudente e sensato para conhecer a quanto se expõe quem ousa fallar em publico em lingua estranha; mas teve finalmente que ceder sujeitando-se á voz de seu Geral, que sob pena d'obediencia o obrigou a prégar em Italiano. O primeiro sermão que prégou n'esta lingua foi o das Chagas de S. Francisco: Vieira foi ouvido com igual satisfação e applauso dos estranhos como o havia sido dos conterraneos, de tal modo que logo lhe forão encommendados outros sermões no mesmo idioma.

E' bem de crer, e elle mesmo o confessa, que estes Sermões abundassem em muitos defeitos de linguagem e de pronuncia, e que aquelle que fallava um portuguez purissimo mal fallasse um barbaro italiano; porèm taes erão seus dotes oratorios, tal a força de seus raciocinios, e por ventura a novidade de seus conceitos, que os delicados ouvidos Romanos se não davão por offendidos, antes se comprazião por verem vencida tão grande difficuldade, e todos admiravão Vieira como um talento raro, um genio superior no ministerio do pulpito; assim que, chegou a

prégar em presença do Papa e dos Cardeaes com igual acceitação, e teria sido nomeado seu Prégador se não houvéra saïdo de Roma.

Entre os ouvintes de Vieira em Roma teve lugar distincto a Raïnha Christina de Suecia, filha do grande Gustavo, que havia abdicado a coroa para viver em retiro da Côrte e descativada das prisões da Realeza: era esta Princeza mũi dada á cultura das Lettras e das Sciencias, e como houvesse abjurado os erros hereticos, e professado mũi religiosamente as verdades catholicas, folgava d'ouvir os bons Oradores Christãos, e em seu palacio havia formado uma academia, em que se tractavão assumptos philosophicos e litterarios, a qual era composta de Cardeaes, e d'outras pessoas conspicuas em talentos e luzes. Vieira foi primeiramente por ella ouvido por curiosidade, logo com admiração e louvor, e por fim admittido com applauso á sociedade academica. Succedeo propôr-se um dia n'esta academia o problema: *Se tinha mais ou menos razão Heraclito para chorar, do que Democrito para se rir d'este mundo?* Fôrão escolhidos para contendores dos dous lados Jeronymo Catano, e Antonio Vieira, ambos Jesuïtas. Cedeo Vieira ao seu concorrente o arbitrio da escolha, e Catano deixou-lhe por assumpto as lagrimas de Heraclito; sobre o que fez Vieira um papel, assás engenhoso, e que foi lido com grande applauso, e reputado superior ao do seu competidor [1].

[1] Este papel parece hoje de menos preço do que o fôra

Quiz a Raïnha, em attenção a seus talentos oratorios, nomeál-o seu Prégador, porèm Vieira declinou o titulo, sem se negar ao occasional exercicio, receiando que isto fosse mal interpretado em Lisboa, e que d'aqui lhe resultassem novos desgostos, no que se não enganava; que não faltou quem murmurasse, e por tal lhe formasse culpa, mas esta ficou desvanceida com as declarações que a tal respeito fez Vieira para Lisboa.

Não gozava já n'este tempo Vieira de boa saûde, não lhe era favoravel o clima de Roma, e por cima d'isto accresceo caïr de noite por uma escada de pedra, e pouco faltou para quebrar uma perna, ficandó-lhe a cabeça mũi mal tractada e contusa; por conselho dos medicos mudou d'ares, indo residir em Albano, villa maritima, mas suas enfermidades não diminuïão, antes se aggravavão: á vista do que convenceo-se que lhe era forçoso deixar o clima de Roma, e buscar o de Lisboa para alongar seus dias, ou ter uma velhice menos enferma.

Que a viagem de Vieira a Roma tivéra um fim d'interesse pessoal, cousa é de que não póde duvidar-se; que elle contava com uma protecção mais efficaz do Regente, tambem é assas conhecido; é pois muito de presumir que elle preten-

n'aquella occasião, tem o cunho de Vieira subtil e engenhoso, mas é muito inferior a todos os seus papeis pragmaticos: foi vertido em Portuguez pelo Conde da Ericeira, e vem no tom. XIV, precedido d'uma nôticia historica.

dia alcançar em Roma a revogação da Sentença: mas como lhe faltassem as protecções com que contava, de que elle não cessava de lastimar-se, desceo de tão alta pretenção, limitando-se a pedir para o futuro isempção da autoridade do Santo-Officio de Portugal, a qual lhe foi ultimamente concedida, em termos de grande recommendação e honra pelo Papa Clemente X, ja no anno 1685 [1].

Assim como é certo que o Principe D. Pedro não mostrára para com Antonio Vieira aquella gratidão, de que elle se reputava credor, é igualmente certo que o Principe d'elle se não esquecia; desde 1671 que o Regente lhe tinha mandado propôr que voltasse para o Reino, a que Vieira se havia recusado allegando as ingratidões de Portugal, as estimações de Roma, e a paz em que vivia com os Jesuïtas *Estrangeiros*, concluïa porèm sempre com protestos mais decididos de querer servir a patria e o principe, e de obedecer ao seu mais leve aceno. Requereo Antonio Vieira na dita occasião que o Principe escrevesse ao Geral da Companhia, instando pela sua volta para Lisboa. Mandou escrever o Principe, e o Geral, aïnda que apontou difficuldades,

[1] Barros traz copiados os principaes fragmentos do Breve de Clemente X, e refére um dito do mesmo Papa ácerca de Vieira, que mostra penetração: *Démos graças a Deos por fazer este homem Catholico Romano, porque se o não fosse poderia dar mũito cuidado á sua Igreja* (liv. IV, § 83, e liv. V, §§ 263 e seg.).

não duvidou de condescender[1]. Com tudo esta negociação ficou sem effeito; e da correspondencia de Vieira não se póde alcançar o motivo: é porèm de presumir, ou que da parte do Regente esfriassem as instancias, ou que a Vieira parecesse que voltar naquella condição não era bem seguro. Pelo Breve de Clemente X se vê, que elle se precatára contra novos embaraços com o Santo-Officio. Como quer que fosse, Vieira munido de Breve Pontificio, obrigado de suas molestias, e nunca esquecido da Patria, saïo de Roma encaminhando-se para Lisboa, aonde ja estava em principios de Novembro de 1675, depois d'uma ausencia de seis annos. Fez sua jornada por Florença, onde conferenciou com o Grão Duque ácerca do casamento de que já se fez menção, e logo que chegou a Lisboa propoz o negocio ao Principe Regente: este, sem acceitar nem rejeitar, encarregou-o de escrever ao Grão Duque, pedindo aïnda mais explicações. Escreveo Vieira, e o Grão Duque, á vista das suas cartas, houve por desfeita toda a negociação; e nestes termos se explicou em concisa resposta. Foi então que o principe lhe mandou pôr por escripto o que passára com o Grão Duque, e Antonio Vieira obedecendo escreveo o papel de que já se fez menção. Continuou Vieira a ser consultado pelo Principe e seu concelho em negocios graves, e se nem sempre era seguido seu

[1] Veja-se a Carta LVIII d'esta collecção.

parecer, era sempre respeitado seu voto como de um homem zeloso do bem publico e mũi entendido nos negocios.

Havia pouco mais de três annos que tinha saïdo de Roma, com formal tenção de ahi não voltar, quando novo acontecimento parecia ali chamál-o. A Raïnha de Suecia, determinada a entrar em observancia mais austéra da Religião Catholica, que havia abraçado, e querendo ter um confessor que a dirigisse no difficil caminho da virtude, fez escolha do P. Antonio Vieira, e o pedio ao seu Geral: escreveo este ao P. Vieira sem lhe impor o preceito d'acceitar, mas significando-lhe o quanto desejava que elle o fizesse. Respondeo Vieira escusando-se, allegando o máo estado de sua saüde, sua insufficiencia e adiantados annos [1]. Foi acceita a sua éscusa, e por ordens formaes de seu Geral Oliva, e do Principe Regente começou a cuidar na impressão de seus sermões; o primeiro tomo dos quaes appareceo em 1679. Continuou neste tempo a correspondencia com Duarte Ribeiro de Macedo, que havia começado em Roma, o qual se achava então em Madrid, e a quem havia encommendado a revisão dos seus sermões que ali se havião traduzido em Castelhano; e d'esta correspondencia se vê claramente que elle não estava satisfeito da maneira como corrião os negocios em Portugal, e por isso determinava recolher-se á

[1] Veja-se a Carta XXXI.

sua Provincia da Bahia, para n'ella acabar seus dias em retiro, e apartado do mundo [1].

Saïo pois pela ultima vez da barra de Lisboa em 27 de Janeiro de 1681; indo em busca d'aquella mesma costa da America, d'onde quarenta annos antes tinha soltado véla para applaudir em Lisboa o generoso brio, com que a Nobreza de Portugal accommetteo, e o Povo, sempre sisudo e honrado, seguio a memoravel restauração de 1640.

Apenas chegou á Bahia, assentou Vieira de se entregar todo aos cuidados d'espirito, sem mais intervalo, que o de apurar os seus escriptos, e proseguir a impressão começada em 1679. Tratou de se esquecer da Europa, e de fugir até da Bahia, sepultando-se na solidão d'uma quinta dos Jesuïtas nomeada do *Tanque*. Mas em breve circumstancias inesperadas o obrigárão a saïr a publico, a entrar em conflictos, e a fallar e escrever com o mesmo ou maior empenho com que n'outros tempos o fizéra.

Correndo o anno de 1682 suscitárão-se graves desavenças entre o governador da Bahia Antonio de Souza de Menezes, e Bernardo Vieira Ravasco, irmão do P. Antonio Vieira, e que era Secretario d'Estado da Bahia. Tinha este regimento real, com que se conformava no expediente dos negocios; mas o Governador, de seu motu proprio, teve por inconveniente o regimento, e mandou

[1] Veja-se a Carta [illegible] e seg.

seguir outro; o Secretario deo parte para Lisboa d'este procedimento illegal, e d'aqui resultou grande indisposição do Governador contra elle e seus parentes, a qual não tardou em romper em maiores excessos.

Por motivos, que não forão conhecidos, passou Antonio de Souza ordem de prisão contra o filho do Secretario, e contra um seu sobrinho; os quaes só procurando refugio a podérão evitar. Ao mesmo Secretario suspendeo do exercicio do seu emprego; e posto que não tardou mũito em o restituïr, nem por isso ficou menos viva a memoria do aggravo. Succedeo n'este meio tempo ser morto (de dia e em rua publica, por Antonio de Brito de Castro) um grande parcial do Governador, que era alcaide-mór, e se chamava Francisco Telles de Menezes. O Governador ao receber a nova d'este successo desceo á Secretaria pessoalmente, e mandou metter na enxovia Bernardo Vieira, vedando-lhe toda a communicação, ou de palavra ou por escripto. Foi aïnda mais adiante a inconsideração do Governador, publicando que o delicto fôra ajustado na noite antecedente, assistindo o Secretario, e dirigindo seu irmão o ajuste no Collegio dos Jesuïtas. Imputação calumniosa e absurda como depois se demonstrou.

Antonio Vieira conservou-se ao principio immovel á vista de taes acontecimentos, e parecia pouco disposto a ir fallar ao Governador a tal respeito, talvez porque, conhecendo-o, julgava

serião baldadas suas diligencias; porèm pedia o dever do sangue que não ficasse insensivel aos aggravos e vilipendios que soffria seu irmão. Resolveo-se por tanto a ir ter com o Governador, e representar-lhe que pedia d'elle a justiça que com maior socego d'animo remediasse os detrimentos e irregularidades, a que o fogo da paixão o tinha arrastado no primeiro impeto; mas o Governador em vez de o escutar com attenção, e de lhe deferir, como pedia a justiça, atalhou as suas representações com colerica impaciencia, affrontou com grosseiras injurias a sua corporação e a sua pessoa, e de sua casa arrojou com desprezo um sacerdote, um ancião, e um homem conhecido e admirado por seus talentos não só em Portugal e seus dominios mas em toda a Europa!

Soffreo Vieira com resignação e comedimento tamanha affronta, mas o Governador que se receiava que elle se queixasse para Lisboa, tractou de se prevenir dando parte a El Rei do succedido nos termos mais desfavoraveis a Vieira, propondo como aggravo feito á dignidade do cargo o que verdadeiramente fôra excesso seu contra o direito e honra de Vieira.

Partírão neste mesmo tempo para Lisboa o Vereador Manoel de Barros da Franca, e Gonçalo Ravasco d'Albuquerque: vinha este solicitar por seu pai e por si mesmo, e aquelle queixar-se do Governador em nome da cidade da Bahia; porèm antes que elles fossem ouvidos chegou ás

mãos d'El Rei a parte do Governador, a qual produzio em seu animo o ordinario effeito das primeiras impressões; de sorte que quando chegou á sua presença Gonçalo Ravasco ouvio da mesma bocca do soberano a declaração do seu desgosto, pelas formaes palavras : *Estou muito mal com seu tio Antonio Vieira por descompor o meu Governador.*

Esta noticia chegando a Antonio Vieira sobre tantas ingratidões da patria (que até chegou a queimál-o em estatua em Coïmbra [1]), foi bala que lhe deo nos peitos e derribou por terra. No mesmo dia caïo gravemente enfermo, e passou largo tempo em cama com frequentes delirios, e muito risco de vida. Teve por fim allivio, mas ficoulhe sempre cravado no coração aquelle espinho da ingratidão d'El Rei D. Pedro que o obrigava a romper em queixas amargas de que estão cheias as Cartas, que então escreveo ao Duque do Cadaval, ao Marquez Mordomo-Mor, e Antonio Paes de Sande.

Posto que El Rei ao principio désse credito ás representações de Antonio de Souza de Menezes, não deixou com tudo de prestar attenção ás queixas da Bahia; e tendo-se informado por pessoas graves, achou que o Governador não andára bem n'aquelle negocio, pelo que lhe deo por acabado o Governo, e despachou em seu lugar o Marquez das Minas, o qual chegou á Bahia antes

[1] Barros, liv. IV, §§ 135 e 138.

ulho de 1684. Com elle foi um syndicante, devassar de tudo o occorrido, de cuja rectinão parecia Vieira muito satisfeito. Pelo dito na só testemunha foi condemnado Bernardo ra; e seu irmão, posto que não pronunciado devassa, foi mandado com tudo, em consencia d'este negocio, castigar por mãos de superiores. Talvez a mesma testemunha desse contra o Jesuita: e em tal caso foi um no veneravel, por effeito do dito de testemu unica, não só infamado de delicto gravissi, mas submettido ao rigor e ao opprobrio da a! Isto não obstante, como neste meio tempo ecesse a Raïnha D. Maria Francisca[1], e o rquez das Minas quizesse celebrar suas exeas com magnificencia, encarregou o desenho fabrica e adornos a Bernardo Vieira, e a Anio Vieira encommendou a Oração Funebre: usou-se este a principio allegando enfermile, falta de dentes, e todos os mais achaques velhice; porèm instando o Marquez, em que sso levaria gosto S. M.; esta só palavra bastou a que elle entendesse que não devia replicar. gou com effeito na Misericordia da Bahia em de Septembro de 1684, e o seu discurso é noel por servir d'occasião a outros, ou por ser o meiro annel da cadeia de *empenhos e desem-*

[1] Morreo a 27 de Dezembro de 1683, pouco mais de mezes depois d'El Rei D. Affonso seu primeiro rido.

penhos da palavra de Deos e do Prégador, que possuïmos entre os mais sermões.

Continuou a prégar com o mesmo credito e applauso; e tambem escreveo um papel assás notavel, que intitulou *Voz de Deos ao mundo, a Portugal e á Bahia*[1]: e tanto n'este como nos sermões se observa a mesma credulidade, o mesmo temor dos Comêtas, e uma presumpção de ler no futuro, que, por ser tão aturada e tão firme n'uma idade quasi nonagenaria, nenhuma duvida cabe de que era sincera.

Acalmada já a tempestade que, d'envolta com quasi toda a sua familia, tão cruélmente o acossára, contava Vieira passar dias mais socegados no seu retiro do Tanque; e para isso se dispunha: porêm trabalhos d'outro genero lhe viérão roubar o socego de que tanto havia mister. No principio do anno de 1688, lhe expedio o novo geral da companhia patente para governar os Jesuïtas d'aquella parte d'America; por cujo motivo foi forçado a largar o seu retiro, e vir dirigir desd'o Collegio da Bahia os negocios da Sociedade, e principalmente o das Missões. O zelo e ardor com que se houve Vieira n'este novo emprego não parecia proprio de sua idade e molestias, mas era mũi conforme com aquelle genio incansavel e emprehendedor, que nunca o desemparou até aos ultimos dias de sua longa e cançada vida. Não cessava de escrever para El Rei, de

[1] Vem no tom. XIV dos Sermões.

enviar representações a favor das Missões, ás quaes El Rei se dignava responder, e múitas vezes deferir, o que d'algúma sorte mitigava seu antigo resentimento; e não obstante todo este trabalho continuou sempre a apurar os seus sermões para se darem a estampa. Onze tomos forão publicados durante a sua vida; e o duodécimo, posto que se publicasse depois de sua morte, foi ainda por elle apurado e posto em estado de estampar-se: e neste trabalho empregou vinte annos.

Tinha Vieira escolhido o clima da Bahia como o mais favoravel á velhice; porèm quando esta se adianta não há clima que lhe impeça os passos. As forças do espirito nunca desmentírão de seu antigo vigor, mas o corpo macerado de trabalhos, curtido de desgostos, succumbio em fim ao peso dos annos. Desamparado da vista, privado do ouvido, assim mesmo ainda escrevia por mão alheia, e dictava aos amanuenses, tanto para pôr em limpo o duodecimo tomo dos sermões, como para adiantar a *Clave dos Prophetas*. Conhecendo que não seria longa a sua duração no mundo, e querendo guardar até o fim da vida aquella delicadeza e civilidade, que sempre o caracterizárão, despedio-se de todos seus amigos por huma Carta circular, não sendo excluído d'este numero o Conde de Castello-Melhor, de quem por ventura lhe viérão os maiores desgostos, mas com quem ultimamente se correspondia [1]. Assim

[1] Veja-se a Carta LV d'esta collecção. São mui nota-

despedido do mundo, saïo da quinta do Tanque, para vir acabar entre seus irmãos, e dispor-se a entrar na eternidade, como verdadeiro Catholico e perfeito Religioso, que sempre o fôra. Entre os braços da Religião, alentado com o poderoso conforto de seus auxilios, e na consoladora confiança de suas promessas, depois de curta enfermidade, mas acompanhada de dores gravissimas, acabou o Padre Antonio Vieira na 1ª hora do dia 11 de Julho de 1697, aos oitenta e nove annos e seis mezes completos de sua idade.

Forão celebradas as honras funeraes com grande sentimento, e manifestas demonstrações de não vulgar estima; sendo o cadaver conduzido á sepultura pelo Governador D. João de Lencastre, seu filho, o Bispo eleito de S. Thomé, e outros sujeitos d'illustre nascimento; e só faltou o Arcebispo da diocese, que se achava impedido por molestia grave. Não se mostrou menos obsequiosa, e respeitadora das cinzas de Vieira a nobreza de Portugal. Na igreja de S. Roque se levantou soberbo mausoléo, e dissérão com elle as mais circumstancias do apparato; correspondendo tudo á larga e honrada fama de Antonio Vieira, e ao grande coração do quarto Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Mene-

veis os termos de affecto com que se explica, e com que lhe correspondia o Conde; verificando ambos exactamente o proverbio discreto dos Inglezes, *que os Politicos não amão nem aborrecem*. Veja-se tambem a Carta XCIII.

zes, por conta de quem corria a despeza. No dia aprazado, que foi o de 17 de Dezembro do mesmo anno, com um numeroso e luzido concurso do Reino todo, junto n'aquella occasião em Cortes, celebrou missa o Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches e Camara, e disse por fim a Oração funebre o Theatino D. Manoel Caetano de Souza, um dos Portuguezes mais acreditados de doutrina da sua idade.

As obras principaes que nos deixou escriptas o Padre Antonio Vieira reduzem-se a Cartas, Opusculos Pragmaticos, e Sermões.

As Cartas, posto que não tenhão as graças das de Cicero, nem o delicado gosto das de Sevigné, são a umas e outras pouco inferiores na elegancia e nobreza de linguagem, e por ventura superiores na qualidade e importancia dos assumptos. São modelos d'estilo epistolar, e não se encontrão n'ellas aquelles defeitos tão frequentes nos sermões, de que tanto adoecia o seu seculo, por isso forão sempre tidas pelos Portuguezes entendidos em subida estimação. Formão quatro volumes, sendo três d'antiga edição, e o 4º de inéditas contendo a correspondencia com Duarte Ribeiro de Macedo.

Os opusculos pragmaticos são não menos appreciaveis pela clareza, precizão, e intelligencia com que são propostos os assumptos, analizadas e descutidas as razões de utilidade ou desconveniencia; e são modelos a imitar, mas talvez poucas vezes imitados. Achão-se nos volumes das

Cartas, e tambem no tomo XIV dos Sermões.

Os Sermões, lidos hoje não produzem o mesmo effeito que produzião prégados pelo Auctor, ou mesmo quando saïrão estampados; em todos elles se vê e admira o mesmo engenho, agudeza, claridade d'estilo que tanto caracterizavão Vieira; mas exceptuando os Sermões de Moral, em que, penetrado da materia, despréza meios improprios e empréga o seu raro talento como entendido pregoeiro do Evangelho, em todos os mais não póde admirar-se, e mũito menos imitar-se como Orador. Não se propõe Vieira de ordinario mais que agudas extravagancias, paradoxos insensatos, que provocão o riso, se não é que a indignação. Abusa mũi frequentemente das sagradas Escripturas, para comprovar emprezas ridiculas; empréga sem critica as sentenças dos expositores; excéde os limites da liberdade evangelica, degenerando mũitas vezes em descomedimento reprehensivel; e sendo que prégou tantos Sermões de Santos não nos deixou um só panegyrico. Estes defeitos, que são assás para lamentar, erão em parte devidos ao máo gosto do seu seculo e de seus ouvintes, e em parte filhos das circumstancias tão variadas da sua vida. Vieira adoecia mũito d'amor proprio, e da pretenção de ler no futuro, era mũi resentido, e, pungido tão constantemente dos espinhos da ingratidão, abandonava-se a emprezas extravagantes, e escolhia assumptos allusivos em que desafogasse a sua paixão, e como que tomasse um honesto despi-

que de offensas não merecidas. Os seus Sermões comprehendem-se em treze volumes, doze dos quaes forão vistos e apurados por elle, em que gastou vinte annos ; o decimo terceiro, que contèm a *palavra empenhada e desempenhada*, foi impresso por industria do Duque do Cadaval, mas com o consentimento de Vieira ; o decimo quatro volume, que foi ordenado pelo Conde da Ericeira, contèm alguns discursos prégados em Roma, como as cinco Pedras de David, e varios outros opusculos estimaveis.

Escreveo tambem Vieira um livro que intitulou *Historia do Futuro*, mas que não merece o nome d'historia ; é antes uma especie de adivinhação, porèm em quanto ao estilo não dediz do de seu auctor.

Não se encontra é verdade em Vieira um estilo melifluo e cadencioso; sua imaginação viva e ardente falléce de suavidade ; seu coração secco não ministra á penna os doces traços da sensibilidade ; assim que, debalde buscaremos em seus discursos os movimentos patéticos tão necessarios a um Orador Christão ; porèm não ha um só escripto d'este homem extraordinario que seja desprezivel, e que não mereça ser lido ; e pelo que respeita á linguagem, em que sobreeléva a todos os escriptores Portuguezes, concluirêmos repetindo o que disse o mais douto e mais justo appreciador de Vieira e de suas obras, que « se « o uso da nossa lingua se perder; e com elle « por acaso acabarem todos os nossos escriptos,

« què não são os Luziadas e as obras de Vieira;
« o Portuguez, quer no estilo de prosa, quer no
« poetico, aïnda vivirá na sua perfeita indole na-
« tiva, na sua riquissima copia e louçania. Será
« talvez opinião temeraria, mas a minha é, que
« nenhum povo possuïo jámais, nas obras d'um
« só homem, tão rico, tão escolhido thesouro da
« lingua propria, como nós possuïmos nos d'este
« notavel Jesuïta. Elle empregou a linguagem
« culta e públíca, e tambem a familiar e domes-
« tica; fallou a dos negocios, a da cortezia, a
« das artes, a dos proverbios: e como tractou
« tantos e tão diversos assumptos, póde affirmar-
« se, fóra d'hyperbole, que em suas composições
« a resumio toda inteira com felicidade singular.»

CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

CARTAS SELECTAS

DO PADRE

ANTONIO VIEIRA.

CARTA I.

A CERTO MINISTRO [1].

Se não fôra de tanto serviço de Deos, não me atrevêra a inquietar a Vossa Mercê a tal hora; mas a causa me desculpa, e a grande piedade de Vossa Mercê me aníma. Hoje se remetteo a Vossa Mercê do Concelho ultramarino uma petição de réplica do procurador do Brazil e padres missionarios do Maranhão, a quem Sua Magestade manda pagar a metade da Ordinaria de que lhes fez mercê nos dizimos da Bahia; e por-

[1] É a VI do tomo I.

que correndo este pagamento por mãos dos ministros da fazenda d'aquelle Estado fica mũito incerto, antes totalmente é como se não fôra, como a experiencia tem mostrado; e os missionarios no Maranhão não têm, nem podem ter outra cousa de que se sustentem, nem acudir ao culto divino, e ás outras obrigações da conversão, para as quaes são necessarios resgates, e outras cousas, como na réplica se aponta; pedem e instão os padres que o dito pagamento se lhes faça por mão dos contractadores, ou rendeiros dos dizimos, que é o meio que os Reis passados tomárão, para que os ditos pagamentos fossem effectivos, assim ao bispo e clero, como aos mesmos padres da Companhia, por se experimentar que todos os outros apertos, com que as provisões reaes o mandárão, não erão bastantes contra as necessidades da fazenda, ou verdadeiras, ou suppostas, que os ministros allegárão; as quaes cousas no tempo presente, por ser de guerras, são mais ordinarias, e ainda mais justificadas: com que ficará de todo perdendo-se a Missão, e o fructo que d'ella se espera. E com a justificação da residencia, a que nos offerecemos (que era o ponto em que reparava o Concelho), fica o negocio sem inconveniente al-

gem. E assim me disse o conde d'Odemira, que o havia de votar, por ser materia mũito clara, e o contrario contra o serviço de Sua Magestade, e o intento que se pretendia; e do mesmo parecer sei que estão os demais conselheiros.

Com Sua Magestade fallei esta tarde sobre esta materia, e porque elle se parte segunda feira, e a quer deixar resoluta, porque assim importa pela brevidade com que o navio, em que hão de ir os Padres, se apresta, foi servido de me dizer, que da sua parte dissesse a Vossa Mercê que folgaria que esta informação se fizesse a tempo, em que com ella se podesse consultar pela manhã no Concelho, e no mesmo dia subisse e se despachasse; e o mesmo me manda dizer ao conde d'Odemira. Com esta vão os Alvarás de que constão os exemplos, e o principal fundamento de justificação da nossa causa, que Vossa Mercê nos fará mercê, de que não sáião da sua mão, porque importão.

Tenho dito, e não recommendo mais porque a causa se recommenda por si mesma, e porque sei que para todas as do serviço de Deos está sempre mũi prompto o favor de Vossa Mercê, que é a pedra fundamental dos que sobre elle hão de assentar seus

votos. Assim que, a Vossa Mercê caberá a maior e principal parte do merecimento d'esta santa obra; e tódos nós ficaremos com nova obrigação de rogarmos a Deos pela vida e saüde de Vossa Mercê, que o Senhor guarde por mũitos annos, como havemos mistér. Por ser a hora que é, não vou levar este papel, mas estimarei que Vossa Mercê me mande dizer por palavra pelo portador quando o irei buscar.

Collegio, 5 de Julho de 1652.

Criado de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA II.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Se estas regras chegarem ás mãos de Vossa Mercê, o portador d'ellas é Antonio de

[1] É a CIII do tomo II.

Brito de Castro, cuja culpa será mais conhecida de Vossa Mercê pelas devassas em que a parte o quiz encravar, e o Juiz não quiz admittir as razões que o escusárão. Ellas, nas leis da honra e do mundo, e aïnda segundo a natureza da conservação da propria vida, forão as mais justificadas. E esta é a confiança, com que obedecendo ás ordens de Sua Magestade, se vai livrar a essa corte pelo modo com que o possa fazer, sem se expôr ao ultimo perigo. Para o tal caso péço a Vossa Mercê que em tudo o que fôr conveniente, lhe não falte Vossa Mercê com o secreto conselho e direcção, na qual elle e seu irmão levão postas suas esperanças.

El Rei D. João II deo occasião ao proverbio: *Mata, que El Rei perdôa,* querendo antes aquelle prudentissimo principe servir-se dos homens de valor, que perdêl-os: os soldados velhos da guerra do Brazil estão acabados, os dous mestres de campo decrépitos; o presidio não chega a ter a metade da lotação, e essa de meninos e bizonhos; a cidade sem fortificações, sem armas, sem munições, e com a peste presente mũito despovoada, e por isso exposta a qualquer invasão de inimigos, de que a poderão defender, e servir de exemplo aos demais os vas-

sallos honrados, poderosos, e d'auctoridade e valor, quaes são os d'esta familia, assás castigada com o mũito que tem padecido e despendido. Eu, e os meus desejamos, e nos alegraremos summamente com todo o seu bom sucesso, pela antiga amizade, e bôa correspondencia, que sempre a nossa casa teve com as d'estes Fidalgos, que por fim recommendo a Vossa Mercê como se a causa d'ambos fôra de meu irmão e sobrinho. Deos guarde a Vossa Mercê mũitos annos, como desejo, e a conservação do nosso reino em seus verdadeiros e zelosos conselhos lá e cá ha mistér.

Bahia, 1 de Julho de 1686.

De Vossa Mercê,

Capellão e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA III.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Ha de presentar, ou mandar presentar a Vossa Mercê estas regras João Alvares da Cunha, Governador que foi de S. Thomé, e vai preso por culpas, mũitas das quaes consta serem calumniosas; e porque é pessoa a quem por outra via devem os ministros da Igreja bôas assistencias, que todas não só redundão, mas direitamente pertencem ao maior serviço de Sua Magestade, entre as quaes os religiosos da Companhia lhe confessão particulares obrigações, e todos lhe desejamos bom successo em seu livramento; pela singular mercê que Vossa Mercê me faz, péço encarecidamente a Vossa Mercê que em tudo o que tiver lugar a justiça, experimente elle a piedade, e podêres do patrocinio de Vossa Mercê, e tenha eu

[1] É a CVIII do tomo II.

demais este favor, por que darei a Vossa Mercê as graças, em que cada dia me vejo mais empenhado. Deos guarde a Vossa Mercê mũitos annos, como desejo, e todos havemos mistér.

Bahia, 30 de Maio 1687.

Maior captivo, e mais obrigado servo de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA IV.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

E' fallecido Diogo Lopes de Ulhôa. Vagou por sua morte o officio que servia em Setuval; pretende-o um seu néto, filho do provedor mór da fazenda real no Brazil, o qual na capacidade e juizo não só iguala a seu avô, mas o excéde mũito nas lettras; de que eu

[1] É a L do tomo II.

sou testemunha, porque o vi examinar em Coïmbra, com admiração de todos: e porque sei que para o favor de Vossa Excellencia são estas as maiores valias, só digo que em tudo o que Vossa Excellencia for servido fazer-lhe, receberei mũito particular mercê, e com ella me desempenhará Vossa Excellencia por sua grandeza de mũitas obrigações, que ao pretendente, a seu pai, e avô devo. Deos guarde a Vossa Excellencia, como Portugal e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Collegio, 5a feira.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA V.

PARA O MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

O memorial incluso recebi agora por um próprio do padre Reitor do Porto, o qual me

[1] É a VIII do tomo III.

pede com o maior encarecimento esta carta para Vossa Excellencia, por ser muito de sua obrigação a pessoa empenhada. Devo grande affecto a este religioso, de quem sou amigo ha muitos annos, e no tempo, em que estive no Porto, me obrigou com grande particularidade, a qual continúa ainda, não se passando correio em que me não escreva; e é o auctor das novas, que mando a Vossa Excellencia do mar, e terra d'aquella banda. A mercê, que deseja de Vossa Excellencia, parece mais de piedade que de justiça, e assim estimarei que havendo lugar sem offensa d'ella, Vossa Excellencia se digne de interpor sua auctoridade para o perdão, ou desistencia da parte, no que receberei particularissimo favor e mercê de Vossa Excellencia, por ser esta a primeira occasião, em que o dito padre me occupa, e desejára mostrar-me agradecido ás obrigações que lhe devo, e não terei facilmente outra occasião: pois todo o meu cabedal é o favor, e mercê que Vossa Excellencia me faz.

O correio de Lisboa não trouxe mais novidade, que a partida de Sua Magestade e Alteza (que dizem seria a 22 d'este) á romaria de Santarèm, para d'ali passarem a Salvaterra

até o entrúdo. Não deixará de pasmar o mundo, vendo que toda a potencia de Hespanha armada contra Portugal dá tão pouco cuidado aos nossos principes, que lhe não tira o divertimento da caça, nos mesmos mezes em que se preparão as campanhas. Agora me lembrárão aquellas palavras do meu sermão do advento, com que Vossa Excellencia rematou a ultima carta. Poderoso é Deos para em todo o tempo, e de todos os modos, conseguir os fins de sua providencia, e dar a El Rei e ao reino as felicidades, que lhe desejâmos: o mesmo Senhor guarde a Vossa Excellencia mũitos annos, como havemos mistér.

Coïmbra, 25 de Janeiro de 1665.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTÓNIO VIEIRA.

CARTA VI.

PARA D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

No correio passado escrevia Vossa Senhoria, e não supponde fazêl-o n'este, sou obrigado a isto por um aviso, que tive do Brazil. Em mim é attributo da natureza, em Vossa Senhoria obra de caridade, e em Sua Alteza, se for servido fazer-nos a mercê que se pede, acção de sua real grandeza.

É o caso, que uma irmã, que aïnda tinha sem tomar estado, em que outras vezes fallei a Vossa Senhoria, está casada na Bahia com Jeronymo Sodré Pereira, que servia a Sua Alteza com satisfação em Alentéjo. Pretende o posto de mestre de campo, que ali está vago, e segundo sou informado, excede na qualidade a alguns de seus antecessores, e os iguala nos procedimentos, posto que não na antiguidade dos serviços. El Rei,

[1] É a XL do tomo III.

e está no céo, sem eu lhe pedir (como
nca lhe pedi nada) me fez mercê (aïnda
ando o tinha servido menos) mandar pas-
, e registar uma portaria, em que se diz;
e nos requerimentos de meus parentes se
verá respeito a meus serviços. Fui duas ve-
a Hollanda, duas a França, uma a Italia
serviço de Sua Magestade, passando tam-
n a Inglaterra, e havendo de chegar á
éta de Munster, com negocios de tanta im-
rtancia, e de tanto risco, como póde di-
o bispo de Leiria, e d'algum teve tambem
ticia o senhor marquez de Marialva. Se no
verno da Raïnha, que está no céo, desejei
vir a Sua Alteza, e quanto me custou
e desejo, a Vossa Senhoria é bem presente;
is não trago isto á memoria, mais que para
nificar a Vossa Senhoria, que o não quero
egar, para dever-lhe toda a mercê, que de
a Alteza espero n'esta occasião, só a sua
andeza e affecto, de que Vossa Senhoria
nto me assegura. E para que diga tudo a
ossa Senhoria, com a sinceridade que devo,
costumo, toda a razão d'este meu empenho
querer, que este parente tenha posto as raï-
s na Bahia, para que fique n'ella, e não
resolva a vir a Portugal com o perigo, que
experimentou outro cunhado, e outra

irmã com cinco filhos, que ficárão sepulta
no mar. A cabana, em que nasci, não t
outra esperança de ter successor legitin
senão ésta; e posto que o affecto do san
está em mim tão morto, como outros, v
aïnda nos que pedem isto com as maio
instancias, e eu não tenho onde as remet
senão á protecção de Vossa Senhoria.

Vejo quão importuno sou, e quanto n
lesto a Vossa Senhoria; mas a benignid
tão experimentada de Vossa Senhoria
anima a confiança, a que passe de seus lin
tes. Deos guarde a Vossa Senhoria mũi
annos, como desejo, e os criados de Vo
Senhoria havemos mistér.

Roma, 1 de Agosto de 1671.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA VII.

A' RAINHA [1].

SENHORA,

As ordens de Vossa Magestade, e a carta com que Vossa Magestade nos fez mercê mandar honrar e defender, recebeo esta Missão de Vossa Magestade com o affecto e veneração que devia; e com a mesma prostrados todos aos Reaes pés de Vossa Magestade rendemos a Vossa Magestade as graças pela justiça e piedade d'este favor, de cuja resolução dependia o estabelecimento d'estas christandades, como da continuação d'elle dependerão seus augmentos.

Eu em particular, Senhora, no despacho d'este memorial, que de tão longe representei a Vossa Magestade, conheci que ainda não estava totalmente morto na memoria de Vossa Magestade quem tantas vezes arriscou a vida ás tempestades, ás balas, ás pestes, e ás traições dos inimigos de Portugal, para que elle e todas as partes de sua monarchia

[1] É a XV do tomo I.

se estabelecessem na corôa de Vossa Magestade: Com a falta d'El Rei e do Principe, que estão no céo, tudo me faltou, e a benevolencia que o seu respeito me conciliava com os ministros, se sepultou toda com elle; e em seu lugar resuscitárão os odios, e a inveja d'aquelle favor, que então se dissimulava. O que mais me causa sentimento é que se vinguem estes odios, não em mim, senão nas almas d'estes Christãos e Gentios, cuja salvação se impede, e, quando menos, se perturba mũito, por se darem ouvidos a informações tão alheias da verdade, e do conhecimento que os mesmos ministros devêrão ter da minha, e do meu desinteresse, na experiencia de tantos annos. Mas assim havia de ser, para que a mercê que Vossa Magestade me faz, a deva toda á grandeza de Vossa Magestade.

Com tudo, para que conste aos ministros e tribunaes, fiz petição ao governador D. Pedro de Mello mandasse examinar juridicamente todas as queixas, que nessa côrte se tem feito contra os religiosos d'esta Missão, e todas são examinadas, e a verdade provada na forma, que Vossa Magestade lhes póde mandar ver. Assim se mudão os tempos, e não é o menor sacrificio que posso offerecer

à Deos nas circumstancias do presente, verme por seu amor em estado que haja mistér testimunhas a minha verdade. Mas o ter-me Vossa Magestade mandado deferir sem ellas, foi a maior mercê que podia receber da real benignidade de Vossa Magestade; e por ella me podéra dar por bem pago de todos os meus serviços, perigos, e trabalhos, quando eu tivéra servido por paga.

Sobre este favor tão grande, me diz mais o bispo confessor da parte de Vossa Magestade, que tudo o que for necessario a mim, e á Missão, o represente a Vossa Magestade; porque Vossa Magestade nos quer fazer mercê de nos mandar assistir e soccorrer. Eu, Senhora, depois que deixei o lugar que tinha aos pés d'El Rei e de Vossa Magestade, nunca mais me foi necessario nada, porque n'aquelle sacrificio renunciei tudo, nem o mundo tem que me dar, depois que me deo quanto tinha, quanto podia, e eu o puz nas mãos de Deos para o empregar melhor. As Missões como não tem mais que a mercê, que Sua Magestade fez aos primeiros dés religiosos, e sobre este numero tem crescido mũitos, e cada dia se espérão mais, bem se deixa ver a estreiteza com que se passará n'ellas, e a falta que se padecerá de tudo. Mas os em-

penhos das guerras presentes, a que os effeitos da fazenda real estão divertidos, são tão justos e tão grandes, que me não consente o zelo da conservação do reino (que em mim é sempre o mesmo), atrevermo-nos a pedir fazenda, quando todos devem offerecer o sangue. O que só peço em nome de todos os religiosos d'estas Missões é, que Vossa Magestade nos mande conservar sempre na firmeza das ordens que trouxe o Governador, de que ácerca das Missões e dos Indios se não mude, nem altére cousa alguma; mandando Vossa Magestade recommendar de novo mũito, e ao mesmo Governador, a assistencia e favor dos missionarios, em fórma que entenda elle e todo o Estado, que o maior cuidado e desejo de Vossa Magestade é o augmento e propagação da Fé, e conversão das gentilidades, como verdadeiramente é; e que os religiosos da Companhia, como ministros da mesma conversão, hão de ter sempre na grandeza e justiça de Vossa Magestade mũito segura a protecção e amparo. Guarde Deos a real pessoa de Vossa Magestade, como a christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 4 de Septembro de 1658.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA VIII.

AO DUQUE DO CADAVAL [1].

Excellentissimo Senhor,

Bem creio, que não por desoccupado, me faz Vossa Excellencia mercé de tão larga carta, pois é força que sobre os hombros de Vossa Excellencia carréguem os maiores cuidados da monarchia, quando é tão grande o peso d'elles, que pedem o concurso de toda; mas os affectos de Vossa Excellencia medem-se pela grandeza do animo, e tão impossivel é em Vossa Excellencia o deixar de honrar muito, como em mim natural o merecer pouco.

Pelo bom conceito que Vossa Excellencia tem do meu coração, dou a Vossa Excellencia as graças com todo elle; mas eu que o conheço de dentro, tenho mui differente opinião do seu valor.

Padecer por força, é fraqueza; não des-

[1] É a LII do tomo II.

maiar nos trabalhos, necessidade. A adoração com que amo ao nosso Principe, e meu senhor, nasce dos retratos que por toda a parte espalha a fama (posto que são os do mais perfeito monarcha, na justiça, na prudencia, no valor, na gentileza, na magestade, e em todos os outros attributos que póde crear a natureza, e esmaltar a graça), mas é nascida d'uma idéa mũito mais antiga, que se não distingue da alma, na qual sempre tive assentado com certissima esperança tudo o que aïnda creio por fé, e Vossa Excellencia já logra por vista. Para ella guardo um caso bem particular, que me aconteceo n'esta materia, quando eu não sabia o que passava no mundo. Mil parabens dou a Vossa Excellencia de tudo, e da grande parte que em tudo Vossa Excellencia teve; e de se haver conseguido com tanta facilidade e applauso o que Vossa Excellencia ha tanto tempo, e com todo o desvelo procurava, depois de tão bem traçada, e tão bem succedida fábrica. Com razão toma Vossa Excellencia o nome d'architecto; mas só lembro a Vossa Excellencia que em tão baixa, e tão pesada fortuna, como a minha, parece impossivel a toda a arte fazer que dê volta a roda. O passar de Coïmbra para a Cotovia,

profissão para o noviciado, não sei se é
liante, se tornar atrás. Ao senhor Dom
odosio digo o mais. Vossa Excellencia
erdoe tanta ignorancia, que se em ou-
empo houve em mim algum juizo, n'es-
casião se perdeo todo; e se o não perdi
rque o não tinha. Os golpes que chegão
na, como ella é immortal, fazem o effei-
as potencias; e das minhas só me ficou a
ioria para nunca a perder do que a Vos-
xcellencia devo. Assim que, não escreve
ssa Excellencia o Antonio Vieira que foi,
o o que é, ou o que deixou de ser, para
Vossa Excellencia se não admire da dif-
nça do seu estilo, e dê Vossa Excellencia
bem empregada toda a piedade que tem
le. Guarde Deos a Vossa Excellencia mũi-
annos.

Coimbra, 16 de Janeiro de 1668.

Criado de Vossa Excellencia

ANTONIO VIEIRA.

CARTA IX.

A CERTO FIDALGO [1].

Excellentissimo Senhor,

Vossa Excellencia não só prova que é valído, mas tão singular no valimento, como em tudo, pois os outros valídos recebem, e Vossa Excellencia dá. Em nome de toda a communidade beijo a Vossa Excellencia as mãos pelas bellas camoêzas, que se forão só para os convalescentes, era necessario que adoecêramos todos; tocando a maior parte d'esta obrigação aos padres mestres, por serem estas as primeiras propinas, que se tirão na universidade de Santo Antão. Por tudo nos viva Vossa Excellencia mũitos annos, como este collegio de Vossa Excellencia deseja, e todos pedimos a Deos.

Collegio, 3a feira.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

[1] É a XLVI do tomo III.

CARTA X.

A EL REI [1].

Senhor,

Obedecendo á ordem geral, e ultima de Vossa Magestade, dou conta a Vossa Magestade do estado em que ficão estas Missões, e dos progressos com que por meio d'ellas se vai adiantando a fé, e christandade d'estas conquistas; em que tambem se verá quão universal é a providencia, com que Deos assiste ao felice reinado de Vossa Magestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo victorias milagrosas ás conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias, que com igual e maior razão se podem chamar milagres. Lá vence Deos com sangue, com ruinas, com lagrimas, e com dôr da christandade; cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra, e aïnda sem despezas; e em lu-

[1] É a II do tomo II.

gar da dôr, e lagrimas dos vencidos (que em parte tambem toca aos vencedores), com alegria, com applauso, e com triumpho de todas, e da mesma Igreja, que quanto se sente diminuïr, e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando, e crescendo nos povos, nações, e provincias que ganha, e adquire na America.

Trabalhárão este anno nas Missões d'esta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze d'elles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes, do Seará, do Maranhão, do Pará, e do Rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatro centas leguas de costa, tem a Companhia dés residencias, que são como cabeças de differentes christandades a ellas annexas, a que acodem os Missionarios de cada uma em contínua roda, segundo a necessidade, e disposição que se lhes tem dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as fôrças humanas, e se não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a Missão estivéra sepultada com os que n'ella, por esta mercê do céo, conservão e continuão as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero das al-

as de innocentes e adultos, que d'entre as
ıãos dos missionarios, por meio do baptis-
ıo, estão quotidianamente voando ao céo;
ındo mũito maior a quantidade dos que,
ːcebidos os outros sacramentos, nos deixão
mbem certas esperanças de que se salvão.
orque, aïnda que ha outras Nações de me-
ıor entendimento para perceberem os mys-
rios da Fé, e passar da necessidade dos
ːeceitos á perfeição dos conselhos da Lei de
hristo; não ha porèm Nação alguma no
undo, que, aïnda naturalmente, esteja mais
isposta para a salvação, e mais livre de to-
os os impedimentos d'ella, ou seja dos que
az com sigo a natureza, ou dos que accres-
ːnta a malicia. Estes são os fructos ordina-
os que se colhem, e vão continuando n'es-
s Missões, em que ha casos de circumstan-
as mũi notaveis, cuja narração, e historia se
ferecerá a Vossa Magestade, quando Deos,
Vossa Magestade, for servido de que te-
ıãmos mãos para a seára, e para a penna.
Vindo ás cousas particulares: Fizérão-se
te anno três Missões, ou entradas pelos
os, e terras dentro; e forão a ellas três Pa-
res com seus companheiros, professos todos
ː quatro votos, e os mais antigos, e de
aior auctoridade de toda a Missão, por se-

rem estas emprezas de maior trabalho, difficuldade, e importancia, e todas por mercê de Deos succedêrão felizmente.

O Padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brazil, foi em missão ao rio das Amazonas, e Rio-Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha equinocial, no mais ardente da Zona Torrida. Partio do Maranhão esta Missão em 15 de Agosto do anno passado de 1658, e atravessando por todas as Capitanias do Estado, foi levando em sua companhia canôas, e procuradores de todas, para o resgate dos escravos, que se faz naquelles rios; e foi esta a primeira vez que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses d'elles coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, erão os menos lembrados.

Haverá quatorze mezes que continúa a Missão, pelo corpo e braços d'aquelles rios, d'onde se tem trazido mais de seis centos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo Missionario, na forma das leis de Vossa Magestade. E já o anno passado se fez outra Missão d'este genero aos mesmos rios pelo Padre Francisco Velloso, em que se resgatárão, e descêrão outras tantas peças em grande beneficio, e augmento do Estado;

posto que não é esta a maior utilidade, e fructo d'esta Missão. Excede esta Missão do Resgate a todas as outras em uma differença de grande importancia, e é, que nas outras Missões vão-se sómente salvar as almas dos Indios, e n'esta vão-se salvar as dos Indios, e as dos Portuguezes; porque o maior laço das consciencias dos Portuguezes n'este Estado, de que nem na morte se livrarão, era o captiveiro dos Indios, que sem exame, nem fórma alguma de justiça, debaixo do nome de Resgate, ião comprar, ou roubar por aquelles rios. E a este grande damno foi Vossa Magestade servido acudir por meio dos Missionarios da Companhia, ordenando Vossa Magestade que os resgates se fizessem sómente quando fossem missões ao Sertão, e que só os Missionarios podessem examinar, e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz; e depois de examinados, e julgados por legitimamente captivos, os recebessem, e pagassem os compradores: conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossivel n'este Estado, que era haver n'elle serviço, e consciencia. Assim que, Senhor, por mercê de Deos, e beneficio da lei de Vossa Magestade, se tem impedido as grandes injustiças, que na confusão e li-

berdade do antigo resgate se commettião, que foi a ruïna espiritual e temporal de toda esta Conquista; sendo certo que, se o fructo d'este genero de Missões se computar e medir, não só pelos bens que se conseguem, senão pelos males que se impedem e se atalhão, se deve estimar cada uma d'ellas por uma das grandes emprezas, e obras de maior serviço de Deos, que tem toda a Christandade. Alèm d'estes bens espirituaes e temporaes, se conseguem mũitos outros, por meio da mesma Missão, em todas as terras por onde passa; porque se baptizão mũitos innocentes e adultos, que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao céo: e se descobrem novas terras, novos rios, e novas gentes, como agora se descobrírão algumas nações, onde nunca tinhão chegado os Portuguezes, nem aïnda agora chegárão mais que os Padres. E assim como nas nossas primeiras Conquistas se levantárão Padrões das Armas de Portugal em toda a parte onde chegárão nossos descobridores, assim aqui se vão levantando os Padrões da sagrada Cruz, em que se vai tomando posse d'estas terras por Christo, e para Christo.

Foi companheiro n'esta Missão o Padre Manoel Pires, bem conhecido n'esse reino

com o nome do Clerigo de Paredes; o qual depois da Ermida, e fonte milagrosa, que o deo a conhecer n'aquelle sitio, estando retirado em um ermo de Roma fazendo vida solitaria, por particular inspiração do céo veio a pé a Portugal, e pedio ser admittido na Companhia, para servir a Deos nas Missões do Maranhão; e já o tem feito n'esta, e na do anno passado, pelo mesmo rio das Amazonas com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de mũitas nações, a que aïnda se não sabe o nascimento. Foi a esta Missão o padre Manoel Nunes, Lente de Prima de Theologia em Portugal e no Brazil, da Casa e Missões do Pará, mũi pratico, e eloquente na lingua geral da terra. Levou quatro centos e cincoenta Indios d'arco e remo, e quarenta e cinco soldados Portuguezes d'escolta com um Capitão d'Infanteria. Da primeira facção, em que se empregou este poder, foi em dar guerra, ou castigar certos Indios rebellados da nação Inheiguáras, que no anno passado, com morte d'alguns Christãos, tinhão impedido a outros Indios da sua vizinhança que se descessem para a Igreja, e vassallagem de Vossa Ma-

gestade. São os Inheiguáras gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição; e tendo-se retirado com suas armas aos lugares mais occultos, e defensaveis das suas branchas, em distancias de mais de cincoenta léguas, lá forão buscados, achados, cercados, rendidos, e tomados quasi todos, sem damno, mais que de dous Indios nossos levemente feridos. Ficárão prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme ás leis de Vossa Magestade, a titulo de haverem impedido a prégação do Evangelho, forão julgados por escravos, e repartidos aos soldados. Tirado este impedimento, entendêrão os Padres na conversão, e conducção dos outros Indios, que se chamão Poquiguáras, em que padecêrão grandes trabalhos, e vencêrão difficuldades que parecião invenciveis. Estava esta gente distante do rio um mez de caminho, ou de não caminho, porque tudo são bosques cerrados, e talhados de grandes lagos, e serras: e erão dés aldeias as que se havião de descer, com mulheres, meninos, crianças, enfermos, e todos os outros impedimentos que se achão na transmigração de povos inteiros. Em fim depois de dous mezes de continuo e excessivo trabalho, e vigilancia (que tambem era

muito necessaria), chegárão os Padres com esta gente ao rio, onde os embarcárão por elle abaixo para as aldeias do Pará, em numero por todos até mil almas. Não se acabou aqui a Missão, mas continuando pelo rio acima chegárão os Padres ao sitio dos Topinambás, donde haverá três annos tinhamos trazido mil e duzentos Indios, que todos se baptizárão logo; e por ser a mais guerreira nação de todas, são hoje gadelha d'estas entradas. Os Topinambás, que ficárão em suas terras, serião outros tantos como os que tinhão vindo, e erão os que agora ião buscar os Padres; mas achárão que estavão divididos em dous braços do mesmo rio, um dos quaes, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistárão com estes por terra, e deixando assentado com elles que se descerião para ó Inverno, tanto que as primeiras aguas fizessem o rio navegavel; com os outros, que erão quatro centos, se recolhêrão ao Pará, tendo gastado oito mezes em toda a viagem, que passou de quinhentas léguas. Deixárão tambem arrumado o rio com suas alturas; diligencia que até agora se não havia feito, e achárão pelo sol, que tinhão chegado a mais de seis grãos da banda do sul, que é, pouco mais ou menos, a altura

da Paraïba. Os Indios, assim Topinambás como Poquigáras, se posérão todos nas aldeias mais vizinhas á cidade para melhor serviço da Republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dous mil Indios, escravos, e livres; mas nem por isso ficárão nem ficarão já mais satisfeitos seus moradores; porque sendo os rios d'esta terra os maiores do mundo, a sêde é maior que os rios.

De mais d'estas duas Missões se fez outra á ilha dos Nheengaïbas de menos tempo, e apparato; mas de mũito maior importancia, e felicidade. Na grande bocca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de mũitas nações de Indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaïbas. Ao principio recebêrão estas nações aos nossos Conquistadores em bôa amizade; mas depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz, com que entrárão, se convertia em declarado captiveiro, tomárão as armas em defensa da liberdade, e começárão a fazer guerra aos Portuguezes em toda a parte. Usa esta gente de canôas ligeiras, e bem arma-

s, com as quaes não só impedião, e infes-
ão as entradas, que n'esta terra são todas
r agua, em que roubárão, e matárão mũi-
Portuguezes; mas chegárão a assaltar os
lios christãos em suas aldeias, aïnda n'a-
ellas que estavão mais vizinhas ás nossas
talezas, matando, e captivando; e até os
smos Portuguezes não estavão seguros dos
eengaïbas dentro de suas proprias casas e
endas, de que se vêem aïnda hoje mũitas
spovoadas e desertas, vivendo os morado-
s d'estas Capitanías dentro em certos limites,
mo sitiados, sem lograr as commodidades
mar, da terra, e dos rios, nem aïnda a pas-
gem d'ellas, senão debaixo das armas. Por
ũitas vezes quizérão os governadores pas-
dos, e ultimamente André Vidal de Ne-
eiros, tirar este embaraço tão custoso ao
tado, empenhando na empreza toda as
rças d'elle, assim d'Indios como de Portu-
ezes, com os Cabos mais antigos e experi-
entados; mas nunca d'esta guerra se tirou
tro effeito mais que o repetido desengano
que as nações Nheengaïbas erão incon-
iistaveis, pela ousadia, pela cautéla, pela
tucia, e pela constancia da gente, e mais
e tudo pelo sitio inexpugnavel, com que
defendeo e fortificou a mesma natureza. É

a ilha toda composta d'um confuso e intricado labyrintho de rios, e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saïdas, estes sem entrada nem saïda alguma; onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem aïnda ver ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas flechas. E porque esse modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres, e filhos, a primeira cousa que fizérão os Nheengaïbas, tanto que se resolvêrão á guerra com os Portuguezes, foi desfazer, e como desatar as povoações em que vivião, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar ás outras, e nunca serem accommettidas juntas. D'esta sorte ficárão habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte d'ella, servindo-lhes porèm em todas os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada Nheengaïba de sentinella, e as suas trombetas de rebate. Tudo isto referimos por relação de vista do Padre João de Sottomaior, o qual com o Padre Salvador do Valle no anno de 1655 navegou e pizou todos estes sertões dos Nheengaïbas, entre os quaes lhe ficou uma imagem de

Christo crucificado, que trazia no peito, a qual mandou a um principal Gentio, em fé da verdade e paz com que esperava por elle; o que o barbaro não fez, nem restituïo a sagrada imagem. Foi este caso então mal interpretado de mũitos, e mũi sentido de toda a gente de guerra d'aquella entrada, de que era Cabo o Sargentomór Agostinho Correa, que depois foi Governador de todo o Estado, o qual refere hoje, que lhe disse então o Padre Sottomaior, que aquelle senhor, que se deixava ficar entre os Nheengaïbas, havia de ser o Missionario e Apostolo d'elles, e o que os havia de converter á sua fé.

Chegou finalmente o anno passado de 1658 o Governador D. Pedro de Mello com as novas da guerra apregoada com os Hollandezes, com os quaes alguma das nações dos Nheengaïbas, ha mũito tempo, tinhão commercio, pela vizinhança dos seus portos com os do Cabo do Norte, em que todos os annos carregão de peixe-boi mais de vinte navios de Hollanda. E entendendo as pessoas do governo do Pará, que unindo-se os Hollandezes com os Nheengaïbas, serião uns e outros senhores d'estas Capitanías, sem haver forças no Estado (ainda que se ajuntassem todas) para lhes resistir; mandárão uma pessoa

particular ao Governador, por meio do qual lhe pedião soccorro e licença para logo, com o maior poder que fosse possivel, entrarem pelas terras dos Nheengaïbas, antes que com a união dos Hollandezes não tivesse remedio esta prevenção, e com ella se perdesse todo o Estado. Resoluta a necessidade, e justificação da guerra por voto de todas as pessoas Ecclesiasticas e Seculares, com quem Vossa Magestade a mandou consultar, foi de parecer o Padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo, em todo o segredo, para maior justificação, e aïnda justiça d'ella, se offerecesse primeiro a paz aos Nheengaïbas, sem soldados, nem estrondo d'armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha succedido. E porque os meios d'esta proposição da paz parecião igualmente arriscados, pelo conceito que se tinha da fereza da gente, tomou á sua conta o mesmo Padre ser o mediador d'ella; suppondo porèm todos que não só a não havião de admittir os Nheengaïbas, mas que havião de responder com as fréchas aos que lhes levassem similhante prática, como sempre tinhão feito por espaço de vinte annos; que tantos tinhão passado desde o rompimento d'esta guerra.

Em dia de Natal do mesmo anno de 1658 despachou o Padre dous Indios principaes, com uma carta patente sua a todas as nações dos Nheengaïbas, na qual lhes segurava, que por beneficio da nova lei de Vossa Magestade, que elle fôra procurar ao Reino, se tinhão já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos, que lhes fazião os Portuguezes; e que em confiança d'esta sua palavra e promessa ficava esperando por elles, ou por recado seu, para ir ás suas terras: e que em tudo o mais dessem credito ao que em seu nome lhes dirião os portadores d'aquelle papel. Partírão os embaixadores, que tambem erão da nação de Nheengaïbas, e partírão como quem ia ao sacrificio, tanto era o horror que tinhão concebido da fereza d'aquellas nações, até ós de seu proprio sangue; e assim se despedírão, dizendo que se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivessem por mortos ou captivos. Cresceo, e minguou a lua aprazada, e entrou outra de novo, e já antes d'este termo tinhão prophetizado máo successo todos os homens antigos e experimentados d'esta Conquista, que nunca promettêrão bom effeito a esta embaixada; mas provou Deos que valem pouco os discursos humanos, onde a

obra é de sua Providencia. Em dia de Cinza, quando já se não esperavão, entrárão pelo Collegio da Companhia os dous embaixadores vivos, e mũi contentes, trazendo comsigo séte principaes Nheengaïbas, acompanhados de mũitos outros Indios das mesmas nações. Forão recebidos com as demonstrações de alegria e applauso, que se devia a taes hospedes; os quaes, depois d'um comprido arrezoado, em que disculpavão a continuação da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, á pouca fé e razão que lhes tinhão guardado os Portuguezes, concluîrão dizendo assim: « Mas depois que vimos em « nossas terras o papel do Padre Grande, de « que já nos tinha chegado fama, que por « amor de nós, e da outra gente da nossa « pelle, se tinha arriscado ás ondas do mar « alto, e alcançado d'El Rei para todos nós « as cousas bôas; posto que não entendemos « o que dizia o dito papel, mais que pela re« lação d'estes nossos parentes; logo no « mesmo ponto lhe démos tão inteiro cre« dito, que esquecidos totalmente de todos « os aggravos dos Portuguezes, nos vimos « aqui metter entre suas mãos, e nas boccas « de suas péças d'artilheria; sabendo de cer« to, que debaixo da mão dos Padres, de

n já de hoje adiante nos chamâmos fi-
, não haverá quem nos faça mal. » Com
azões tão pouco barbaras desmentírão
engaïbas a opinião que se tinha de sua
e barbaría; e se estava vendo nas pa-
, nos gestos, nas acções, e affectos com
llanão, o coração e verdade do que di-
Queria o Padre logo partir com elles ás
erras, mas respondêrão com cortezia
perada, que elles até aquelle tempo
cómo animaes do mato, debaixo das
s; que lhes dessemos licença para logo
uma aldeia para a beira do rio, e que
que tivessem edificado casa e igreja,
e receber ao Padre, então o virião bus-
uitos mais em numero, para que fosse
anhado como convinha; signalando
damente que seria para o S. João;
conhecido entre estes Gentios, pelo
estinguem o Inverno da Primavera. As-
promettêrão, aïnda mal cridos, os
gaïbas; e assim o cumprírão pontual-
; porque chegárão ás aldeias do Pará
lias antes da festa de S. João com de-
canôas, que com treze da nação dos
cas, que tambem são da mesma ilha,
numero de trinta; e nellas outros tan-
ncipaes, acompanhados de tanta e tão

boa gente, que a Fortaleza e a Cidade se poz secretamente em armas.

Não pôde ir o Padre n'esta occasião por estar totalmente enfermo; mas foi Deos servido que o podesse fazer em 16 de Agosto, em que partio das aldeias do Comutá em doze grandes canôas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis Portuguezes com o Sargentomór da Praça, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia da viagem entrárão pelo rio dos Mapuaeses, que é a nação dos Nheengaïbas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos Matos, em que receber aos Padres. E duas léguas antes do porto saïrão os principaes a encontrar as nossas canôas em uma sua grande, e bem esquipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando buzinas, e levantando pocemas, que são vozes d'alegria e applauso, com que gritão todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles; com que tambem de todas as nossas se lhes respondia. Conhecida a canôa dos Padres, entrárão logo n'ella os principaes, e a primeira cousa que fizérão foi presentar ao Padre Antonio Vieira a imagem do Santo Christo do Padre João de Sottomaior, que havia quatro annos tinhão em seu poder;

e de que se tinha publicado que os Gentios o tinhão feito em pedaços, e que por ser de metal a tinhão applicado a usos profanos; sendo que a tivérão sempre guardada, e com grande decencia, e respeitada com tanta veneração e temor, que nem a tocál-a, nem aïnda a vêl-a se atrevião. Recebêrão os Padres aquelle Sagrado Penhor com os affectos que pedia a occasião, reconhecendo elles, os Portuguezes, e aïnda os mesmos Indios, que a este Divino Missionario se devião os effeitos maravilhosos da conversão, e mudança tão notavel dos Nheengaïbas, cujas causas se ignorão.

Logo dissérão, que desde o principio d'aquella Lua, estivérão os principaes de todas as nações esperando pelos Padres n'aquelle lugar; mas vendo que não chegavão ao tempo promettido, nem mũitos dias depois, resolvêrão que o Padre grande devia de ser morto, e que com esta resolução se tinhão despedido; deixando porèm assentado antes, que d'ali a quatorze dias se ajuntarião outra vez todos em suas canôas, para irem ao Pará saber o que passára: e se fosse morto o Padre, chorarem sobre sua sepultura, pois já todos o reconhecião por pai.

Chegados em fim á povoação, desembar-

cárão os Padres com os Portuguezes, e principaes Christãos, e os Nheengaïbas naturaes os levárão á Igreja, que tinhão feito de palma ao uso da terra, mas mũito limpa e concertada, a qual logo se dedicou á sagrada imagem, com o nome da Igreja do Santo-Christo, e se disse o *Te Deum laudamus* em acção de graças. Da Igreja a poucos passos trouxerão os Padres para a casa que lhes tinhão preparado, a qual estava mũito bem traçada com seu corredor e cubiculos, e fechada toda em roda com uma só porta; em fim com toda a clausura que costumão guardar os Missionarios entre os Indios. Mandou-se logo recado ás nações, que tardárão em vir, mais ou menos tempo, conforme a distancia. Mas em quanto não chegárão as mais vizinhas, que forão cinco dias, não esteve o demonio ocioso, introduzindo no animo dos Indios, e aïnda dos Portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavão, se os Nheengaïbas faltassem á fé promettida, taes desconfianças, suspeitas, e temores, que faltou pouco para não largarem a empreza, e ficar perdida e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o Padre Antonio Vieira aos Cabos, que lhe parecião bem as suas ra-

., e que conforme a ellas se fossem em-
todos, que elle só ficaria com seu com-
heiro, pois só a elles esperavão os Nheen-
as, e só com elles havião de tractar.
no dia seguinte começou a entrar pelo
em suas canôas a nação dos Mamaynases,
quem havia maior receio por sua fereza;
rão taes as demonstrações de festa, de
fiança, e de verdadeira paz, que as sus-
as e temores dos nossos se forão desfa-
do: e logo os rostos, e os animos, e as
mas razões e discursos se vestîrão de dif-
entes côres.
'anto que houve bastante numero de
cipaes, depois de se lhes ter praticado
amente o novo estado das cousas, assim
s Padres, como pelos Indios das suas
trinas, deo-se ordem ao juramento d'o-
iencia e fidelidade; e para que se fizesse
toda a solemnidade de Ceremonias ex-
res (que valem muito com gente que se
erna pelos sentidos), se dispoz e fez na
na seguinte. Ao lado direito da Igreja es-
o os Principaes das nações Christãs com
melhores vestidos que tinhão, mas sem
s armas, que as suas espadas. Da outra
e estavão os Principaes Gentios, despidos
apennados ao uso barbaro, com seus arcos

e fréchas na mão; e entre uns e outros os Portuguezes. Logo disse missa o Padre Antonio Vieira, em um altar ricamente ornado, que era da Adoração dos Reis, á qual missa assistião os Gentios de joelhos, sendo grandissima consolação para os circumstântes vêl-os bater nos peitos, e adorar a Hostia e o Calis com tão vivos effeitos d'aquelle precioso Sangue, que sendo derramado por todos, n'estes mais que em seus avós teve sua efficacia. Depois da missa, assim revestido dos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma prática a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavão, e a obrigação que tinhão de responder com limpo coração, e sem engano, a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de promettido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se querião receber a fé do Verdadeiro Deos, e ser vassallos d'El Rei de Portugal, assim como são os Portuguezes, e os outros Indios das Nações Christãs e avassalladas, cujos Principes estavão presentes? declarando-lhes juntamente que a obrigação de vassallos, era haverem de obedecer em tudo ás ordens de Sua Magestade, e ser sujeitos ás suas leis, e ter paz perpétua e invio-

lavel com todos os vassallos do mesmo Senhor, sendo amigos de todos os seus amigos, e inimigos de todos seus inimigos; para que n'esta fórma gozassem livre e seguramente de todos os bens, commodidades, e privilegios, que pela ultima lei do anno de mil seiscentos cincoenta e cinco erão concedidos por Sua Magestade aos Indios d'este Estado. A tudo respondêrão todos conformemente que sim; e só um Principal chamado Piyé, o mais entendido de todos, disse que não queria prometter aquillo. E como ficassem os circumstantes suspensos na differença não esperada d'esta resposta, continuou dizendo, que as perguntas e práticas que o Padre lhes fazia, que as fizesse aos Portuguezes, e não a elles, porque elles sempre forão fieis a El Rei, e sempre o reconhecêrão por seu Senhor desd'o principio d'esta Conquista, e sempre forão amigos e servidores dos Portuguezes; e que se esta amizade e obediencia se quebrou e interrompeo, fôra por parte dos Portuguezes, e não pela sua. Assim que, os Portuguezes erão os que agora havião de fazer, ou refazer-as suas promessas, pois as tinhão quebrado tantas vezes; e não elles e os seus, que sempre as guardárão.

Foi festejada a razão do Barbaro, e agra-

decido o termo com que qualificava a sua fidelidade. E logo o Principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao Altar, onde estava o Padre, e lançando o arco e fréchas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do Padre, jurou d'esta maneira: « Eu Fulano, Principal « de tal nação, em meu nome, e de todos « meus subditos e descendentes, prometto « a Deos, e a El Rei de Portugal, a Fé de « Nosso Senhor Jesu-Christo, e de ser (como « já sou d'hoje em diante) vassallo de Sua « Magestade; e de ter perpétua paz com os « Portuguezes, sendo amigo de todos seus « amigos, e inimigo de todos seus inimigos; « e me obrigo de, assim o guardar inteira- « mente para sempre. » Dito isto beijou a mão do Padre, de quem recebeo a benção; e forão continuando os mais Principaes por sua ordem na mesma fórma. Acabado o juramento viérão todos pela mesma ordem abraçar aos Padres, depois aos Portuguezes, e ultimamente aos Principaes das nações Christãs, com os quaes tinhão até então a mesma guerra, que com os Portuguezes. E era cousa mũito para dar graças a Deos, ver os extremos d'alegria, e verdadeira amizade, com que davão e recebião estes abraços, e

as cousas que a seu modo dizião entre elles.

Por fim postos todos de joelhos, dissérão os Padres o *Te Deum laudamus*, e saïndo da Igreja para uma praça larga, tomárão os Principaes Christãos os seus arcos e fréchas, que tinhão deixado fóra, e para demonstração publica do que dentro da Igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravão as balas dos arcabuzes, e ás lançavão ao rio, e disparavão sem bala; e logo uns e outros Principaes quebravão as fréchas, e tiravão com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui á lettra: *Arcum conteret, et confringet arma.* Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores, e outros instrumentos, acompanhados d'um grito contínuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria; entendendo-se este geral conceito em todos, posto que erão de differentes linguas. D'esta praça forão juntos todos os Principaes com os Portuguezes que assistírão ao acto, á casa dos Padres, e ali se fez termo juridico e authentico de tudo o que na Igreja se tinha promettido e jurado, que assignárão os mesmos Principaes, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houvessem de chegar á presença de Vossa Magestade; em cujo nome se lhes

passárão logo cartas, para em qualquer parte e tempo serem reconhecidos por vassallos. Na tarde do mesmo dia deo o Padre seu presente a cada um dos Principaes, como elles o tinhão trazido, conforme o costume d'estas terras, que a nós é sempre mais custoso que a elles. Os actos d'esta solemnidade, que se fizérão, forão três, por não ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que ali se detivérão os Padres, que forão quatorze, se passárão todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim de nossas nações como das suas, que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinhão mũito que ver, e que ouvir.

Rematou-se este triumpho da Fé com se arvorar no mesmo lugar o estandarte d'ella, uma formosissima Cruz, na qual não quizerão os Padres que tocasse Indio de menor qualidade; e assim forão cincoenta e três principaes os que a tomárão aos hombros, e a levantárão com grande festa e alegria, assim dos Christãos como dos Gentios, e de todos foi adorada. As nações de differentes linguas, que aqui se introduzîrão, forão as Mamaynás, as Aroans, e as Anayás, debaixo dos quaes se comprehendem Mapuás, Guja-

rás, Pixipixis, e outros. O numero d'almas não se póde dizer com certeza; os que menos o sabem dizem, que serão quarenta mil, entre as quaes tambem entrou um Principal dos Tricujús, que é provincia á parte na terra firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos Nheengaïbas; e é fama que as excede mũito em numero, e que uns e outros fazem mais de cem mil almas. Deixou o Padre assentado com estes Indios, que no Inverno se saïssem dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios, para que no verão seguinte os podesse ir ver todos ás suas terras, e deixar alguns Padres entre elles, que os começassem a doutrinar; e com estas esperanças se despedio, deixando-os todos contentes e saüdosos. Pareceo aos Padres trazerem comsigo, até tornarem, a imagem do Santo Christo, a qual por commum applauso e devoção do Clero, das Religiões, e da Republica foi recebida na cidade do Pará em solemnissimo triumpho, dando todos a gloria de tamanha empreza a este Senhor, e confessando que só era, e podia ser sua.

Este é, Senhor, por maior, e sem casos particulares e de mũita edificação, por brevidade, o fructo que colhêrão este anno na inculta seára do Maranhão os Missionarios de

Vossa Magestade; e estes os augmentos da Fé e da Igreja, que conseguírão com seus trabalhos: não sendo de menor consideração e consequencia as utilidades temporaes e politicas, que por este meio accrescêrão á corôa e estados de Vossa Magestade. Porque os que considérão a felicidade d'esta empreza, não sò com os olhos no Céo, senão tambem na terra, tem por certo que n'este dia se acabou de conquistar o estado do Maranhão; porque com Nheengaïbas por inimigos, seria o Pará de qualquer nação estrangeira, que se confederasse com elles: e com os Nheengaïbas por vassallos, e por amigos, fica o Pará seguro e impenetravel a todo o poder estranho. O mesmo entendêrão a respeito dos Indios Tabajarás da serra de Ibiapába todos os capitães mais antigos e experimentados d'esta Conquista, os quaes o anno passado sendo chamados a concelho pelo Governador, sobre as prevenções que se devião fazer para a guerra, que se temia dos Hollandezes, respondêrão todos uniformemente, que não havia outra prevenção mais, que procurar por amigos os Indios Tabajarás da serra; porque quem os tivesse da sua parte, seria senhor do Maranhão.

Estes Indios de Ibiapába, como ja dei

a a Vossa Magestade, por espaço de vinte
ıatro annos, em que esteve tomado Per-
buco, forão não só alliados, mas vas-
s dos Hollandezes, e aïnda cumplices
uas heresias; mas depois que forão em
ão a esta gente dous religiosos da Com-
hia, que residem sempre com elles, sobre
rem convertidos á Fé os que erão chris-
, assim elles como todos os outros Indios
uella Costa, estão reduzidos á obedien-
le Vossa Magestade, e ao commercio e
ade dos Portuguezes, e aïnda a viver
mesmas terras do Maranhão, aonde
tos se têm passado. Assim que, Senhor,
tado do Maranhão até agora estava como
do de dous poderosos inimigos, que o
ão cercado e fechado entre os braços
a e outro lado; porque, pela parte do
á o tinhão cercado os Tabajarás da serra,
ela parte do cabo do Norte (que são os
s extremos do Estado), os Nheengaïbas.
ambas estas nações tinhão communi-
o com os Hollandezes, e vivião de seus
mercios, já se vêem os damnos que d'esta
o se podião temer, que a juizo de todos
aticos do Estado, não era menos que a
ruina. Mas de todo este perigo e temor
ervido livrar aos vassallos de Vossa Ma-

gestade por meio de dous Missionarios da Companhia e com despeza de duas folhas de papel, que forão as que d'uma e outra parte abrírão caminho á paz e obediencia, com que Vossa Magestade tem hoje estas formidaveis nações, não só conquistadas e avassalladas pâra si, senão inimigas declaradas e juradas dos Hollandezes, conseguindo Deos por tão poucos homens desarmados, e em tão poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte annos, com soldados, com fortalezas, com presidios, e com grandes despezas, sempre deixárão em peior estado. Para que acabe de entender Portugal, e se persuadão os Reaes ministros de Vossa Magestade, que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento d'esta Monarchia são os Ministros da prégação e propagação da Fé, para que Deos a instituïo e levantou no mundo.

O que por agora representâmos, Senhor, prostrados todos os Religiosos d'estas Missões aos Reaes pés de Vossa Magestade, é que seja Vossa Magestade servido de mandar acodir-nos, e acodir a estas almas com o soccorro prompto, que é necessario para que se conserve o que se tem adquirido. Toda a conservação d'estes Indios, e a perseverança na

:, e lealdade que tem promettido, consiste
m assistirem com elles alguns Religiosos da
Companhia, que os vão sustentando e con-
ervando n'ella, e desfazendo qualquer occa-
ião ou motivo que se offerecer em contrario;
sobre tudo, que sejão sua rodela, como el-
es dizem, contra o máo trato dos Portugue-
es, de que só se dão por seguros debaixo do
mparo e patrocinio dos Padres. Podem vir
Padres do Brazil, podem vir Padres de na-
ões estrangeiras; mas os mais promptos e
ffectivos, são os que podem vir de Portugal
m menos de quarenta dias de viagem. A
nateria é tão importante, e de tão perigoso
egresso, que não soffre dilação; e assim es-
erâmos sem falta até á monção de Março o
occorro que pedimos. Sirva-se Vossa Ma-
estade, Senhor, de mandar vir para esta
Missão um numeroso soccorro d'estes solda-
los de Christo, e de Vossa Magestade; e por
ada um promettemos a Vossa Magestade
nuitos milhares de vassallos, não só que nós
emos buscar aos matos, senão que elles
nesmos venhão a buscar-nos, de que cada
ia temos novos embaixadores. Tanto tem
mportado á Fé a fama das novas leis de
Vossa Magestade, e dos Missionarios que as
pregoão e as defendem: muito alta, e mui-

to poderosa pessoa de V. Magestade guarde Deos, como a christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 14 de Fevereiro de 1660.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XI.

AO DUQUE DO CADAVAL. [1]

Excellentissimo Senhor,

A esta hora (que é uma da noite) chego de fallar toda a tarde (e esta é a primeira vez) sobre o negocio de Vossa Excellencia com a senhora Duqueza, de cujo amor e affecto para com Vossa Excellencia, e do extremo com que zela suas conveniencias como proprias, já dei conta a Vossa Excellencia no correio da semana passada.

Primeiramente, Senhor, havendo-se examinado, e discorrido tudo o que ha em Roma, Napoles, Milão, e ainda Genova, os

[1] É a LVIII do tomo II.

ndes Senhores por estas partes mũito dif-
ultosamente querem casar suas filhas, por
diminuir a substancia das casas, cuja con-
vação e augmento é o seu principal cui-
lo, querendo-as antes mũito grandes e
alentas, que bem aparentadas; e n'este
mero entra o principe de Caserta, com se
mar filho da Senhora Duqueza, e ter trés
as de nove até quatorze annos, mas desti-
las ao convento como sua irmã. Quando
possa vencer esta difficuldade, e a dos
s quererem apartar de si suas filhas, e el-
desterrar-se a paizes estranhos; onde ha
heiro, não ha qualidade; e onde ha quali-
le suppõe a senhora duqueza, que não ha
heiro, nêm para a viagem. Com esta condi-
, em caso que Vossa Excellencia se confor-
ha em Napoles uma Senhora de quatorze
os, e bellissimas partes pessoaes, filha dos
rquezes de Pescara e Basto, duas vezes
ndes em Hespanha, e por sua mãi da casa
afa, por todas as vias a melhor cousa d'a-
lle Reino; tem esta Senhora um tio Car-
, que ha de vir necessariamente ao Concla-
porque da morte do Pontifice não se duvi-
, e com aviso de Vossa Excellencia fallará
nhora Duqueza ao Cardeal; e tirando este
mento com suas incertezas, que podem

aïnda ser maiores do que agora se representão, de Italia não ha outra cousa que esperar.

Casamento em França de nenhum modo o approva a Senhora Duqueza, pela experiencia que tem de alguns Senhores de Italia, que de lá trouxérão mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande com que as Senhoras Francezas são creadas, pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tirão credito, e em Portugal não são tão toleraveis; e querendo-se vedar, será sem paz, e em perpetuo desgosto, e mũito mais sendo a pessoa (como se suppõe) de tão relevantes qualidades, como convèm, para satisfação da Patria, a quem vai buscar mulher fóra d'ella.

O que supposto, e ser necessario que Vossa Excellencia case quanto mais de pressa, o que parece á Senhora Duqueza (eu tambem o julgára, como criado de Vossa Excellencia) é que Vossa Excellencia pelas melhores vias devia apertar o negocio de Carnide até averiguar o effeito, ou o desengano, e com este, quando não haja em Portugal, como Vossa Excellencia julgava que não havia, sujeito com quem aparentar commodamente, pedir licença para o fazer em Castella, onde não

faltão conveniencias de qualidade e dote juntas com os da vizinhança, sem despezas, que tambem vem a ser uma bôa parte d'elle.

N'este caso a Senhora Duqueza, que é o melhor mappa das qualidades da Hespanha, se offerece a tractar por vias mũi decorosas o que Vossa Excellencia julgar mais conveniente; e como os correios são tão certos e ordinarios, se poderá fazer sem grandes dilações. O que importa é que Vossa Excellencia depois de o resolver, faça os avisos com brevidade; e aïnda que seja differindo uma Consulta do Concelho de Estado, não se esqueça Vossa Excellencia de escrever á Senhora Duqueza, que por todos os titulos o merece a Vossa Excellencia, mũito, mũito.

O marquez de Astorga, Vice-Rei que foi de Valença, e agora do Concelho de Estado, e Embaixador de Hespanha, é primo da Senhora Duqueza, e por conseguinte Tio de Vossa Excellencia, e por algumas consequencias que podem servir a Vossa Excellencia e ao Senhor D. Theodosio, pareceo á Senhora Duqueza, que de parecer d'ambos o visitasse eu, como fiz hontem, e elle estimou mũito, e me disse: « Que las obligaciones que devia al señor duque de Cadaval y al señor « Don Theodosio las tenia muy dentro en

3.

« las venas, para desearlos servir en tudo. » Vossa Excellencia julgará se convèm escrever-lhe, e quando Vossa Excellencia não approve o comprimento, o zelo de quem o mandou fazer, e de quem o fez, merece desculpa. As novas de Roma dou ao senhor D. Theodosio, por não tomar mais tempo a Vossa Excellencia que Deos guarde mũitos annos, como Portugal, e seus criados havemos mistér.

Roma, 6 de Outubro de 1669.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XII.

A DOM RODRIGO DE MENEZES[1].

Senhor,

Se o contentamento fizera milagres, tivera-me Vossa Senhoria n'esta hora a seus pés;

[1] É a LXVIII do tomo I.

judando a celebrar a nova d'este successo, com que o Marquez, que Deos guarde, coroôu todas suas felicidades, e Deos nos tornou a dar por sua mão o Reino, que tantas vezes nos tem dado por ella. Mas pois o estado da minha enfermidade me não consente esta pequena demonstração, contento-me com que Vossa Senhoria tenha conhecido, que entre tódos os criados da casa de Vossa Senhoria, nenhum tanto tem festejado e estimado este triumpho d'ella, de que dou a Vossa Senhoria mil vezes o parabem. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo e hei mistér.

Villa Franca : Sabbado, 22 de Junho de 1668.

Capellão e menor criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIII.

AO ALMOTACEL MOR LUIZ COUTINHO, QUANDO FOI GOVERNAR PERNAMBUCO [1].

Meu Senhor,

Como Antonio Vieira, como morador do Brazil, como Religioso da Companhia; e como quem tem esta Provincia a seu cargo, devo dar a Vossa Senhoria o parabem da felice viagem e chegada de Vossa Senhoria a essa venturosa terra. Como Antonio Vieira, por antigo criado do senhor Almotacel Mór, desde 1655, em que recebi este fôro (o qual continuei sempre) vindo juntamente embarcado em uma gondola de Salvaterra, quando El Rei D. João escapou do primeiro accidente, de que depois morreo. Como morador do Brazil, porque desd'o dia, em que Sua Magestade, que Deos guarde, fez esta eleição na pessoa de Vossa Senhoria, logo a fama trouxe a noticia de que a Divina Providencia

[1] É a LXXX do tomo II.

tinha enriquecido a alma de Vossa Senhoria de todas aquellas virtudes, de que os Governadores do Brazil devem ser dotados para o conservarem a elle, e não se perderem a si. Como religioso da Companhia, porque alèm da informação do Padre Visitador João Antonio Andréonas, tenho eu mũito certas de quanto Vossa Senhoria honrou e favoreceo a mesma Religião, da qual, se Vossa Senhoria não veste o habito, professa o amor. Finalmente, como quem tem a seu cargo esta Provincia, para toda, e em nome de todos a offerecer logo, como faço, á obediencia e serviço de Vossa Senhoria, esperando que debaixo da protecção e amparo de Vossa Senhoria os ministerios de nosso instituto, a paz dos Gentios mais barbaros, e a conservação e salvação de mũitas almas, que Sua Magestade tanto zéla, terão grandes augmentos. Deos guarde a Vossa Senhoria e prospére seus santos intentos com tantos annos de vida, e inteira saüde, como esse Estado, e os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Bahia, 29 de Junho de 1680.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIV.

AO ARCEBISPO DA BAHIA[1].

Illustrissimo e Reverendissimo Senhor,

Não dou a Vossa Illustrissima o parabem da que outros chamão promoção, como quem conhece quão digna é ha mũitos annos a pessoa, e quão superior o merecimento de Vossa Illustrissima a outros maiores lugares, sendo este pela medida, que Deos lhe deo, assim no natural, como no espiritual o mais estendido da nossa monarchia. Ao mesmo Deos dei logo as graças, e lh'as deve dar infinitas todo este Estado, por sua Divina bondade e Providencia haver posto tão benigna e liberalmente os olhos na necessidade, que provido, e sem provimento, ha tantos tempos padece.

Por esta causa, e pelo Apostolico espirito tão conhecido, com que Vossa Illustrissima zéla o bem das almas, confio lhe acudirá Vossa Illustrissima sem dilação, que já não soffre seu desamparo, e só com a brevidade da partida po-

[1] É a LVII do tomo III.

lerá Vossa Illustrissima satisfazer os applausos, com que universalmente foi celebrada esta eleição, e os alvoroços, e ancias, com que a vinda de Vossa Illustrissima é esperada. A viagem da Bahia está hoje tão facilitada nas melhores monções, que são as de Dezembro até Março, que se póde tomar, como quem passa o Tejo, e os achaques de Vossa Illustrissima não podem achar em todo o Mundo, nem ares mais benignos, nem clima mais propicio. Assim o tenho experimentado em todos os que lá me molestavão a saüde, sendo tão differente a carga dos meus annos. Se elles me não acabarem a vida, aqui achará Vossa Illustrissima em mim não só o maior venerador, como sempre, mas o subdito, e servo tão affectuoso e devoto, e tão desejoso de se empregar todo no serviço de Vossa Illustrissima, quanto pedem as repetidas obrigações e favores, com que Vossa Illustrissima o tem honrado. Entretanto guarde Deos e conserve a saüde e vida a Vossa Illustrissima, como o bem e remedio espiritual d'este Estado ha mistér, e todos os que o zélão e amão summamente desejão.

Bahia, 23 de Maio de 1689.

De Vossa Illustrissima,

Capellão, e servo mũito obrigado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XV.

A DOM RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Três recebo juntas de Vossa Senhoria, e bastava uma só para grande allivio meu, se não lêra na ultima os disgostos e sentimento tão justo de Vossa Senhoria, que me tem lastimado o coração, com o qual faço ao de Vossa Senhoria toda a companhia que posso. Altissimos são os juïzos de Deos, e creio eu que para dar exemplo a Vossa Senhoria em um caso d'estes, quiz elle tambem ter um filho innocente morto; para que conheção os homens por sua propria dor o mũito que lhe devem, e quanto o mesmo Senhor estimará a conformidade de Vossa Senhoria com sua divina vontade n'este sacrificio tão sensivel; em nenhuma chaga é remedio tão efficaz a Fé como n'esta de Vossa Senhoria, em que a razão não tem motivo para duvidar,

[1] É a XLVIII do tomo I.

n eu quero soffrer que Vossa Senhoria
chame castigo, posto que tenhâmos
emplos de que mostra Deos o rigor de sua
tiça em a executar nos innocentes. Eu lhe
graças n'este caso (e assim o creio) por
erer premiar o merecimento dos pais na
ocencia do filho. Ah meu Senhor D. Ro-
go, quanto Deos ama a Vossa Senhoria,
uanto se agrada da verdade do coração
Vossa Senhoria, e da resolução com que
ssa Senhoria só a elle estima, e préza, e
do mundo a conta que elle merece! Bem
le ser que commutasse outra sentença
sta, e que cortasse n'aquella vida os annos
a os accrescentar na de Vossa Senhoria,
a pessoa entendo eu há mũito tempo
arda sua Divina Providencia para a empre-
nos que esperâmos em mũito heroicas
ções de seu serviço e gloria, obrigações,
u Senhor, a que Vossa Senhoria deve mũi
eraes correspondencias, e mũi agradecidas.
bre esta materia tomára eu poder gastar a
ssa Senhoria algumas horas de feitoria, já
e não podem ser as do soalheiro de Villa
anca: n'ella vou passando com menos
eixa, experimentando já quanto póde a
ntinuação e o costume, aïnda contra os
mos elementos.

Trabalho as horas que posso, mas affirmo a Vossa Senhoria que me desmaiou a carta de Vossa Senhoria com a resposta das minhas perguntas, com que Vossa Senhoria me disse em poucas regras mais do que eu tenho sabido escrever em mũito papel. Agora sinto os damnos do meu desterro, pois me priva de consultar mũi frequentemente os oraculos de Vossa Senhoria; em tudo me confirmo com a doutrina, e auctoridade de Vossa Senhoria, e só cuidava que sem novidade se podia tambem esperar que fizesse algum milagre o Corpo Santo. Não digo nada n'este particular por affecto, nem juïzo proprio, mas é mũito o que tenho ouvido a gente que discorre pelas estrellas, e discorre d'ellas abaixo, e como cada Santo tem suas prerogativas, não é mũito que se tenha mais fé n'aquelle em tempo de tantas tempestades; ellas forão causa de faltar com carta no correio passado, tendo-me em grande suspensão a tardança das de Vossa Senhoria, por se haver dito de bôa parte, que havia quem as tomasse. E posto que nem as de Vossa Senhoria nem as minhas podem dar motivo á malicia, nem á curiosidade, quiz esperar a noticia que agora tive, não podendo aïnda atinar com a causa de se não darem as minhas no Collegio, onde

mpre as remetti fóra do masso do Padre eitor, por elle estar ausente. Em fim, Senhor, Vossa Senhoria com seu grande coração traste de se alliviar, e viver para que mbem vivamos os criados de Vossa Senhoria, e particularmente este, que tanto ama Vossa Senhoria, e tanto sente que Vossa Senhoria tenha occasiões de disgosto. Guarde eos a Vossa Senhoria mũitos annos como mejo e havemos mistér.

Villa Franca, 8 de Dezembro de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

Antonio Vieira.

CARTA XVI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Não sei que diga, nem que hei-de escrever Vossa Excellencia n'esta occasião, porque

[1] É a XXV do tomo III.

de quinta feira a esta parte ando fóra de mim, e não se aparta um momento a minha memoria dos pés de Vossa Excellencia; e posto que na fé e na consideração dos meios por onde a Providencia Divina dispõe a predestinação, e na vida e virtudes do Senhor D. Diogo, meu Senhor, acho grandes motivos para Deos o querer para o Céo, e para apressar tanto o premio de seus merecimentos, nenhum se me offerece bastante a consolar a dor de Vossa Excellencia em tamanha perda, e soledade. Só fio da grandeza do animo de Vossa Excellencia haverá offerecido a Deos este sacrificio, e supportado o rigor d'este golpe com a mesma constancia e valor, com que Vossa Excellencia tem vencido tantos outros disgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deos, que sempre ordena o que nos está melhor, posto que nós não alcançâmos as causas de seus Decrétos. O que só peço a Vossa Excellencia no excesso de tão devido sentimento é, que Vossa Excellencia se lembre do damno, que elle póde causar á saüde de Vossa Excellencia no estado em que ella se acha, e das razões, que Vossa Excellencia tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem, e augmento da casa e

estado de Vossa Excellencia, e todos os que somos criados d'ella, e do mesmo Reino, que Deos por tantas vias castiga. Meu Senhor, guarde Deos mũitos annos a Vossa Excellencia com os auxilios de sua graça, e consolações do céo, que a Vossa Excellencia desejo.

Coïmbra, 14 de Setembro de 1665.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XVII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Já sei chegou a Vossa Excellencia a triste nova, que eu suppunha se tinha encuberto a Vossa Excellencia, como a mim se me encubrio de Lisboa, e n'este Collegio por mũitos dias. Tão público era entre todos o mũito

[1] É a IX do tomo III.

que eu amava a pessoa do Senhor Conde, que está no céo, e o mũito que desejava, e estimava sua vida, e quanto sentimento me havia de causar a perda d'ella. Perdeo Sua Magestade um tão grande vassallo, perdeo Portugal um tão grande Ministro, perdeo Vossa Excellencia um tão grande, tão fiel, e tão honrado amigo e parente; e eu tambem o perdi, e nas circumstancias em que o Rei, o Reino, e todos os mais o haviamos mistér. Mas pois a perda em todas as considerações é tão irreparavel, só nos fica o allivio e consolação da Fé, esperando que, assim como Deos o livrou das perseguições tão mal merecidas d'este mundo, lhe haverá dado no céo o descanço, que nos assegura a christandade de sua vida, e o juïzo e piedade com que a soube acabar.

Assim que, Senhor, Vossa Excellencia vença a dor, e as saüdades com a mesma razão d'ellas, e offereçâmos por sua alma, em quanto eu lhe não vou fazer Companhia, o mesmo sentimento que nos causa sua ausencia, pois é o mais custoso suffragio, com que nos podêmos mostrar lembrados, e bons amigos. Já o nosso desterro tem no céo esta victima de sua innocencia, queira Deos, que com ella se acabem d'aplacar, e desenganar

homens, e que por desconto d'esta desgraça vejâmos a Vossa Excellencia restituïdo ao descanço de sua casa, e nos lugares que a pessoa e merecimento de Vossa Excellencia devem, e Portugal para sua conservação ha mistér. Console Deos, e guarde a Vossa Excellencia por mũitos annos com a vida e felicidades, que tanto de coração desejo a Vossá Excellencia.

Coimbra, 6 de Fevereiro de 1661.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XVIII.

EM QUE DA O PÊZAME A CERTO FIDALGO [1].

Meu Senhor,

Uma das maximas, que se devião evitar entre os Politicos, é esta, que mais serve de

[1] É a LXXXIII do tomo III.

renovar a dor, que de diminuïr a pena; p
cipalmente quando o sentimento, por gr
e justo, parece não admitte allivio. Ne
me atrevo a intimál-o a Vossa Senhoria,
conheço não póde a minha persuasão se
derosa para desvanecer a que Vossa Senh
por todas as razões, deve sentir. Deos,
miravel sempre em suas disposições, gu
a Vossa Senhoria por mũitos annos, e lh
na mais resignada conformidade o mais
tificado merecimento.

Bahia, 19 de Julho de 1691.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XIX.

AO DUQUE DO CADAVAL [1].

Excellentissimo Senhor,

Entre todos os criados de Vossa Excell
a nenhum tocou tão de pérto este go

[1] É a LXXXIV do tomo III.

m penetrou mais interiormente, que a
em só faltava esta desgraça, para não ter
no mundo que sentir, nem que temer. Eu
muitos dias ia dispendo o animo para
a, procurando reparál-a, se possivel fosse,
ma todas as forças humanas e Divinas; mas
Providencia do Céo, que criou para si
quella alma, não foi servida que a lograsse
ais tempo a terra, que a não merecia: esta
consolação considéro a Vossa Excellencia
n tamanha perda, em quanto o mesmo Céo
não substitue com a companhia d'outra
renda, que tanto será de maior allivio a
'ossa Excellencia, quanto mais se parecer
om o Senhor D. Theodosio; e este será
'aqui por diante o emprego de minhas ora-
ões e sacrificios, como tambem o foi antes.

Em recebendo a carta de Vossa Excellencia
ui logo ao palacio da Senhora Duqueza, que
á tinha lido a triste nova em carta do Conde
l'Umanes, e bem necessario foi a Sua Ex-
ellencia todo o seu entendimento, valor, e
hristandade, e toda a assistencia e juïzo do
)uque para se conformar com a vontade de
)eos, e lhe offerecer este sacrificio, que em
ıma mãi não podia ser mais sensivel. Não
iminuïo nada a dor de Sua Excellencia o
ıão ter visto ao Senhor D. Theodosio, por-

que o via retratado nas suas cartas; sei comtudo que deseja mũito um retrato seu natural, não para recordo da memoria, mas para consolação dos olhos, a quem tantas lagrimas tem custado.

Dei a nova ao nosso Padre Geral, que a sentio grandemente, e alèm d'outras mũitas orações, applicou logo Missas pela alma do dito Senhor, que eu entendo não tem já necessidade de suffragios; e posto que todos meus sacrificios são offerecidos a Deos por sua conta, igualmente me encommendo na sua intercessão e protecção, a qual tenho por mũito segura e verdadeira, como Principe, que já é d'aquella Corte, onde tudo é verdade. Vossa Excellencia me tem sempre a seus pés; e aïnda que me falta tão grande valia, espero que Vossa Excellencia me tenha sempre na sua graça, e me conserve no fôro, que por ella alcancei de criado de Vossa Excellencia, que Deos guarde mũitos annos.

Roma, 27 de Agosto de 1672.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.[1]

Excellentissimo Senhor,

Não posso fazer estas regras senão por mão alheia; tal é o estado em que a minha convalescença me têm posto, depois que aos meos achaques se ajuntou o sentimento do desgosto de Vossa Excellencia: com elle me recolhi para o Collegio, que foi o luto, e demonstração, com que meu estado me permittia confessar o fôro de criado da casa de Vossa Excellencia n'esta occasião. Espero que a benignidade Divina haja moderado o rigor do golpe passado, com ter dado a Vossa Excellencia a inteireza da perfeita saüde, que a Vossa Excellencia desejo, e me tem agora em maior cuidado. Assim continúo em o pedir a Deos em meus sacrificios e orações, e a Vossa Excellencia, meu Senhor, me atrevo á a pedir se sirva Vossa Excellencia de me mandar dizer, que nos tem Deos feito esta

[1] É a XXVI do tomo III.

mercê, porque na ausencia das pessoas da Casa de Vossa Excellencia, que residião n'esta terra, não tenho quem me dê novas certas, posto que as procuro. Guarde Deos a Vossa Excellencia mũitos annos, como este Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Coimbra, 21 de Septembro de 1665.

Capellão, e menor criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Arriscado estive a não escrever a Vossa Excellencia n'aquelle correio, pelas causas, que então disse, e agora as não quero renovar; mas já constará a Vossa Excellencia que escrevi n'elle, e no seguinte, e depois que vi a firma de Vossa Excellencia, o faço com maior allivio, posto que não sem grande sen-

[1] É a XXVII do tomo III.

nento, por ver quantó se retarda a conva-
cença, e que aïnda Vossa Excellencia pa-
ce tão multiplicadas queixas. A fraqueza,
abeça, e o estomago, tudo são indicações
que as causa o desgosto, e a demasiada
rehensão d'elle, o qual não póde curar a
edicina, nem a natureza, nem aïnda a ra-
o, senão acompanhada da fé. Use Vossa
xcellencia d'aquelle aphorismo do Anjo
aphael a Tobias, que é só o que n'este sen-
nento me tem dado algum allivio: « *Quia
ceptus eras Deo, necesse fuit, ut ten-
tio probaret te.* » E espero eu na bondade
mesmo Senhor, que se tirou a Vossa Ex-
llencia umas esperanças, com sua provi-
ncia, tem mũitos e mũito avantajados ca-
inhos por onde restituïr a felicidade. O pri-
eiro effeito d'ella, e pelo qual eu não césso
o importunar com meus sacrificios e ora-
es, com a maiór efficacia que posso, é a
rfeita e inteira saüde de Vossa Excellencia,
que espero me mande Vossa Excellencia
melhoradas novas, como desejo. Guarde
eos, meu Senhor, a Vossa Excellencia mũi-
s annos, como desejo, e havemos mistér.

Coïmbra, 28 de Septembro de 1665.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Já no correio passado dei a Vossa Senhoria o parabem, e ajudei a festejar (posto que não como eu quizéra) êste ultimo milagre do céo, esta felicidade tão estranha de todo o Reino, e tão particular, e tão propria da pessoa e casa de Vossa Senhoria. Com as cartas e listas do Senhor Marquez, que mil annos viva, de que Vossa Senhoria me fez mercê, crescêrão as noticias e applausos, os quaes cada dia se augmentão com as novas circumstancias, que vão chegando, em que a grandeza da victoria, e as misericordias de Deos se conhecem mais e mais. Agora se espera com grande alvoroço a relação de todo o successo, em que costumâmos ser menos venturosos, que na campanha. Queira Deos encaminhar a penna do nosso Mercurio de ma-

[1] É a LXIX do tomo I.

a, que a gloria de tamanho caso não fi-
escurecida, e acabe de conhecer a Eu-
a, e o mundo o que é Portugal, em quanto
chega brevemente o tempo do que ha de

) voto de Vossa Senhoria ácerca dos pro-
ssos do exercito me não parece só o me-
r, mas o unico, porque em qualquer ou-
apparecem grandes inconvenientes, e em
ihum tão grande aballo ha feito, como
ı entrada póde causar nos animos de to-
os Castelhanos, e mũito mais nos que
ı votado na paz, principalmente accom-
dando-se El Rei a ella com o successo
ta campanha, que não podia ser melhor
a de todo o desenganar. Os clamores se-
› geraes, e todos caïrião sobre Castrilho,
cuja obstinação sómente parece se poderá
:entar hoje a opinião contraria; e se é
:o, como escrevem todos, que o inimigo
ıa e tem armada, tambem esta invasão
interior serviria não pouco de divertir,
ıspender qualquer intento d'ella, porque
me persuado que se tem feito o empe-
›, e hajão de querer perder totalmente
lendo-o empregar, quando menos na costa
Algarve, em que não será difficultoso
arem alguma cousa, posto que de menor

consequencia, com que queirão mostrar ao mundo que se desquitárão do descredito passado. Nenhuma cousa mais desejo saber, que o modo com que se tem portado n'elle o Carracena, depois de haver blazonado tanto. Seja Deos bemdito que assim confunde a soberba de nossos inimigos, e nos exalta a nós, sendo ingratos, e não humildes. Tudo são excessos de sua misericordia, e novas obrigações de começar a o servir, ou de acabar já de offender tanto. Não se me tira da memoria as mũitas vezes que Vossa Senhoria em todas suas cartas, repetia este nosso desmerecimento, a cujo reconhecimento attribúo eu em grande parte a mercê que nos fez. O mesmo Senhor guarde a Vossa Senhoria mũitos annos, como desejo, e havemos mistér.

Villa Franca, 29 de Junho de 1663.

Capellão, e menor criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Dou a Vossa Excellencia as graças pelas relações ultramarinas, de que veio acompanhada esta ultima de Vossa Excellencia; se bem a melhor de todas, e para mim de maior estimação, é lograr Vossa Excellencia a saüde que lhe desejo, sem o cuidado em que nos poz o inverno passado.

Verdadeiramente não sou dos mais orgulhosos no desejo dos fins, posto que se representem muitos uteis; e só sinto que na nossa terra se não tracte tão promptamente dos meios, como pede a necessidade: nem sou tão amigo de companhia, que em muitas materias não tenha por mais verdadeira maxima: *Antes só, que bem acompanhado.* Isto é o que sempre me dóe, e grito quanto posso contra os que nos querem ligados con-

[1] É a CXX do tomo I.

tra a India, onde é melhor ter um inimigo, que três, todos desiguaes na fé, e maiores no poder.

Se eu não conhecêra os arcanos de Portugal, e até onde chegão as chaves do seu segredo, consolára-me com as considerações d'este; mas todos os nossos pensamentos sabem-se primeiro no mundo que nos concelhos d'Estado; e aïnda que estes saírão mũito acertados como eu presumo, e fossem mũito secrétos, as razões não são as que sustentão os Estados, senão as execuções; e estas nem as ha, nem as póde haver sem meios. De bôa vontade trocára eu todos os nossos segredos e concelhos com que se soubesse em França, Inglaterra, e Castella, que tinhamos no Tejo uma mũito poderosa armada, e mũito dinheiro com que armar outras, e grandes exercitos, quando nos fossem necessarios; porque só isto causa respéito aos inimigos, e mantèm o amor, ou correspondencia dos amigos. Fôra-o eu de todos; e cuidára de todos que podem não o ser; e fiára-me só do meu, com tal desconfiança, que sempre o fôra accrescentando, e fazendo mais seguro. Se isto é murmuração, isto é o que murmura o meu amor, tendo por companheiros todos aquelles que com amor, ou sem elle, olhão para as nossas cousas.

Morreo o cardeal d'Este, com que estão vagos três capellos, que serão provavelmente de Colona, Rospilhosi, e Crescencio. A guerra d'Italia crê-se que sem dùvida se porá em paz brevemente. A de Hollanda depende dos dous exercitos, que distavão só uma jornada. Segredo, dizem os ultimos avisos. Corre por certo que o Turco tem tomado Maminies, chave de Polonia, e que a Ungria com alguns soccorros do mesmo Turco se começava a sublevar, tendo já tomado alguma cidade, e obrigado a se-retirarem alguns presidios do Imperio, que por occasião do exercito se havião diminuïdo. Deos guarde a Excellentissima Pessoa de Vossa Excellencia mũitos annos, como os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 8 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIV.

A EL REI [1].

Senhor,

No fim da carta de que Vossa Magestade me fez mercê, me manda Vossa Magestade diga meu parecer sobre a conveniencia de haver n'este Estado, ou dous Capitães Móres, ou um só Governador. Eu, Senhor, razões politicas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão, que dous, e que mais difficultosos serão de achar dous homens de bem, que um. Sendo propostos a Catão dous Cidadãos Romanos para o provimento de duas praças, respondeo que ambos lhe descontentavão, um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dous Capitães Móres, em que se repartio este governo. N. de N. não tem nada, N. do N. não lhe basta nada;

[1] É a X do tomo I.

e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto ha na Capitanía do Pará, tirando as terras, não vale 10,000 cruzados, como é notorio, e d'esta terra ha de tirar N. do N. mais de 100,000 cruzados em três annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes Indios, aos quaes tracta como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem: o que, além da injustiça que se faz aos Indios, é occasião de padecerem mũitas necessidades os Portuguezes, e de perecerem os pobres.

Em uma Capitanía d'estas confessei uma pobre mulher, das que viérão das ilhas, a qual me disse com mũitas lagrimas, que de nove filhos, que tivéra, lhe morrêrão em três mezes cinco filhos de pura fome e desamparo; e consolando-a eu pela morte de tantos filhos respondeo-me: « Padre, não são esses os por que eu chóro, senão pelos quatro que tenho vivos, sem ter com que os sustentar, e péço a Deos todos os dias que m'os leve tambem. » São lastimosas as miserias que passa esta pobre gente das ilhas, porque como não tem com que agradecer, se algum Indio se reparte, não lhe chega a el-

les, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que Vossa Magestade, por piedade, devêra mandar acudir com effeito; mas tambem a isto se acode nos capitulos d'um papel que com esta vai.

Tornando aos Indios do Pará, dos quaes, como dizia, se serve quem ali governa, como se forão seus escravos, e os traz quasi todos occupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos; obriga-me a consciencia a manifestar a Vossa Magestade os grandes peccados, que por occasião d'este serviço se commettem.

Primeiramente nenhum d'estes Indios vai senão violentado e pór força, e o trabalho é excessivo, e em que todos os annos morrem mũitos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco; o rigor com que são tratados, é mais que d'escravos; os nomes que lhes chamão, e que elles mũito sentem, feïssimos; o comer é quasi nenhum; a paga tão limitada, que não satisfaz a menor parte do tempo, nem do trabalho; e como os tabacos se lavrão sempre em terras fortes e novas, e mũito distantes das aldeias, estão os Indios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e ellas em máo estado, e os filhos sem quem os sustente, porque não têm os pais

tempo para fazer suas roças, com que as Aldeias estão sempre em grandissima fome e miseria. Tambem assim ausentes e divididos não podem os Indios ser doutrinados, e vivem sem conhecimento da Fé, nem ouvem Missa, nem a têm para ouvir, nem se confessão pela Quaresma, nem recebem nenhum outro sacramento, aïnda na morte; e assim morrem e se vão ao inferno sem haver quem tenha cuidado de seus corpos, nem de suas almas; sendo juntamente causa estas crueldades de que mũitos Indios já Christãos se ausentão de suas povoações, e se vão para a gentilidade, e de que os Gentios do sertão não queirão vir para nós, temendo-se do trabalho a que os obrigão, a que elles de nenhum modo são costumados, e assim se vêm a perder as conversões, e os já convertidos: e os que governão são os primeiros que se perdem, e os segundos serão os que os consentem, e isto é o que cá se faz hoje, e o que se fez atégora.

Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento, que se ha de buscar nos que vierem governar este Estado. Se houvesse dous homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconvenientes em estar o

Governo dividido. Mas se não houver
que um, venha um que governe tu
tracte do serviço de Deos e de Vossa M
tade, e se não houver nenhum, como
gora parece que não houve, não venh
nhum, que melhor se governará o E
sem elle, que com elle; se para a ju
houver um lettrado recto, para o po
basta a Camara, e para a guerra um sarg
mór, e esse dos da terra, e não d'Elvas,
de Flandes; porque este Estado, tendo t
léguas de costa e de ilhas e de rios abe
não se ha de defender, nem póde, com
talezas, nem com exercitos, senão co
saltos, com canôas, e principalmente
Indios, e mũitos Indios; e esta guerra
sabem fazer os moradores que conquis
isto, e não os que vêm de Portugal. E
se vio por experiencia, que um Govern
que veio de Portugal, N. do N. perd
Maranhão, e um Capitão-mór, Antonio
xeira, que cá se elegeo, o restaurou, e
sem soccorro do Reino. Aqui ha home
bôa qualidade, que podem governar
mais noticia, e tambem com mais tem
aïnda que tractem do seu interesse, se
será com mũito maior moderação, e t
que grangearem ficará na terra, com qu

se irá augmentando : e se desfrutarem as herdades, será como dônos, e não como rendeiros, que é o que fazem os que vêm de Portugal. Mas uma vez que os Indios estiverem independentes dos Governadores, arrancada esta raiz, que é o peccado capital e original d'este Estado, cessarão tambem todos os outros que d'elle se seguem, e Deos terá mais motivo de nos fazer mercê.

Este é, Senhor, o sentir de quasi todos, mas o meu sentir, e o meu chorar, e o meu lamentar, é que tendo vindo a este Estado, e trazido a elle tantos Religiosos mùito servos de Deos, só com intento de o servirmos mais e com mais quietação, e não tractarmos d'outra cousa que da salvação de nossas almas, e das d'esta pobre gente, sem nos divertirmos a nenhum outro cuidado, como atégora pela bondade de Deos temos feito, e que, a pezar de tudo isto, seja tão poderoso o Demonio n'este Estado, e Vossa Magestade tão mal servido n'elle, que os que mais nos deverão favorecer e ajudar, e aïnda compadecer-se de nossos trabalhos, por não dizer edificar-se da constancia e alegria com que os vêem padecer e desprezar, estes sejão os que nos têm posto no maior trabalho de todos, perturbando nossas Missões, impedin-

do o remedio e salvação de tantas almas, e sobre tudo a quietação das nossas, principalmente da minha que é fraca, sendo-me necessario andar com pleitos, e requerimentos, e informações, e aïnda descer ao particular d'escrever vidas e procedimentos alheios, de que só Deos é verdadeiro Juïz, e o que eu não posso fazer sem grande pena, e aïnda escrupulo, posto que tudo o que digo, Senhor, é sem paixão, nem odio algum contra as pessoas de quem fallo, e sómente porque Vossa Magestade não póde deferir ao remedio que pedimos sem ser inteiramente informado, e esta informação se não póde fazer sem nomear as pessoas que nos encontrão, e as causas e interesses que a isto as movem, para que se atalhem.

Assim que, Rei e Senhor, Vossa Magestade mande considerar se é bem que estes Indios sirvão a Deos, a Vossa Magestade, a Republica, aos pobres, e a conservação de mũitos outros Indios; ou que, desprezados todos estes respeitos, sirvão com tantas offensas de Deos aos interesses d'um só homem, que é o que sempre fizérão e fazem. E porque a distancia do lugar não soffre dilações, nem interlocutorias, Vossa Magestade se sirva de mandar tomar no particular de nossas Missões uma resolução ultima, com a qual

nos livre Vossa Magestade por uma vez de requerimentos, e de demandas com os Ministros de Vossa Magestade; porque se não estivermos totalmente izentos d'elles, nunca poderêmos conseguir o fim para que viémos, da conversão e salvação das almas, e será melhor retirarmo-nos a tractar só da quietação das nossas.

A mũito Alta; e mũito poderosa pessoa de Vossa Magestade guarde Deos, como a Christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 4 d'Abril de 1665.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXV.

AO SECRETARIO D'ESTADO [1]

Obedeço a Vossa Senhoria, e ponho em papel o que de palavra lhe respondi ácerca da guerra que convèm fazer a Castella; e dos Cabos a que se deve fiar. Acceite Vossa Se-

[1] É a I do tomo II.

nhoria estas mal'concertadas razões como de quem as não professa, e sirva-lhes de desculpa, dictál-as o zelo da Patria, e escrevêl-as o respeito que a Vossa Senhoria devo.

Quanto ao modo da guerra, discorrendo pelas razões communs, como quem não tem noticia das particulares, parece mais conveniente tractar de dispor o Reino a uma *guerra* defensiva, do que entrar com exercito em Castella, e fazer guerra offensiva; porque primeiro se deve attender a segurar *a conservação* do proprio, e depois, se for conveniente, se poderá conquistar o alheio.

Em quanto o Reino não está fortificado de maneira, que possa resistir a qualquer invasão do inimigo, toda a outra empreza é arriscada, por não dizer temeraria; e nas materias, em que não vai menos que a Monarchia, sempre se deve seguir a parte mais segura. Na guerra deffensiva tantas vezes póde o inimigo ser vencido, e desbaratado, quantos forem os lugares que se pozérem em defensa. Na offensiva póde-se perder tudo em um dia; na deffensiva aïnda que se pérca, será pouco em mũitos annos, porque nenhuma Cidade tem Portugal que, se estiver fortificada e prevenida, não custe ao inimigo um exercito, e uma campanha, ficando im-

ossibilitado para fazer outra em mũitos dias.

Em qualquer Reino é verdadeira esta razão d'Estado, e mũito mais nos Reinos menores a respeito dos maiores, e mais poderosos; porque na vantagem da fortificação se supre a desigualdade do poder, e é tão facil defenderem-se os menos dos mais dentro em sua casa, quão arriscado e possivel serem os mais vencidos dos menos quando os buscão na alheia. Só em caso em que as nossas forças fossem tão superiores ás de Castella, que a podessem acabar de destruïr d'uma vez, seria conveniente começar pela guerra offensiva; mas nem isto se houvéra de intentar nunca, quando tivesse qualquer contingencia, quanto mais nas impossibilidades que são presentes e manifestas.

Os Hollandezes, cujo governo n'esta éra os tem feito dignos d'imitação, quando se rebellárão contra Hespanha, primeiro tractárão de se reduzir a suas Praças, e fortificar-se n'ellas, e soffrendo por alguns annos a guerra defensiva, viérão a quebrantar as forças de toda a Hespanha, de maneira que não só podem hoje resistir em campanha a seus exercitos, senão conquistar suas Provincias, senhorear seus mares, e aspirar ao dominio do mundo. Se começárão pelo fim,

antes de o conseguirem, estivérão perdidos; e se a experiencia tem mostrado que foi conveniente aos Hollandezes fortificarem-se em suas Praças, e usarem da guerra defensiva, estando tão distantes de Hespanha, quanto mais convirá o mesmo conselho a um Reino que, rodeado por todas as partes de Castella, a maior parte que o divide é o Minho, e o Guadiana?

Finalmente: reduzindo mũitas razões a uma. Na resolução d'entrar em Castella, os gastos são grandes e certos, porque para se formar um exercito, de que se espere reputação e effeito, quando menos ha de ser maior que o do anno passado, para o qual não bastárão as consignações de toda a substancia do Reino; e sustentando-se este exercito o tempo que for necessario para o sitio de Badajoz e sua expugnação, ou d'outra Praça forte, é força que com o tempo cresça o empenho, e alfim se ha de gastar na conquista d'uma Cidade do inimigo o cabedal, gente, e dinheiro, com que se podem fortificar e defender mũitas nossas.

E' tambem successo duvidoso, porque demais das incertezas que traz toda a guerra, esta é dentro em Castella, onde se ha de prezumir que fará o inimigo o ultimo esforço

le sua potencia para soccorrer qualquer Praça consideravel, que lhe sitiarmos, e Praça soccorrida nunca foi tomada; e posto que no presente estado de Castella se não considere tão grosso soccorro, que baste a romper o nosso sitio, nem por isso deixa de haver outros meios menos custosos de a divertir, ou mettendo-nos a guerra em casa por outra parte, que não será difficultoso em um Reino por mar e por terra tão aberto, ou impedir-nos os combois, e bastimentos do exercito, que sendo superiores, como são, na cavallaria, o podem fazer facilmente, não fallando na esterilidade do paiz, falta d'agua, calmas, doenças, fugidas de soldados, desuniões, intelligencias, e outros accidentes, por que as Praças se perdem; cada um dos quaes deve ser de muito pêso para quem reduz todo, ou quasi todo seu poder ao corpo d'um exercito.

E quando felizmente se consigão nossos intentos, e rendâmos uma ou mais Praças fortes do inimigo, ainda em tal caso se considéra maior damno nosso, que utilidade; porque o poder quanto mais distincto, tanto é menos, e quanto mais nos dilatâmos, mais nos enfraquecêmos, empenhando-nos as Praças rendidas a maiores, e mais custosos pre-

sidios, que nem por isso, como alguns mal imaginão, podem ficar as nossas desguarnecidas; porque os presidios de Badajoz não segurão a Elvas d'uma entrepreza. *Praça* fortificada sem guarnição é cousa inaudita. Nem menos fica a conquista de Portugal mais difficultosa por esta via, porque quando Castella tivesse para nos render vinte Cidades, tambem o faria a vinte e duas; que os Reinos não os faz inexpugnaveis o numero, senão a fortaleza dos lugares.

Tambem se deve considerar muito o numero da Cavallaria, em que o inimigo nos é superior, e a pouca disciplina e obediencia militar, que sabem guardar os nossos soldados, tão pouco costumados á ordem dos esquadrões, e exercitos, razão que, quando não houvéra tantas, devia ser de grande momento para eleger antes o partido da guerra defensiva; porque, assim como ninguem igualou nunca a constancia dos Portuguezes em sustentar um cerco, assim não podêmos negar que lhes fazem conhecida vantagem outras Nações na destreza e exercicio de manejar um exercito, e pelêjar formados; e nos exercitos, e modo de pelêjas, de que usa a milicia moderna, apenas temos exemplo entre os Portuguezes, salvo o dos

mpos d'Alcácere, que é melhor para a
utéla, que para a imitação. Emfim: se a
storia é a alma da politica, e os successos
assados são a mais certa prophecia dos fu-
iros, nunca lemos nas nossas historias que
s Portuguezes entrando em Castella fizessem
ousa consideravel, nem que os Castelhanos
ntrassem em Portugal, que não fossem ven-
idos e desbaratados, para que se veja qual
nos será mais conveniente, se esperar o ini-
migo em nossas fortificações, ou îl-o buscar
ás suas; e onde a experiencia tão clara nos
ensina, parece que é escusada diligencia bus-
car outras razões.

E sendo tão solidas, e tão efficazes todas
as referidas, não deve de pesar mais que ellas
o que se póde allegar em contrario da repu-
tação das nossas armas, e poder; o qual não
ficará menos bem opinado para com as Na-
ções estrangeiras por não entrarmos em Cas-
tella, se souberem juntamente que crescem
nossas Fortificações, e engrossão nossas ar-
madas, assistimos a nossas Conquistas, e de-
positâmos thesouros para o tempo da maior
necessidade, como logo se persuadirá. Antes
por esta acção tão prudente, e considerada,
ganharemos mũito maior credito, e opinião
com todas as Nações estranhas, pois este é

o dictame, com que todos os politicos d'ellas dizem nos podêmos só conservar, prognosticando-nos certa a ruïna se, por outros meios de maior risco e menos seguro effeito, malbaratâmos o poder que, pela desigualdade de nossos competidores, deve ser despendido com mũito tento.

E quando Sua Magestade por cumprir a palavra, que haja dado á França ou a outro Principe, quizesse entrar em Castella, não parece que nos obriga a tanta pontualidade a pouca que se guardou o anno passado comnosco; pois vemos que os Francezes em vez d'entrarem com grande poder em Aragão, como nos tinhão promettido, não só não avançárão um palmo de terra, antes perdêrão a Praça de Monçon por falta d'assistencia e soccorros; e para França dever mũito á conservação de nossa amizade, basta a diversão que nas nossas fronteiras fazemos a tantos mil soldados, e ser a principal causa de suas victorias a desunião, em que se conserva Portugal, pois em quanto Hespanha esteve inteira, e o poder de Portugal não faltou a Castella, bem vio o mundo quão pouco podérão contra ella todos os intentos de França: razões que não devem dissimular os Embaixadores d'este Reino, para que

nossos Confederados, e todos os inimigos de Castella entendão quanta guerra é a que se lhe faz por nossa parte.

O que posto, seria de parecer que o dinheiro que se ha de gastar, e consumir em exercitos, se applique á fortificação das principaes Praças do Reino, á fabrica de Galeões, e Navios da Armada, e a comprar cavallos de fóra do Reino, se n'elle não houver tanto numero que em um caso de necessidade possâmos ter e conservar até quatro ou cinco mil effectivos.

E' necessaria a prevenção de cavallos, porque em caso que o inimigo nos accommetta com poder, o que não é tão possivel como se imagina, e quando o fôra nunca se houvéra de imaginar, ou para encontrar o seu exercito, ou para o retirar do sitio d'alguma Praça, ou impedir qualquer outro intento, sempre nos é necessario este numero de cavallaria, a qual se não póde prevenir no Reino estando tão falto de cavallos. Assim o primeiro cuidado de todos devia ser prevenir com toda a brevidade esta falta, que sendo de materia tão importante, dentro do Reino se não póde supprir em muitos annos, e de fóra em poucos mezes.

A armada tambem é de summa importancia

á conservação do Reino, não só para
par a costa de corsarios, e recolher os
da India e Brazil, e franqueàr o comm
que erão só os usos que antigamente t
tendo-se por bem empregadas n'elles
despezas; senão porque os nossos G
são os muros com que se hão de defen
nossos portos, mũitos dos quaes estã
pouco fortes, como sabemos, e só os
segurar o respeito d'uma poderosa Ar
se a tivermos. Se Portugal tiver uma
rosa Armada n'este rio de Lisboa, nu
inimigo se atreverá a nos commetter po
que é o caminho por onde nos póde
mais damno, porque vindo com igu
inferior poder de navios, temerá ser
ratado e destruïdo dos nossos, e q
venha com Armada superior, depois d
çada a gente em terra, com menos nu
de Navios bem provídos d'Infantaria
rêmos accommetter os seus, que nece
mente hão de ficar menos guarnecid
quaes tomados, ou retirados do porto
o poder que tiverem em terra, fica per

Finalmente: é necessario fortifi
Praças principaes do Reino alèm de to
razões já ditas, por uma irrefragave
que ninguem haverá que diga ser pos

ıveniente sustentar-se Portugal contra
stella, senão com guerra defensiva, dentro
ı suas fortificações, em caso que Castella,
sembaraçada da opposição de França, vol-
se contra Portugal com todo o seu poder,
se não estivermos sempre prevenidos para
te caso, é certo que não temos o Reino se-
ro; porque aïnda que a confiança prejudi-
ıl de mũitos prezuma o contrario, os suc-
ssos da guerra sempre são varios, os Fran-
zes naturalmente inconstantes, e sobre in-
ınstantes desejosos da paz, e quando esta
chegue a effeituar, ou não se concluïndo
paz desejada, pelo menos se venha a ajus-
r alguma comprida trégoa, por mais que
ırtugal entre nos mesmos concertos, final-
ente ha de ver sobre si as armas de toda
ıstella, com a qual nenhum Principe da
uropa ha de romper por causa nossa. Guarde
eos à Vossa Senhoria.

Collegio, em 4 de de 1644.

ANTONIO VIEIRA.

AO SENHOR D. THEODOSIO [1].

Senhor,

O portador me não dá lugar a fallar com Vossa Senhoria, nem as materi muito para papel, posto que são toda penas. A minha maior é não me acabar Senhoria de dizer, que o Duque que guarde é chamado, e mui chamado a Li mas espero que o seja brevissimamente que não é possivel que El Rei esteja tão recido vendo sobre si maiores portentos e da terra, que os do Egypto. Ah, me nhor! quanto temo que se nos aparell tremendo açoute, e que havemos de

Assim é bem que sejamos emendados, já que não queremos emendar-nos. Eu aïnda não li as cartas de Lisboa, mas todas fallão em felicidades, e esperão triumphos, que é o maior signal de fatalidades. Para mim o mais acertado juïso do Cometa, é o voto de N. N. Se os Cometas, como tem provado a experiencia de todos, annuncião ruïnas de reinos, nenhum reino ha hoje na Europa, que tenha disposições para uma grande ruïna, senão Portugal. Todos estão em paz, e nós só em guerra; e posto que Castella a tem comnosco, ella quer-nos conquistar, e não nós a ella: ella póde perder um exercito, e nós perdêmo-nos. A resposta de Sabugal, aïnda que seja mui bem discursada, não me allivia; porque esta questão ha de averiguar-se em campanha, e não no gabinete: e nas folhas das espadas, e não nas do papel. Digamos nós o que quizermos, certo é que N. N. ferio o ponto, e todos os pontos; e a melhor resposta é a prevenção, e a melhor prevenção a reconciliação do Rei com os Grandes, e dos Grandes entre si, e de todos com todos; porque todos é bem conspiremos em um só corpo, e em um só espirito, e que todos nos dêmos as mãos, e os corações; e não será pouco se bastarmos todos. Tórno a

dizer, que há de fazer o tempo e a necessidade, o que fôra melhor que fizesse a razão; mas temo que o faça mais tarde do que convinha, porque nos movemos mais pelo sentimento, do que nos governâmos pelo racional. De mim só tenho noticia, que mostra o Valído estar-me bem affecto. A mudança para Santarèm me não parece provavel, nem conveniente; só a de Lisboa acceitára para poder fallâr de mais perto, e servir a Vossa Senhoria com alguma efficacia; eu fizéra no tal caso o que o Mediador se não atreve á fazer: e tivéra elle occasião de applicar os seus meios. Deos ordenará o que for melhor, que em tempos tão arriscados, não é facil acceitar a eleger, nem aïnda a desejar.

Mais casamentos viérão na Nau de Francisco de Mello, que o d'El-Rei. *Tambem* viérão casadas as duas Provincias de Alentejo e Beira, cuja união se publicou em Lisboa, dia de S. Joseph, e aqui n'esta mesma hóra com grande applauso de todos, não ha na Companhia outra vontade, nem outro juïzo mais que a obediencia, com que tudo o que se manda, logo que chega a mandar-se, parece o melhor. O Padre Antonio Barradas é o Provincial de tudo. Aïnda que eu haja de fazer mudança, que não espero, não será sem

zer aviso, e me avistar de vagar com Vossa enhoria, etc.

Coïmbra, 26 de Março de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXVII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Com excessivo contentamento recebi esta ultima carta de que Vossa Senhoria me fez mercê, escripta em 11 de Novembro, e tendo n'ella tantos motivos de pouco gôsto, que chegão amplificados por outras vias, só os póde alliviar, saber que passa Vossa Senhoria e o Marquez, meu Senhor, com saüde; de que dou infinitas graças a Deos, confiado de sua Providencia, que em quanto nos con-

[1] É a LXXV do tomo II.

servar estas duas columnas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que Vossa Senhoria me manda que eu diga, não sei por onde comece, e se explicará melhor a minha dor com lagrimas e gemidos, que com palavras. Beijo mil vezes a mão a Vossa Senhoria por perdoar as furias de meu zelo, e honrar e animar a verdade do coração, d'onde nascem. Portugal, Senhor, está no mais miseravel estado, em que nunca o conheci, nem considerei; e a maior miseria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal entendida paz. Já me contentára, que fôramos a segunda Galliza com segurança; mas esta não sei, nem vejo sobre que fundamentos no-la possâmos prometter. É necessario governarmo-*nos com* a espada sempre na cinta, e com a balança na mão, pesando os podêres de todos os Principes, e fiando-nos só do proprio. Não estamos em tempo d'El Rei D. Manoel, ou D. João III, em que só os nossos astrolabios sabião navegar, e só os nossos galeões tinhão nome. Hollanda, Inglaterra, e França se têm feito potentissimas no mar, e por isso uns podem contrastar, e outros resistir á fortuna nos maiores apertos d'ella; e porque Hespanha (cujos erros nós seguimos, devendo apren-

der d'elles) o não fêz, assim se começou a perder, e perderá de todo, se não abrir os olhos, como já parece quer fazer.

A mesma Hespanha é inimiga nossa irreconciliavel, e todos os Castelhanos em nenhuma outra cousa tem posto a mira, que em tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas boccas de todos, e lh'o vejo mũito melhor nos corações, e cada dia sáem impressos nas Gazettas d'Italia e Alemanha não só indicios d'estes intentos, mas os fins e meios declarados d'elles; entre os quaes andou mũi vulgar estes dias o casamento do Duque de Yorch com a Casa d'Austria, para que Hespanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo-se entre os dous o Reino e as Conquistas, fallando-se na legitimidade da nossa Princeza, e no direito do Principe, com termos tão indecentes a nós, como assentados no juïzo de mũitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo; e quando fallo em Inglaterra, não exceptúo a ninguem; mas Inglaterra, França, e Hollanda todos têm os olhos postos em conquistas, e não têm outras para onde olhar, senão as nossas, que só com armadas promptas no rio de Lisboa se podem defender; e aïnda que ahi se apodrêção, ao parecer inu-

tilmente, só ellas são os muros das Conquistas. E não nos envergonhâmos de se saber no mundo, que consta a nossa Armada de três fragatas?!

A razão de as Nações sobreditas se empregarem com tanto cabedal no poder maritimo, é principalmente a utilidade dos commercios; tendo conhecido todas as Corôas e Republicas por experiencia, que só commerciando se pódem fazer opulentas; e que os fructos das terras proprias apenas bástão ao sustento dos naturaes. O Imperador, e todos os Principes da Italia interior são pobrissimos; e as riquezas de Veneza, Génova, e Florença todas lhes vêem de seus portos e commercios, sobre os quaes cuidão e vigião com tal gelosia, especulão com tal attenção, agudeza, e menudencia, que poderão parecer nimiedade, e ainda vileza, se não forão as consequencias de tanta importancia.

Mas, Senhor, o nosso caso é este. Não quero que sejamos ricos, quero sómente que conheçâmos a nossa fraqueza, e o nosso evidente perigo, e que tractemos de pervenir o precisamente necessario para conservar a liberdade, o Reino e as Conquistas; e supposto que estamos conhecendo e padecendo, com tantos descreditos, a impossibilidade dos qua-

ro palmos de terra que Deos nos deo na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares, e dos nossos commercios, em que Deos nos melhorou e avantajou ás Nações do Mundo? Todas-nos envejão esta felicidade, e deixão as suas patrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós não sabemos aproveitar d'ella, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e creados na nossa, que a poderão fazer a mais florente e poderosa de todas.

Sobre a liga d'Inglaterra e França, tenho as mesmas duvidas que Vossa Senhoria, e cada hora maiores, porque o estado das cousas de Hollanda se vai mudando, e os corsarios crescendo; e sempre tivera por mais util a paz, e alguma boa conveniencia com elles, que uma guerra tão arriscada, como a que nos podem fazer em todas as partes do mar, e do mundo. Partilhas com dous companheiros tão poderosos, nunca nos podem estar bem, e assim o escrevi a Duarte Ribeiro, não me podendo jamais inclinar a que partamos, com tanto risco, aquelle todo que foi, e póde ser nosso, se nos quizermos fiar mais do poder proprio, que dos interesses alheios. Na mesma conformidade fallo, e

escrevo aos demais Ministros, com-quem tenho communicação; mas como o meu zelo está tão pouco auctorizado, não é mũito que se desprese.

Espero com a maior brevidade, que a Vossa Senhoria, for possivel, a resposta da carta, que, ha mũitos correios, escrevi a Vossa Senhoria sobre meus particulares, os quaes Vossa Senhoria poderá communicar, se for necessario, com o Padre João Juzarte, que já deve ser chegado a esse Reino. N'elle está tambem agora um meu sobrinho, a quem escrevo se valha do patrocinio de Vossa Senhoria em seus requerimentos, e a Vossa Senhoria peço sobre tudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas, e do Marquez, meu Senhor, que é a unica consolação que tenho n'este desterro. *E Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos, como os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.*

Ultimo de Dezembro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXVIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Quando li esta de Vossa Senhoria de 4 de Janeiro, me resolvi que Vossa Senhoria e eu eramos os verdadeiros chimicos de Portugal, porque ambos me parece temos descuberto a pedra philosophal, e chimicos porque ambos medrâmos pouco.

Para prova da primeira parte d'esta proposição, ha mũitos annos que sei se dá no Brazil a pimenta e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento, e El Rei D. Manoel, por conservar a conquista do Oriente, mandou arrancar todas as plantas indiaticas, com lei capital que ninguem as cultivasse; e assim se

executou, ficando sómente o gengivre, que, como é raïz, dizem no Brazil, se metteo pela terra dentro, mas aïnda se conserva a prohibição, e se toma por perdido.

Com esta noticia aconselhei a El Rei, que está no céo, mandasse do Brazil á India, ou que da India fosse ao Brazil um navio carregado das ditas plantas já nascidas, e acompanhadas de pessoas praticas da dita cultura, e que em diversos lugares e tempos do anno as fossem transplantando, ou semeando, para que a experiencia mostrasse em qual clima d'aquelle vastissimo Estado se davão melhor. D'onde se seguiria que uma vez que tivessemos abundancia das ditas drogas, conduzidas ellas a Portugal com viagem e despeza tanto menor que as que navegão os *Hollandezes*, vendendo-as nós a mũito menor preço, ficavão elles perdidos, e a India restaurada sem guerra. O mesmo representei ao Principe, que Deos guarde, e não sei se a algum de seus Ministros; mas o effeito foi como o que Vossa Senhoria e eu temos experimentado em outras mũitas advertencias, que mal póde perceber, como convèm, quem nunca saïo d'aquelle canto do mundo, nem cũida que ha outro.

Isto é, Senhor mèu, a pedra philosophal

m que cuido nos temos encontrado, sendo
nũito mais para estimar (quando eu me não
ngane) haver Vossa Senhoria inferido esta
onsêquencia de premissas tão remotas como
s ditos d'El Rei d'Inglaterra e Grotius, ou
avêl-a eu proposto depois das noticias do
Brazil, que entre os antigos se referião com
entimento, e hoje estarão lá quasi esqueci-
las. Tambem suspeito, que o livro, em que
Vossa Senhoria leo a caso esta experiencia,
podia ser o da Historia natural de Pernam-
buco, escripta por um, cuido que Medico
Hollandez, com as estampas dos animaes,
peixes, e plantas; no qual me lembro que
não mũito longe do principio se refere isto
mesmo: por signal que me pesou mũito de
ver tão publico um secreto, que podia ac-
crescentar a cobiça d'aquellas terras, que nós
tão pouco sabemos estimar.

Até qui o meu pensamento, que póde
ser seja mũito diverso do de Vossa Senhoria,
mas bem cuido que se ambos estivéramos em
parte onde conferir este e outros mũitos,
ambos poderiamos descubrir mũito á flor da
terra melhores e mais certas minas que as do
Rio de Janeiro. E' porèm tal a fatalidade do
nosso Governo, que a Vossa Senhoria tem
em Pariz, e a mim em Roma, não só des-

terrados e abandonados, mas divididos, quando na Patria, e juntos a poderiamos servir, ao menos com as noticias que as nossas peregrinações nos tem ensinado.

De Lisboa me avisão, pergunta Sua Alteza mũitas vezes se sou já partido, ou quando parto; mas não se responde á réplica do Padre Geral com a instancia, e resolução que convém, estando mais perto outra Magestade, a quem elle quer agradar, e levará mal esta mudança; com tudo a minha doença vai mostrando tal contumacia que, por força ou por vontade, haverei de ser remettido aos ares patrios, estando determinado, por todos os Médicos, que em Roma não posso viver, e mũito menos esperar n'ella outro inverno: e por esta causa parto ámanhã a Neptuno, que é um lugar maritimo distante d'aqui trinta milhas, mas nem por esta ausencia deixe Vossa Senhoria de me escrever, porque deixo ordem para se me enviarem as cartas.

Na mudança de Vossa Senhoria para Madrid considero os mesmos inconvenientes, que não sei como se hão conhecem na nossa terra; mũito mais conveniente e summamente importante era vir Vossa Senhoria á Roma para dar fim a este negocio, que só o

póde ter bom na direcção de Vossa Senhoria; assim o tenho representado ha mais de três annos, quasi em todas as cartas, e n'este ultimo correio o faço com mais instancia e ultimo desengano de que este homem, sem embargo das ordens que tem, o ha de deitar a perder. Vossa Senhoria por amor do que devêmos á Patria, se não escuse d'esta commissão, e replique á de Madrid com a evidencia das razões que ha n'esta de Vossa Senhoria, que eu tambem tenho apontado como de mim, e com todas as mais que o podérem efficazmente impedir, para que ou Vossa Senhoria venha, ou quando menos nos vejâmos em Lisboa, onde *collato studio* podêmos servir a quem é tão mal servido; e nos daremos as mãos fortissimamente (porque de lá depende hoje tudo), e acabado o negocio procurarei que Vossa Senhoria se não dilate aqui, e vá, como convèm, para melhor e mais necessario lugar que o da Fazenda. Não sei o que digo, não posso mais. Só fico com proposito firme e desejo ardentissimo de que, na mudança de Vossa Senhoria ou minha, nos avistemos antes; e conforme a disposição de tudo (de que avisarei a Vossa Senhoria e espero Vossa Senhoria me avise) disporei o caminho por onde mais

convenha. Deos guarde a Vossa Senhoria múitos annos como havemos mistér.

Roma, 28 de Janeiro de 1675.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXIX.

AO CONDE DA ERICEIRA [1].

Excellentissimo Senhor,

Como Religioso, e tambem sem *este* respeito, antes quero padecer com silencio, que defender-me com apologias. Com tudo, porque na Carta que Vossa Excellencia me fez mercê escrever em 3 d'Abril de 1688 entre as outras excellentes virtudes, que n'ella venéro, com aquella que Vossa Excellencia chama sinceridade, me ordena Vossa Excellencia diga o de que poderia estar queixoso na Historia de Portugal Restaurado; respon-

[1] É a CXVIII do tomo II.

dendo com a mesma sinceridade, digo, que não pude deixar d'estranhar na dita Historia a folhas 633 as palavras seguintes.

« E para que os negocios podessem tomar
« melhor fórma depois de varias conferen-
« cias; que houve entre os maiores Minis-
« tros, mandou Sua Magestade a França o
« Padre Antonio Vieira da Companhia de
« Jesus, em quem concorrião todas as partes
« necessarias para ser contado pelo maior
« Prégador do seu tempo; porèm como o
« seu juïzo era superior, e não igual aos ne-
« gocios, mũitas vezes se lhe desvanecêrão,
« por querer tractál-os mais subtilmente do
« que os comprehendião os Principes e Mi-
« nistros, com quem communicou mũitos
« de grande importancia. »

Primeiramente admirei n'esta sentença não ter materia alguma sobre que caïsse; porque se precedêra a narração d'algum negocio proposto por mim, que El Rei, e os seus Ministros não percebessem, ou quando menos se tivesse desvanecido, (aïnda que não bastava ser um, para se dizer *mũitas vezes*, e para que a proposição fosse universal) d'este caso se podia tomar occasião para se estender a mũitos o que se affirma.

Mas é certo, Senhor, que Vossa Excellen-

cia n'ella foi informado por quem não sabia, nem soube, nem podia saber o motivo por que El Rei me mandou n'aquella occasião a França, e d'ahi a Hollanda. O fundamento e fim por que Sua Magestade me mandou a estas duas Cortes, foi porque não estava satisfeito dos avisos pouco coherentes, que lhe fazião os dous Embaixadores de França e de Hollanda; e quiz que eu em uma e outra parte me informasse do estado de nossas cousas, com toda a certeza, sinceridade e desengano, o que os Embaixadores não fazião, querendo com bom zelo antes agradar que intristecer (que era a moéda que então corria, tão falsa como perigosa): d'onde tambem se convence, que a minha jornada não foi tractada em conferencia dos Ministros, como acima se diz, pois Sua Magestade não communicou o seu intento a outra pessoa mais que a mim, e como não levei a meu cargo negocio algum, mais que a dita informação, a qual sómente fiz com as cautélas necessarias, e logo tornei para Portugal a informar de bocca a Sua Magestade, sobre que desvanecimento dos meus negocios podia caïr aquella proposição universal, mettida, como ali se vê, entre os três Navios do Verejão mandados a França e a partida do Duque de Guiza para Napoles?

Supposto pois que nem d'este lugar, nem l'algum outro da mesma Historia, consta que eu propozesse negocio que se desvanecesse; ha-me de dar licença Vossa Excellencia para que, discorrendo por elles, demostre o contrario.

O primeiro negocio que propuz a Sua Magestade, pouco depois de sua felice restituïção, foi que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas Companhias mercantis, uma Oriental, e outra Occidental, para que sem empenho algum da Real Fazenda, por meio da primeira se conservasse o commercio da India, e por meio da segunda do Brazil, trazendo ambas em suas Armadas defendido dos Hollandezes, o que elles nos tomárão, e bastaria a sustentar a guerra contra Castella. A isto se ajuntava que, como as nossas Companhias ficavão mais perto d'uma e outra Conquista, serião menores os seus gastos, e maiores os lucros; os quaes naturalmente chamarião, e trarião a Portugal o dinheiro mercantil de todas as Nações, e muito particularmente dos Portuguezes, que em Hollanda estavão muito interessados nas Companhias, e em Castella tinhão todos os assentos; e porque na dita proposta se dizia, que o dinheiro applicado ás Compa-

nhias de Portugal estivesse izento do fisco (por quanto de outra maneira, nem os mercadores estrangeiros, nem os do mesmo Reino, que o trazem divertido por outras partes, o quererião metter nas nossas Companhias sem a dita segurança).

Esta condição foi causa de que o Santo Officio prohibisse o papel da proposta, posto que sem nome, e que ella por então não fosse acceitada. Porèm depois que os apertos da guerra mostrárão que não havia outro meio igualmente effectivo, não só foi abraçado com a mesma condição, senão com outras mũito mais largas, consultadas e approvadas pelos Lettrados mais doutos do Reino.

Assim que: este negocio se não desvaneceo, e sómente tardou em se acceitar, até que a experiencia desenganou aos Ministros, que a principio por ventura o não capacitárão. Quanta fosse a utilidade e efficacia d'elle, bem o mostrou a Companhia Occidental, a qual foi trazendo sempre do Brazil o que bastou para sustentar a guerra de Castella, conservar o Reino, restaurar Pernambuco, e aïnda hoje acudir com promptos e grandes cabedaes ás occurrencias de maior importancia.

E se juntamente se acceitára, e fizéra a
ompanhia Oriental, não chegára a India
) estado em que hoje a temos, tão desen-
ınada porèm da utilidade e necessidade
este mesmo méio, que agora em Portugal,
na mesma India se tracta d'elle; e para que
: veja quão solida e fundamental é, e foi,
ão deixarei de referir aqui o que me escreveo
Padre João de Matos, Assistente das Pro-
ncias de Portugal em Roma. Chegou lá o
ito papel, e diz elle que lendo-o os Poli-
cos Romanos dissérão: « Nós atégora cui-
davamos que Portugal se não podia con-
servar, mas pois elle tem homens que sa-
bem excogitar similhantes arbitrios, ja não
duvidâmos da sua conservação: » e este é
primeiro negocio meu, ou proposto por
ıim, que Vossa Excellencia julgará se me-
ece o nome de desvanecido.

O segundo que pratiquei a Sua Magestade
i, que mandasse passar as drogas da India
o Brazil, referindo como n'elle nascião, e
davão igualmente, e El Rei D. Manoel as
ıandára arrancar sob pena de morte, para
onservar a India, como com effeito se ar-
ıncárão todas, ficando sómente o gingibre,
o qual se disse discrétamente que escapára
or se metter pela terra dentro, como raïz

6

que é. Consistia a utilidade d'este meio, em que tendo nós no Brazil as ditas drogas, e sendo a conducção d'ellas tanto mais breve, e mais facil, as podiamos dar mũito mais baratas que os Hollandezes, com que os ficariamos destruïndo na India. Respondeo El Rei que lhe parecia mũito bem o arbitrio, e que o tivéssemos em segredo até seu tempo, pelos embaraços com que de presente se achava. Estando eu em Roma me escreveo Duarte Ribeiro de Pariz, tivéra carta de D. Francisco de Mello, na qual lhe referia dizer El Rei d'Inglaterra que só seu cunhado sem fazer guerra aos Hollandezes os podia destruïr, mas que não descobriria o modo, nem D. Francisco, nem elle o sabião conjecturar, que se a mim me occurresse o avisasse.

Avisei-lhe o sobredito meio, e *elle o* representou a Sua Magestade em um papel particular, no qual juntou a minha carta, e esta está tambem inserta no Regimento do Provedor mór da Fazenda d'esta Bahia, a quem Sua Magestade encarecidamente encarregou a planta das ditas drogas, e ellas encommendadas com o mesmo aperto aos Vice-Reis, e Governadores da India, se vêm trazendo em todas as Náos plantadas, e regádas, com que já hoje ha no Brazil grande

numero d'arvores de canella, como tambem algumas de pimenta. E este é o negocio, ou arbitrio que tambem tardou, mas não se desvaneceo, sendo tão pouco subtil que o entendem aqui os Cafres, e o exercitão só com a enxada na mão.

Quando os Francezes tomárão Dunquerque cantou-se o *Te Deum laudamus* em a nossa Capella Real, e eu entrando no Paço vi que ião saïndo pela Galé todos os Presidentes e Ministros depois de beijarem a mão a El Rei; então cheguei eu, e disse a Sua Magestade: Agora soube, Senhor, que todos beijárão a mão a Vossa Magestade pela tomada de Dunquerque, de que eu pelo contrario dou a Vossa Magestade o pêzame.

Perguntou-me El Rei, por que? E respondi, porque os Hollandezes atégora sustentavão uma Armada de fronte de Dunquerque para assegurar a passagem do Canal aos seus navios; e como sendo confederados de França cessa esse temor, desoccupada d'ali a Armada, a mandarão sem duvida contra nós, como antes de partir d'Amsterdão me constou desejavão muito; e Sigismundo, que segunda vez governa Pernambuco, fará agora o que já no tempo de Diogo Luiz de Oliveira promettia, e é que se havia fazer Senhor de tudo

sem lhe custar um copo de sangue, impedindo os mantimentos com seus Navios.

E que vos parece que façamos? (disse El Rei). Que, Senhor? que em Amsterdão se offerecia por meio de Jeronymo Nunes, um Hollandez mũito poderoso, a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessario, e postas em Lisboa até Março, por 20,000 cruzados cada uma, que fôra o preço da Fragata Fortuna que veio a Portugal; e tudo vinha a importar 300,000 cruzados, e que esta quantia se podia tirar facilmente, lançando Sua Magestade um leve tributo sobre a frota, que poucos dias antes tinha chegado opulentissima de mais de quarenta mil caixas d'assucar, o qual no Brazil se tinha comprado mũito barato, e em Lisboa se vendia por subidissimo preço; e pagando cada arroba um tostão, ou seis vintens, bastaria para fazer os 300,000 cruzados. Disse-me El Rei, que lhe puzesse tudo isto em um papel, sem labia (que foi o termo de que usou Sua Magestade), e fazendo-o eu assim, me disse d'ahi a poucos dias, que mandando consultar o dito papel, respondêrão os ministros, que aquelle negocio estava mũito crú. O meu intento era: que vindo as fragatas de Hollanda, tivesse Sua Ma-

gestade duas Armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse soccorrer a Bahia; e não se passárão seis mezes, quando El Rei mũito de madrugada me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, á Alcantara. Fui, e as palavras com que Sua Magestade me recebeo, forão: « Sois Pro-« pheta. Hontem á noite chegou caravella « da Bahia com um Padre da Companhia « chamado Philippe Franco, e traz por no-« vas ficar Sigismundo fortificado em Tapa-« rica. Que vos parece que façamos? » Respondi: « O remedio, Senhor, é mũito facil. « Não dissérão a Vossa Magestade os Minis-« tros que aquelle negocio era mũito crú? « Pois os que então o achárão crú cozão-no « agora. »

Era mandado chamar o Concelho d'Estado, e porque não havia de acabar senão de noite, disse Sua Magestade que me recolhesse á quinta, e tornasse ao outro dia. Tornei, e soube que todo o Concelho tinha representado a importancia de ser soccorrida a Bahia, e que para isso erão necessarios perto de 300,000 cruzados, mas que os não havia, nem occorria meio algum de os poder haver. Isto me disse Sua Magestade, e eu respondi como indignado: « Basta, Senhor, que a um

« Rei de Portugal hão de dizer seus Minis-
« tros que não ha meio de haver 300,000 cru-
« zados com que acudir ao Brazil, que é
« tudo o que hoje temos! Ora eu com esta
« resposta remendada espero em Deos que
« hoje mesmo hei de dar a Vossa Magestade
« toda esta quantia. » Parti logo para Lis-
boa, escrevi um escripto a Duarte da Silva,
a quem tinha conhecido mercador na Bahia,
representei-lhe a perda do Reino, e do com-
mercio, o aperto e necessidade da Fazenda
Real, e quanto Sua Magestade estimaria que
seus vassallos o soccorressem n'esta occasião
com 300,000 cruzados que erão *necessarios*,
dos quaes se embolçarião em um tributo de
tostão, ou seis vintens em cada arrôba de
assucar do mesmo Brazil.

Respondeo Duarte da Silva que o negocio
era tão grande, que o não podia tomar só
sobre si, mas que buscaria e fallaria a algum
amigo, e que pelas duas horas me traria a
resposta a Santo-Antão. Assim o fez, tra-
zendo comsigo a um fulano Rodrigues Mar-
ques, e ambos promettêrão tomar o assento
dos 300,000 cruzados. Levei-os a El Rei, que
lhes agradeceo muito aquelle serviço, di-
zendo, que tivessem segredo até lhes man-
dar fallar por seus Ministros.

ornou n'aquella tarde o Concelho d'Es- com as mesmas impossibilidades do dia cedente; e n'esta suspensão, disse Sua estade ao Conde de Odemira, e ao Secre- Pedro Vieira, que fossem a Lisboa ten- alguns mercadores, e que da sua parte ssem a Duarte da Silva e ao sobredito no Rodrigues Marques, os quaes respon- io, o que não esperavão os dous Minis- , e ás carreiras vierão trazer a nova a Sua estade, dizendo todo o Concelho d'Es- , que erão dignos de que Sua Magestade mandasse mũito agradecer um tão sin- ar serviço.

ecolheo-se El Rei com a Raïnha, que se ou no concelho, e me fez depois mercê contar lhe disséra: « Elles querem que gradeça eu o negocio ao Conde, e a Pedro ieira, e Antonio Vieira é que o fez. » ra estimára ouvir a Vossa Excellencia m teve o juizo igual a este negocio? Se m prevío o perigo, e apontou e execu- o remedio, ou os primeiros que o não érão reconhecer, ou os ultimos que o não bérão remediar? Mas isto succede mũitas es, quando uns são os que aconselhão os ceios, e outros os que os executão, e por este se não desvanesceo.

Na vespera de S. João, estando El Rei em Alcantara, disse eu a Sua Magestade, que lhe havia de inculcar uma festa, com que magnificamente celebrasse a noite do seu *Santo*, e perguntando-me qual? respondi, que com trinta e nove fogueiras, que tantas erão as Caravellas que tinha contado, embarcando-me no caes da Pedra até Alcantara. As Caravellas, Senhor, são escholas de fugir, e de fazer cobardes homens do mar, e de entregar aos inimigos, do primeiro tiro, a substancia do Brazil. Prohiba Vossa Magestade as Caravellas, e que em seu lugar naveguem os Portuguezes em naús grandes, e bem artilhadas, as quaes pelo contrario serão as escholas em que as armas de Vossa Magestade terão tão valentes soldados no mar, como na *terra*.

Este foi o conselho, ou negocio, o qual se se desvaneceo, ou não, se está bem vendo hoje n'este porto da Bahia, onde o Comboi consta d'uma só fragata pequena, e as naus mercantes, quasi todas maiores que ella, são trinta, as que dérão escolta á mesma fragata, e ás duas naus da India.

Mũitos outros exemplos podéra junctar aqui de propostas minhas não desvanecidas, mas porque não basta serem mũitas para provar a coartáda da proposição universal de

ossa Excellencia é obrigado Vossa Excellen-
a a me dizer algum negocio meu, ou aconlhado por mim, que se desvanecesse, etc.
Tambem quero dar a Vossa Excellencia
ma noticia que ninguem tem, nem teve, e é
ue os negocios, a que El Rei mũitas vezes
e mandava, erão mũito differentes do que
podia cuidar, aïnda entre os Ministros mũi
iteriores, correndo a communicação dos
itos negocios por cifra particular, de que
ó era sabedor o Secretario Pedro Fernandes
Monteiro, e por isso ficavão sujeitas minhas
ornadas a juïzos e conjecturas mũito erra-
las, as quaes não são materia de Historia,
ntes tem ella obrigação de as emendar com
verdade, se a sabe, e não com dizer que
ão tiverão fundamento. Seja exemplo quan-
lo parti para o Maranhão. Sendo o meu in-
ento, querer antes arriscar a vida pelo Rei
lo céo, que pelo da terra, cuidárão mũitos
ue aquella resolução não era minha, senão
l'El Rei, a mũito differente fim. Dizião:
Este Maranhão é maranha; e declarando-
e commigo o Conde da Torre o Velho, o
eu pensamento era, etc., Quiz Deos que
sta noticia não chegasse a Vossa Excellen-
ia para que o Potosí não fosse uma riquis-
ima prova dos meus negocios desvanecidos.

6.

Mas deixando de acudir por mim, quero acudir pelo juizo dos Principes e Ministros, que Vossa Excellencia affirma não percebião as subtilezas dos meus negocios. Se El Rei D. João, que era principe, as não percebia, como me encarregava os seus na fórma que acabo de referir? E se elle, e seus Ministros me não percebião em Portuguez, como me mandavão Patente para todos os dos Hollandezes, e a Munster para os de todas as Nações?

De Roma veio aviso a Manoel Alvares Carrilho, Inviado de Napoles, depois de o restaurarem os Castelhanos; que aquelle Reino se queria entregar a El Rei de Portugal. Se a mim me não entendião, como me mandou El Rei a Roma, com poderes de examinar este negocio, e o resolver por mim só, e se despenderem por ordem minha 600,000 cruzados que lá tinha Sua Magestade?

Para França nomeou Sua Magestade por Embaixador a Sebastião Cesar com negocios, para que tinha determinado mandar o Duque de Aveiro. Se El Rei me não entendia, porque então se me entregárão as instrucções do dito Sebastião Cesar, e a elle as minhas, para que de Paris a Roma nos dessemos as mãos em todos os negocios? Antes d'estes;

ıesmo Pariz, porque ordenou Sua Maıde que o Marquez de Niza a nenhuma ɜncia da Raïnha Regente, e do Cardeal ırino fosse, sem eu assistir juntamente elle a tudo que se tractava, se eu não a de ser entendido da Raïnha, nem do leal seu primeiro Ministro?

quando o mesmo Marquez tractou com ırdeal o negocio da Liga com entrega de ;as; e outras condições não só approvapor outros Embaixadores, mas tambem › Senhor Infante D. Duarte, sendo eu de trario parecer em carta que de Hollanda evi ao mesmo Marquez, e mandei a copia as Magestade; se Sua Magestade me não endia, porque lhe mandou que se conforıse em tudo com o que eu lhe tinha esıto em carta de tantos de tal mez?

ie Vossa Excellencia tem os seus livros e iadores, lá o achará Vossa Excellencia m em uma carta descontente de duas res e meia.

Falta o restante em todas as copias se virão, que forão muitas.

CARTA XXX.

AO PRINCIPE D. THEODOSIO [1].

Senhor,

Esta escrevo a Vossa Alteza no Cabo-Verde, a onde arribámos depois de trinta dias de viagem, obrigados de tempestades, cossarios, e outros trabalhos e infortunios, que n'ella se padecêrão. Eu, Senhor, não sei se as padeci, porque desd'a hora em que o navio desamarrou d'esse rio, não estive mais em mim, nem o estou aïnda, *attonito* do caso e da fatalidade da minha partida, e de não saber como Sua Magestade e Vossa Alteza a receberião, pois não é possivel seremlhe presentes todas as circumstancias d'ella, que não fui eu o que me embarquei, senão ellas que me levárão.

Vossa Alteza vio mũito bem a promptitudão e vontade com que me rendi á de Sua Magestade o dia que, em presença de Vossa

[1] É a VII do tomo I.

lteza, me fez mercê significar queria que gora ficasse; mas como então se assentou que rocedesse eu em supposição de que havia e vir, em quanto Sua Magestade de publico ne não mandava revogar a licença para satisação dos Padres, fil-o eu assim, procelendo em tudo, como quem se embarcava. Na vespera da partida fui avisar a Sua Magestade e a Vossa Alteza da brevidade com que se apressava, e que n'aquelle dia descia a Caravella para Belèm, e Sua Magestade, e Vossa Alteza me fizérão mercê dizer que logo da tribuna se mandaria recado ao P. Vieira, e na mesma tribuna o tornei a lembrar a Sua Magestade; esperei todo aquelle dia, em casa, por Pedro Vieira, ou escripto seu, e não veio, mas á noite recado que nos fossemos embarcar em amanhecendo. Não tive outro remedio mais que fazer o aviso que fiz a Vossa Alteza, o qual enviei, pelo primeiro portador que pude haver, ao Bispo do Japão, assim por não ser [illegible] de outra pessoa fallar com Vossa Alteza, como porque todo o outro recado, que fosse direito ao Paço, seria mũito suspeitoso n'aquella occasião, em que todos os incredulos andavão espreitando minhas acções, e esperando o successo.

Saï em fim indo-me detendo quanto pude,

como avisei a Vossa Alteza, mas na praia soube, que o Procurador do Brazil tinha recebido um escripto de Salvador Correa, no qual lhe dizia, que elle fallára com Sua Magestade, que eu não ia para o Maranhão; e que o Sindicante tinha ordem de m'o notificar assim, quando eu fosse embarcar-me. Entendi então que Sua Magestade tinha *mudado* de traça, e com esta noticia e supposição me fui mais desassustado para a Caravella, onde achei o sindicante, mas elle não me disse cousa alguma. As vélas se largárão, e eu fiquei d'entro n'ella, e fóra de mim, como aïnda agora estou, e estarei até saber que Sua Magestade e Vossa Alteza tem conhecido a verdade e sinceridade do meu animo, e que em toda a fatalidade d'este successo não *houve* da minha parte acção, nem aïnda pensamento, ou desejo contrario ao que Sua Magestade ultimamente me tinha ordenado, e eu promettido.

Não sei, Senhor, que diga n'este caso, senão ou que Deos não quiz que eu tivesse merecimento n'esta Missão, ou que se conheça que toda ella é obra sua; porque a primeira vez vinha eu contra vontade de Sua Magestade, mas vinha por minha vontade, e agora parti contra a de Sua Magestade, e

contra a minha; por mero caso, ou violencia: se n'ella houve alguma vontade, foi só a de Deos, a qual verdadeiramente tenho conhecido em mũitas occasiões, com tanta evidencia, como se o mesmo Senhor m'a revelára. Só resta agora que eu não falte a tão clara vocação do céo, como espero não faltar com a divina graça segundo as medidas das forças com que Deos for servido alentar minha fraqueza.

Em fim, Senhor, venceo Deos. Para o Maranhão vou voluntario quanto á minha primeira intenção, e violento quanto á segunda; mas mũi resignado, e mũi conforme, e com grandes esperanças, de que este caso não foi acaso, senão disposição altissima da Divina Providencia, como já n'este Cabo-Verde tenho experimentado, em tão manifesto fructo das almas, que quando não chegue a conseguir outro, só por este posso dar por bem empregada a Missão e a vida. O mũito que n'esta terra e nas vizinhanças se póde fazer em bem das almas, e a extrema necessidade em que estão, aviso em carta particular ao Bispo do Japão, para que o communique a Vossa Alteza, e o modo com que facil e promptamente se lhe póde acudir. Não encareço este negocio, que é o uni-

co, que hoje temos no mundo, e o unico que o mundo devia ter, porque conheço a piedade e zelo de Vossa Altessa, a que Nosso Senhor ha de fazer por este serviço, não só o maior Monarcha da terra, mas um dos maiores do céo. Eu não me esquecerei nunca de o rogar assim a Deos em meus sacrificios, offerecendo-os continuamente, como hoje fiz os três, um por El Rei, que Deos guarde, outro pela Raïnha, Nossa Senhora, e outro por Vossa Alteza; e o mesmo se fará na nossa Missão tanto que chegarmos a ella, e em tudo que n'ella se obrar e merecer terão Sua Magestade e Vossa Alteza sempre a primeira parte.

Principe e Senhor da minha alma, a graça Divina more sempre na alma de Vossa Alteza, e o guarde com a vida, saüde e felicidade que a Igreja e os Vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Cabo Verde, 25 de Dezembro de 1652.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXI.

AO SEU GERAL JOÃO PAULO OLIVA, EM ROMA [1].

Reverendissimo Padre Nosso Geral:

A carta de Vossa Paternidade Reverendissima, escripta em o 1º de Dezembro, recebi aos 25 de Janeiro, não sem muita admiração, pelo elevado da materia, que contèm; por isso parecendo-me cousa quasi incrivel, que fosse para mim, examinei uma e outra vez o sobrescripto; até que pelo nome, e outras circumstancias acabei de persuadir-me que commigo fallava o conteúdo n'ella.

O intento da Serenissima Raïnha a maior retiro e perfeição é dignissimo da alteza incomparavel do juizo, e espirito de Sua Magestade, e sem duvida inspirado de Deos, que outra vez quererá ser glorificado, e glorificar sua Igreja com um tal exemplo, e coroar com este segundo prodigio a heroica generosidade do primeiro. Mas por esta

[1] É a LIV do tomo III.

mesma razão não posso acabar de entender, que possa servir para um tão alto ministerio um sujeito tão indigno, como eu sou, cuja inhabilidade para tudo póde ter bem conhecido Vossa Paternidade Reverendissima. Não obstante que a singular honra, que Sua Magestade se digna fazer á Companhia, não permitte que o conhecimento de minha indignidade possa parecer ingratidão, não me render logo ás insinuações de Sua Real memoria e vontade.

Depois de haver encommendado a Deos uma materia tão grave, e quasi infinitamente superior á minha capacidade (insistindo no dictame, que sempre desejei practicar em todas minhas acções) me deixo inteiramente nas mãos, e disposição de Vossa Paternidade Reverendissima, como que é o unico e verdadeiro interprete da vontade Divina. E para que Vossa Paternidade Reverendissima tenha individual noticia, não só do meu espirito, que por minha grande negligencia cada dia é mais imperfeito, senão da minha saüde, e forças corporaes, lhe digo, que estas ao presente se achão em mũi peior estado do que estavão, quando Vossa Paternidade Reverendissima, por falta d'ellas, se servio escusar-me do governo da Casa Professa. A mi-

sua idade passa de setenta annos; a vista totalmente perdida em um dos olhos, e no outro mũi debilitada; e em uma palavra os demais sentidos e potencias, principalmente a memoria, estão mũi debeis e defeituosos; e de dous mezes a esta parte tão mal tractado d'uma perna, que hoje mesmo, dando-me licença o Padre Provincial para ir a cavallo a uma consulta, a que havia d'assistir, não me foi possivel montar na mula, e sustentar-me n'ella. Em consideração de todas estas enfermidades, originadas do frio e humidade d'este clima (aïnda que mais benigno n'esta parte que o de Roma), havia chegado a persuadir-me que não podia viver em Portugal outro inverno; e assim esta vez por propria conveniencia tinha ajustado mina viagem para o fim do verão para a minha Provincia do Brazil; duvidando sómente se devo ir ao Maranhão, a proseguir as antigas Missões, ou á Bahia, aonde com mais commedidades poderei continuar no trabalho de pôr em limpo os meus sermões; esperando sòmente que a ordem de Vossa Paternidade Reverendissima me tiraria d'esta dúvida, determinando-me o lugar para onde devo partir.

Esta é, Reverendissimo Padre, a ingenua

informação do estado, em que actualmente me acho, em quanto á saüde do corpo, e mais em quanto á do espirito, indifferente e sempre prompto para tudo aquillo, *que* Vossa Paternidade Reverendissima julgar ser vontade, e de maior gloria de Deos. A experiencia me representa müito maiores trabalhos na viagem de Roma, que na do *Brazil*; porèm não é isto o que me faz temor, senão o conhecer evidentemente, que a Magestade da Raïnha não poderá ser servida com aquella satisfação, que Vossa Paternidade Reverendissima deseja; e assim peço a Vossa Paternidade Reverendissima que, se for possivel, represente a Sua Magestade, tenha a bem fazer outra vez reflexão sobre uma verdade tão manifesta, como é da minha ineptidão para tão alto emprego, e que com mais credito da Companhia, e maior consolação espiritual de Sua Magestade poderá eleger entre os Jesuïtas d'essa Santa Cidade sujeito mais digno, e do espirito e prudencia que se requer para este ministerio; quando eu de mim não posso offerecer outra cousa mais, que o sacrificio da obediencia, com a qual estou esperando a resolução de Sua Magestade, e a decisiva de Vossa Paternidade Reverendissima; pois para morrer não ha lugar mais

opportuno, que o que me signalar Deos por meio de Vossa Paternidade Reverendissima, supposto que, segundo os meus annos e achaques, posso dizer: *Solum mihi superest sepulchrum.* Deos, Nosso Senhor, guarde a Vossa Paternidade Reverendissima mũitos annos, com a saüde, que o bem da universal Companhia ha de mistér.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1679.

de Vossa Paternidade Reverendissima

Humilissimo, devotissimo, e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Carlos Bonacosi, Gentil-homem Florentino, que esta ha de dar a Vossa Excellencia,

[1] É a LXV do tomo II.

parte a essa Corte a negocios d'importancia, é mũito da obrigação d'um Religioso da Companhia, por sua qualidade e póstos uma das maiores pessoas que ella tem em toda a Italia, a quem eu devo particular affecto, e obrigações; e me pedio esta carta de recommendação para Vossa Excellencia, por ser tanta a mercê que Vossa Excellencia me faz, que a toda a parte onde chego, se não póde esconder. Se houver occasião em que o dito Carlos Bonacosi se valha do patrocinio de Vossa Excellencia em todo o favor que Vossa Excellencia for servido fazer-lhe, receberei particular mercê; e conhecerá o mundo, que não sou tão pouco, como meus desterros publicão, pois Vossa Excellencia me conserva no numero de seus criados. Deos guarde a pessoa de Vossa Excellencia.

Roma, 21 de Fevereiro de 1670.

Criado de Vossa Excellencia,

Antonio Vieira.

CARTA XXXIII.

AO MARQUEZ MORDOMO MOR [1].

Excellentissimo Senhor,

Manoel de Barros da Franca, um dos principaes Fidalgos d'esta Cidade, e Vereador d'ella, preso, degradado, e inhabilitado pelo Governador, se vai queixar em nome da mesma Cidade, e buscar o remedio d'estas e outras violencias. Tambem vai com elle Gonçalo Ravasco d'Albuquerque, filho do Secretario d'Estado, o qual deixa seu pai Bernardo Vieira na enxovia, e ao Padre Antonio Vieira, seu tio, criminado de mandar matar um homem; que a tanto chega o odio e paixão do dito Governador. E posto que as cousas que os levão aos pés de Sua Alteza são tão justificadas, que lhes não póde faltar o patrocinio e amparo de Vossa Excellencia; o que eu com todo o encarecimento peço a Vossa Excellencia é que, na attenção e agra-

[1] É a XXXVIII do tomo II.

do com que Vossa Excellencia me fará mercê de os ouvir, vejão elles que não está esquecido na memoria de Vossa Excellencia o antigo e particular favor, com que Vossa Excellencia, por sua benignidade e grandeza, me honrou sempre. Deos guarde a Vossa Excellencia mũitos annos, como desejo, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 4 de Junho de 1683.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXIV.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Parte a essa Corte Antonio d'Abreo de Lima, morador no Rio de Janeiro, e da qualidade que a Vossa Mercê constará, não sei se a livrar-se da culpa que lhe imputárão, se a queixar-se dos damnos que padeceo em

[1] É a CXXXIII do tomo II.

na Casa e pessoa. Entendo que estes dous
ão os fins da sua viagem, como tambem
enho eu ouvido a pessoas religiosas e desin-
eressadas d'aquella terra, que não se occul-
ando os auctores do delicto, que tanta per-
urbação tem causado n'ella, os que padecem
e forão accusados estão totalmente innocen-
tes. Tudo isto acontece mũitas vezes n'estes
lugares, que estão tão longe das fontes da
justiça. E porque eu alèm das razões geraes
da caridade, tenho mũitas particulares para
me compadecer dos trabalhos do dito Anto-
nio d'Abreo, em todo o favor com que Vossa
Mercê o amparar em seus requerimentos, o
receberei em mũito particular; e estimarei
que experimente elle os effeitos d'esta minha
recommendação, a qual não encareço mais,
porque fallo com o Senhor Diogo Marchão
Themudo. Deos guarde a Vossa Mercê mũi-
tos annos cômo desejo.

Bahia, 13 de Julho de 1691.

Maior e mais obrigado servo de Vossa
Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXV.

AO CONFESSOR DE SUA ALTEZA [1].

Pax Christi. Padre, e Senhor meu,

Excepta a Carta de Sua Alteza, esta é a unica, que escrevo a Portugal, e é razão eu o faça assim; porque a singularidade d'esta lembrança mostre, que não desdiz do affecto, que sempre conheci devera Vossa Reverencia, e eu me não descuidarei de lh'o regar assim, pedindo a Vossa Reverencia me não falte com a mesma lembrança em suas orações e sacrificios, de que agora tenho mais necessidade.

Faço esta em Cabo-Verde, aonde chegámos com trinta dias de viagem, obrigados dos ventos contrarios, e de todos os outros trabalhos de tempestades, calmarias, e corsarios, que em mais compridas navegações se costumão padecer. Bemdito seja Deos, que assim quer exercitar a minha pouca confor-

[1] É a I do tomo III.

midade, e premiar a de todos os companheiros.

Mũito contra nossa vontade tomámos este porto, assim pelo mal acreditado que está de doentio, como pela dilação forçosa, que aqui se havia de fazer, tão contraria a nossos intentos, e aos desejos com que iamos de chegar ao nosso desejado Maranhão; màs depois que pozémos os pés em terra, e vimos por experiencia o que isto é, nos resolvemos, que foi providencia mũi particular do céo o trazer-nos aqui, não só pelo fructo que se tem feito em mũitas almas, que é grandissimo, mas para que conhecendo eu os mũitos thesouros espirituaes, que aqui estão escondidos e desprezados, podesse dar a Vossa Reverencia este alvitre, e rogar-lhe que de lá queira ser Apostolo d'esta antiga e nova Conquista, e aggregál-a á nossa Provincia do Alemtejo, para que n'este dilatadissimo Oceano d'almas se venhão desafogar os fervorosos espiritos dos que, só para maior honra e gloria de Deos, augmento de sua Fé e da Companhia, desejão esta divisão, ou multiplicação das Provincias, e padecem por ellas.

E' o caso, que n'esta ilha de Santiago, cabeça de Cabo-Verde, há mais de sessenta

mil almas; e nas outras ilhas, que são oito, ou déz, outras tantas, e todas ellas estão em extrema necessidade espiritual; porque não ha Religiosos de nenhuma Religião, que as cultivem, e os Parochos são mũi poucos, e mũi pouco zelozos, sendo o natural da gente o mais disposto, que ha entre todas as Nações das novas Conquistas, para se imprimir n'elles tudo, o que lhes ensinarem. São todos pretos, mas sómente n'este accidente se destinguem dos Europêos. Tem grande juïzo e habilidade, e toda a politica, que cabe em gente sem Fé, e sem mũitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza.

Ha aqui Clerigos, e Conegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão auctorizados, tão doutos, tão grandes *Musicos*, tão discretos, e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas Cathedraes. Em fim a disposição da gente é qual se póde desejar, e o numero infinito; porque alèm das cento e vinte mil almas, que ha n'estas ilhas, a Costa, que lhe corresponde em Guiné, e pertence a este mesmo Bispado, e só dista d'aqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas leguas de comprido, nas quaes se conta a gen-

te, não por milhares, senão por milhões de Gentios: os que ali vivem ainda ficão áquèm da verdade, por mais que pareça encarecimento; porque a gente é sem numero, toda da mesma indole, e disposição dos das ilhas; porque vivem todos os que as habitão, sem idolatria, nem ritos gentilicos, que fação difficultosa a conversão, antes com grande desejo em todos, os que têm mais commercio com os Portuguezes, de receberem nossa santa Fé, e se baptizarem, como com effeito têm feito mũitos; mas por falta de quem os catequize e ensine, não se vêem entre elles mais rastos de Christandade, que algumas Cruzes nas suas povoações, e os nomes dos Santos, e os sobrenomes da Barreira, o qual se conserva por grande honra entre as principaes d'ellas, por reverencia, e memoria do Padre Balthazar Barreira, que foi aquelle grande Missionario da Serra Leôa, que sendo tanto para imitar, não teve nenhum que o seguisse, nem levasse adiante o que elle começou; e assim estão indo ao Inferno todas as horas infinidade d'almas d'adultos, e deixando de ir ao Céo infinitas d'innocentes, todas por falta de doutrina e baptismo, sendo obrigados a prover de Ministros Evangelicos todas estas Costas e Conquistas os Principes

d'um Reino, em que tanta parte de vassallos são Ecclesiasticos, e se occupão nos bandos e ambições, que tão esquecidos os traz de suas almas, e das alheias: mas tudo nasce dos mesmos principios.

Padre da minha alma, este é o estado d'esta gentilidade, e d'esta Christandade; porque os das ilhas, aïnda que todos baptizados, por falta de cultura, vivem quasi como os da terra firme. Affirmo a Vossa Reverencia que chegando aqui, e vendo, e informando-me d'este desamparo, e experimentando nas confissões d'estes dias o grande que ha nas almas dos Portuguezes, que por estas partes vivem, assim a mim, como aos companheiros, nos vierão grandes impulsos de não passarmos mais adiante, e applicarmos as nossas fouces a esta tão vasta, e tão disposta messe; e sem dúvida o fizeramos, se ametade da Missão não tivéra ido no outro navio, e sem pessoa que a levasse a cargo; e com eu ser tão apaixonado pelo Maranhão, confesso a Vossa Reverencia que não posso deixar de conhecer quantas vantagens esta Missão faz áquella; porque está mũito mais perto de Portugal, mũito mais junta, mũito mais disposta, e de gente, sem nenhuma comparação, mũito mais capaz, e aïnda mũito

ão numerosa, em que n'estas ilhas não
a necessidade de se lhe aprender a lingua;
que todos a seu modo fallão a Portugueza,
penas se póde em nenhuma Nação consi-
ar necessidade mais extrema.
Como me arranco d'aqui com grande inveja
or, e parece que se me está dizendo n'esta
te d'Africa, o que na opposta se disse:
cta fugis, facienda petis. Mas como os
dos me levão ao Maranhão, já que eu não
so lograr este bem, contento-me com
tar d'elle, e o inculcar, e deixar a quem
is amo, que são os meus Padres do Alem-
o, de cujo espirito, que eu conheço me-
or que outros, espero que hão de abraçar
a empreza com tanto affecto e resolução,
que as difficuldades, que n'ella se repre-
ntão, sejão os principaes motivos de a que-
rem por sua. Depois o mundo verá (porque é
m que tambem o Mundo veja) se é maior
melhor espirito o dos que deixárão esta
onquista, ou o dos que agora a tomão.
as não é isto o porque eu o peço a Sua Al-
za, e a Vossa Reverencia, senão porque te-
no visto com os olhos o muito serviço de
eos, que n'esta Missão se póde fazer, e
uanta gloria lhe podem dar os que aqui
erem empregar os talentos, que d'elle re-

cebêrão, e sacrificar-lhe as vidas, que por tantos titulos lhe devemos. Em fim já não ha papel, nem tempo; venhão os Padres, e venhão logo, e não haja falta em virem, que se estão indo ao Inferno infinitas almas, das quaes Deos ha de pedir conta de hoje por diante a Vossa Reverencia e a Sua Alteza, e eu por lh'a não dar faço esta instancia. Deos guarde a Vossa Reverencia como desejo, para nosso amparo e desempenho.

Cabo-Verde, 25 de Dezembro de 1652.

Humilde servo, e que mũito ama a Vossa Reverencia.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVI.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Visitando um dia d'estes a meu irmão no Convento, aonde ja podéra ter professado

[1] É a C do tomo II.

duas vezes, me leo uma carta que escreve a Vossa Mercê em que diz tudo a que se póde fiar d'um papel. E porque o Capitão José Sanches, com quem contrahîmos nova affinidade, é carta viva e experimentada, que largamente póde referir o demais, que me fica a mim que podêr dizer a Vossa Mercê? Pedir a Vossa Mercê justiça, é aggravar a inteireza com que Vossa Mercê a faz, e fez sempre a todos. Pedir favor, aïnda seria maior ingratidão e desconhecimento dos que meu sobrinho, meu irmão, e eu experimentâmos tão continuados e excessivos. Pedir finalmente piedade e compaixão; a causa é tão digna de enternecer e magoar até as pedras, que sem encarecimento posso affirmar a Vossa Mercê fica em mũito maior miseria a Bahia, depois das devassas do Sindicante, que quando a governava N. N.

Em conclusão, senhor, que não tenho que pedir a Vossa Mercê nem a minha dor, nem o meu desejo, nem o de todos os que tanto padecem, e no voto e efficaz amparo de Vossa Mercê têm posto em grande parte a sua confiança. Só me resta pedir a Deós, como faço em todos meus sacrificios, nos guarde e conserve um tão singular protector com os

annos de vida e felicidades, que todos a Vossa Mercê devemos desejar.

Bahia, 4 de Julho 1685.

O mais amante e fiel criado de Vossa Mercê.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVII.

AO PADRE SEBASTIÃO DE MATOS E SOUZA [1].

Meu Senhor,

Já Vossa Mercê se não queixará de eu lhe não dar occasiões de me fazer as mercês, que Vossa Mercê deseja. Faltei este anno, e o passado, com o que Vossa Mercê chama costumado tributo; e este tributo era o que me sustentava a mim, e a meu Companheiro, com que me vejo muito empenhado n'esse Reino; d'onde me vêm os principaes soccorros.

Meu sobrinho Gonçalo Ravasco me quer

[1] E a LXXII do tomo III.

acudir com a sua tença, que tem na Alfandega do Porto, que ha quatro annos se lhe não paga, como informará a Vossa Mercê o Padre Balthazar Duarte, Procurador Geral d'esta Provincia. Parece-me, que bastará uma Carta, que Vossa Mercê se sirva escrever a quem tem esta superintendencia; e quando seja necessaria á firma do Du que meu Senhor, tambem creio, que entre as mũitas obras de misericordia, com que Sua Excellencia sustenta tantos necessitados, me sirva ella de despacho, para que esta, que tem nome de mercê dos Reis, seja esmola de Sua Excellencia, em que Vossa Mercê terá tanta parte. Não péço isto com maior encarecimento, por não offender a fé, que devo ao que em todas as cartas de Vossa Mercê leio, e venero. Déos guarde a Vossa Mercê mũitos annos, como desejo, e hei mistér.

Bahia, 17 de Julho de 1690.

De Vossa Mercê mũito obrigado criado.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXVIII.

MEU PADRE FRANCISCO LOPES [1].

Um milagre dos Sermões, nunca eu hei podido duvidar, o havia de fazer o Prégador dos prodigios, buscando para seu elogio o Apostolo da India, a melhor India de Castella; um Xavier a um Lopes, e um Francisco a outro Francisco.

Aïnda a que prégou o Santo Apostolo a barbaras nações, que jamais tinhão ouvido a palavra da verdade, e aïnda que Vossa Reverencia o não ha seguido n'estes *passos*, como eu fiz indignamente, com tudo tem prégado em auditorios tão palacianos, tão honorificos, e tão discretos, que não fará menos serviço a Deos, se converter uma d'essas personagens, do que se se empregasse em mũitas missões; porque os Gentios, tanto que conhecem a verdade, baptizão-se, e um d'estes mũitas vezes se desbaptiza por negar a verdade, e vivendo no gremio d'ella,

[1] É a LIII do tomo III.

bra peior do que se vivêra entre a Gentidade.

Se eu houvesse de formar a Vossa Reverencia o auditorio, nunca o comporia de todos os Prégadores do mundo; porque largas experiencias me têm mostrado, principalmente n'este Reino, que elles fazem verdadeiro o proverbio, que nós cá dizemos: *Official do teu officio, teu inimigo*: e em Vossa Reverencia aïnda tinha maior força esta inimizade, porque de tanta doutrina, verdade, e subtileza tirarião elles maiores odios, calumnias, e invejas em um tempo em que só reina a ignorancia, a mentira, e a lisonja.

Não deito esta fóra, para dizer a Vossa Reverencia o que lhe tenho dito, e o mais que lhe direi; porque é ella uma culpa de que me não tenho confessado, se bem me lembro; mas só com o estilo da verdade, e com a lizura do coração digo a Vossa Reverencia que as profundidades, as clarezas, as subtilezas, as doutrinas, as elegancias e as bizarrias, que Vossa Reverencia nota, e me faz notaveis, não podem conter senão verdade politica; porèm no caso que a tiverão rigorosa, erão depois de largos annos d'estudo da Escriptura e Santos Padres, em que

a minha rudeza, se não fôra tamanha, não era mũito que descobrisse algum ouro, tendo cavado tanta mina.

Agora o que me admira e assombra, e o de que dou infinitas graças á Omnipotencia Divina, é de ver a Vossa Reverencia nos preludios de seus annos, e nos primeiros raios de seus estudos, brilhar com tão scientificos resplandores, que parece que em Vossa Reverencia se vê o sol nas mantilhas do Oriente com as luzes do Zenith.

A Vossa Reverencia cáem-lhe os assumptos, antes que os levante, vêm-lhe as provas, antes que as traga, e quando propõe os Evangelhos, ja os deixa declarados; e estas vantagens são tão merecedoras do pasmo dos outros, como do applauso dos intendidos.

Eu não pretendo entrar no numero d'estes, porque aïnda que seja grandemente affeiçoado a tão elegantes orações, quando lhe confesso o suave, não lhe poço encarecer o sublime; e d'aqui verá Vossa Reverencia que esta Aguia, ou sempre foi bastarda, ou está já tão velha, que se não atreve a examinar o sol.

Mũito mais dissera para expressar o meu sentimento, a não ser tambem meu principal

desejo o fazer patente a Vossa Reverencia, pela pureza e candidez de minhas palavras, o affecto do meu coração, para que Vossa Reverencia veja n'elle um de seus maiores affeiçoados; porèm como Vossa Reverencia na offerta de tão grande Sermão me paga esta sinceridade com dadiva por tantos titulos generosa, fico sentindo, que os primores d'ella me convertão a fineza em divida, e o affecto em obrigação.

Confesso, que são mũitas as que recebo, e sempre tenho recebido de toda a nação Hespanhola, em quem anda sempre a agudeza junta com a politica; mas esta, em que Vossa Reverencia agora me põe, sem offensa de nenhuma, é maior que todas, porque, no mesmo tempo que me dá credito, trazme ensino.

D'esta mesma confissão voluntaria verá Vossa Reverencia a desobrigação, que eu tenho de dar direcções de doutrina, a quem me manda Sermão de milagres; e ultimamente a obrigação, em que fico de dizer em abono de Vossa Reverencia em minhas cartas aquillo, que sem rubor de Vossa Reverencia, e com grande credito da nossa Companhia, se póde saber em toda a Castella. Deos guarde a Vossa Reverencia por mũitos annos, para

honra d'uma e outra, e grande consolação minha.

Lisboa, 5 de Abril de 1677.

Humilde servo, e affeiçoado de Vossa Reverencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XXXIX.

A' RAINHA DA GRÃO-BRETANHA [1].

Senhora,

Tem Vossa Magestade a seus Reaes pés a Antonio Vieira n'este papel, porque é tal a sua fortuna que o não pôde fazer em pessoa, por mais que o desejou, e procurou. A quem me queixarei do Principe D. Pedro meu Senhor, senão a Vossa Magestade? Por sua causa, depois do primeiro desterro, padeci as indignidades que me não atrevo a referir; e quando para o reparo d'ellas esperava o

[1] É a LXII do tomo II.

escudo de sua Réal protecção, nem uma folha de papel para o seu Embaixador pude conseguir, em que lhe encommendasse me assistisse n'esta Curia.

A Companhia do Commercio do Brazil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deo cabedal ao Reino, para se defender, por ser invento e arbitrio meu, me tem trazido á presente fortuna, quando se pudéra prometter uma mũito avantajada e honrada a quem tivesse feito ao seu Rei, e á sua Patria um tal serviço sobre tantos outros, em que tantas vezes, e com tão úteis effeitos arrisquei sem nenhum interesse a vida. Mas permitte Deos que nos Principes da terra se experimentem similhantes galardões, para que só de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão de ter fim.

Quiz fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a Raïnha da Grão-Bretanha minha Senhora (como aïnda espéro), e communicar a Vossa Magestade de palavra mũitos particulares, que se não podem fiar de papel; e só porque os N. N. N. não imaginassem que Sua Alteza por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeo que passasse, uma vez por amor de

mim, aquelle mesmo Canal d'Inglaterra, em que séte vezes me vi perdido pela conservação da sua Corôa. Mágoa é maior que toda a paciencia a consideração de que experimente estes rigores em um filho d'El Rei D. João IV e da Rainha D. Luiza d'immortal memoria, um criado tão favorecido d'ambos, que um o nomeou por Mestre, e outro por Confessor do mesmo Senhor. Vossa Magestade por sua clemencia perdôe a indecencia d'estas queixas, que a dôr não tem juizo, e nenhuma é maior que a do amor offendido.

Rainha e Senhora minha, Deos guarde a Real pessoa de Vossa Magestade, como a Igreja Universal, e os vassallos, e criados de Vossa Magestade havemos mister.

Roma 21 de Dezembro de 1660.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XL.

AO PRINCIPE D. THEODOSIO [1].

Senhor,

Meu Principe e meu Senhor da minha alma. Pelos avisos que vão a Sua Magestade entenderá Vossa Alteza com que coração escrevo esta, e mũito mais com que raiva, e com que impaciencia, vendo-me prêso, e atado para não poder em tal occasião ir-me deitar aos pés de Vossa Alteza, e achar-me a seu lado em todo o perigo. Mas eu romperei as cadêas quanto mais de pressa me for possivel, e partirei voando, se não a fazer companhia nos trabalhos do principio, ao menos a ter parte nas glorias do fim; que estes são os passos por onde se hão de encaminhar os successos, e felicidades d'este fatal anno, ou seja a guerra só em terra, ou só no mar, ou juntamente em ambas as partes: porque o meu roteiro não especifica o

[1] É a V do tomo I.

genero, nem as particularidades d'ella, empregado todo em referir, admirar, e celebrar as victorias.

Ah! Senhor! que falta póde ser que faça a Vossa Alteza n'esta occasião este fidelissimo criado, e quão poucos considéro a Vossa Alteza com a resolução, e valor, e experiencia que é necessaria para saberem *aconselhar* a Vossa Alteza o que mais lhe convèm em tão apertados casos! Mas ja que na presença não posso, aconselhe a Vossa Alteza a minha alma que toda mando a Vossa Alteza n'este papel, e com toda ella lhe digo, que tanto que chegar esta nova, Vossa Alteza logo sem esperar outro preceito, se ponha de curto o mais bizarro que podér ser, e se sáia a cavallo por Lisboa, sem mais apparato, nem companhia, que a que voluntariamente seguir a Vossa Alteza, mostrando-se no semblante muito alegre, e muito desassustado, e chegando a ver, e reconhecer com os *olhos* todas as partes em que se trabalhar, informando-se dos designios, e mandando, e ordenando o que melhor a Vossa Alteza parecer, que sempre será o mais acertado; mandando repartir algum dinheiro entre os soldados, e trabalhadores; e se Vossa Alteza por sua mão o fizesse, levando para isso

quantidade de dobrões, este seria o meu voto, e que Vossa Alteza se humane conhecendo os homens, e chamando-os por seu nome, e fallando não só aos grandes e medianos, senão aïnda aos mais ordinarios; porque d'esta maneira se conquistão e se conformão os corações dos vassallos, os quaes se Vossa Alteza tiver da sua parte, nenhum poder de fóra será bastante a entrar em Portugal; sendo pelo contrario müito facil aïnda qualquer outra maior empreza a quem tivesse o dominio dos Corações.

Sua Magestade tem n'esta parte uma vantagem müito conhecida, que é estar de posse, e podêr dar, quando Castella só póde prometter. Como ha poucos Antonios Vieiras, ha tambem poucos que amem só por amar, e Sua Magestade não deve esperar finezas, senão contentar-se müito de que se queirão vender aquelles, que lhe for necessario comprar. A pólvora, as bálas, e os canhões são comprados, e bem se vê o ímpeto com que servem, e o estrago que fazem nos inimigos; e mais natural é em müitos homens o interesse que n'estes instrumentos a mesma natureza. Os que menos satisfeitos estivérem de Sua Magestade, esses chegue Vossa Alteza mais a si, que importará pouco que no

affecto se dividão as vontades com tanto que no effeito Sua Magestade e Vossa Alteza as achem obedientes e unidas. Fáça-se Vossa Alteza amar; e n'esta só palavra digo a Vossa Alteza mais do que podéra em largos discursos. Considére Vossa Alteza, Senhor, que esta é a primeira acção em que Vossa Alteza ha de adquirir nome, ou de mais, ou de menos grande Principe. A idade, o engenho, as obrigações, tudo está empenhando a Vossa Alteza a obrar conforme seu Real Sanguè; e mostrar ao mundo que é Vossa Alteza herdeiro de seus famosissimos Primogenitores, não só no sceptro, mas muito mais no valor.

Toda a Europa, cujos ouvidos estão cheios de louvores de Vossa Alteza, está com os olhos n'esta occasião, que é a primeira em que Vossa Alteza sai a representar no theatro do mundo; e na qual o nome, que Vossa Alteza ganhar com as suas acções, será o por que será avaliado, e estimado para sempre. Não aconselho a Vossa Alteza temeridades, mas tenha Portugal e o mundo conceito de Vossa Alteza que antes despréza os perigos do que os reconhece. O que tocar á segurança da pessoa de Vossa Alteza deixe Vossa Alteza sempre ao amor e zelo dos seus vassallos, mas não acceitando n'esta conselho,

que de mũito longe possa tocar ao decóro. A vida está só na mão de Deos, e esta é a occasião em que servem as philosophias que tantas vezes ouvi a Vossa Alteza do desprêzo d'ella. Da mesma criação de Vossa Alteza saío Achilles a ser terror de Troya, e fama de Grécia; e esta mesma desconfiança (a qual inculco a Vossa Alteza) o fez mais Achilles.

Eia, meu Principe, despída-se Vossa Alteza dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos Portuguezes, e ao mundo o que Vossa Alteza n'elles tem estudado. Armas, Guerra, Victorias, pôr bandeiras inimigas, e corôas aos pés, são de hoje por diante as obrigações de Vossa Alteza, e estas as minhas esperanças. Oh, como as estou ja vendo não só desempenhadas, mas gloriosamente excedidas! A graça do Espirito Santo, que é Espirito de fortaleza, assista sempre no coração de Vossa Alteza, cuja mũito alta, e mũito poderosa pessoa guarde Deos, como a Igreja, e os vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Faço meu substituto ao Padre Ignacio Mascarenhas, a quem peço ouça Vossa Alteza com grande confiança n'estas materias, porque fio mũito do seu valor, resolução, e conselho, que tenho bem experimentado.

Perdôe Vossa Alteza ao meu amor este e os outros atrevimentos d'esta Carta.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLI.

AO MARQUEZ DE GOUVEA.[1]

Excellentissimo Senhor,

Começarei esta por onde acabão todas, desejando a Vossa Excellencia os bons annos. Bem me lembro que esta usança se tinha ja exterminado da nossa Corte, e permittido só nos Janeireiros; mas como o novo Senado de Lisboa se empréga todo em resuscitar antiguidades, em quanto me não consta do que ordena n'esta parte, permitta-me Vossa Excellencia que o affecto, com que desejo a Vossa Excellencia todas as felicidades, siga d'esta vez o ceremonial de Portugal o velho; e verdadeiramente, Senhor, que vão os annos tão estéreis de novidades, que se o co-

[1] É a CIII do tomo I.

meçarem uns e acabarem outros nos não der esta tão ordinaria materia, não haverá com que encher um quarto de papel, aïnda que seja tão pequeno como este romano. Os Embaixadores de Hespanha se não mudárão aïnda, nem o nosso Residente, que ja começa a andar por casa, teve a primeira audiencia do Papa. Deos guarde a Vossa Excellencia como os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 3 de Janeiro de 1672.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLII.

EM QUE DÁ OS BONS ANNOS A CERTO FIDALGO [1].

Meu Senhor,

Os annos passão, e a eternidade se chega; e que bom fôra se os gastássemos todos em amor Divino, e logo teriamos a eternidade

[1] É a XXX do tomo III.

em sua gloria! Todos os desejo assim a Vossa Senhoria, para que em uma e outra parte dê Deos a Vossa Senhoria o prémio grande de suas gloriosas, e repetidas emprezas militares e politicas, em que Vossa Senhoria tem dado tantos creditos ao Reino, como lições ao Mundo.

Em meus sacrificios péço sempre ao mesmo Senhor pela vida, e saúde de Vossa Senhoria como criado, por tantos titulos, da illustrissima Casa de Vossa Senhoria.

Coimbra, 2 de Janeiro de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIII.

AO DUQUE DO CADAVAL.[1]

Excellentissimo Senhor,

Conheço quanto devo á grandéza e piedade de Vossa Excellencia, e quanto ella poderia

[1] É a LI do tomo II.

er, se os decretos da Providencia Divina
podérão impedir com diligencias humanas.
Os homens escrevêrão a sentença, o Céo
lictou, e eu a acceitei com a paciencia e
nformidade que se deve ás suas ordens.
ibre tanto desengano do mundo estava e
tou resoluto a o tractar como elle me tem
actado, e não apparecer mais onde me
ja. Debaixo d'esta condição, que não póde
ixar de parecer bem a Vossa Excellencia,
ei para onde me mandarem, pois assim
ossa Excellencia o manda, cuja obediencia
ira mim foi sempre o mais seguro acerto,
nda antes de meus erros estarem tão co-
lecidos, e condemnados.

Eu, Senhor, fico sempre aos pés de Vossa
xcellencia sem discurso, nem juizo, e hoje
is rendido que nunca, porque hoje mais
rigado. Deos guarde a Vossa Excellencia.

Coimbra, 5 de Janeiro de 1668.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIV.

AO SEU GERAL JOÃO PAULO OLIVA, EM ROMA [1].

Reverendissimo Padre N. Geral,

Quando Vossa Paternidade Reverendissima se comprazeo de me significar a inestimavel honra, que Sua Magestade de Suecia se dignava fazer-me, em se querer servir de mim n'essa Curia, exhortando-me com tanto encarecimento, a que na primeira bôa occasião emprehendesse esta jornada; depois de representar a Vossa Paternidade Reverendissima a minha incapacidade para tão soberano ministerio, dei juntamente conta do estado, a que meus annos e enfermidades me tinhão reduzido, sem esperança de podêr aturar os rigores do frio em qualquer clima da Europa, e que por essa causa de conselho dos Medicos, éstava ja então deliberado a me passar aos ares da minha Provincia. Offerecendo-me porèm com toda a

[1] É a LV do tomo III.

resignação a ir morrer aos pés de Sua Magestade, e aos de Vossa Paternidade Reverendissima, sendo este o unico motivo por que dilatei a partida, não sem alguma confiança, que pelas forças naturaes do desejo, ou pelas superiores da obediencia, me fizesse Deos mercê de que as do corpo se restaurassem. Mas tem succedido tanto pelo contrario no presente inverno que, sem evidente perigo de vida, não poderei supportar o que résta d'elle, e müito menos aguardar o vindouro para a frota seguinte, que não parte para o Brazil senão d'anno em anno.

Sendo pois de parecer, que eu me embarcasse com os outros Missionarios, em companhia do Padre Antonio de Oliveira, assim o mesmo Padre, como o Padre Procurador Francisco de Matos, com beneplacito do Padre Provincial (pois não posso ter o expresso de Vossa Paternidade Reverendissima) e com o da consulta d'esta Provincia, havendo tambem alcançado o de Sua Alteza, pelo nome que aïnda tenho de seu Prégador, pedindo humilissimamente a benção de Vossa Paternidade Reverendissima, me parto para a dita minha Provincia; n'ella espero em a Divina Bondade me succederá o mesmo, que a outros velhos, que pela mesma causa

se passárão áquelle clima : e de qualquer modo que Sua Providencia o disponha, sempre acabarei a vida com a consolação de ser mais religiosamente do que n'esta Provincia, na qual, por ser tractado como hóspede, me falta em grande parte o exercicio da obediencia, como tambem o da pobreza, por me sustentar a despezas proprias.

Igualmente é certo, que por esta via poderei mũito melhor, e, mais brevemente satisfazer á expedição dos meus escriptos, que Vossa Paternidade Reverendissima tanto me encarrega; cessando os forçosos impedimentos e embaraços d'esta Corte, e accrescendo todo o tempo inutil, que pérco nos invernos, com que cada anno de vida (se Nosso Senhor for servido conceder-m'a) virá a ser, para éste fim, dobradamente maior.

O que só resta é render a Vossa Paternidade Reverendissima infinitas graças, pelos excessivos favores, que da paternal benignidade de Vossa Paternidade Reverendissima, em presença, e na ausencia, tenho recebido, sendo esta uma particular obrigação de perpétua memoria d'elles, e de em todos meus sacrificios, e orações, rogar a Nosso Senhor nos conserve por mũitos annos a vida de Vossa Paternidade Reverendissima, como

bem da universal Companhia ha de mister.

Lisboa, 21 de Janeiro de 1681.

De Vossa Paternidade Reverendissima,

Humilissimo, Devotissimo, e obrigadissimo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLV.

AO PADRE BALTHASAR DUARTE DA COMPANHIA DE JESUS [1].

Meu Padre Balthasar Duarte,

Ha perto de quinze dias, como tenho escripto em outras, que estou sustentando á capa n'esta quinta a grande tempestade de catarrhos, que com pleurizes, e sem outra febre mais que a sua natural, ouço que fazem grande destroço em todas as sortes de vidas, e idades. Em fim me resolvo a deixar este deserto, e ir para o Collegio, ou para

[1] É a XCVI do tomo III.

sarar como homem com os remedios da Medicina, ou para morrer como Religioso, entre as orações, e braços dos meus Padres, e irmãos. A deos Tanque, não vou buscar saúde, nem vida, senão um genero de morte mais socegado e quieto, que é o memorial mais frequente, que de mũitos annos a esta parte trago diante de Deos; não sei o que será, mas no que for peço a Vossa Reverencia se conforme com a vontade Divina, tão indifferentemente, como se a vida ou morte fôra d'ambos. Vale.

Quinta, 3 de Julho de 1696, ás onze da manhã.

De Vossa Reverencia,

Humilde, e obrigadissimo servo,

Antonio Vieira.

CARTA XLVI.

A EL REI [1].

Senhor,

Recebi a carta que Vossa Magestade me fez mercê mandar escrever, e depois de a venerar com todo o affecto que devo, achou a minha alma n'ella toda a consolação, que Vossa Magestade por sua piedade e grandeza quiz que eu com ella recebesse. Dou infinitas graças a Deos pelo grande zelo da justiça e salvação das almas que tem posto na de Vossa Magestade, para que assim como tem sido restaurador da liberdade dos Portuguezes o seja tambem das d'estes pobres Brazís, que ha trinta e oito annos padécem tão injustos captiveiros e tyrannias tão injustas do nome christão. Eu li aos Indios assim do Pará como do Maranhão a carta de Vossa Magestade, traduzida na sua lingua, e com ella ficárão mũi consolados e anima-

[1] É a XI do tomo I.

dos, e se acabárão de desenganar, que o não sêrem atégora remediadas suas oppressões, era por não chegarem aos ouvidos de Vossa Magestade seus clamores; espérão pelos effeitos d'estas promessas, tendo por certo que lhes não succederá com ellas o que atégora com a demais, pois as vêem firmadas pela Real mão de Vossa Magestade.

Vossa Magestade me faz mercê dizer, que mandou se confirmassem os despachos com tudo o que de cá apontei; mas temo que aconteça ao Maranhão o que nas enfermidades agudas, que entre as receitas e os remedios peore o enfermo de maneira, que quando se lhe vêm a applicar, é necessario que sejão outros mais efficazes. Tudo n'este Estado tem destruïdo a demasiada cobiça dos que governão, e aïnda depois de *tão acabado*, não acabão de continuar os meios de mais o consumir. O Maranhão, e o Pará é uma Rochella de Portugal, e uma conquista por conquistar, e uma terra onde Vossa Magestade é nomeado, mas não obedecido.

Vim com as ordens de Vossa Magestade, em que tanto me encarregou a conversão d'estas Gentilidades, e aos Governadores e Capitães Móres que me dessem toda ajuda e favor, que lhes pedisse para as jornadas

que se houvéssem de fazer ao sertão. Apresentei as ditas ordens ao Capitão Mór N. de N. e logo assentámos que a primeira Missão fosse o descobrimento dos Indios Ibirajarás, de que ha fama n'estas partes que são descendentes de homens de Europa, que aqui viérão dar em um naufragio. Fez-se este ajustamento no primeiro de Março de 1653 para se executar em Junho do mesmo anno; e fazendo eu todas as diligencias, e mũitas mais das que me tocavão, o Capitão Mór me foi entretendo sempre com promessas, e demonstrações exteriores de prevenções, até partir o ultimo navio d'aquelle anno, para que eu já não tivesse por onde avisar a Vossa Magestade.

Partido o navio, fui ás Aldeias a fazer rezenha da gente e das armas que tinhão para a jornada, e tanto que o Capitão Mór me teve tambem ausente, fez uma junta a que chamou as pessoas que elle quiz, e por seus votos, posto que não de todos, se assentou que não era tempo de ir ao dito descobrimento; e d'isso se fez um auto, com que ficou desfeita a Missão. Este, Senhor, foi o pretexto, mas a causa, que se teve por verdadeira, era porque os Indios n'este Maranhão são poucos, e se queria aproveitar d'el-

les como aproveita, ou occupando-os em cousas de seus interesses, ou repartindo-os com quem lh'os sabe agradecer. E prova-se claramente que nunca teve tenção de que a jornada se fizesse, porque havendo de ser dezoito ou vinte canôas as que havia de ter prevenidas, pedindo-lhe eu uma, tanto que se desfez a Missão para ir ao Pará, custou-lhe mũito o buscál-a para m'a dar; e sobre tudo no mesmo tempo em que se havia de dispor a jornada, mandou elle fazer duas grandes lavouras de tabaco, as quaes era força que se colhessem e beneficiassem no mesmo tempo, e pelos mesmos Indios que havião de ir a ella, por não haver outros. E não é de crer que um homem que é pobre, e tem desejos de o não ser, quizesse perder a sua lavoura, e plantar o que não havia de colhêr. E estes indicios erão tão manifestos aïnda antes de se descobrir o effeito d'elles, que por vezes m'os avisárão os Padres que andavão pelas Aldeias, advertindo-me que me não fiasse das promessas do Capitão Mór, porque elles não vião disposição nenhuma nos Indios, e os trazia o dito Capitão Mór occupados todos em cousas mũito alheias do nosso pensamento. Finalmente o tempo em que a Missão se assentou, era não só bas-

tante, senão dobrado do que se havia mistér para a prevenção, e disposição d'ella, quanto vai de Março a Junho. Assim que, se faltóu o tempo, foi porque o não quiz aproveitar quem tinha obrigação d'isso, e mais fazendo-lhe eu contínuas lembranças, como fazia.

Desenganado d'esta Missão, ou enganado n'ella, parti-me para o Pará com os Padres que tinha detido, e tratando de passar ao Rio das Amazonas me offereceo o Capitão Mór d'ali N. do N. outra Missão para o rio dos Tocantins, em que se dizia estarem abaladas muitas aldeias de Indios para se descêrem. Acceitei, e tractei logo de se dispor tudo o que nos era necessario; mas as traças e enganos com que n'este negocio se houve N. do N. e as machinas que urdio para levar o effeito d'esta entrada ao fim de seus interesses, é impossivel podêl-o eu representar a Vossa Magestade. Primeiramente dizendo elle que os Indios erão mais de déz ou doze mil, tractou de os repartir todos pelos moradores, que era um modo córado de os captivar e vender, sem mais differença que chamar á venda repartição, e ao preço agradecimento. Por vezes me disse que os havia de repartir na fórma sobredita, offerecendo-me que tomaria d'elles para as nossas aldeias

do Maranhão e Pará todos os que quizesse, o que eu de nenhuma maneira acceitei; só disse que os Indios, quando quizessem vir por sua vontade, se havião de pôr em suas aldeias, nos lugares que fossem mais accommodados á sua conversão e conservação, porque isto era o que Sua Magestade ordenava, e o contrario manifesta violencia e injustiça. Procurei que antes que os ditos Indios descessem do sertão, se lhes fizessem mantimentos, para que vindo não morressem á fome, como succede ordinariamente em semelhantes casos; mas N. do N. me respondeo por vezes, que morressem mũito embora, que melhor era morrêrem cá que no sertão, porque morrião baptizados.

Esta é uma das causas que tem destruïdo infinidade de Indios n'este Estado, *tirarem-nos* de suas terras e trazerem-nos às nossas sem lhes terem prevenidos os mantimentos de que se hão de sustentar; mas fazem-no assim os que governão, porque se houvérem de fazer as prevenções necessarias, ha-de-se gastar mũito tempo n'ellas, e entre tanto passão-se os seus três annos, e elles antes querem cincoenta Indios que os sirvão, aïnda que morrão quinhentos, que mũitos mil vivos e conservados, de que elles se não hajão

e aproveitar. Em fim, depois de grandes baralhas vim a conseguir que os Indios se houvessem de trazer para quatro aldeias das antigas do Pará, em que se podessem menos incommodamente doutrinar, sendo que Vossa Magestade nas ordens que foi servido dar-me, ordêna que os Indios que descêrem do sertão se ponhão no lugar, que eu eleger e julgar por mais conveniente; mas nada d'isto me quer consentir nem guardar N. do N., e aïnda no ajustamento das quatro aldeias referidas faltou logo com a palavra, mandando que fossem trazidos os Indios para oito aldeias, e essas as que mais accommodadas ficavão aos seus tabacos e outros interesses.

Nas sobreditas ordens manda Vossa Magestade que as Missões no sertão, ou por terra, as faça eu na fórma que julgar e tiver por melhor; e no particular das ditas Missões só encarréga Vossa Magestade aos Governadores e Capitães Móres, que sob pena de caso maior, nenhuma pessoa secular de qualquer estado ou condição que seja possa ir ao sertão buscar os Gentios por nenhum modo, nem trazêl-os, aïnda que seja por sua vontade: e sem embargo, Senhor, d'estas duas ordens de Vossa Magestade, a primeira tão particular, e a segunda tão apertada, en-

tregou N. do N. esta jornada do Rio dos Tocantins a um Gaspar Cardoso, ferreiro actual com tenda aberta, fazendo-o Capitão e Cabo d'ella; a este homem deo o regimento do que se havia de obrar, ordenando-lhe que elle fizesse as praticas aos Indios, e que os trouxesse e puzesse nos lugares que lhe nomeava, em fim entregando tudo á sua disposição: e só no cabo do regimento lhe dizia que me désse conta do que fizesse. Repliquei a este regimento, e mostrei a N. do N. as ordens de Vossa Magestade, requeri-lhe da parte do serviço de Deos e de Vossa Magestade que nos não quizesse perturbar as nossas Missões, nem intrometter-se no que Vossa Magestade nos encommendava a nós, e não a elle, antes a elle o prohibia; e que se era necessario ir Capitão e soldados para a segurança da jornada, que fossem muito embora, mas que esses entendessem só no que tocasse á guerra, e não no particular de praticar, ou descer os Indios, pois Vossa Magestade no-lo encommendava a nós, e para isso mandava vir Padres, Linguas do Brazil, a tantas despezas suas; e sobre tudo prohibe expressamente, sob tão graves penas, que nenhuma pessoa secular podesse ir buscar Indios: mas de nada d'isto fez caso N. do N. dizendo que

não havia de mudar o seu regimento, e assim o deo ao dito Gaspar Cardoso, mandando-lhe que o guardasse inviolavelmente. Succedeo isto tudo no mesmo dia da partida; indo-me já embarcar, veio ter commigo o Vigario Geral do Pará N. do N., de quem Vossa Magestade, por outra via, terá largas informações, intimo amigo e confidente de N. do N.: trouxe-me o dito Vigario um papel, em que N. do N. ordenava a Gaspar Cardoso, que seguisse na jornada o que eu dispuzesse; mas aqui esteve o maior engano de todos, porque debaixo d'esta ordem lhe deo N. do N. outra em contrario, em que lhe mandava que a não guardasse, e fizesse em tudo o que dizia o regimento que lhe déra: e em effeito assim o fez e cumprio o dito Gaspar Cardoso.

Partîmos para o rio dos Tocantins, eu e outros três Religiosos, todos Sacerdotes theologos e praticos na lingua da terra, e dous d'elles insignes n'ella. Navegámos pelo rio a cima duzentas e cincoenta leguas, chegámos ao lugar onde estavão os Indios que iamos buscar; e Gaspar Cardoso foi o que, conforme o seu regimento, governou sempre tudo, e o que em seu nome antes de chegar mandava embaixada aos Indios, e a

quem elles forão reconhecer depois de chegado, e o que lhes disse que os ia buscar da parte de Vossa Magestade e do Governador, e o que lhes fazia as práticas por meio d'um mulato que lhe servia d'interprete: e no mesmo tempo estavamos nós nas nossas barracas, mudos como se nos não pertencêra aquella empreza, nem tivéramos linguas, nem tanta auctoridade como o ferreiro para fallar, nem fôramos aquelles homens a quem Vossa Magestade mandou vir ao Maranhão com tantos empenhos só para este fim, nem Gaspar Cardoso fosse secular a quem Vossa Magestade o prohibe sob pena de caso maior.

Fiz por três vezes requerimento ao dito Gaspar Cardoso, se não intromettesse no que lhe não tocava, e era proprio de nossa profissão e o para que Vossa Magestade nos mandára; mostrei-lhe, e li-lhe diante dos Padres e de oito ou dez soldados, que levava comsigo, a ordem de Vossa Magestade e a do Capitão Mor, e respondeo publicamente que a de Vossa Magestade não podia guardar, e que a do Capitão Mor não queria. Bem entendêrão todos que este modo de fallar era de quem se fiava em ordem secréta, que tinha encontrada, e assim m'o declarou o mesmo Gaspar Cardoso por muitas vezes e a

differentes pessoas, como consta por certidões juradas, nas quaes, e em outras que envio, poderá Vossa Magestade mandar ver outras mũitas circumstancias d'este caso, mũi notaveis e indignas.

Em fim, Senhor, os pobres Indios nos dizião que não querião fazer outra cousa senão o que os Padres quizessem, e o que El Rei mandava, trazendo sempre El Rei na bocca; mas Gaspar Cardoso e os seus, parte com promessas, parte com ameaças, parte com lhes darem demasiadamente de beber, e os tirarem de seu juïzo, parte com lhes dizerem que os Padres havião de tirar aos Principaes as mũitas mulheres que costumavão ter, para com isto os alienarem de nós: com estas e outras similhantes violencias e impiedades arrancárão de suas terras metade dos Indios que ali estavão (e serião por todos mil almas), e os trouxérão pelo rio abaixo, e depois de Gaspar Cardoso repartir alguns pelos soldados, e levar outros para sua casa, a maior parte de todos se pozérão na aldeia chamada de Morajuba, sem embargo de não haver n'ella mantimentos alguns para se sustentarem, mas é esta aldeia a que está mais pérto dos principaes tabacos de N. do N.

Este foi, Senhor, o fim d'esta mal lograda

Missão, na qual se se guardárão as ordens de Vossa Magestade, e os Padres se ficárão com os Indios, como elles e nós pretendiamos para se descêrem depois commodamente, *assim* d'estas como de três outras nações vizinhas esperavamos trazer em mũi pouco tempo á Fé de Christo mais de cinco ou seis mil almas, e com ellas mũitas outras no mesmo *rio. Mas* não só ficárão estas almas fóra do grémio da Igreja, senão que tambem forão os Padres constrangidos a deixar n'aquelle sertão mũitas d'innocentes que jà tinhão baptizado, ficando em tão evidente risco de não terem jamais quem lhes ensine a Fé que *recebêrão*, e de viverem e morrerem como os demais Gentios. E certo, Senhor, é dor grande, e que ha mistér mũita graça do *céo para se* suffrer, vêrem tantos Religiosos, homens de bem, que depois de deixarem suas patrias e Provincias, e as commodidades que n'ellas tinhão, e tudo quanto podião ter, por amor de Deos, depois de passarem marés, e atravessarem tão grandes e perigosos rios; padecêrem fomes, frios, chuvas, enfermidades, e as inclemencias do mais destemperado clima que tem o mundo; e depois de se expôrem a tantos e tão evidentes perigos de vida, só por salvar estas pobres almas que

ndo tinhão já quasi dentro das redes de
isto, lh'as houvessem de tirar d'ellas por
ι violencia tão enorme : e que os que fi-
'o esta injuria a Deos, á Fé, á Igreja, e a
sa Magestade, não fossem os barbaros das
alhas, nem outros homens inimigos, ou
anhos, senão aquelles mesmos de quem
sa Magestade confia os seos Estados, e a
m Vossa Magestade encommenda pri-
ro que tudo a conversão das almas, e
encarrega os meios d'ella sob pena de
maior!
or esta dor, e por esta causa forão de pa-
r todos os Padres d'esta Missão, que eu
isse logo aos pés de Vossa Magestade a
esentar estas injustiças e violencias, e a
nar, e bradar, quando não bastasse, e
n estive deliberado; mas este pobre re-
ho é tão pobre, tão desamparado e per-
ido, que nem por poucos dias se póde
ar sem grande risco : e da Real grandeza,
iça, e piedade de Vossa Magestade espe-
os que bastem estas regras para Vossa
gestade lhes mandar deferir com tão
mpto e breve remedio, como a materia
e, e como todos estes perseguidos Reli-
sos, vassallos de Vossa Magestade, e seus
sionarios, prostrados aos Reaes pés de

Vossa Magestade com todo o affecto de nossas almas lhe pedímos.

Pedimos, Senhor, a Vossa Magestade o que verdadeiramente é cousa indigna de pedir-se em um Reino tão Catholico como Portugal, e a um Rei tão pio e tão justo como Vossa Magestade; pedimos que mande Vossa Magestade acudir aos Ministros do Evangelho, que mande libertar a Prégação da Fé, e desforçál-a das violencias que padece, que mande franquear o caminho da conversão das almas, e pôl-as no alvedrio natural em que Deos as creou: e que mande Vossa Magestade tomar conta de todas as que n'esta occasião se poderão salvar, e se querião converter, e ficão perdidas.

E porque a experiencia nos tem *mostrado* quão pouco temidas e obedecidas são n'estas partes as ordens de Vossa Magestade, por particular mercê lhe pedimos, que as que de novo for servido mandar-nos, não sejão com clausula de que, fazendo-se o contrario, se dê conta a Vossa Magestade; porque o recurso está mũi distante, e não ha navio senão d'anno a anno: e em um anno, e em um dia perdem-se, Senhor, mũitas almas.

A pena de caso maior grande é, e que devêra ser mũi temida, e respeitada, mas

como estas penas se ouvem tantas vezes, e nunca se vêem, são tão mal cridas, como nós estamos experimentando. Assim que, Senhor, não ha senão isentar Vossa Magestade as Missões de toda a intervenção, e jurisdicção dos que usão tão mal da que não têm, e libertar Vossa Magestade os Ministros da Prégação do Evangelho, pois Deos a fez tão absoluta, e tão livre, que não é bem que até a salvação dos Indios seja n'este Estado captiva como elles.

A múito alta, e múito poderosa Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos como a Christandade e os vassallos de Vossa Magestade havemos mistér.

Maranhão, 4 d'Abril de 1654.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLVII.

AO DUQUE DO CADAVAL [1].

Senhor,

Com razão diz Vossa Excellencia que andão os trabalhos encadeados. E quanto ao do Senhor Conde de Soure, não acho outro allivio a tão grande materia de sentimento, mais que a consideração de haver Deos trocado as sentenças, deixando-nos a vida do Conde para mũitos annos, como havemos mistér, e levando para o Céo *aquelle penhor*, cuja saúdade se póde consolar com mũitos outros, que Deos aïnda lhe dará. Mas applicando a cadeia dos trabalhos aos meus, temse ella travado de maneira, que sendo o meu maior sentimento a ausencia de Vossa Excellencia d'essa Côrte, quasi me vem a ser allivio, ou remedio a mesma ausencia, pois seria nova circumstancia de pena faltar-me

[1] É a XVIII do tomo I.

communicação de Vossa Excellencia, se Vossa Excellencia faltar de Lisbôa.

Narrarei o caso como tem passado, posto que ja dei a Vossa Excellencia as primeiras noticias d'elle. Tive aviso haverá quinze dias, que me estava decretado novo desterro; uma versão diz, que para o Brazil, outra para o Maranhão, outra para Angola; ouvío isto d'um dos maiores Ministros, e com termos tão effectivos, que se tomou informação dos navios que havia para aquellas partes. Desejei saber a causa d'esta novidade, e no correio passado me avisárão, ou notificárão fôra por uma carta ou cartas, que eu escrevêra a Vossa Excellencia, discorrendo sobre as pazes do Minho, a favor da negociação e de quem a obrava, etc., e que communicando Vossa Excellencia éstas Cartas, chegára de mão em mão o que n'ellas se dizia a parte, onde de tudo se fizéra (palavras formaes) refinadissima peçonha. Não ha heresia que se não tirasse da Sagrada Escriptura, e com tudo as palavras são dictadas pelo Espirito Santo, mas não está o mal nas palavras, senão na interpretação que lhes querem dar; e como dizem que forão de mão em mão, bem póde ser que chegassem tão differentes, que totalmente não fossem as

minhas, e assim o creio. Mas de qualquer modo que haja, ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde me mandarem, seja Africa, ou America, que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deos para a alma; e lá nos acharemos todos diante d'aquelle Tribunal, onde só testemunha a *verdade*, sentencea a justiça, e nunca *é* comdemnada a innocencia.

Alèm d'este castigo, que dizem *está decretado*, se me notifica outro, posto que me não declárão de que tribunal saío, em que me ordenão por modo de conselho, que me abstenha d'escrever áquella Personagem, a quem escreve o sobredito (porque não nomeião a pessoa de Vossa Excellencia) e que só o faça por esta vez, dando *satisfação* de mim e conta da occasião. *Esta é*, Senhor, toda a historia com que entrou o anno de 1663, e se vai declarando por crítico contra mim, pois não só desterrão a Vossa Excellencia de Lisbôa, mas a mim de Vossa Excellencia; da qual sentença o meu coração se ri muito no meio do seu sentimento, appellando dos instrumentos da memoria para a mesma memoria, e dando graças a Deos, porque os que têm jurisdicção sobre o papel, não a tem sobre a alma.

são hoje os vinte que Vossa Excellencia
signalado por dia decretorio da partida.
empo está claro e concertado, aïnda que
ão esteja o mundo. O que importa é que
ssa Excellencia tenha mũi bôa viagem, e
Vossa Excellencia a procure fazer com o
ior descanço e commodidade, e se Vossa
cellencia em Gouvea achar menos Lisbôa,
bem será allívio achál-a menos; e ne-
ıma cousa faltará a Vossa Excellencia em
a a parte, pois se leva comsigo. De mím
tenho que dizer a Vossa Excellencia,
que o mesmo que tenho dito serve para
los os tempos, pois sou e hei de ser o
smo em todos. Se com effeito me man-
em embarcar, como na hora da morte não
reservação, aproveitar-me-hei do privi-
io para dizer a Vossa Excellencia o *a dio;*
entretanto, se me não é licito procurar
vas de Vossa Excellencia em direitura,
-o-hei por outra vía, que não me hão de
pedir todos os homens. E quando elles o
ão, as de Deos estão fóra da sua jurisdic-
, e empregar-se-ha o meu affecto todo em
ções, e sacrificios, rogando ao mesmo Se-
or, como sempre faço, pela felicidade da
soa e Casa de Vossa Excellencia, e sobre
lo pedindo a sua Divina Magestade, tenha

a Vossa Excellencia no numero de seus vassallos, conservando sempre a Vossa Excellencia em sua graça com grandes augmentos d'ella, que é o que só ha de durar, e o que só importa. Guarde Deos a Vossa Excellencia mũitos annos como desejo.

Convèm que a noticia d'esta resolução não passe de Vossa Excellencia por respeito de quem m'a notificou, principalmente não se me dizendo d'onde manou, o que eu procurei saber.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLVIII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Como outras das que escrevo n'esta occasião a Vossa Excellencia são de differentes materias, seja esta toda ecclesiastica.

[1] É a XXVIII do tomo III.

Chegou o nosso Arcebispo, quando ja se não esperava a sua vinda este anno, antes se suspeitava que a efficacia do mesmo patrocinio, que o promoveo a esta Mitra, era a que o dilatava, para que sem passar o mar chegasse ao Porto. Em fim aportou na Bahia, onde foi festejado com iguaes applausos aos desejos e ancias, com que era esperado. Detêve-se um dia no mar, onde logo fui saber d'elle novas de Vossa Excellencia; e ao terceiro fez sua entrada á Sé, e d'ali se reçolheo a sua casa, sem o fazer á sua Religião, nem a outra, como era costume, com que agradou a todos. N'este Collegio, a que fez a segunda visita, depois de ir a S. Francisco, foi recebido com orações, e Poêmas em todas as linguas; e esteve o assumpto tão elegante, como proprio, por não ser mais, nem melhor lisongeado um Papa. Vai governando com grande approvação de todos.

Dei-lhe as graças pela approvação do terceiro Tomo (na qual se vê bem, que foi feita a Vossa Excellencia, e não ao meu livro) e lhe disse, que a havía mandar tirar d'elle; por que tudo o que se lesse depois, era força, que parecesse mal: pois o que se dizia era tão differente e levantado d'estylo, que mais pa-

recia escripto para escurecer a obra, que para louvar o Auctor.

Não julguei que o segundo Sermão de Santo Antonio houvesse de ser mal recebido, caïndo aquellas sombras sobre as luzes do outro. Todos as Auctores das mais famosas Nações do Mundo, escrevendo da sua, as notão da inveja, que por ser vicio primogenito da altiveza, e da generosidade, entendêrão que não desdouravão mũito com elle as mesmas Nações. Assim o fizérão Gregos, e Romanos, e nos Hespanhoes e Portuguezes se lêm, sem reprehensão similhantes exemplos. Quarenta e dous annos ha que préguei em S. Maméde este mesmo assumpto, e ninguem então se queixou de mim; antes o applaudîrão todos os queixosos, *que pela* maior parte são os mais benemeritos. Com tudo sem fazer caso d'esta, nem de nenhuma outra razão, me sujeitei logo ao parecer de Vossa Excellencia, e em lugar d'aquelle Sermão vai outro para supprir o numero.

O mesmo juïzo faço do Sermão, que a Vossa Excellencia pareceo menos mal que os outros d'aquelle Tomo, posto que não sei qual seja o que teve esta ventura. Por uma circumstancia, que me refere Francisco Barreto, dizendo-me que Vossa Excellencia o

mandára ler, entendo que é o Sermão do Banquete; mas este, como elle aponta, é d'uma Dominga de Quaresma; e assim não posso atinar qual seja. O certo é, que nenhum d'estes dous Sermões era n'aquelle Somo o meu mimoso, nem agora me admiro da differença; porque deve suppôr Vossa Excellencia que os meus dictames, n'este rmo, são todos como os dos primeiros oito dias, quando saïa dos exercicios, em que Vossa Excellencia dizia, que se não podia allar commigo.

Na Universidade de Mexico me dedicárão mas Conclusões de toda a Theologia, que u remetto, e dedico a Vossa Excellencia; e posto que da empreza da Fenix, das palmas, das trombetas nenhum caso faço, porque udo é vento e fumo, não posso deixar de me magoar mũito, que no mesmo tempo, m uma Universidade de Portuguezes se afronte a minha estatua, e em outra Univeridade de Castelhanos se estampe a minha magem. Por certo, que nem a uns, nem a outros merecia eu similhantes correspondencias. Mas assim havia de ser, para que quanto m uma parte se faltou á justiça tanto se excedesse na outra. E para que não pareça, que são isto influencias da America; quando na

que é sujeita a Castella me honrão d'este modo, na que é sujeita a Portugal me fazem as affrontas, de que Vossa Excellencia será informado por outras vias. Deos guarde, e nos conserve a Vossa Excellencia mũitos annos, como o mesmo Portugal, qual é, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 24 de Julho de 1683.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XLIX.

A D. RODRIGO DE MENEZES[1].

Senhor,

Mũitos tempos ha que vivo desconfiado, não da vontade, senão da memoria de Vossa Senhoria. Vai um anno que não vejo firma da mão de Vossa Senhoria, nem uma carta de mão alheia; e quando comparo esta diffe-

[1] É a LXXII do tomo II.

ença com a dos tempos passados, e olhando
ara o meu coração, o acho sempre o mesmo,
sempre aos pés de Vossa Senhoria, não posso
leixar de me ver em uma grande suspensão,
companhada de maior sentimento.

Accrescenta-me esta imaginação, e os escrupulos d'ella, a materia das ultimas duas
cartas que escrevi a Vossa Senhoria o anno
passado, e a sinceridade e zelo com que manifestei a Vossa Senhoria o meu parecer, e
o juïzo que fazião sobre aquella materia os
homens mais doutos, e timoratos da Cabeça
da Igreja, que sem odio, nem amor a considérão. O effeito mostrou quanto se enganárão
os interpretes d'aquelle caso; e o justo sentimento do sacrilegio convence a necessidade
de se buscar prompto e breve remedio a tantos, quantos se commettem occultamente,
sem bastar o fogo para atalhar o incendio, etc.
Isto é em summa o que dizia a Vossa Senhoria n'aquellas cartas, referindo algumas admirações e execrações das pessoas que allegava, e as consequencias da pureza da Fé,
honra, e utilidades do Reino, que d'aqui se
seguião. Se tudo pareceo mal a Vossa Senhoria não devia porèm parecer mal, nem o zelo
e serviço de Deos e do Principe, nem o
animo e sinceridade com que escrevi, prin-

cipalmente tendo-me Vossa Senhoria ordenado que o fizesse. E todas estas considerações, e a ignorancia das causas de tamanha differença, não podem deixar de lastimar mũito a quem sobre tantas desattenções do Reino, em que Vossa Senhoria assiste, chega a cuidar que tambem isto podem ser instancias suas. Se assim é, não quero, nem espero outra razão de Vossa Senhoria, e com o silencio, como atégora, a haverei por entendida; mas se não é esta a causa, sirva-se Vossa Senhoria pelo que lhe merece o meu coração, de me livrar d'este cuidado.

Não deixarei com tudo de confessar a Vossa Senhoria, que contra a presumpção e tristeza d'estes pensamentos, se oppõe o mũito que sempre me escreve o Padre João Pimenta da firmeza do affecto de Vossa Senhoria, e o mũito que me referia o Padre Pedro Juzarte, a aïnda Manoel da Gama, dizendo-me recebêra Vossa Senhoria a minha carta com grandes demonstrações de contentamento; mas como nem d'esta, nem de nenhuma outra vi resposta, não basta a benignidade tão natural, e cortezia de Vossa Senhoria para desfazer tantos argumentos, e tão interiores. Eu, Senhor, estou em Roma com mais commodidade do que desejo, nem quero

e Portugal mais que o seu bem; e pois me não sei mudar, nem esquecer sobre tantas ingratidões, julgue Vossa Senhoria se mereço um desengano, que é o que só peço.

Com esta dará a Vossa Senhoria o Padre João Pimenta uma carta para Sua Alteza que Deos guarde, em que peço outra para Sua Santidade, em que se recommende efficazmente a causa dos quarenta Martyres, de que se nos hão dado novas esperanças, e entendemos se quer fazer esta graça a instancias de Suas Altezas. Não remetto a carta á secretaria, porque emporta a brevidade, e eu tenho tão pouco favor n'aquella casa, como a Vossa Senhoria é presente.

Tambem me torna a pedir Manoel da Gama, só suppondo-me na graça de Vossa Senhoria. Eu como não sei o estado em que estou, etc., o refiro a Vossa Senhoria protestando, que de qualquer modo, Vossa Senhoria e o Senhor Marquez me terão a seus pés. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos, como desejo e os criados de Vossa Senhoria havemos mister.

Roma, 13 de Agosto de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA L.

AO CONDE DA ERICEIRA [1].

Excellentissimo Senhor,

Tão desobrigados estão os doentes de escrever, como os mortos de fallar; e este foi o impedimento porque na frota passada faltei com resposta á carta de que Vossa Excellencia me fez mercê, a qual, quando eu estivéra, ou me déra por mũito offendido, não só bastava, mas excedia a satisfação dos maiores aggravos.

Por relações alheias ouvi que a Historia de Vossa Excellencia me louvava com descredito, ou me desacreditava com louvores, e por que eu depois que fugi do mundo, tão pouco estimo uns, como sinto os outros, contentei-me com que estas noticias me entrassem por um só sentido, e este foi o motivo do que o Senhor Marquez das Minas, e o Senhor Conde d'Alvor referírão a Vossa Excellencia.

[1] É a CXII do tomo II.

Não me appliquei a ler a dita Historia, porque a parte d'ella que pertence ao Brazil, vi-a com os olhos, e a outra parte das embaixadas passou-me pelas mãos. Mas depois que com segundo e repetido favor me chegou a ellas, mandado por Vossa Excellencia, o pequeno volume, e grande livro de Castrioto, resuscitado gloriosamente na penna de Vossa Excellencia, póde ella fazer, que aïnda depois de morto continuassem as suas victorias, vencendo-me a mim no presupposto, em que aïnda estava, de não ler o Portugal Restaurado. Já o li, e em ambos admiro o méthodo, a ordem, a disposição, a felicidade, a facilidade, a altiloquencia do estylo, e pureza da linguagem; a arte sem affectação, a discrição, o juïzo, e todas as outras excellencias, de que se póde compor no gráo summo o mais perfeito historiador; só tem uma e outra escriptura de differença a que costuma dar a memoria á Antiguidade, ou a vista.

O Prologo de Vossa Excellencia começa assim : « Uma das maiores emprezas do « mundo é a resolução d'escrever uma histo- « ria, » e a empreza e resolução de Vossa Excellencia foi mũito mais que todas, pois não só se resolveo Vossa Excellencia a escre-

ver historia do passado aos vindouros, senão do presente, ou quasi presente, aos que aïnda vivem; e sendo as informações dos successos sempre várias, e na mesma variedade incertas, é força que em mũitas cousas os que do anno quarenta, e mais atrás, vivem atégora, achem alguns reparos que se encontrão com o affecto, e assim me succedeo no primeiro successo do Brazil, que é a restauração da Bahia, em que não concorda com mũitas circumstancias o que Vossa Excellencia refère com o que vímos os que aïnda agora vivemos; e o mesmo póde succeder nas batalhas, como Vossa Excellencia diz no Prólogo, não havendo quem pudesse ver uma toda, e os que vírão as partes, quasi todas as referem por diversos *modos.*

Mas d'estes claros e escuros se compõe a pintura de Portugal Restaurado, com tal methodo no todo, e tal simetria nas partes, que seria injusto Juïz quem quizesse mais do possivel ao estudo e diligencia humana. No que póde tocar-me me assegura Vossa Excellencia que nada escreveria contra acção minha, se não fôra obrigado do preceito da historia. Se o tempo, e a saúde me der lugar, poderá ser que pretenda de Vossa Excellencia saber sobre uma só proposição, para que eu já que

ão posso emendar esta culpa, faça penitencia d'ella. Deos guarde a Vossa Excellencia.

Bahia, 15 de Agosto de 1688.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LI.

A CERTO MINISTRO [1].

Não quero deixar de dar novas minhas a Vossa Mercê porque sei que Vossa Mercê as estimará, sendo melhores do que a falta d'ellas, e a tardança da minha viagem haverão lá prognosticado. Cá se cuidou que eramos tomados ou perdidos, e para tudo houve occasião, porque lidámos com inimigos, com tempestades, com outros infinitos generos de trabalhos e perigos, de todos os quaes foi Deos servido livrar-me, e trazer-me ao cabo de cincoenta e nove dias a Pariz, onde fico ao serviço de Vossa Mercê de saúde, que não é pouco, havendo padecido tanto, e

[1] É a II do tomo II.

não sem esperanças de que os negocios, a que Sua Magestade foi servido mandar-me, tenhão o fim que Vossa Mercê e eu desejâmos.

Segundo o estado em que Vossa *Mercê* tinha posto aquelle negocio, entendia eu que n'estes ultimos navios viessem novas de estar já publicado. Só me pezará que, se contra elle levantárão algumas difficuldades, hajão prevalecido os auctores d'este mal entendido zelo contra os que o têm mais verdadeiro. Quanto mais ando pelo mundo, mais me confirmo n'esta verdade; e se os que estão n'esse Reino tivérão saïdo d'elle, tambem saïrião da cegueira em que vivem n'esta, e em outras materias. Baste o exemplo do Marquez de Niza, e do seu Fr. Francisco de Macedo, os quaes, tendo sido de tão contraria opinião, que um deo *conselhos*, e outro escreveo livros contra ella, depois que vîrão o mundo, se lhes abrîrão os olhos de maneira, que ambos se têm retractado; e o Marquez antes de eu vir tinha escripto a Sua Magestade pedindo com grande aperto o mesmo de que nós tratámos, e se préza mũito de ser este o seu voto. Os proveitos, que da execução d'este negocio se esperão, são infalliveis, e assim o promettem todos os Portuguezes d'estas partes, que fallão com

enos receio nas acções do que os que lá ivem. Todos estão muito sentidos d'El Rei e Castella, pela destruição que se tem feito as Indias, e porque de presente tomou to-as as consignações a todos os Assentistas Portuguezes (exceptuando nomeadamente s Genovezes) de que recebêrão igual perda escandalo. Agora é o tempo de que expe-imentem favor em seu Rei natural, para que ractem de o servir antes a elle. Vossa Mercê á por diante com esta empreza, e diga a El Rei Nosso Senhor o que sente, pois Vossa Mercê sabe que conhece Sua Magestade a verdade, e inteireza do zelo e justiça de Vossa Mercê, e quão livre é de todos os outros respeitos mais que o de seu maior serviço, que por esta via se adiantaria com grandissimas vantagens; e quando a experiencia as não mostrasse, ou d'ella se seguisse algum grave inconveniente, a concessão d'este privilegio não tira a Sua Magestade o poder para o derogar, ou mudar quando fôr servido.

Ao Padre Manoel Monteiro me fará Vossa Mercê mercê de offerecer por mim esta, em quanto o tempo me não dá lugar, até lhe escrever particularmente; e se se descuidar em fallar a Sua Magestade sobre o negocio que ficou á conta de Sua Reverendissima

Vossa Mercê lh'o lembre, e lh'o requeira por parte do serviço de Deos e bem da Patria, porque sei quanto importarão suas diligencias para o levar ao cabo, pelo grande conceito que sua Magestade tem de suas letras, virtude, e zelo. Deos guarde a Vossa Mercê mũitos annos como desejo, e como o nosso Reino ha mister.

Pariz, 25 d'Outubro de 1647.

Servidor de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Com uma firma de Vossa Senhoria, que o Padre Reitor de Santo Antão me remetteo em um seu escripto, tive mũi alegres Paschoas, porque ella me segurou do meu maior cuidado, que é a saúde de Vossa Se-

[1] É a XXIV do tomo I.

nhoria; e do que mais estimo depois d'ella n'este mundo, que é saber me tem Vossa Senhoria em sua graça.

Na mesma carta, que aquelle meu recommendado havia de presentar a Vossa Senhoria, significava eu a Vossa Senhoria quam pouco empenhado estava no seu despacho, mas Vossa Senhoria, pela mũita mercê que em tudo me quer fazer, mede os favores com a sua grandeza, e não com o meu desejo, por o que beijo mũitas vezes as mãos a Vossa Senhoria.

Cà tive meus rebates, como o anno passado, de me quererem mudar o degredo para mais longe n'esta occasião de náos da India; mas não são necessarias as calmas de Guiné, nem as tormentas do Cabo da Boa-Esperança; bastão os frios de Coïmbra para satisfazerem á vontade de meus amigos. Depois que entrou Abril, se esfriárão notavelmente os dias, e ao mesmo passo se atrazou a saúde, mas nem por isso levantei a mão da nossa Obra, cujo successo depende tanto do tempo, que poderá ser se apresse mais do que alguns cuidão.

Na Livraria d'El Rei ha um Comento do Abbade Joaquim sobre o Apocalypse, que ha mũitos annos se me emprestou, e agora

me importava mũito tòrnál-o a ver, podendo ser, Vossa Senhoria me fará mercê mandál-o entregar ao Padre Reitor para que m'o remetta. De cá não ha mais novidades que ouvirmos sómente os estrondos que se publicão de exercitos de Castella sobre Alemtejo, e como eu vou tão dobradamente empenhado nos bons successos d'aquella Provincia, desejo que Deos ouça as minhas orações, posto que indignas, e as de meus companheiros que são continuas. O mesmo Senhor guarde a Vossa Senhoria com tão alegres Paschoas como a Vossa Senhoria desejo.

Coïmbra, 14 d'Abril de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Nunca tanto desejei poder escrever, e mũito largamente a Vossa Senhoria como

[1] É a XXXII do tomo I.

n'esta occasião da victoria do Senhor Marquez, que Deos guarde; cuja nova chegou a esta Cidade primeiro que as Cartas de Vossa Senhoria, e foi n'ella tão festejada e celebrada, como a felicidade do successo, e a importancia da Praça merece. Com as cartas de Vossa Senhoria soubémos as circumstancias, e auctoridade das capitulações que com alvoroço se esperavão, e se renovou, e accrescentou com ellas a alegria de tudo se concluir com grande credito de nossas armas, e menos reputação do podêr contrario: por tudo sejão dadas mũitas graças a Deos, a quem o Senhor Marquez com maior gloria sua refére todo o louvor; elle pagará este grande serviço, que tanto redunda em bem de toda a Christandade, na moéda que costuma, e com as vantagens que merece, as quaes nunca igualará a Patria, que por natureza é tão invejosa, e tão ingrata.

De mim não posso dar as novas que Vossa Senhoria deseja, como já não pude no correio passado, por estar então recaïdo, como aïnda fico, cada vez mais penetrado e mais quebrantado do mal, posto que os Médicos o não conhecem, e me animão; que é o mesmo caminho por onde o anno passado me levárão tão perto das portas da sepultura. Alguns

medicamentos me applicárão esta semana; com que se não remediou, antes se dobrou a doença; e este é o estado em que fico, sempre ao serviço de Vossa Senhoria com o mesmo coração, rogando a nosso Senhor guarde a Vossa Senhoria mũitos annos, e ao Senhor Marquez com a vida e saüde que o Reino ha mistér, e com as felicidades e augmento d'estado, que eu a toda a Casa de Vossa Senhoria, como o mais affeiçoado criado d'ella, desejo.

Coïmbra, 7 de Julho de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIV.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Ja dei a Vossa Senhoria o parabem, e mũitas vezes tenho dado as graças á Divina

[1] É a LXXIII do tomo I.

bondade, por o Senhor Marquez se haver restituïdo á sua Casa, e á presença de Vossa Senhoria sobre tão glorioso successo, com tão inteira saüde, que não é pequena mercê de Deos, depois de tão continuado trabalho, e em dias tão rigorosos como todos estes tem passado. Tudo são experiencias e argumentos novos de quanto devemos á Providencia Divina, e de quanto suas disposições fôrão encaminhadas em tudo a nosso remedio, e credito. O demais que se ouve, e se estranha, não é para ser fallado de tão longe, e vinhão a mũi bom tempo as diligencias de Vossa Senhoria, se a opposição que sustenta o meu desterro não estivera tão empenhada n'elle; e posto que sei tambem com quão bôa vontade o Senhor Marquez, que Deos guarde, ajudará o intento de Vossa Senhoria, estou certo e firmissimo em que se não ha de conseguir por esses meios, em quanto o tempo não trouxer outros de mais alta providencia, porque esta e outras difficuldades de maior importancia se facilitem. D'esta banda não ha mais que festas e mais festas, e só nos falta para cumprimento do gosto a noticia dos sentimentos de Madrid, que já tem tempo de haver chegado, posto que aïnda não espero a verdade da resolução que hão de to-

mar, que deve ser mũi diversa depois de esfriarem as feridas.

N'essa Corte anda requerendo ha mũitos dias o Licenciado Domingos Sá Correa, Vigario Geral que foi do Estado do Maranhão mũitos annos, e onde com seu grande zelo e christandade fez mũitos serviços a Deos. E' pessoa que tenho por dignissima de qualquer lugar Ecclesiastico, e que ha mũito poucos no Reino de Portugal, a quem com mais segura confiança se possão entregar as ovelhas de Christo. Alèm d'esta razão geral, lhe devo algumas obrigações particulares pela bôa assistencia que sempre fez aos Missionarios, e pela differença que depois experimentámos em outros lobos, que lá se mandárão com nome de pastores. Se Vossa Senhoria, no que houver lugar, for servido de apadrinhar seu merecimento, alèm de ser obra mũito grata a Deos, e mũito do seu serviço, me fará Vossa Senhoria mũito particular mercê; em cuja confiança o aviso se póde valer do amparo de Vossa Senhoria, pois eu não tenho outro. Guarde Deos a Vossa Senhoria mũitos annos, como desejo e havemos mistér.

Villa Franca, 27 de Julho de 1668.

Criado de Vossa Senhoria,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA LV.

AO CONDE DE CASTELLO-MELHOR [1].

Excellentissimo Senhor,

Emfim outra vez, meu Senhor, que tudo tem fim, se o não tem a vida. Já não escrevo a Vossa Excellencia de Roma a Turim, nem agora o faço da Bahia a Lisboa, senão d'este retiro do meu deserto ao de Vossa Excellencia no Pombal; e d'esta generosa circumstancia principalmente é que dou a Vossa Excellencia o parabem, e a Deos as graças.

Quando cessarem os movimentos dos Orbes celestes, não sabemos em que lugar ha de parar o Sol, mas sabemos que ha de resplandecer então com luz sette vezes maior que agora; e tal considero a Vossa Excellencia no lugar que Vossa Excellencia escolheo para seu solsticio. Necessaria foi a roda que Vossa Excellencia fez pelo Zodiaco das principaes Cortes do mundo, e depois de Vossa

[1] É a CVI do tomo II.

Excellencia ém todas acreditar sua pessoa, honrar sua Nação, e finalmente augmentar sua illustrissima Casa, só n'ella podia Vossa Excellencia parar. Lembra-me que quando Vossa Excellencia com tanta felicidade governava a nossa Monarchia, vi em Coïmbra dedicadas umas Conclusões a Vossa Excellencia com a figura de Atlante; e quanto melhor é, Senhor, ter o mundo debaixo dos pés, que sobre os hombros! Assim parece-me estar vendo a Vossa Excellencia rindo-se da fortuna, e logrando descançadamente quanto ella podia dar, e não póde tirar.

De mim que direi a Vossa Excellencia? Digo que entre tantas mortes, de que lá chegárão os échos, aïnda por mercê de Deos me acho com vida; e em quanto não posso invejar a Vossa Excellencia *ver as felicidades de perto*, approve-me Vossa Excellencia *ouvir as fatalidades de longe*. Deos guarde a Vossa Excellencia mũitos annos, como Portugal sempre ha de mistér, e os criados de Vossa Excellencia mũito desejâmos.

Bahia, 15 de Julho de 1686.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LVI.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Não posso negar a Vossa Senhoria que sou
nem do tempo; com elle vivo, com elle
rro, com elle adoeço, com elle saro. En-
u S. Martinho com o seu veranico, que
calmas póde competir com o maior ve-
, e como não ha frio, logo estou em paz
n os ares de Coïmbra. Passo estes dias em
lla Franca só commigo, e com os livros;
e Deos for servido que continuem os al-
itos com que me acho, aquella obra se
rá em estado, que possa ir a tempo ás mãos
Vossa Senhoria.

Do successo, ou costume do Alemtejo, dou
parabem ao Senhor Marquez, que Deos
arde, e me alegro com Vossa Senhoria de ter
o constante a sua fortuna. Bemdita seja a
ovidencia Divina, que tão conhecidamente

[1] É a XLVII do tomo I.

nos assiste nos campos, e nas campanhas, no mesmo tempo em que nossos competidores colhem n'elles, e n'ellas tão pouco sustento, e tão pouca opinião. Pelas copias d'ambas as cartas beijo a Vossa Senhoria a mão; forão tão festejadas de todos, como merecem, e tambem pelo lugar, e circumstancia em que forão recebidas, tiverão no meu coração particular applauso. Não quero dizer com isto a Vossa Senhoria que morão as minhas esperanças no mesmo lugar, porque aïnda que todos os dias se confirmão mais, não sei se estão depositadas em S. Vicente de fóra, se fóra de S. Vicente; mas sempre será em lugar Santo. Ja pedi a Vossa Senhoria me fizesse mercê dizer seu sentimento, porque sempre seguirei, e estimarei a opinião de Vossa Senhoria como de Vossa Senhoria. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo, e havemos mistér.

Villa Franca, 17 de Novembro de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

Antonio Vieira.

CARTA LVII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

A Carta, que Vossa Senhoria me fez mercê escrever em 9 d'Agosto, recebi ao primeiro de Outubro, e com toda a verdade do meu coração digo a Vossa Senhoria que para elle não ha outro allivio, nem outra consolação maior, que o conhecimento, e fé de quanto leio nas cartas de Vossa Senhoria. Pague Deos a Vossa Senhoria este affecto, que eu nem mereço, nem posso gratificar a Vossa Senhoria, mais que com a contínua memoria diante do mesmo Senhor em todos os meus sacrificios, offerecendo-os a sua Divina Magestade pela vida, e conservação da pessoa e Casa de Vossa Senhoria, com mũitos augmentos de sua graça, que são os que Vossa Senhoria só deseja, como quem faz d'este

[1] É a XXXVI do tomo III.

mundo ao outro a verdadeira differença, que entre elles ha.

Mũito estimo que Sua Alteza, que Deos guarde, esteja informado da mudança, que tenho experimentado na antiga mercê, que a Senhora Raïnha d'Inglaterra me fazia, e da causa d'esta differença: todos os meus trabalhos e infortunios tivérão, e *têm* a mesma origem, que foi o zelo, e amor da Patria, e dos Principes, que Deos nos deo, e do excessivo desejo, e esperança de suas felicidades, presentes, e futuras, sobre todos os outros Principes do Mundo; materia que aïnda aqui me faz não pequena *guerra*, como tão mal soffrida de todas as *nações*; e eu sou tão louco, que nenhuma *experiencia*, nem desengano basta a me *emendar*: por signal, que prégando dia de Santo Antonio aqui, disse taes cousas da Nação Portugueza, que sem tocar em nenhuma outra nação, conciliei contra mim o odio de todas, *principalmente* da Castelhana, em cuja graça e estimação podéra eu ter mũito grande lugar, *só* com me mostrar menos apaixonado Portuguez. Mas ja hei de seguir este fado até á morte, pela satisfação que terei depois d'*ella*, de que conheça a alma d'El Rei D. João a fidelidade, que guardèi ás suas cinzas, aïnda

que tão mal conhecida de seus descendentes.

O affecto, e bôa vontade, que Vossa Senhoria me segura de Sua Alteza, prézo quanto devo, e ainda prezára mũito mais, que Sua Alteza acabára de se convencer a si, e de usar de seu juizo e valor, em que Deos o fez tão superior a todos os Principes do Mundo, de maneira que todo elle estivéra mũito cheio da fama de suas gloriosas acções, e que ellas posérão silencio a todo o odio, e inveja de nossos émulos. Este é o meu sentimento, e este o sentido, em que alguma vez tenho fallado com aquelles, que entendo têm o mesmo coração, como aqui fazia com o Enviado João de Rochas. E se na mesma conformidade escrevi alguma cousa a esse Reino, de que não estou lembrado, foi a pessoa de quem os nossos Principes fiárão todo o seu governo e secretos mais de vinte e quatro annos, e mal podia eu presumir, que revelasse este, e mũito menos em differente sentido; mas eu prometto a Vossa Senhoria de emendar este bom conceito, que tinha dos homens, e de fiar só de Vossa Senhoria o que sei não ha de passar do seu peito. Assim o faço n'esta occasião, em que digo a Vossa Senhoria que sobre a expedição dos Bispos receio uma grande tormenta. O

Embaixador me perguntou meu parecer, e eu lh'o dei de palavra, na fórma em que o remetto a Vossa Senhoria, para que Vossa Senhoria com a verdade d'estas noticias aconselhe a Sua Alteza o que mais conviér. Peço mũito encarecidamente a Vossa Senhoria, que este papel não passe dos olhos de Vossa Senhoria, e que nenhuma pessoa saiba que eu lhe dei voto, nem fui perguntado n'esta materia; porque tudo quanto se passa n'essa Corte, e concelhos de Sua Alteza, se sabe logo n'esta, e se houver a menor noticia, ou presumpção, de que eu me opponho em qualquer modo ás pretenções d'estes Ministros, no mesmo ponto fico perdido, assim fóra, como dentro de casa; e ficão tambem perdidos, e desesperados pàra *sempre*, os intentos, que me trouxérão a Roma: com isto tenho dito a Vossa Senhoria tudo o que posso, e devo.

Dou a Vossa Senhoria infinitas graças pela mercê, que Vossa Senhoria fez a meu irmão, e seus procuradores. Ao Senhor Marquez de Fronteira escrevi, e estou mũito certo da mercê, que sempre me fez, e fará. Hontem chegou aqui uma carta, em que se refere por um Religioso nosso, que Sua Alteza tinha accrescentado o titulo ao Senhor Marquez,

endo todos mũito menores que o merecimento, e fama de Sua Excellencia, de que me dou o parabem, como tão antigo criado da casa de Vossa Senhoria.

Pelo verdadeiro lenho farei todas as diligencias; espero aïnda que Vossa Senhoria seja tão dono das reliquias de Jerusalem, que nos não seja necessario buscál-as em Roma. O Turco dispõe Exercito com o Grão-Visir, que foi d'elle mũi bem recebido em Constantinopla, onde estão alojados todos os soldados velhos, que são em grande numero, com ordem d'estarem prestes para o principio de Março, e a este fim se mandárão refazer pontes, e estradas. Não sei a que proposito lembrou agora aquillo, que há tanto tempo se diz de interdicto. Tenha-me Vossa Senhoria em todos estes disparates o segredo, que peço. E Deos me guarde a Vossa Senhoria mũitos annos, como o Reino e os criados de Vossa Senhoria havemos mistér.

Roma, 11 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria

ANTONIO VIEIRA.

Senhor,

No maço do Residente escrevo pela Sec
taria a que será presente a Vossa Alte
N'esta darei conta d'algumas circumstanc
que não convèm passem á noticia dos
nistros, para melhor execução do que V
Alteza me tem ordenado.

Entreguei ao Padre Geral a carta,
Vossa Alteza foi servido mandar-lhe *escre*
e elle depois de considerar dous *dias* a
teria, me disse hontem sentia grande re
gnancia em me apartar de si, e de Ro
não só pelo affecto, que me tinha, mas p
cipalmente pelo serviço e crédito da R
gião, e pelo desprazer que d'isso te
mũitas das maiores pessoas d'esta Curia
sobre tudo, porque havendo mudanc

mo Pregador do Vaticano (como muitas vezes acontéce) tinha elle por mais provavel, que concorreriáõ os votos de todos os Cardeaes, a que se me désse aquelle lugar, o qual seria d'igual honra para a Companhia, e para a Nação; e que se a cousa estivesse n'estes termos, elle se havia de atrever a replicar a Vossa Alteza, pedindo-lhe por mercê, me deixasse ficar em Roma. Porèm que sendo esta esperança dilatada, e contingente, a sua resolução era, que elle, e eu obedecessemos logo a Vossa Alteza, mettendo-se só de premeio aquelle tempo, que for necessario para se ver, e conseguir o modo com que eu possa ir seguro d'alguns inconvenientes, que me podem prejudicar, e ao mesmo serviço e intento de Vossa Alteza; o qual, e a honra, que Vossa Alteza me faz, e quer fazer, ficaria frustrada e exposta a um effeito tão contrario: e que assim o havia de representar a Vossa Alteza, ou em carta publica por termos geraes, ou em outra secreta com mais particular expressão.

Até aqui as palavras formaes, e resposta do Padre Geral, em que eu não pude negar a força da ultima razão, a qual só, sem fazer caso de nenhuma das outras, represento a Vossa Alteza, para que Vossa Alteza sobre

a verdadeira supposição d'ella seja servido mandar-me ordenar, ou significar, pelo portador d'esta, o que for mais do seu real agrado; porque affirmo a Vossa Alteza com toda a verdade, e sinceridade de fiel criado, e com todo o affecto do meu coração, que aïnda com este risco, e qualquer outro de honra e de vida, o meu maior e unico desejo é ver-me aos Reaes Pés de Vossa Alteza, tanto mais cedo quanto for possivel; e que não ha cadêas, por mais douradas que se representem, as quaes me possão deter um momento, para que por mar, por terra, e pelos ares não siga o menor aceno da inclinação e vontade de Vossa Alteza, não só pela obrigação de vassallo ao seu Principe, mas pelo affecto e adoração *á pessoa de* Vossa Alteza, a quem, depois de Deos, mais venéro e amo. O mesmo Senhor guarde a Real pessoa de Vossa Alteza, como a Christandade e os vassallos de Vossa Alteza havemos mistér.

Roma, 7 de Septembro de 1671.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LIX.

AO PADRE SEBASTIÃO DE MATOS [1].

Senhor meu,

Recebi a carta de Vossa Mercê com singular gôsto e applauso, porque só Vossa Mercê soube conjugar a voz activa e passiva (de que outros me derão o pêzame) como eu fiz pelo verbo *Rideo*, estimando muito não ter parte no que suppuzérão os que me conhecem, que eu o podia duvidar. O que n'este caso agradeço a Vossa Mercê é o conhecimento, que tem de mim, como eu tambem n'este mesmo anno conheci a Vossa Mercê por outro acaso, e foi, que abrindo um livro de Sermões varios, achei n'elle alguns com o nome de Vossa Mercê, o qual me confirmárão os discursos que não era equivocado, senão o mesmo; logo o meu

[1] É a LXXVI do tomo III.

errado conceito despio de capa e espada a imagem, que atégora tanto idolatrava, como fingida: e dou o parabem á nossa Ordem Clerical de que uma tal pessoa lhe pertença. Venéro em Vossa Mercê a corôa sacerdotal, em quanto a não vejo coroada com a Mitra, e me admiro mũito que dando o Secretario d'Estado duas a dous irmãos, a de Vossa Mercê atégora seja esteril; mas com os augmentos Reaes d'essa casa de nossos amos não poderão tambem faltar aos principaes membros d'ella, com o que ha tanto tempo tarda na pessoa de Vossa Mercê á superabundancia de seus merecimentos.

Hontem me veio ver a este meu deserto um soldado da frota, sem outro interesse que a curiosidade de poder testemunhar *em Lisboa*, que aïnda sou vivo. Deo-*me mũitas novas* do Duque, que estimei, e entre ellas dos grandes aprestos de sellas, botas, pistolas, e os mais adereços de Cavallaria, que em todo o Reino se prevenião. Preguntei-lhe se se fazião tambem cavallos; e como me respondessê que não, sirva-se Vossa Mercê de dizer da minha parte a Sua Excellencia, que a minha especulação é tão maliciosa, que, supposto não se fazerem cavallos, tenho para mim que não devem estar mũito longe. Deos

nos allumie, e guie em tudo, e a Vossa Mercê guarde mũitos annos, como desejo.

Bahia, 22 de Julho de 1693.

De Vossa Mercê mũito obrigado servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LX.

A DONA MARIA DA CUNHA [1].

Senhora D. Maria da Cunha,

Mũito sinto a necessidade, que Vossa Mercê representa, e mũito mais não estar em minha mão remediál-a. Eu não tenho podêr sobre as acções do procurador de meu irmão, a quem já encommendei este negocio, com o encarecimento, que Vossa Mercê vio, nem estou em parte d'onde lhe possa fazer outras instancias. Vossa Mercê as póde fazer mais efficazmente pela via que lhe parecer, porque a minha não tem esta efficacia e valia. E digo isto a Vossa Mercê com toda esta

[1] É a LII do tomo III.

clareza, para que Vossa Mercê não tome o trabalho inutil de me escrever a este deserto aonde me recolhi, para tractar só de me aparelhar para morrer, e dar conta de mim a Deos, a quem prometto de encommendar mũito particularmente este negocio de Vossa Mercê, e o remedio da necessidade, em que Vossa Mercê se acha. Por essa razão torna o papel. E Deos guarde a Vossa Mercê mũitos annos, e lhe assista com sua graça, como desejo.

Carcavellos, sexta feira 16 de Agosto de 1680.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXI.

AO PADRE FRANCISCO DE MORAES, SEU GRANDE AMIGO, E CONDISCIPULO DO CURSO [1].

Em fim, amigo, póde mais Deos que os homens, e prevalecêrão os Decretos Divinos a todas as traças, e disposições humanas. A primeira vez vinha contra a vontade d'El Rei,

[1] E a II do tomo III.

'esta segunda vim até contra a minha, para
ue n'esta obra não houvesse vontade mais
jue a de Deos, seja elle bemdito, que tanto
aso faz de quem tão pouco val, e tanto ama
quem tão mal lh'o merece. Ajudai-me,
migo, a lhe dar infinitas graças, e a pedir
i sua Divina Bondade m'a dê, para que ao
nenos n'este ultimo quartel da vida lhe não
eja ingrato, como fui tanto em toda. Ah
juem podéra desfazer o passado, e tornar
itrás o tempo, e alcançar o impossivel, que
o que foi não houvéra sido! Mas já que isto
não póde ser, Deos meu, ao menos seja o
uturo emenda do passado, e o que ha de
ser, satisfação do que foi. Estes são, amigo,
hoje todos os meus cuidados, sem haver em
nim outro gôsto mais que chorar o que tive,
e conhecer quão falsamente se dá este nome
ios que sobre tantos outros pezares, ou hão
le ter na vida o do arrependimento, ou na
eternidade o do castigo.

Ditoso quem, por se condemnar ao pri-
neiro, se livrar para sempre do segundo; e
nais ditoso quem, tirando totalmente os
lhos d'este Mundo, os pozér só n'aquelle
ummo e infinito bem, que por sua formo-
ura e bondade, aïnda que não tivera justiça,
evêra ser amado. Amigo, não é o temor do

Inferno o que me ha de levar ao Céo; o amor de quem lá se deixa ver, e gozar, sim. Oh que bem empregados mares, e que bem padecidos Maranhões, se por elles se chegar com mais segurança a tanta felicidade! Só um defeito acho n'esta minha, que é não a poder repartir comvosco; mas ja que vivemos sem nós, vivamos com Deos, pois está em toda a parte: vejâmo-nos n'elle, e ouçâmo-lo a elle, que melhor será que ouvirmo-nos. Se eu ouvíra suas inspirações, já não fòra tão grande peccador; mas se o menos mal é parte do bem, alguma consolação posso ter hoje, que n'outro tempo me faltava. E para que vós tambem a tenhais, sabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido d'um panno grosseiro *cá da terra*, mais pardo que preto, cômo farinha de páo, durmo pouco, trabalho de pela manhã até a noite, gasto parte d'ella em me encommendar à Deos, não trato com minima creatura, não sáio fóra senão a remedio d'alguma alma. Chóro meus peccados, faço que outros chorem os seus, e o tempo que sobeja d'estas occupações, levão-no os livros da Madre Thereza, e outros de similhante leitura.

Finalmente, aïnda que com grandes imperfeições, nenhuma cousa faço, que não

seja com Deos, por Deos, e para Deos, e para estar na bemaventurança, só me falta o vêl-o, que sería maior gôsto; mas não maior felicidade. Esta é a minha vida, e estas as novas, que vos posso dar de mim, esperando n'aquelle Senhor, que está em todo o lugar, e na sua graça, que não depende de lugares, me possais mandar as mesmas d'esse aonde estais. Amêmos a Deos, amigo, e para o amarmos só a elle, conhecerêmos que pouco merecem nosso coração todas as cousas do mundo. Todas acabão, nenhuma tem firmeza; n'esta vida ha morte, na outra inferno, e aïnda é peior que um e outro o esquecimento de ambos. Ah, amigo, quem podéra trasladar-vos aqui o coração, para que lesseis n'elle as mais puras e as mais importantes verdades, não só escriptas, ou impréssas, senão gravadas! Salvação, amigo, salvação, que tudo o mais é loucura; livre-vos Deos de todas, e de vós mesmo, e vos una mũito comsigo, e vos guarde, como desejo, e continuamente lhe peço. Amen.

Maranhão, 26 de Maio de 1653.

Vosso amigo da Alma,

Antonio Vieira.

CARTA LXII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Aïnda as naus da India na altura de Cabo-Verde não estarão, e posto que nos perdoárão o degredo, padecemos em Coïmbra as calmas de Guiné, e menos mal fôra se só se padecêrão as calmas, mas são as doenças tão geraes, e tão malignas, que já os médicos lhes mandárão applicar os defensivos da peste, e falta pouco para lhes darem *o nome*; espero na Divina bondade que não ha de dar tamanho castigo a esta terra, posto que bastem só os meus peccados para o merecer, mas quando assim succedesse, tambem *confio* me ha de dar sua graça para dedicar a vida ao serviço e cura d'estas almas, como já *lh'o* tenho offerecido, com que darei por bem trocada a minha missão. Assim que, Senhor, quando a restituição de que Vossa Senhoria

[1] É a XXVI do tomo I.

tanto se lembra por me fazer mercê, tivéra algum lugar, não é o do tempo presente, em que póde haver occasião de fazer a Deos, que tanto nos merece, algum particular serviço.

As novas que Vossa Senhoria me faz mercê dar do Senhor Marquez, que Deos guarde, estimo sempre igualmente, e agora mũito mais pela circumstancia do tempo em que imos entrando. O inimigo, como Auctor, sairá primeiro, e nós observaremos seus designios segundo as leis das guerras defensivas; mas o successo da Campanha consiste na victoria, e esta ha de ser d'aquelle a quem Deos a quizer dar, e ha de querer dál-a a quem a tiver promettido. E certo, que se não tivéra tanta confiança nas suas promessas, não sei se me desconfiárão os nossos merecimentos; mas Deos póde primeiro castigar aos culpados, e depois fazer os castigados victoriosos: permitta Vossa Senhoria estes receios ao meu amor, que quem ama mũito teme tudo.

O meu recommendado do perdão tardou em me avisâr da mercê que recebêra de Vossa Senhoria, pela qual torno a beijar a mão a Vossa Senhoria mũitas vezes. Vim de Villa Franca ao Collegio assistir a uns actos: pas-

sados elles, se Deos der vida, faço conta de voltar, porque não perde nada na mudança aquella Obra de Vossa Senhoria. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo.

Coïmbra, 5 de Maio de 1664.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Com todo o coração sinto *que Vossa* Senhoria passe com achaques, mas pois elles se aggravárão com a incommodidade de Salvaterra, espero que com a mudança e melhoria do lugar tenhão remitido de todo, e Vossa Senhoria esteja restituïdo á inteira saüde que desejo a Vossa Senhoria, e a nosso Senhor peço sempre em todas as minhas orações e sacrificios. Tambem considero outras conve-

[1] É a LV do tomo I.

iencias em Vossa Senhoria antecipar a vinda
e Sua Magestade, que a tudo dá motivo
este máo mundo em que vivemos.

Eu passo como permitte o rigór do tempo,
escarrando vermelho, que não é bôa tinta
para quem está com a penna na mão; mas
a tudo obriga não só o gôsto, senão tambem
a necessidade. Isto é o que significquei a Vossa
Senhoria, de cujo favor e do Senhor Marquez, que Deos guarde, me valerei quando
a verdade se não possa defender por si mesma;
mas a materia, sendo para mũito papel, não
é para este. Até a esperança se nos tolhe, que
é o ultimo allivio que ninguem tirou na mais
triste fortuna aos mais desafortunados. Vossa
Senhoria pela mercê que me faz não tome
pena pelo que digo, que o meu coração é
mũito grande, e mũito costumado a navegar
com grandes tormentas; e só me falta n'esta
o allivio da communicação de Vossa Senhoria, que de tudo o mais me rio, e verdadeiramente é para rir. Bem a proposito da tormenta vinha agora o Senhor Santelmo. Dizia
o nosso Principe que não havia peior gente
que os semidoutos, (e aïnda são peiores sem
bôa vontade). Deos sabe o que faz, e porque,
e para que. Se eu pudéra tomar as lições,
que Vossa Senhoria me dá com o seu exem-

pio da conformidade com a vontade Divina, nenhuma cousa me faltava; mais aïnda que não chego a padecer com alegria, soffro com paciencia; e é tal o costume que póde parecer constancia. Tambem isto póde ser Comêta dos que Vossa Senhoria diz se vêem todos os dias; o nosso se vio aïnda menos ha de quinze, e hontem fallei com outro Religioso mathematico, dos que escapárão do naufragio do navio do Maranhão, que me disse fôra visto, não só no mar aos 12 de Novembro, como avisei a Vossa Senhoria, mas mũitos dias antes em terra, e que era lá mũi vermelho, e afogueado ao principio, e que logo dissera um Padre Alemão, que anda n'aquella missão, bom mathematico, que era universal. Se apparecerem cartas dos Padres, de que tenho algumas esperanças, ellas dirão com alguma miudeza o que lá se vio. De Castella viérão ao Porto dous prognosticos, que mandei pedir; se m'os mandarem irão a Vossa Senhoria. Dizem que este Comêta é parecido em tudo ao d'El Rei D. Sebastião, e que assim como aquelle significou a sujeição de Portugal a Philippe Segundo, assim este a Philippe Quarto. Mas o nosso Mercurio nos segura de todos estes temores com o pouco medo, que tem ás pre-

enções de Castella. Quererá Deos que assim
eja. Pela mercê, que Vossa Senhoria faz ao
adre Procurador, beijo mil vezes a mão a
ossa Senhoria. Guarde Deos a Vossa Senho-
a mũitos annos como desejo e havemos
aistér.

Coïmbra, 23 de Fevereiro de 1665.

Capellão e menor Criado de Vossa
Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIV.

AO SENHOR D. THEODOSIO[1].

Senhor,

Se Vossa Senhoria não fallára com este seu
riado, entendêra que era supposto a occa-
ão da bôa companhia, com que Vossa Se-
horia se acha, que é mũi reciproco allivio
ara tão continuado desterro; mas como creio
sinto o cuidado de Vossa Senhoria, não me

[1] É a XVI do tomo II.

alegra a ausencia de Almeida, quanto aquella má terra me merece, e eu quizera. Bom será esquecer d'ella, em quanto estes rebates de Castella divertem os olhos das nossas sentinellas em outras attenções. Eu espero que nos ha de vir a saüde por mãos de nossos inimigos; e que ha de obrar a necessidade o que não acaba de fazer a razão. Veio o Clerigo de Castella, e vêm mũitos Frades por todas as fronteiras. Temo ver que o braço secular pede ajuda ao ecclesiastico. Hoje acabei de saber que Carracena era Conde de Penharanda. Elle me conhece mũito bem, e me fez desterrar de Roma; mas se eu fôra qual elle cuidava, não me tivéra Portugal desterrado, e em terra, onde aos achaques passados se accrescenta lançar ha mũitos dias sangue pela bocca. Bem é que cuspa vermelho quem fallava claro.

Coïmbra, 20 de Março de 1665.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA

CARTA LXV.

AO SENHOR D. THEODOSIO [1].

Senhor,

Pelo Correio tinha escripto sempre a Vossa Senhoria e ao Duque, que Deos guarde. No ultimo dei conta do negocio que Sua Excellencia me fez mercê encarregar, sendo mais fiel a conta que venturoso o negocio, posto que apadrinhado da auctoridade da Senhora Duqueza, e do seu excessivo zelo e amor, que é maior que de mãi.

Esta tarde estive com Sua Excellencia, cuja discretissima conversação só póde alliviar as ausencias de Vossa Senhoria, aïnda que, quando Vossa Senhoria está em Coïmbra, tanto monta Roma, como Lisbôa.

O Padre João de Almeida me avisou a novidade d'esta resolução que, se teve alguma cousa de menos bôa, foi não ser feita mais cedo. Estude Vossa Senhoria, e faça

[1] É a LXI do tomo II.

seus actos como seus, e aïnda que a conversação dos Grandes não faz consequencias, diga-me Vossa Senhoria a mim o que se diz n'elles, porque me quero acreditar com a Senhora Duqueza de tão amante, como isto, de Vossa Senhoria.

Senhor, porque os Conselheiros d'Estado não têm tempo de escrever novas, posto que a mim tambem me falta, quero dar a Vossa Senhoria as de Roma, que póde ser que não passem tão facilmente o Mondego, como o Tejo.

Morreo em fim o Papa Nosso Senhor Clemente XI em 9 do Corrente pelas três horas da manhã, que lá chamâmos sette; celebrárão sua morte os valídos com sentimento, os demais com alvoroço, uns pela novidade, outros pela esperança. Ao dia seguinte com duas horas de noite passou pela nossa porta a pompa do enterro pela ordem seguinte. Ião diante os Estafeiros de Sua Santidade com tochas, logo a guarda dos Tudescos, e n'este lugar o corpo revestido de Pontifical, descuberto por todas as partes em umas andas de veludo carmezim bordadas, acompanhado d'um e outro lado com os doze penitenciarios de S. Pedro, todos Padres da Companhia; seguião-se seis peças d'artilheria

levadas por cavallos em suas carretas, e guarnecidas d'alguns infantes; após estes duas companhias de cavallo, uma de couraças, e outra de cavallos ligeiros com as lanças enristadas; e por fim os Officiaes do Palacio Pontificio em Carroças. Saío de Monte Cavallo para ser depositado em S. Pedro, onde se vão continuando as Exequias: *Sic transit gloria mundi.*

Deixou este bom Pontifice sua memoria mais rica de fama, que os parentes de fazenda. O conclave se prepara, onde ficará recolhido o Sagrado Collegio aos vinte. Está nomeado por confessor d'elle o Padre Ximenes Reitor da Penitencia. O nosso Embaixador teve sua oração ao Consistorio, com que ficou n'esta Corte com igual opinião de Orador que de politico; porque soube negociar, depois do Pontifice morto, o que sua enfermidade lhe atalhou fazer em vida. Com que já *está* publicamente recebido. O Cortejo que o levou foi grande, mas o da entrada que se está preparando, dizem, que será o mais estrondoso que nunca vio Roma. O demais dirá a Senhora Duqueza, que tambem me mostrou uma caixa de guantes para Vossa Senhoria, que não poderá levar o Correio.

No passado recommendava a Vossa Senho-

ria um negocio meu com carta para a Rainha Nossa Senhora; mas espero que onde está o Duque meu Senhor, não sinta este criado falta da presença de Vossa Senhoria que Deos guarde.

Roma, 16 de Dezembro de 1669.

Capellão e menor Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVI.

A CERTO PRELADO [1].

Meu Senhor,

A de Vossa Senhoria Illustrissima de 2 de Novembro recebi esta semana, e li com lagrimas, fazendo d'este favor e affecto de Vossa Senhoria tanto maior estimação, quanto a experiencia do mundo me tem mostrado ser raro o que permanece, quando os tempos

[1] É a LXIII do tomo II.

se mudão. A differença d'estes me trouxe a Roma por não haver outro desterro menos decente, depois de Portugal me haver tractado, como eu lhe não merecia.

Levou Deos para si o Papa Clemente, e em que a Igreja perdeo grande pastor, e Vossa Senhoria grande amigo. Ha cincoenta e oito dias que o Sagrado Collegio está em Conclave sem se concordar. Ao principio estava dividido em quatro partidos, que hoje se reduzem a dous, um de Barberino, outro de Chigi; e cada uma das partes tem vinte e cinco votos, sendo os cardeaes por todos sessenta e seis: com que cada um vem a ter segura a exclusiva, não bastando os que se chamão Volantes, aïnda que se inclinem a qualquer d'ellas para eleger pontifice. Entretanto se desenfada Paschino, e se escreve de todos em prosa e verso com tanta paixão, como indignidade: de tudo o que vejo, tiro uma consolação mũito desconsolada, e é que de todos os Christãos do mundo nós somos os mais Catholicos, com que venho a não desesperar do que alguma hora esperei.

O Turco faz em Constantinopla e Candia maiores apparatos de guerra que nunca, mas não ha quem o tema. Deos se lembre da sua Igreja, e a Vossa Senhoria Illustrissima guarde

Deos mũitos annos, para bem d'ella, como havemos mistér.

Roma, 14 de Fevereiro de 1670.

Capellão de Vossa Senhoria Illustrissima,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Grande é aquelle mal que, até para solicitar os allivios, tira o alento. Tal foi o meu estado todo este mez de Septembro, em que, guarecido dos pés, me commetteo o humor á cabeça com terriveis dores de dentes, e defluxão a uma face, que ajudadas agora das novas aguas e humidades, quando toda Roma sai a tomár no Campo a refrescáta, fico eu no da minha paciencia experimentando quão

[1] É a II do tomo IV.

desigual é para juntamente resistir aos sentimentos do corpo e aos do espirito. Passando a estes, ja me tenho queixado a Vossa Senhoria da tyrannia do meu zelo, e da obstinação do meu amor, a que não bastão ingratidões, desenganos, e aïnda desesperações, para não sentir os males de quem por vontade os quer, e sem juïzo os não melhora.

Aqui se diz que El Rei (D. Alfonso VI) está livre na ilha, e que nós não estamos seguros de seus parciaes em Portugal. Escrevem os maiores ministros de Castella, que agora era o tempo de recuperarem o seu, que assim lhe chamão. As cartas particulares do Reino não dizem tanto; mas dizem alguma cousa, porque insinúão mysterios. O Senhor Marquez tem cartas da ilha, que mostra; e eu tambem as tenho d'alguns dos maiores Ministros, com que defendo a nossa reputação n'esta casa, que é um theatro de todas as Nações, e nem todas amigas; mas o que basta para os refutar a elles não é bastante para me convencer a mim. Vejo ir o nosso Embaixador de Hollanda a Inglaterra, e ouço que ha de tornar: vejo eleger Embaixador de França (bem escuzada eleição onde Vossa Senhoria está) e que se escuzão d'ella: vejo saïr de Lisboa em uma Esquadra

tão pequena três cabos tão grandes; e sobre tudo vejo a nossa desattenção, e o nosso descuido; antes o cuidado que pômos em augmentar inimigos dentro, e não conservar amigos fóra, nem applicar os meios com que só se concilia o respeito d'uns, e a constancia dos outros. Dizem que temos valor, mas que nos falta dinheiro e união; e todos nos prognosticão os fados que naturalmente se seguem d'estas infelizes premissas. Eu não quizéra crer em prophecias, como tão escandalizado d'ellas; mas tambem não posso negar o que tenho visto, e vou vendo. Se fiára mais d'este papel, mandára a Vossa Senhoria um, em que ha duzentos annos está escripto tudo o que vimos n'estes quatro ultimos, e só falta o que já se começa a dizer. Mas como tudo é para fins de grande gloria de Deos, e d'aquelles a quem elle faz mercês acinte, não acabo de me desconsolar e desanimar de todo; Vossa Senhoria pelo *que* lhe merece o meu coração me faça mercê de participar alguma cousa do que com *isto* póde ter analogia, principalmente se são certas as resoluções, que em nosso despeito se tem tomado (conforme dizem) em Inglaterra. A da Raïnha, que Deos guarde, quanto ao divorcio, não posso crer, estando tão bem

quista do Reino, como o Mundo publíca. Mais me temo do amor de seu Irmão, que do desamor de seu Marido, ou Vassallos.

Esperamos ao Senhor Bispo de Lans, a quem quizéra mais capellos vagos, porque os Eminentissimos apezar dos annos teimão a viver. O Padre Confessor da Princeza Nossa Senhora me dá bôas esperanças do que tanto se deseja. O da Raïnha de Castella está n'esta casa, e todos os Castelhanos dizem lindezas sobre o matrimonio, em cuja validade fallão de maneira que se considerão hoje mais herdeiros de Portugal, que em tempo de Philippe Segundo. Por todos os modos nos fazem a guerra que podem, e onde têm tão poderosa parcialidade, qualquer rumor basta, senão para produzir grandes males, para impedir grandes bens. O Marquez trabalha com juïzo, industria e valor, e foi a mais cabal eleição que podia fazer Portugal; mas peleja com armas mũito desiguaes, aïnda que destrissimamente meneadas. Esperamos o parto dos Bispados, que em Portugal se suspirão com maior desejo do particular, que zelo do commum. Parece que o fallar com Vossa Senhoria allivia; mas à cabeça e os dentes, que não se governão pelo racional, me obrigão a não ir por diante. Julgue Vossa Senho-

ria como poderá prevenir papeis para a estampa quem não póde continuar tão poucas regras. Só por milagre da obediencia poderei fazer alguma cousa, de que darei conta a Vossa Senhoria. Guarde Deos a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo.

Roma, 26 de Septembro de 1670.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXVIII.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Faltou-me n'este correio carta de Vossa Excellencia, e nem por isso me tenho por menos favorecido, porque sei quanto tempo levão as visitas, e quão precisa é a paga d'estas dívidas, de que já considéro a Vossa Excellencia mais desempenhado.

Aqui não ha novidade. Por toda a semana

[1] É a LXXXV do tomo I.

que vem, me disse hontem o nosso Embaixador, irão os Bispados com as letras abertas ou cerradas, sobre que se fizerão duas Congregações, e aïnda não está resoluto; melhor fôra não intentar, que não conseguir, nem desejar os fins, se não se hão de applicar os meios. Acabada esta funçâo, e não havendo Capellos, porque estes que havia estão providos, parece que fica pouco que fazer, e menos que esperar.

Fez o Vice-Rei de Napoles Embaixador de Obediencia as suas entradas com grande ostentação, eu as vi, porque passárão pela nossa porta, sendo tão pouco curioso que morrem Papas, e se corôão, e nada vejo. Mais gósto de ver em Roma as ruïnas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que é; e com isto me parece o mundo mũito estreito, e a minha cella mũito larga, só me falta poder discorrer com Vossa Excellencia sobre isto uma tarde, aïnda que não fôra á vista das moletas do Tejo, nem das hortas de Santo Antão. Hoje começão as mascaras do carnaval, em que eu digo as tirão, porque verdadèiramente mostrão, que não são por dentro o que parecem por fóra.

Mũito nos magoôu o successo da Raïnha que Deos guarde, e mũito mais o conselho

que a deixou metter em tal perigo: de cá o vi, e escrevi, e hoje recebi carta em que, dando-me a nova, me chamárão propheta, mas sempre o será, quem de más resoluções prognosticar similhantes successos.

N'esta côrte está o Padre Antonio Vás, de quem sou antigo amigo, e o pudéra ser de menos tempo a esta parte pela similhança da fortuna. Em Lisboa o tractárão como inconfidente, sendo um dos mais finos Portuguezes de quantos se prézão d'este nome; Vossa Excellencia deve ter bastante informação de seus talentos, e a melhor de todas será a experiencia, que toda a mercê, que Vossa Excellencia lhe fizer, a receberei mũi particular.

Eu fico trabalhando na Canonização dos Martyres, que por mũitos, e Portuguezes, tem encontrado grandes embaraços na emulação; com tudo esperâmos que antes da Pascoa nos dê sua Santidade estas boas festas; passadas ellas, entrarei em consulta com a minha vida, esperando a resolução do que tem o lugar de Deos, porque não quero ter parte n'ella. Vejo que se inclinão a que se escreva, e só me inclino a não ter nem mostrar inclinação, e a fazer o que me ordenarem, que é a mais segura razão, que pos-

o dar a Deos, quando me pedir conta, para que só trato de me aparelhar, e com isto a tenho dado de mim a Vossa Excellencia quanto de presente posso. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos, como o nosso Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 31 de Janeiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXIX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Este correio, que trouxe d'essa Côrte novas do novo descobrimento de minas, me enriqueceo com duas cartas da mão de Vossa Excellencia, que beijo mil vezes por tanta mercê e honra, e dou graças a nosso Senhor,

[1] É a LXXXVI do tomo I.

que Vossa Excellencia passe com a saúde que havemos mistér, aïnda que entre neves, de que atégora aqui estamos livres.

A carta em que Vossa Excellencia *dá os parabens* ao Senhor Embaixador de haver botado de parte o negocio dos Bispados, lhe quiz mostrar antehontem, mas sendo *já dadas* as onze pela medida dos nossos *relogios*, aïnda o achei na cama restituïndo ao somno (como me dissérão) as horas que lhe tinhão tirado as comedias do Carnaval, que aqui se fazem de noite; e digo que se fazem, e não se representão, porque o que se vê, mais parece obrado pela natureza que *fingido pela* arte; mudando-se derepente os *edificios* em bosques, a terra em mar, os penhascos em jardins; e o melhor que isto *tem*, *é* que tambem o podêmos ver os Padres da Companhia nos nossos Seminarios, onde este anno se recitárão pelos mesmos estudantes duas famosas historias, uma de Santa Ita, outra de Santo Canuto: nas nossas quarenta horas se representou pelo mesmo *artificio* a batalha de Josué, com o sól parado, que foi cousa magestosa, e muito para ver, não se vendo mais que os reflexos dos lumes, *que* erão mais de seis mil, e tudo isto é o que posso dizer d'estes dias a Vossa Excellencia,

o de mais, se o houver; irá no Proprio, que cada dia parte, e não acaba.

Das novas do Norte terá Vossa Excellencia n'essa Côrte mais frescas, e certas noticias. As de Levante promettem grandes novidades n'esta primavera; porque os apparatos do Turco, assim da terra, como maritimos, são formidaveis. Uns fallão em Malta, outros em Sicilia, e esta voz se tem por mais provavel. Um grande Principe de Polonia, aggravado de se lhe negar certo posto que pretendia, mostrou quão pouco merecedor era d'elle, com se sujeitar ao Turco, e lhe jurar fidelidade. Tambem se passárão á Transilvania alguns Senhores, e Magistrados dos de Ungria, e de Croacia se escrevem cousas similhantes, que aqui não dão mũito cuidado. Casa uma Sobrinha do Cardeal Nepote com um Principe da Casa Ursina, que será herdeiro d'ella; e para um seu Irmão, Frade de S. Domingos, dizem que está destinado um dos primeiros Capellos que vagarem, mas os Eminentissimos, passando mũitos de setenta annos, se defendem da vacatura galhardamente. Sua Santidade, Deos o guarde, está mũito bem disposto, e promette guardar o deposito por mais tempo do que suppoz a concordia dos Eleitores. É de vida innocen-

tissima, e mais benemerito dos Santos, que muitos de seus Antecessores juntos. Esperâmos a declaração dos quatro martyres do Brazil, mas é a maior difficuldade serem muitos. O nosso mallogrado Principe cá anda estampado nas gazetas, e de bôa mão me escrevem, se repete a viagem de Salvaterra. D'aqui por diante começarão a ser mais pontuaes ás novas de Madrid, em que sempre espéro com ancia muito bôas de Vossa Excellencia. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos como desejo, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 14 de Fevereiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXX.

AO MARQUEZ DE GOUVEA [1].

Excellentissimo Senhor,

Dizem que parte ámanhã um correio, e posto que o proprio, e ordinario, intendo

[1] É a LXXXVII do tomo I.

chegarão nos mesmos dias, não quero deixar de solicitar os favores de Vossa Excellencia por todos, como em todos os espero.

Em fim, vão n'este despacho sette Bispados, a saber : Guarda, Lisboa, Coïmbra, Leiria, Gôa, Bahia, e um *in partibus* para o Capellão-Mór, com titulo de Hiponia, e será o Senhor Luiz de Souza dignissimo successor de Santo Agostinho. Lembra-me um dito d'El Rei D. João ao Capellão-Mór Manoel da Cunha, mas não quero fazer memoria dos mortos, porque me não causem as saüdades, que me não merecem os vivos. Estes são os Bispados da primeira plana, sobre que será mũito para ouvir o Arcebispo d'Evora, posto que sem razão; mas como falla tão alto, tambem cá chegão as suas queixas, como chegão os seus votos.

Vão as Bullas abertas, e aïnda não sei como se concordou esta dúvida : ouço que dizem, *Dilecto Filio Regi Portugalliæ*, e que mais abaixo se nomeia D. Pedro Principe, e Governador de Portugal, que, sem embargo das regras em meio, se devem entender como substantivos continuados. O que tenho por certo é que os termos, quaesquer que sejão, devem ser mũito honorificos, e mũito sem escrupulo, pois o Senhor Em-

baixador os admittio, tendo trabalhado n'este ponto, como nos demais, tanto á Portugueza no valor, como á Romana na destreza. Se elles entendem uma cousa, e nós entendemos outra, cada um cuidará o que lhe estiver melhor.

Vão podêres ao Nuncio para sagrar os primeiros Bispos, com assistencia de duas Dignidades; d'elle se não sabe mais, que haver partido de Pariz para a Rochella, e suspeitar-se em Madrid que estava occulto n'aquella Côrte; mas aïnda que eu tenho tão grande opinião da sua grandeza, não me parece tão pequena cousa o Nuncio de *Portugal*, que se pòdesse esconder n'ella. Isto é, Senhor, tudo o que posso dizer de presente, mais por fallar com Vossa *Excellencia* que por dar noticias de Roma, quando Vossa Excellencia as tem mais verdadeiras e puras da mesma fonte, onde eu acudo poucas vezes, porque não tenho sêde, nem vazilha. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos, como desejo, e como o nosso Reino, e os criados de Vossa Excellencia havemos mistér.

Roma, 21 de Fevereiro de 1671.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXI.

A DUARTE RIBEIRO DE MACÊDO [1].

Senhor meu,

Não me faltão tambem ha mũitos dias novas de Vossa Senhoria por eu as não procurar, mas tambem na terra ha naufragios. Aqui me informei, e me dissérão que mandando-as francas passarião em paz de Leão a Pariz, mas experimentei o contrario. Esperava pelo Senhor Duque de Lans para ter as estradas mais seguras, como entendo que esta a terá. Dito Senhor chegou com bôa saúde, está mũito bem alojado no melhor Palacio de Roma, d'onde aïnda não sai, nem recebe visitas públicas; suspeito que por se ajustarem entre tanto os tratamentos, Sua Excellencia me admittio, e fez toda a mercê que se podia esperar e prometter um criado, a quem a Raïnha Nossa Senhora faz tanta por sua benignidade e grandeza. Fallámos mũito

[1] E a IV do tomo IV.

em tudo, e em Vossa Senhoria não pouco, sentindo quanto se deve que havendo Sua Alteza, que Deos guarde, ter Ministro em Roma se não considerasse quanto Vossa Senhoria estava mais perto que todos, e diante de todos. Mas assim ha de ser para que em nada acertêmos, e procedâmos coherentemente em tudo, sem outra solução que a de saber mais o sandeo no seu que o sizudo no alheio, como se as coüsas de Portugal *forão* menos nossas dos que por cá andâmos, que dos que só lhe podem chamar suas porque as logrão, e dispõem d'ellas como absolutos Senhores, por não dizer possuïdores injustos. A maior pena que aqui padeço é ouvir fallar em Portugal, porque todas as nossas acções desmerecem a nossa fortuna, quando a *podéramos* por todas as vias adiantar ao *summo* auge da felicidade e grandeza. Mas como o que ha basta para a ambição dos presentes, não querem aventurar nada com a esperança, porque possuem o que nunca esperárão. Se aqui me podéra consolar com Vossa Senhoria fôra um grande allivio, mas nem esse posso ter, porque não ha por cá quem se desconsole. Deos lhe faça bem com o seu pouco, e lh'o sustente por mũitos annos, como elle só sustenta, obrando, como na creação do

mundo, sem concurso de causas segundas.

Hontem busquei ao Senhor Marquez Embaixador para lhe presentar o livro de Vossa Senhoria, mas não estava em casa, onde lh'o deixei a bom recado para que podesse responder n'este correio. Ao Abbade dei o que lhe tocava, e o seu ao Padre Bento Pereira, que mũito estimárão. Eu li os meus de dous fôlegos, que a doçura do estilo não me consentio fazêl-o com menos sofreguidão. Aprendi mũito, e o maior encarecimento que posso dizer do meu gôsto, é que não invejei nada, sendo que conheci que não sei fallar Portuguez. Não sei se faz mal aos Principes saberem que têm tão altas descendencias?

O caso de Odivellas, com que foi recebido o Nuncio, nos tem suspensos por todas as circumstancias; estimarei que Vossa Senhoria me diga o que por lá se sabe ou se suspeita, porque aqui chegou alguma carta que dá a entender podia ser o furto Catholico, não por fazer desacatos, mas para mostrar os que já se fizérão e podião temer. Queimando-se um Palacio na antiga Roma, e vendo um Senador que estavão mũitas mulheres chorando, mandou-as buscar agua ao Tibre, dizendo-lhes que com esta se podia apagar o fogo, e não com a das suas lagrimas. Sabêmos

chorar, e não sabêmos pôr remedio. Enlutâmo-nos por um desacato publico, e não olhâmos para os occultos que mandâmos fazer por obrigação a quem não tem vontade d'isso.

Senhor meu, já que Vossa Senhoria não vem a Roma, nem eu posso ir a França, entenda-me Vossa Senhoria, e compadeçâmos-nos ambos do que entendêmos. Em Módena me dizem agora que succedêo um notavel terremoto. Aqui tudo está quiéto; e posto que Sua Santidade não fez a funcção de S. Pedro, dizem que passa com melhor saüde do que a sua idade promettia e seus successores desejão.

Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como havemos mistér.

Roma, 30 de Junho de 1671.

De Vossa Senhoria

Capellão e Criado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Sendo tão util e necessario para a saüde de Vossa Senhoria não posso deixar d'estimar muito que Vossa Senhoria tenha o despacho de voltar para os ares patrios, ainda que não poderá ser sem experimentar os rigores d'este inverno, que d'esta banda começão a ser menos toleraveis que os do anno passado. Conserve Deos a Vossa Senhoria a saüde com augmentos d'annos que eu desejo e lhe peço, conhecendo quanto nos importa a vida de Vossa Senhoria se nós nos soubéramos aproveitar d'ella. Dizem-me que sem dúvida sai da Secretaria d'Estado Francisco Correa. E o haver de esperar Vossa Senhoria por Embaixador de França é argumento que não querem n'aquella terra acabar de entender o que só lhes convèm.

[1] É a VII do tomo IV.

A forma monstruosa do nosso governo cada dia pare novos monstros, antevistos todos dos que naturalmente aconselhavão a Corôa ou a Regencia. Mas prevaleceo contra o juïzo commum o capricho obstinado de três homens de poucas cans e nenhuma experiencia. Lembra-me a historia de Roboão, e o peior é que já vemos a capa feita em retalhos; queira Deos que Vossa Senhoria e eu não sejamos Prophetas. De Madrid se me escreve com mais apertados e declarados termos, e suspeito que como de mais perto seja já com alguns fumos de fogo, que se esconda debaixo d'estas einzas. Eu não sei em que juïzo póde caber que tantas cousas e tão grandes, aïnda que fossem mũito modificadas e mũito uteis, se emprehendessem juntas no mesmo tempo.

Bejo a mão mil vezes a Vossa *Senhoria* pelas copias d'aquelles dous papeis, que só com este favor se podião adoçar as noticias d'elles. Eu as communiquei logo ao Senhor Marquez das Minas, que tornou a execrar a nossa teima, em que elle sempre foi de parecer contrario. Forte cousa é que queirâmos fazer chimérás, e que teimemos em que o mundo as respeite e adore. Tem-me em grande cuidado a resolução a que estava inclinado o Embaixador d'Inglaterra, porque aïnda que

ja mũito conforme á reputação e ao brio, io estâmos em tempo mais que de dissimu- .e soffrer. Se o Principe, que Deos guarde, mára o conselho d'algum vassallo que mũito ıma, estivéra o Reino em estado, opulen- ı, e podèr, que o temêrão os inimigos, e respeitárão os amigos; mas cuidâmos que ortugal depois da paz se collocou no céo ıpyreo, e que os meteóros, que perturbão mundo, o não podem inquietar.

O Senhor Embaixador me disse que se ırtia hoje, mas entendo que não será senão manhã; vai regalado de reliquias e indul- ências, e tambem fez regalos, que custão ıais, aïnda que valem menos. O Residente inda se não levanta. Morreo o Cardeal Celsi. eio nomeado Embaixador o Padre Everardo ara exercitar em quanto não chega o Mar- uez de Liche; e para o fazer em outro ha- ito, em quanto se não accommoda a pro- noção da purpura, está nomeado Arcebispo e Edéssa com uma obediencia de acceitar, outra de não replicar. A Companhia com udo replíca, mas entende-se que será sem ffeito. Fico trabalhando nas prevenções da stampa, que desejo comece com o anno que em, mas em terra e casa tão grande como sta não ha momento de tempo livre, nem a

saüde e idade ajuda a aproveitar das
do inverno, que na repartição regu
iguaes ás do verão. Vossa Senhoria i
falte com novas suas, e Déos me gu
Vossa Senhoria mũitos annos como co
o coração desejo.

Roma, 10 de Novembro de 1671.

Capellão e Criado de Vossa Senl

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIII.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Vossa Senhoria seja mũito bem c
de Salvaterra, e com aquella saüde
sejo, e a Deos peço. A esta ausencia
a falta de Vossa Senhoria esperando
guns correios proximos me confirme
que não errárão n'esta applicação as

[1] É a XCI do tomo III.

dades; e se assim não for, ajuntarei estas
eixas da memoria de Vossa Senhoria ás que
nho de outra, cujas lembranças e affectos
ossa Senhoria me tem tanto assegurado;
as bem se poderá perguntar por Antonio
eira em Salvaterra, a quem ia de Roma.
qui chegou agora um Padre d'esse Reino,
eu estou tão pouco emendado, que nem
deixei dormir, nem pude, em quanto me
o satisfez a um interrogatorio de perguntas
indivíduaes, e tão miúdas, que Vossa
nhoria se riria mũito d'ellas, e de mim;
as isto é o que eu chamo amor, e merece
me de loucura.

Aqui chegou Embaixador de França, cuja
imeira entrada se dilatou, por indisposição
Sua Santidade, e foi mũito bem recebido,
ficou mũi acceito em Palacio. E' irmão do
nhor Bispo do Laon, e se entende que
pois da Pascoa se lhe dará o capello, posto
e na fórma da nomina não deixa de haver
riedade, pelas consequencias de Hespanha,
do Imperio. Sobre a resolução, que deve
mar Portugal com o Embaixador de Cas-
lla, e Enviado de França, fallão diversa-
ente os Politicos Romanos, inclinando-se
da um á parcialidade, que quasi todos se-
em; eu não digo a Vossa Senhoria nada,

porque até para o dizer a Vossa Senhoria quasi me falta a confiança. Peço a Nosso Senhor encaminhe as resoluções de Sua Alteza ao que elle só sabe será melhor.

Esta envio por mão de Manoel da Gama de Padua, de quem tive antigo conhecimento, por alguns serviços consideraveis, que fez ao Principe D. Theodosio, e a Suas Magestades, que estão no céo. Hoje se acha mũi desassistido do favor, que n'aquelle tempo tinha sobre demandas, ou sentenças, mũitas vezes julgadas em dinheiro, que desembolçou nos assentos da guerra, sendo mũito poderosas as partes, que lhe impedem a execução da justiça; parece-lhe que só a protecção de Vossa Senhoria lhe póde valer, e se valeo de mim para este favor. Todo o que Vossa Senhoria lhe fizer estimarei mũito, e julgo que é merecedor d'elle, pelo grande zelo, e liberal vontade, e effeitos, com que sempre servio a Sua Magestade, e sei deseja servir a Sua Alteza.

O Padre, que acima digo, contou a historia de certo homem, que diz ficava em Lisbôa, com nome de Principe Turco, e se julga aqui ser um frade grego, que havendo-se baptizado quatro vezes fez similhantes enganos em Roma, e em outras Cortes em

Europa, de que me pareceo avisar a Vossa Senhoria para que Sua Alteza se confirme na cautéla, com que o não tem querido ouvir; mas se esta noticia chegar a tempo, sirva-se Vossa Senhoria de que se não saiba o auctor. Ao Marquez, meu Senhor, beijo a mão, e Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos, como desejo.

Roma, 9 de Abril de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIV.

A D. RODRIGO DE MENEZES [1].

Senhor,

Duas vezes tomei a penna, para fallar a Vossa Senhoria nos meus particulares, em conformidade do que Vossa Senhoria foi servido avisar-me na ultima; mas sempre me divertio d'este intento o zelo da Patria, e ser-

[1] É a LXXIII do tomo II.

viço de Sua Alteza, sobre que disse tantos disparates, como Vossa Senhoria se haverá cançado de ler; mas todos nascidos d'aquelle coração, cujas culpas Vossa Senhoria me perdoa sempre. Agora fallarei em mim, e de mim brevissimamente.

Com esta vai um Sermão, que o Padre Geral me obrigou a prégar em lingua *Italiana*, como ha mũito tempo deseja. E sem embargo dos defeitos da pronuncia, de que n'*elle* me desculpo, foi tambem recebido dos Cardeaes, e Grandes d'esta Corte, que o mesmo Padre Geral me tem avisado, para prégar em dous Congressos, em que assiste junto todo o Sagrado Collegio, a instancias das mesmas Eminencias. E' o unico Prégador que tem o Papa, e o maior de Italia, e *quer elle*, e mũitos, que eu lhe succeda no officio. Tambem querem que eu seja assistente das Provincias de Portugal, a que tenho resistido fortissimamente, e qualquer d'estes grilhões, aïnda que tão dourados, me prenderão de maneira em Roma, que morrerei n'*ella*, posto que me dure mũito a vida, e ajudarão não pouco a m'a abreviar, sobre outros grandes inconvenientes, e pensões mũito alheias dos meus intentos, e da quietação com que me quizéra apparelhar para a morte. Sei a

ngua do Maranhão, e a Portugueza, e é
rande desgraça, que podendo servir com
ualquer d'ellas á minha Patria, e ao meu
rincipe, haja n'esta idade de estudar uma
ngua estrangeira para servir, e sem fructo,
gostos tambem estrangeiros. Accrescenta-
, que com qualquer d'estas occupações,
ão poderei acabar, nem imprimir os meus
vros, assim Látinos, como Portuguezes,
n que tanto tenho trabalhado, e dos que os
írão, e não vírão, são mũito desejados.

Fallo com esta sinceridade a Vossa Senho-
ia porque fallo com Vossa Senhoria, e com
mesma espero que Vossa Senhoria breve e
ffectivamente se sirva responder-me, para
ue eu possa tomar as medidas á minha vida.
e Sua Alteza, ou no Reino, ou nas Con-
uistas se quer servir de mim, importa que
ogo me mande escrever uma carta, que eu
ossa mostrar, com ordem mũito apertada,
m que o diga assim, e me mande ir para
Portugal; e quando Vossa Senhoria não ache
esta vontade e disposição mũito verdadeira
e solida no animo de Sua Alteza, peço a
Vossa Senhoria que com a mesma verdade e
brevidade se sirva avisarm'o por duas regras
de sua mão, para que eu com este desengano
saiba o que hei de fazer de mim, promet-

tendo a Vossa Senhoria que quando vá buscar a quietação, que só desejo, a outro reino, não será para viver na Corte de nenhum outro Principe, posto que saiba que só no da Senhora Raïnha de Inglaterra não serei bem servido por aquelle Sermão, que lhe custou mũitas lagrimas, em que defendi o direito de Sua Alteza de que tenho em meu podêr testemunho authêntico.

Tenho em grande altura um livro latino intitulado o *Quinto Imperio*, ou *Imperio consummado de Christo*, que vem a ser a *Clavis Prophetarum;* e ninguem o lê sem admiração, e sem o julgar por importantissimo á intelligencia das Escripturas Propheticas. Toda a minha desgraça esteve no tempo, e em me não ouvir o Senhor *N. N.* presente, que eu desejára mũito me ouvisse, etc. Tenho-me confessado com Vossa Senhoria, Vossa Senhoria conforme o que achar n'estes dous tribunaes me mandará a absolvição, ou a penitencia. E Deos me guarde a Vossa Senhoria e ao Senhor Marquez, mũitos annos, como hei mistér.

Roma, 22 de Outubro de 1672.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXV,

OU

CAPITULO D'UMA CARTA A UM AMIGO, EM QUE LHE DA' NOTICIA DOS PRINCIPIOS DE LISBOA [1].

Lava o celebradissimo Tejo com as suas correntes as ribeiras de Lisbôa, fazendo espelho aos montes e torres d'aquella antiquissima Cidade, que na prerogativa dos annos excède a todas as que os contão por seculos. Em seu nascimento foi fundada por Elysa, filho de Javan, irmão de Tubal, ambos nétos de Noé, d'onde começou a ser conhecida pelo nome de Elysea, depois tão amplificada por Ulysses, que não duvidou a grega ambição a lhe dar, como á obra propria, o nome de Ulyssipo.

Tanto pelo fundador, como pelo amplificador, lhe compete a Lisbôa a precedencia de todas as Metrópoles dos Imperios do mundo; porque em quanto Elysea, é duzentos e

[1] É a LXXXIV do tomo II.

vinte annos mais antiga que Ninive, cabeça do primeiro Imperio, que foi dos Assyrios; e em quanto Ulyssipo, quatro centos e vinte cinco annos mais antiga que Roma, cabeça tambem do ultimo Imperio. Em quanto dominárão os Romanos, ambas caminhando ao Occidente trouxérão das ruïnas de Troya as pedras fundamentaes da sua grandeza; mas Roma na descendencia de Eneas, vencido e fugitivo: e Ulyssipo na pessoa do mesmo Ulysses, não só vencedor de Troya, mas o que a sujeitou a poder ser vencida com o despojo da imagem de Pallas, a cujo agradecimento edificou na mesma Lisboa o sumptuoso templo que hoje se vê mudado, ou convertido no insigne Convento de Chellas. O céo, a terra, o mar, todos concorrem n'aquelle admiravel sitio, tanto para a grandeza universal do Imperio, como para a conveniencia, tambem universal, dos subditos, posto que tão diversos. O céo na benignidade dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum homem de qualquer Nação, ou cor que seja, estranhará a differença do clima; para os do Pólo mais frio, com calor temperado, e para os da Zona mais ardente, com moderada frescura. A terra na fertilidade dos fructos, e na amenidade dos montes e valles

m todas as estações do anno sempre florídos; por onde do nome de Elysea se chamão Elyios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e Paraïso dos Heroes famosos.

O mar finalmente, na monstruosa fecundidade, porque n'aquella campina immensa, que não secca o sol, nem regão as chuvas, assim como nos prados da terra pastão os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se crião sem pastos os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da Cidade em quotidianas frotas, tanto pará a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos Grandes, sendo n'esta singular abundancia Lisboa, não só a mais bem provída, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.

CARTA LXXVI.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Tenha Vossa Senhoria tão alegres e felicissimas festas como eu tive duplicadas estas com duas Cartas de Vossa Senhoria, acompanhando a d'este correio a do passado. O de Portugal devendo chegar, segundo o uso do inverno, na antevespera do Natal, estamos na segunda oitava e aïnda não ha *novas d'elle*; o rigor do tempo o escusa : *queira Deos* que compense a tardança com alguma noticia que nos dê bom fim e principio do anno.

Mũito estimarei saber o estado da negociação d'Inglaterra, e tiro da pressa que agora nos dão as mesmas consequencias. Poderá ser que as novas que correm das offertas de Hollanda em Portugal influissem na frieza d'Inglaterra. Eu, como me parece tenho dito a Vossa Senhoria, nenhum fundamento faço

[1] É a XXXVII do tomo IV.

nem dos avisos, nem das proposições do Conde de Humanes; porque as estimo totalmente vans, e quanto mais largas e liberaes, tanto mais suspeitosas de artificio e engano para illudir, ou quando menos embaraçar a simplicidade do nosso povo, e ver se com os seus applausos e brados póde arrastar os votos d'alguns Ministros, alguns dos quaes tambem são povo. Estou com Vossa Senhoria em entender que mais de pressa nos darão os Hollandezes uma das melhores praças de Hollanda, que Ceilão, e muito menos Ceilão e Cochim que vem a ser dar-nos a pimenta e canella, que são as principaes drogas do seu commercio. Perguntára eu ao Conde de Humanes que caução nos ha de dar do que promette? E como Castella nos não ha de dar a que eu apontasse, com esta resposta satisfaria a todas as partes. A condição de liga offensiva e defensiva já se vê quão impraticavel é, e quão abominavel contra duas Corôas, uma tão parenta, outra tão amiga, e ambas tão poderosas. Se acceitassemos os offerecimentos intrinsecos de nossos homens de negocio, são elles taes, que nós, sem companhia d'outrem, podiamos fazer a guerra na India, com que nos livrariamos de grandes inconvenientes; e este foi sempre o meu parecer,

e é a minha dor, como tantas vezes tenho manifestado a Vossa Senhoria; mas pois não queremos o melhor, é força que nos componhamos com o menos máo.

Atéqui tinha escripto esta esperando pelo correio; chègou n'este ultimo momento, e não traz novidade de que possâmos esperar melhoría de anno. Deos guarde a Vossa Senhoria tantos e tão felizes como desejo.

Roma, 27 de Dezembro de 1672.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXVII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Recebi n'este correio a carta do passado, desgraça que me succede mũitas vezes; e diz o Procurador do Collegio Claramontano ao d'esta casa, que a occasião de succeder assim

[1] É a XL do tomo IV.

é porque lhe chegão as cartas mũito tarde. Se Vossa Senhoria podér dar remedio, sem discommodo, a esta dilação, será dobrada mercê; porque é grande falta d'allivio, e grande tormento para a minha impaciencia, haver de esperar oito dias.

Primeiro que tudo dou a Vossa Senhoria infinitas graças pela copia das noticias enviadas de Lisboa; se lá se soubérem aproveitar de tal lição, não lhes fará falta aos nossos conselheiros as poucas que tem do mundo; e aïnda que tivérão todas, Vossa Senhoria lh'as manda estiladas em uma tão quinta essencia, que assim como suppre, excede toda a arte. Eu participei o papel em segrêdo a alguns amigos dos mais noticiosos e politicos d'esta casa, e todos admirárão a comprehensão, estilo, e juïzo d'elle, e me dérão o parabem de Portugal ter não taes, mas um tal ministro, que eu acceitei de mũi bôa vontade. Com a mesma me vanglorio, de que vindo tantas noticias, e por tantas vias a Roma, ninguem as tenha tão certas, nem tão interiores, nem tão profundamente ajuizadas, e prognosticadas para o presente e futuro, como eu.

Vindo ao particular nosso, posso dizer com verdade a Vossa Senhoria que com esta

carta se me tirou uma nuvem especissima que trazia sobre o coração, que não encobri a Vossa Senhoria tocante ao negocio que se trata em Inglaterra, de que atégora não tive mais que as noticias confusas. Como seja condição da liga restituïrem-se aos antigos possuïdores todas as praças conquistadas por elles, entrando n'este numero Ceilão, não me parece que será racional, quem a olhos fechados, ou mũito abertos, não conhecer e acceitar a conveniencia d'estes partidos. São tão grandes, e tão uteis, que quasi excédem a minha fé e esperança; mas sempre a tive mũi segura, de que sendo este negocio proposto, approvado, e assistido por Vossa Senhoria, não podia deixar de ser qual mais nos convenha.

Reconheço as difficuldades, ou impossibilidades da paz; mas esta é a que nos dará occasião a lograr este beneficio, e será tanto mais facil a se conseguir, quanto mais embaraçados estiverem os Hollandezes com a guerra. As suspeitas de a termos em Italia não se aquietão de todo; e a este fim dizem se provê Catalunha, e Milão de Governadores mais marciaes. Hontem foi nomeado Cardeal um nepote do Pontifice passado, casa Rospilhosa, dizendo Sua Santidade o fazia,

porque Deos nos manda ser agradecidos, e foi esta recompensa do Capello que o Pontifice presente tinha recebido de seu antecessor; mais honesto é o contracto da commutação que o da venda, aïnda que a materia pertença á justiça distributiva, de cuja especie ha já poucos individuos no mundo.

Eu prégo aos Eminentissimos *Jove di grasso*, que vem a ser a nossa quinta feira de Comadres, e se trocou esta Capella á petição do Cardeal Decano, pela outra que se faz ao Domingo na nossa Igreja, em que o Sermão não póde chegar a meia hora, admittindo-se n'aquella maior largueza. Eu me não sei reduzir a estas angustias, porque em mũito tempo digo pouco, e em pouco, nada. Confesso a Vossa Senhoria que o faço com inexplicavel repugnancia, não sendo possivel contentar aos ouvidos, que sempre são mais que os entendimentos; e em Italia os conceitos, que elles chamão Hespanhoes, tem mũito pouco credito, quanto mais os Portuguezes. Deos guarde a Vossa Senhoria como desejo.

Roma, 17 de Janeiro de 1673.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXVIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Escrevo a Vossa Senhoria de mão alhëia, dando mũitas graças a Deos de o pòder fazer aïnda por este modo. Foi o caso que, haverá seis dias, descendo uma escada de pedra, caï de rosto por ella abaixo com todo o peso do corpo, e ali fiquei por bom espaço, por ser de noite, e a deshoras, até que em braços me trouxérão a esta cama com uma *ferida* na testa, e sem poder reger a perna direita; sobrevëio febre, de que fico com alguma melhoria: a ferida se cura, e dizem os Medicos que não ha perigo, posto que a perna, aïnda que se não tirou nenhum osso de seu lugar, dizem se não solidará tão brevemente.

Tenho dado conta de mim a Vossa Senhoria, e de cá se não offerece outra cousa mais, que a alteração que em Palacio se tem sen-

[1] É a XLVIII do tomo IV.

tido com a nova, que mandou o Nuncio d'essa Corte, por um extraordinario, sobre a cavallaria de S. Lázaro, que El Rei determina instituir, ou resuscitar, prezumindo-se que será em damno da Dataria, que é aqui a dor mais sensivel. Tambem ajuntão a esta novidade a dos Expedicioneiros Ecclesiasticos, cujo numero e pessoas, dizem, quer El Rei sejão da sua eleição, tanto em Roma, como em França, com presupposto, ou cominação de se haverem por nullos todos os despachos expedidos por outra via.

Por Flandes se escreve ser morta a Senhora Raïnha d'Inglaterra, o que eu não quero crer, nem devo, pela experiencia d'outros similhantes avisos sobre a vida de nossos Principes; escrevem o que desejão, e só sinto que os que o lem seja pela maior parte com pouco sentimento. Não sei se o merece assim a reputação de nossas acções, que já me envergonho de não poder defender. Dizem que partem este anno da nossa terra duas naus e um patacho, que é o mesmo que tomar Azamor com Caravelinha; e n'isto desarmárão os estrondos da Companhia Oriental. Vossa Senhoria tem mũita razão de entender que nenhuma cousa veremos *extra causas*, principalmente depois que temos tão pouco

valor que tirâmos as nossas da mão do legitimo e Supremo Juiz, e as pômos nas dos que são partes, e tão interessadas.

A resolução de Brandeburg dá aqui grande cuidado a todos os que temem a sujeição ou paz de Hollanda, de que prognosticão pouca quietação por terra em Flandes, e por mar em Italia. As intercadencias da paz de Genova a mettem em novos receios, os quaes chegão até ao Castello de S. Angelo. Se a guerra se romper com Hespanha terão mũito em que cuidar os nossos Ministros. Já estará livre d'este zelo Pedro Fernandes Monteiro, que, escrevem todos, acabou a vida com grandes signaes de predestinação, e protestos da innocencia d'alguns indiciados no Tribunal dos inconfidentes, particularmente do Conde de Castel-Melhor. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo, e havemos mistér.

Roma, 11 d'Abril de 1675.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXIX.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Senhor meu,

Recebi, como ordinariamente succede, duas de Vossa Senhoria, uma de 15 d'Agosto, outra do primeiro do corrente. E antes de Vossa Senhoria me advertir da pouca verdade com que os Hollandezes escrevem, e estampão, dês d'o principio d'esta guerra naval, estou sempre firme no conceito que fiz d'ella antes do primeiro combate do anno passado, a que os Padres d'esta Casa chamão o Almanack do Padre Vieira: prognosticando eu dês d'aquelle tempo (sendo perguntado, como marinheiro velho, do que entendia) que as armadas havião de pelejar valorosamente de ambas, ou de todas as três partes, como nações tão bellicosas; que os Hollandezes havião de ter sempre a vantagem de menear com maior facilidade os

[1] É a LXXIII do tomo IV.

seus navios, e se aproveitar dos ventos; que no demais uns a outros se havião de fazer damno de parte a parte, mas que jámais se havia de saber por qual d'ellas ficasse a victoria, porque esta nunca póde ser decretoria nem conhecida, salvo por algum notavel accidente dos elementos, que uns e outros havião de saber prevenir ou evitar, principalmente sendo a guerra no verão em que os mares guardão tregua; isto é que sempre cuidei e suppuz, e assim o creio por mais ou menos que se diga.

Quanto ao desejo direi sincerissimamente a Vossa Senhoria qual é o meu. Primeiramente quizera ver os Hollandezes não só humilhados mas totalmente perdidos, assim por serem hereges, como pelo damno que nos têm feito e á propagação da Fé de nossas conquistas; isto como Christão e Religioso. Como Portuguez quizera que a victoria se dividisse de tal modo entre os três contendores, que todos tivessem razão de continuar a guerra, e não vir a accommodamento de paz, na qual, como Vossa Senhoria, considéro a total ruïna da India, e aïnda passão avante os meus temores.

O bom despacho, que tivérão na Congregação de Propaganda as Missões, se alterou

ou declarou depois, de maneira que querem repartir ás Diocezes de forma que d'úm Bispado nosso fação três ou quatro, e estes sejão de quem por este modo quer conquistar a India. Com a nova que chegou de que os Francezes tinhão occupado a cidadella de Meliapor se tem já pedido este Bispado em nome d'El Rei de França, sendo que na Dioceze temos mũito grandes Christandades com Governador do Bispado Portuguez, e mũitos Vigarios, e Missionarios, todos tambem Portuguezes, esta notificação fez ao nosso Residente o Cardeal Ursino, para que Vossa Senhoria veja que protector temos: e o peior é que lhe démos as rendas em Igrejas que sempre elle ha de comer, aïnda que tenhâmos entendimento e valor para lhe tirar o officio. Assim vai tudo cá e lá.

Amanhã esperâmos o correio da nossa terra, e eu o espero com ancia para ver o que resultou das devassas dos Pasquins com a vinda do Principe para Lisboa, onde chegaria aos 11 do passado. Aqui se diz publicamente que em Portugal é melhor ser Inquizidor que Rei; e eu não sei que modo de reinar é ter Ministros que encontrem publicamente as minhas resoluções, e tão poderosos que, ou per si, ou por outros, ou outros

com as costas n'elles, fação rosto a quem só devêra ser poderoso. Porque não faz o Principe um tal Inquizidor que seja seu, e que sejão seus os que elle fizer, e com isto não seja necessario nem recorrer nem infamar em Roma! Deos nos allumie, e nos dê aquella fé em que nos mânda crer, e com que nos manda obrar!

Morreo o Cardeal Imperial, um dos mais reputados de juizo, letras, e valor; e Sua Santidade está em disposição de prover mũitos mais Capellos, que é toda a felicidade a que, depois da presente, póde aspirar o Cardeal reinante, para o futuro Pontificado. A nossa Residenteza esteve desconfiada dos medicos, os quaes posto que lhe não asseguräo a vida, por ser o mal incuravel, lhe promettem dias e mezes. Vossa Senhoria vá cuidando na nova esposa, porque não falta quem entenda que com este desengano se resolverá Gaspar de Abreo a seguir o exemplo do Padre Vieira.

Sobre o Breve exhortatorio ao Principe tomar a córoa se fallou aqui, e creio que estava o negocio mũito adiantado, porque sei que se mandou fazer um papel a Mr. de Rossis, que tem grande opinião de Letrado, e que o fez pela parte affirmativa, posto que o

nosso Ministro não me communicou nada na materia. Sei tambem que o Senhor Cardeal d'Estré está por esta parte, e o deseja. De Madrid me dérão a entender que ElRei d'Inglaterra o impugna; e não entendo como isto possa pertencer nem ao Pontifice da Grão-Bretanha, nem aïnda ao de Roma: mas tudo são desvios de quem não quiz, e irresoluções de quem não tem querer. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo, e nos dê a ambos a paciencia que havemos mistér.

Roma, 26 de Septembro de 1673.

Capellão e criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXX.

AO GRÃO DUQUE DE TOSCANA[1].

Senhor,

Tardei em dar conta a Vossa Alteza do negocio principal, para o podér fazer com algum fundamento, e para me informar com a cautella, e seguro necessario, cujas occasiões, aïnda buscadas, se não achão facilmente; o que tenho feito atégora por via da conversação, e discurso com alguns Ministros maiores, que podem ter voto na materia, e entender d'elles que a reunião com Castella, por mais que os Principes e Nobreza possão ter n'ella os interesses, que Vossa Alteza considéra, será mũi difficultosa de admittir, por aquellas mesmas razões, que representei a Vossa Alteza, quando Vossa Alteza quiz ouvir os fundamentos d'esta minha opinião. Isto supposto, tenho por mũi

[1] É a XLIV do tomo III.

provavel, que no concurso de todos os outros oppositores poderá prevalecer o partido de Vossa Alteza, e eu vigiarei sobre a occasião opportuna, em que mais immediatamente o possa introduzir, até chegar á fonte, d'onde ha de emanar a resolução, fazendo a abertura do tractado com toda aquella circumspecção, que o negocio requer, e Vossa Alteza me tem ordenado, alargando-me mais ou menos, segundo vir que sou ouvido.

Mas porque a união dos Estados de Vossa Alteza com a Corôa de Portugal, na consideração dos interesses communs, é a que deve dar grande pendor á balança, será necessario que alèm da grandeza dos ditos Estados, e conveniencias reciprocas, de que vim bem instruïdo, Vossa Alteza me advirta do modo, com que devo responder, em caso que se me opponhão duas duvidas, as quaes estão muito á flor da terra, e não póde deixar de se reparar muito n'ellas. A primeira é ter Vossa Alteza, alèm do Principe primogenito, outros dous filhos, de cujo estado se deve tambem deliberar, para que de presente e de futuro não possão ser de impedimento á firmeza do tractado, e perpétua e irrevogavel união de ambas as nações, vassallos, e Corôas, uma de que o Principe de Toscana ja

é herdeiro, outra de que será, casando com a herdeira de Portugal. A segunda é da parte dos mesmos vassallos de Vossa Alteza, os quaes por ventura se quererão conservar desunidos, e debaixo de Principe particular, de que em nós mesmos temos vivo e presente exemplo, posto que os interesses communs entre elles e os Portuguezes, com a largueza de Conquistas, commercios, e empregos de pessoas e fazendas, parece que seja um vinculo muito forte, e de sua natureza indissoluvel. Assim que, estas duas duvidas e perigos são os que no caso do tractado, me parece, que se podem difficultar. E será totalmente necessario que Vossa Alteza me instrua n'este particular da segurança, que se póde prometter a um e a outro; e para que com a dita segurança, sendo qual convèm, e que só Vossa Alteza póde mais interiormente conhecer, e mais firmemente dispôr e ordenar, será Deos servido, que a prática d'esta felice união, não sómente seja admittida, mas com effeito se consiga, para grande serviço e gloria do mesmo Senhor, augmento, e prosperidade de ambas as nações e Estados.

5 de Novembro de 1678.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXI.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Meu Senhor,

Já este correio nos não enganou, e com esta emenda, e a tardança do passado, me acho com duas de Vossa Senhoria.

Mũito estimei a discrição d'este Principe, mũito differente dos retratos que vi em Roma seus, e o que elle mais que tudo deve estimar é a saüde e robusteza que procura, tambem mũi differente da pouca vida que todos lhe promettião. Bem a ha mistér ou para restaurar as perdas, ou para parar o curso d'ellas. A discrição interior da Monarchia, posto que Vossa Senhoria a não exprima, bastantemente se deixa ver pela exterior. Bem nos podéramos ver n'esse espelho, se tivéramos olhos; mas parece que apostâmos com ella a quem se ha de perder mais depressa. E já levâmos duas partidas vencidas, por que nos

[1] É a XCVII do tomo VII.

perdemos sem oppositor, nem inimigos, e por não querer acceitar os remedios que Deos nos offerece a nós, e a elles nega. Escrevem maravilhas da pessoa e acções de Vossa Senhoria; isto mesmo, aïnda que por uma parte me alegra summamente, por outra me desconsola com igual extremo; pois tendo a Vossa Senhoria o temos lá.

Até o principio d'esta noite, em que recebi a ultima de Vossa Senhoria, cuidava com a opinião commum que os Enviados encobertos vinhão de junto aos Alpes, e estava esta persuasão tão mal recebida, que todos affirmavão, como affirmão, que não ha de consentir o Reino em tal união. A dos vizinhos ao Pó é aquella mesma para que pedírão a Vossa Senhoria solicitasse suffragios. Se ali havia de ser, e querião que fosse, bem podérão escusar de urdir e tecer uma teia tão diversa á custa do meu credito. Mas é Deos servido que para o apurar em secréto aïnda me acho com documentos authenticos de que não enganei, nem menti.

Sua Alteza, depois da Solemnidade de Santa Engracia, ás duas horas depois da meia noite, se embarcou para Salvaterra, a quem seguio a Raïnha um dia ou dous depois. Todos gasta Sua Alteza na caça ou montaria

das féras, que aqui podéra domar com mais applauso nosso, e menos risco seu. Um javalí se lhe metteo debaixo do cavallo, e Sua Alteza desmontou a luctar com elle, tomando-o pelas orelhas, mas aïnda assim lhe rasgou uma bota e ferio a perna. Bem se ensaia para cumprimento da Prophecia (tomará o porco selvagem na passagem). Dizem que em signal da victoria veio o dito Javalí a Lisboa vivo, e se lhe deo por prisão a tapada d'Alcantara; em que differentes cuidados se achão todos os Principes da Europa.

Corre que está fallado para Nimeguen o Conde do Vimioso, de que Vossa Senhoria terá mais certa noticia. Duvida-se que acceite uma commissão tão engeitada, mas tambem se responde que se lhe dará o titulo de seu pai, e o senhorio de Pernambuco em sua vida. Pouco é em comparação do mũito que se merece á sombra das paredes de Côrte Real. Os dias já são mais serenos, mas as mercês aïnda chovem, não sem lagrimas e clamores dos que se vêm de sustanciar para que haja vapores que se resolvão n'estes diluvios. A quatro d'este mez se fechou o anno, que se tinha assignalado para a execução da pragmatica; mas previrão-se taes difficuldades na execução, que tudo continúa como

d'antes, e só se mandou pôr vigilancia sobre os officiaes, para que não trabalhassem nos generos prohibidos.

Tive n'este mesmo correio Cartas de Roma; e se avisa a reconciliação do Embaixador d'essa Corôa com o Pontifice, de cuja irresolução continuão as queixas. Não devem ser d'esta casta as do Ministro que escreveo a Vossa Senhoria; porque tendo-se dado dia para se resolver o ponto das testemunhas singulares, citadas as partes para allegarem de seu direito, quem defende a da Inquisição pedio mais tempo, e se lhe concedeo todo Janeiro. O livro da Reformação dos estatutos entendo que será concernente a esta materia, de que tambem vi outro em Roma, escripto pelo Padre Andrade, e approvado pelos Revisores. Eu escrevo a D. Manoel Rodrigues m'o remetta, por ter já facilitado com elle esta correspondencia. Vossa Senhoria me viva mil annos por toda a mercê que me faz, e Deos se sirva de ouvir minhas orações e sacrificios, em que sempre lh'o peço.

Lisboa, 8 de Fevereiro de 1678.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Meu Senhor,

Muito mal me tracta o inverno, que sobre tantos annos como os meus é neve sobre neve. Ha mais de três semanas passo gravemente molesto d'uma perna, e hoje faz oito dias foi com tamanhas dores que até este allivio me impedírão. Estou condemnado ás Caldas, mas se o mal repetir como o anno passado, em que me começou no mêsmo dia, aïnda hei de pôr embargos á sentença, pelo mal que me tenho achado sempre com remedios universaes.

Não sei se será universal o da paz, aïnda que se componha o resto da Europa, pois quizémos ficar sós, e assim nos acharemos. Esta semana se provêrão os Generaes ás fronteiras que os não tinhão, e se nomeou para Traz-os-montes Nuno da Cunha, para a Beira

[1] É a CI do tomo IV.

o Conde de Ponte-Vel, e para o Algarve o de Sarzedas. Mais me fio do que Vossa Senhoria me refere d'esse governo, do que das nossas prevenções.

As d'Inglaterra nos promettem grande desgôsto, que ha tanto tempo se teme. E que me diz Vossa Senhoria a não se acudir a um desamparo, em que não só clama a honra e o interesse, mas a mesma naturêza, e todos os respeitos e obrigações d'ella nos accusão? Prevalece porèm a paixão do odio contra todas as razões da justiça e da piedade. Oh que tristes consequencias, e que perigosos desenganos se pódem colher d'esta desatenção! Em Roma se falla já na materia. E não deixarão lá os discursos italianos de fazer alguma combinação sobre o Embaixador *que lá vêem*, e em Londres falta, e sobre a differença e desproporção das cousas.

A'cerca da que só se tem por grande e necessaria se escreve n'este correio. havia o Cardeal Francisco Barbarino instado pela resolução ultima; offendido da que se havia tomado na negativa dos processos. E' novidade notavel, porque se diria que esta purpura era a que mais favorecia as partes do Embaixador. De-o assistir tambem o d'essa Corte não vem de Roma noticia nem suspeita

alguma, com que parece não teve fundamento o dizer-se, como tambem que ia por Viso-Rei de Napoles.

O pleito com o Nuncio é mũito parecido ao nosso, e uns e outros parece navegâmos para Inglaterra. Cá o chorão em segredo as prosas, e lá o cantão e publicão os versos. O soneto é um dos melhores que cá chegárão, porque diz quanto quer e quanto ha, e com erudição, graça, e gravidade; e me parece da mesma laia a glosa, que li de corrida.

Pergunta-me Vossa Senhoria em que estado vai a estampa dos meus Sermões, e digo que caminha com préssa, e com a officina, que é de João da Costa, o Francez, posta n'este Collegio, e não ha duvida que saïrá mũi correcta. O segundo tomo já ésta acabado, e entro pelo terceiro; mas não poderão saïr na mesma fórma, porque alguns dos Sermões são do tempo da guerra, e não quero que se offendão esses Senhores da que já escrevêrão lhe fazião as minhas exhortações. Se Deos dêr vida, materia tenho d'este genero para mais de doze tomos, e todos troçára por um só Sermão de S. Simão e Judas, para poder offerecer á elevação da Senhora D. Maria, e lograr a honra que Sua Excellencia me faz. Se as potencias estivérão

ainda em seu lugar, as applicára ao assumpto com os maiores impulsos da vontade, mas já não tenho memoria nem entendimento. Vossa Senhoria me fará mercê representar a Sua Excellencia uma contra desculpa, com os termos e palavras que eu devia, e tambem me faltão. Aqui não ha novidade. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo e havemos mistér.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1678.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIII.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Meu Senhor,

Com razão estranhará Vossa Senhoria a grandeza desusada d'este maço, assim como eu ha mũito tempo com grande repugnancia e desgosto tenho dilatado remetter á dispo-

[1] É a CXVII do tomo IV.

sição e direcção de Vossa Senhoria o bom successo, que tenho procurado a estes papeis, e só espero da mercê que Vossa Senhoria me faz e experimento em tudo.

Presente é a Vossa Senhoria o appetite que têm os Impressores d'essa Corte de estampar os meus Sermões, e tambem a grande injuria, que me têm feito nos dous tomos que antigamente imprimírão em meu nome, e o terceiro com que ultimamente saírão, sendo os mais dos Sermões suppostos e alheios, e os outros por originaes tão corruptos, e tão mal traduzidos, que apenas tem cousa a proposito, como se verá facilmente na combinação d'elles com os legitimos e verdadeiros.

Para evitar d'algum modo este descredito, tratei que os dous primeiros tomos se recolhessem, fazendo petição ao Inquisidor Geral, e delatando alguns erros intoleraveis, para que o Tribunal, que d'outro modo o não costuma fazer, tomasse conhecimento d'elles, como com effeito se conseguio; mas não bastou para que se não continuasse a mesma injustiça no 3º tomo, em que só reconheço quatro Sermões meus, e esses totalmente não só transfigurados, mas desfigurados. Muito antes d'esta ultima experiencia, e antes de começar aqui a estampa

d'este primeiro tomo, desejei que os Sermões Portuguezes se traduzissem em Castelhano; e com effeito remetti alguns ao Padre Andrez Mendo, os quaes porèm tornárão de lá tão mal traduzidos, que me resolvi a que a traducção se fizesse cá, e porque eu nem tenho tempo, nem sou tão senhor da lingua que o possa fazer exactamente, e havendo-se-me inculcado um Religioso nosso o fiz vir a Lisboa, onde tem traduzido alguma parte, mas com pouca satisfação minha.

Com este desengano, e por não offender a mũita graça que me faz o dito Padre Mendo, tendo-se empenhado mũito n'este negocio, ajuntando as minhas instancias ás suas tornei a procurar que lá se traduzissem por pessoa habil, para que cá ou lá se imprimissem; e que havendo de ser lá visse o partido a que se accommodavão os livreiros, por quanto tinha eu aqui pessoa que se obrigava a fazer todos os gastos, e partir com o auctor a ganancia meio por meio. A esta proposta me respondeo com o escripto incluso de Gabriel de Leon, em que aponta as conveniencias de se fazer a impressão antes em Madrid que em Lisboa, com as quaes, e com o partido que offereceo me conformei, encommendando sómente que a traducção fosse

fiel e propria, quanto o soffresse a differença do idioma; e apontando para isso ao mesmo D. Estevão de Aguilar y Zuñiga, que foi o traductor dos livros que lá se estampárão, e creio que tendo os originaes legitimos, como Professor da arte, o fará exactamente.

Tendo chegado aqui com esta, recebi nova carta do Padre Mendo, com um largo papel do mesmo impressor, cheio de novos reparos e inconvenientes; sobre os quaes escrevo ao dito Padre a inclusa que Vossa Senhoria me fará mercê ver, porque não tenho tempo para repetir n'esta o que n'ella digo, e fechada a levará ou mandará D. Manoel Rodrigues, amigo do dito Padre, com o maço que vai para elle. Não tenho que encarecer a grande mercê que Vossa Senhoria me fará, em se servir de tomar o trabalho de rever as traducções, e as emendar no caso apontado; e para que Vossa Senhoria o possa fazer, não só nas traducções senão nos mesmos Originaes, vão com esta parte d'elles, como irão os demais nos correios seguintes, suppondo que não passarão da mão de Vossa Senhoria, porque se não possa impedir o intento. Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos como desejo e havemos mistér.

Lisboa, 25 de Maio de 1679.

Vi carta de Roma, em que se diz culpão lá o nosso Nuncio por tardarem as suas Cartas, as quaes chegárão quinze dias depois, e tambem se diz que vão muito timidas. Deo-se audiencia ao Embaixador na primeira oitava de Pascoa. A conferencia foi muito larga, e tão forte da parte do Papa, que ficou rouco; e se lhe ouvírão estas palavras: *Vogliamo, ed havemo d'esser obbediti.*

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIV.

A DUARTE RIBEIRO DE MACEDO [1].

Meu Senhor,

Depois que escrevi a do Correio passado sobreviérão taes accidentes, assim da minha enfermidade, como da geral, a que n'estes dias criticos ameação mais perigosos symptomas, que por conselho dos melhores médicos não devo dilatar a jornada ou retiro das Cal-

[1] É a CXIX do tomo IV.

das. Queira Deos que me possa pôr a caminho, porque tomando hontem a ultima disposição me sobreveio com ella uma grande febre com que faço estas regras; e como não posso esperar pela resolução, que lá se ha de tomar á cerca dos dous meios, ou modos de se fazer cá ou lá a impressão, como propuz na ultima; é forçoso que, não havendo eu d'assistir em Lisboa, a Castelhana se faça em Madrid conforme o partido que offerecia o impressor, ou qualquer outro que parecer mais conveniente e expedito. N'esta fórma faço aviso ao Padre Andrez Mendo, e a Vossa Senhoria torno a pedir me faça d'este preciso caso a mercê de querer passar pelos olhos a traducção que se for fazendo, principalmente em alguns lugares, que por serem proprios da nossa lingua, é força que ou se mudem ou se deixem, de que procurarei mandar um breve apontamento no correio seguinte, se a febre der lugar, que agora me não permitte ir por diante. Sua Alteza na jornada da barra, que referi, não foi aos Navios Francezes, mas veio a terra o Conde d'Estrée a fallar-lhe, não se sabe o mysterio que se cuida ha n'estes navios. Hontem se veio despedir de mim o Condinho, ou filho do Conde de Castel-Melhor, a quem

veio tomar a Cascaes uma grande nau ingleza, mandada por El Rei, e me disse que havendo seu pai avisado, em todos os correios antecedentes, que em nenhum caso fosse, agora lhe manda que vá absolutamente, e sem réplica; com que se suppõe melhoria nos negocios d'aquelle Reino. *Sua* Alteza fez logo mercê do titulo de Marquéza á néta do Marquez d'Arronches, com todos os bens da Corôa, e que dizem seu tio a tem já casado, etc. Não posso mais. Deos guarde a Vossa Senhoria mũitos annos como desejo, e havemos mistér.

Lisboa, 30 de Maio de 1679.

O Nuncio me mandou hontém visitar pelo seu auditor (porque nem eu o *vejo, nem elle* a mim, por evitar falsos *testemunhos) e* me disse que ou no Correio proximo, ou por extraordinario, se espera a ultima resolução de Sua Santidade.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

Antonio Vieira.

CARTA LXXXV.

PARA ROQUE DA COSTA BARRÈTO.

Meu Senhor,

Bem necessitavão as saüdades, em que me deixou a ausencia de Vossa Senhoria, de tão repetido alivio, como a das multiplicadas cartas de que Vossa Senhoria me fez mercê, fazendo eu d'esta lembrança a summa estimação que ella merece, e de que não acho palavras no maior encarecimento, com que dar a Vossa Senhoria as devidas graças.

Nas mesmas cartas successivamente fui lendo as noticias certas (que cá costumão chegar tão confusas) de tudo o que passa na nossa Corte, e nas da Europa; com que me vejo n'este meu deserto mettido outra vez no Mundo; mas com novos argumentos, ou desenganos do que elle é. Assim viérão a parar tantos apparatos, e prevenidos triumphos, não só na falta de quem iamos buscar,

¹ É a LXIII do tomo III.

mas na resolução voluntaria de que não viesse, quando por tantos modos o pretendia. Este fim, que tão prognosticado estava nos discursos, como desejado nos animos, foi geralmente applaudido n'esta terra, onde de longe se vião os inconvenientes, que não quiz a Providencia Divina se experimentassem ao perto. E se os nossos Principes, como leio n'esta ultima de Vossa Senhoria, se inclinão ao de Florença, em Moisés mostrou Deos que escolhia os engeitados para fundar grandes Monarchias. E não será pequena parte da fortuna d'aquelle Principe, haver agora de conseguir o que pretendeo, com a differença que vai de rogar a ser rogado.

Mas recolhendo-me a este nosso cantinho d'America, deixadas as novas de *Boenos Ayres*, que pertencem mais ao *Rio de Janeiro*, darei só a Vossa Senhoria as da Bahia. E começando pelas d'este valle, onde vivo, e onde me não deixão viver, temos hoje n'elle quatro plantas de canella bem arreigadas, e a que Vossa Senhoria deixou, tão crescida em ambos os troncos, que já se póde chamar arvore. De pimenta ha dez, ou dôze, que já vão trepando pelas estacas a que se arrimão; mas aïnda não dão signal de fructo. A sêcca foi mũitos mezes tão extraordinaria, que

quasi todas as fontes da Cidade seccárão totalmente, a que se seguio mũito maior fome, não só natural, mas artificial; porque a pouca agua dava-a Deos, a pouca farinha repartião-na os homens. Nunca faltou porèm na Portaria do Collegio para todos os pobres, que á ella concorrião, e tambem entrárão n'este numero mũitos dos ricos, cujo dinheiro não tinha valor, porque não tinha valia.

A novidade do açucar, sendo o de Pernambuco mũito florente, foi aqui notavelmente menor que em outros annos, para que em tudo se manifestasse o castigo do céo; e assim dizem, que vai esta fróta mais carregada de queixas, que de caixas. Se não fizerem naufragio no porto os portadores d'esta, que são o Vereador Manoel de Barros da Franca e Gonçalo Ravasco, d'elles ouvirá Vossa Senhoria o que eu não digo, e mũito mais do Capitão Diogo de Souza, que o saberá melhor declarar; e digo, se não fizerem naufragio no porto, porque está a praia guardada por esta causa com três Companhias; como tambem o palacio com outras três. O receio é mũito justificado na consciencia de quem o tem, mas mũito injurioso á lealdade, e soffrimento d'estes vassallos, devendo suppor quem d'elles se teme, que não são

os soldados mal contentes os que lhe guardão a vida, senão a fidelidade, e respeito devido a Sua Alteza, e merecedor de lhe ser mũito gratificado.

Todos esperavão que com a chegada do Arcebispo tivessem as oppressões públicas algum remedio; mas elle sabe mũito bem, que entre os milagres de Christo nenhum se lê que curasse doudices, posto que ama e zéla mũito o bem de suas ovelhas, ja está desenganado que não basta o poder do seu baculo para as defender da furia do lobo.

Por estas causas, e por outras, indo tudo o mais para traz, só crescem as saüdades de Vossa Senhoria cada dia maiores. Assim o chorão as lagrimas dos pequenos, e o clamão as desesperações dos grandes, merecendo uns e outros a Vossa Senhoria a confiança, que todos tem de que Vossa Senhoria com sua auctoridade patrocina, e apressa o seu remedio que então será completo, quando Vossa Senhoria o seja. Para Vossa Senhoria se accommodar a passar outra vez a Equinocial, não lhe faltão a Sua Alteza meios, como lhe não deve faltar vontade de não querer perder o Brazil. Deos lhe acuda, e a Vossa Senhoria guarde com saüde, e augmentos de estado, que a Vossa Senhoria são devidos, e

entre os criados de Vossa Senhoria eu mais que todos desejo.

Bahia, 23 de Junho de 1683.

Capellão e Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVI.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Alguns dias antes de partir a frota d'esta Bahia, me passei do ermo em que vivo á Cidade, para escrever o que pedia a forçosa occasião, e para responder particularmente á carta, de que Vossa Mercê me fez mercê, que li uma e muitas vezes com summo gôsto, e de que fiz a summa estimação, que a memoria de Vossa Mercê merece, e que eu devo ás minhas obrigações, pelos singulares favores, que de Vossa Mercê recebi sempre. Mas foi Deos servido, que

[1] É a XC do tomo II.

n'aquelles dias, por uma canellada casual, sobreviesse um tal accidente, que depois de ficar mũitas horas sem juïzo, nem uso dos sentidos, se declarou finalmente em uma erysipéla, com ardentissima fevre, de que aïnda não estou inteiramente convalecido: e este impedimento foi a causa de não poder então dar a Vossa Mercê as graças, pela mercê e lembrança da dita carta, como agora faço, com todo o affecto do coração, enviando esta por um navio, que aqui arribou, e pela frota de Pernambuco, que se entende não será aïnda partida. Antes d'ella chegar, se a Almiranta da Bahia for a salvamento, já meu sobrinho Gonçalo Ravasco terá dado a Vossa Mercê um abraço em meu nome como mũito lhe recommendei na cama, em que se despedio de mim. As violencias que o obrigárão a fazer esta jornada, e o estado em que deixou seu pai, e elle estava, sobre a innocencia de ambos, são causas tão justificadas, que sem se valer das razões do seu appellido, nem da intercessão de seu tio, lhe não póde faltar o patrocinio e amparo, que com menos certas justificações experimentou já na supererogação ou indulgencia, com que Vossa Mercê se servio de o habilitar para seus despachos; fineza de que eu

vivo mũito lembrado, e elle e seu pai tão reconhecidos, quanto só póde declarar o silencio. As causas que eu tive para o pôr tambem aos meus escriptos, mũito cruel será a minha Patria, se depois de me ter sido tão ingrata, o não conhece. Mas devo eu por outra parte tanto a Deos, que tambem o seria a suas misericordias, se por respeitos tão humanos, ou deshumanos, deixasse as de seu divino serviço, que é só o que m'obriga a tomar nos meus annos um tão molesto trabalho, como o de pôr os borrões em estilo que se possão ler. Já em Lisbôa está o terceiro volume, e agora foi o quarto, e tambem mando as erratas do segundo, que em mũitas partes são intoleraveis; mas como Vossa Mercê sem embargo d'ellas o approva, e me exhorta á continuação, tanto que a saüde me der lugar, o farei assim, tornando para o meu deserto, se aïnda n'elle me não perturbarem a quietação, que nem na immunidade do habito, nem no retiro do mundo está segura.

Todos ficão esperando o prompto remedio, o qual se não vier logo logo, entenderão estes vassallos que Portugal quer perder o Brazil, como já estivéra perdido, se a fidelidade e respeito de Sua Alteza, e os prazos d'esta

mesma esperança, lhe não tivérão susten do a paciencia. Deos a conserve aos que ta to têm soffrido, e soffrem, e a Vossa Me cê guarde muitos annos, com as felicidad que desejo, e ao mesmo Senhor peço e todas as minhas orações e sacrificios.

Bahia, 24 de Julho de 1683.

Capellão de Vossa Mercê e o mais a fectuoso servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVII.

A DIOGO MARCHÃO THEMUDO [1].

Meu Senhor,

Estando publicada a partida d'estes do Navios para quarta feira, agora se avisa q ámanhã sabbado partem infallivelmen Gonçalo Ravasco, e seu pai, ambos ficár retirados em um Convento, e ambos doent e o filho mais gravemente. Pelo que cre

[1] É a XCVI do tomo II.

que não poderão escrever, nem dar a Vossa Mercê as infinitas graças, que por tão particulares mercês e amor a Vossa Mercê devemos; e eu, ainda que tivéra mũito tempo, não podéra declarar com palavras o que só cabe no coração. Viva-nos Vossa Mercê mũitos annos para nosso remedio e amparo, e Deos pague a Vossa Mercê estas, que verdadeiramente são obras de misericordia.

Meu irmão pronunciado e sequestrado pela devassa do Sindicante, cedo fará em Santa Tereza, e S. Bento dous annos de noviciado, sobre o terceiro em que não exercita o seu officio, segundo o Regimento d'El Rei, pelas violencias de N. N. Com elle fica tambem homisiado seu filho, por não querer o Sindicante dar-lhe livramento conforme a carta de sua Magestade, tendo-o dado por despacho a dous, que as tinhão similhantes, o que consta da copia inclusa. Dá por razão o seu Regimento, outros dão outras.

Se isto continuar assim, passando-se annos entre frotas e frotas, perder-se-ha a Bahia, andando fóra de suas casas e fazendas, e mettidos pelos matos, grande parte dos melhores d'ella, sem recurso, nem remedio para provar sua innocencia, condemnados por

testemunhas notoriamente falsas, e induzidas pela parte. E que será, meu Senhor, se Sua Magestade lhe der credito, como até-gora se experimenta? Dizem que este é o estilo das devassas, como se fôra a mesma distancia da Bahia a Lisbôa, que de Coïmbra, ou Evora, sem mais navios que os das frotas. Já Thomé Pinheiro da Veiga fez um arrazoado sobre esta difficuldade n'essa mesma Mêsa, pedindo o procurador da Companhia sobre uma demanda d'uma quinta de Carcavellos fosse citado o Reitor do Japão, a quem pertencia.

Pessoa que o póde saber me significou, que tambem eu ia comprehendido n'esta devassa, e depois de ter gastado a vida em servir com maior zelo, e com maiores perigos e trabalhos a El Rei, que a Deos, e o peior é, que nem setenta e séte annos d'idade, nem tantas experiencias me desenganão. Préguei o Sermão das exequias da Raïnha, que agora vai, estando sangrado cinco vezes n'aquella semana, por não ficar muda a solemnidade do dia. Praza a Deos que não seja lá mal ouvido.

O mesmo Senhor guarde a Vossa Mercê muitos annos, como desejo, pois não ha tempo para mais.

Bahia, 11 de Maio 1685.

Esquecia-me dizer a Vossa Mercê que Gonçalo fica em concertos de casamento, e com dinheiro, com que lhe crescerão mais as culpas.

Mais obrigado, e mais affeiçoado criado de Vossa Mercê,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXVIII.

AO DUQUE DO CADAVAL [1].

Excellentissimo Senhor,

Nos primeiros navios, que d'aqui partírão antes da frota, remetti a Vossa Excellencia (por Vossa Excellencia assim m'o haver ordenado) o Sermão das Exequias da Raïnha nossa Senhora, que está no Céo; e tambem dei as razões e desculpas do pouco que disse, e do que me pareceo, que não havia de deixar de dizer. Se fui tão venturoso, que Vossa Excellencia o approvou, tenho toda a satisfação, que podia desejar do meu

[1] É a XCVIII do tomo II.

trabalho, e do perigo a que me expuz em ir pregar sangrado cinco vezes n'aquella semana, por não ficar a solemnidade muda. Meu irmão, como tão recommendado ao Sindicante, fica com a fazenda sequestrada, e retirado ha dous annos a um Convento. Meu sobrinho trazendo carta de Sua Magestade, para que se lhe désse livramento, *não o conseguio*. Eu mandado castigar por meus superiores, que como testemunhas de minha innocencia, e da dos meus parentes, não lhes permittio a consciencia serem executores do que não permitte a justiça; e só Deos, que *é* superior a todos os da terra, me conserva aïnda vivo, e tão amante do meu rei, que por elle lhe offereço todas as minhas orações e sacrificios.

E porque n'este mundo *só tenho a Vossa* Excellencia, e os Governadores do Brazil podem n'este estado tudo, e sei que Vossa Excellencia escreve ao Senhor Marquez das Minhas, estimarei, e peço mũito a Vossa Excellencia que, na primeira occasião em que lhe escrever, se sirva Vossa Excellencia de lhe significar que meu irmão e sobrinho, e eu somos antigos criados de Vossa Excellencia, para que este fôro nos conserve no favor e mercê que atégora nos faz, e se con-

irme na vontade de no-lo fazer sempre. Bem creio que esta petição não deixará de enternecer o animo de Vossa Excellencia com as memorias do tempo passado, como a mim me tirou agora dos olhos não poucas lagrimas. Deos guarde mũitos annos a Vossa Excellencia.

Bahia, 20 de Julho de 1685.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA LXXXIX.

A' RAÏNHA D. MARIA SOFIA [1].

SENHORA,

D. João de Lencastro, que n'este Estado representa a Pessoa Real, com as primeiras noticias do felicissimo nascimento do novo Principe, que Deos guarde, interpretando a vontade de Vossa Magestade, procurou com grandes instancias, que eu prégasse o Sermão d'acção de graças. Havendo porém

[1] É a LXXIX do tomo III.

mũitos dias, que a extrema velhicè me tem privado dos instrumentos da voz, e achando-me n'està occasião, como Zacharias no nascimento do maior dos nascidos, mudo; para obedecer com tudo aos acenos do nome de Vossa Magestade, appellei, como elle, para a penna, com que se póde supprir a falta da lingua. Mais dictei, do que escrevi, porque me falta tambem a mão duas vezes quebrada, e não me cabendo tão grande materia em um só Sermão, ao primeiro e commum accrescentei o segundo e particular de S. Francisco Xavier. Ao mesmo Santo tomo por intercessor para que Vossa Magestade se digne de me perdoar os defeitos d'ambos, tendo eu só inteiro o juïzo para os conhecer, mas já sem a antiga viveza para os emendar.

A Real Pessoa de Vossa Magestade guarde Deos, como todos os vassallos de Vossa Magestade lhe pedimos, e havemos mistér.

Bahia, em 16 de Junho de 1689.

De Vossa Magestade,

Humilde Capellão,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XC.

A SEBASTIÃO DE MATOS [1].

Meu Senhor,

Com duas me acho de Vossa Mercê, ambas do anno passado, e não pude responder então, porque as ancoras da nossa frota, des d'o dia em que deo fundo, me prendêrão de maneira, que aïnda no de sua partida me deixárão em cama. Tambem este anno me molestou a mesma enfermidade com três pertinacissimas repetições. Cá lhe chamão n'estes mesmos mezes a bicha, e é Deos servido que só me morda dos joelhos abaixo com inflammação; febre ardentissima, delirios, e nome de erysipéla. Por esta definição póde parecer sómente grilhão dos pés, mas é tambem algêma das mãos; e por isso escrevo esta de mão alheia.

Vossa Mercê, pela mercê que faz aos meus borrões, me insta a que os dê á estampa, o

[1] É a LXX do tomo III.

que não póde ser, sem os alimpar primeiro; e com a joêira não ser mũito fina tudo se vai em alimpaduras. O de que mais me corro é, que este anno falto as prélo com o costumado tributo; mas nem por isso estive ocioso. O nascimento do nosso Principe me obrigou a subir ao pulpito, e a fatalidade de sua arrebatada morte a dar um vôo mais alto, em que me atrevi a querer penetrar os arcanos da Providencia Divina, que, como são secrétos, não poderão saïr a publico. Não foi meu intento resuscitar mortos, mas só consolar os vivos. Se o Duque, meu amo e Senhor, tiver d'estes mysterios alguma revelação, ella chegará aos olhos de Vossa Mercê que estou mũito certo lh'os porá com toda a benignidade. Assim o creio, e supponho, e por isso o não peço. Deos guarde a Vossa Mercê mũitos annos; como desejo.

Bahia, [illegible] de Junho de 1689.

De Vossa Mercê,

Servo mũito obrigado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCI.

AO CONEGO FRANCISCO BARRETO [1].

Meu Senhor, e verdadeiramente meu; pois do Senhor Francisco Barreto se não verifica o que dos outros Senhores disse aquelle discreto desenganado, que tão bem os conhecia:

« Quando te hão mistér, es seu,
« Quando os has mistér, es teu,
« Que não tens donos então. »

Nunca Vossa Mercê se servia de mim, porque Vossa Mercê não ha mistér aïnda os que para mũito prestão, quanto mais a este servo inutil, que não presta para nada. E quando no papel, que chegou ás mãos de Vossa Mercê, eu houvéra mistér o favor, que no segreto d'elle não pretendi, bastou que elle tivesse o nome de meu, para que Vossa Mercê como meu amo, e Senhor, o quizesse tirar das trevas do meu segredo, e passar á

[1] É a LXI do tomo III.

mente da India, d'onde, alèm da nossa nau, tivemos aqui três francezas, com capitães e soldados da mesma nação, lançados d'umas fortalezas, que lá tinhão, de que fallo com mais especialidade ao Senhor Roque da Costa Barreto. Mas o nosso Governador Fr. Manoel da Resurreição, está tão teimoso em mandar partir a frota apezar dos tempos e dos mareantes, como se fôra materia d'algum Capitulo Franciscano.

Pelo que, vindo aos dous pontos ultimos da de Vossa Mercê, eu por um aviso, que tive do Padre Balthazar Duarte, tinha começado a traduzir as cinco pedras, e tanto que li esta honra, que Vossa Mercê lhe queria fazer e a mim, logo levantei a penna do papel, e a lancei da mão, e me parece, que David para maior gloria do seu triumpho fez alguma oração no Céo, e quiz ajuntar ao primeiro tiro as quatro, que não tiverão lugar na sua funda, para que com a harpa mais bem temperada sejão cantados na lingua portugueza; e porque Vossa Mercê não tenha isto por encarecimento, ou lisonja, digo, e podéra jurar, que lendo esta carta de Vossa Mercê reconheci n'ella tal soberania d'estilo, e tal superioridade ao meu, que se não amára tanto a Vossa Mercê me pezára

mũito de a ter lido. Torno a dizer que esta é a sincéra, e pura verdade, e fôra eu mũi ignorante, se assim o não entendêra e confessára. Finalmente pelo bem que quéro ás cinco Pédras de David, peço a Vossa Mercê pelo que ellas significão, que esta segunda, e melhor vida, que da penna de Vossa Mercê recebêrem, não seja como de interprete, senão d'auctor, que tudo se póde attribuïr á differença da phrase Castelhana.

Sobre as Soledades só digo a Vossa Mercê, que ha mũitos dias que busco, e desejo a soledade, sem a poder achar. Atégora cuidei que os retratos não ajudavão, antes pelo seu modo fazião companhia; nem sei que o Sudario seja original das ausencias do Filho, para se copiarem por elle as Soledades da Mâi. Vossa Mercê me guie, e Deos me guarde a Vossa Mercê mũitos annos, como desejo, e hei mistér.

Bahia, 16 de Julho de 1690.

Humilde e obrigadissimo servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCII.

A SEBASTIÃO DE MATOS [1].

Meu Senhor,

Acabo de escrever a Vossa Mercê na que escrevo ao Duque, meu e nosso amo, e me envergonho da fraqueza, com que não posso dissimular o meu sentimento. Lá disse não sei quem: *Magnus dolor iratus amor est*, e o meu não se doe d'irado, senão de magoado. Bem fazia eu em querer que as cegueiras do meu amor estivessem em segredo; *mas o secreto*, que elle procurou á *obra*, *o achou no* agradecimento, não merecendo três escripturas, que não forão só palavras, uma só palavra. Lembre-se Vossa Mercê (para me achar razão) da historia de Daniel com El Rei Balthasar, o qual lhe mandou vestir a purpura, de que elle o despia, por lhe prophetizar a perda da vida e do imperio, para o dia seguinte. Assim pagavão os Reis antiga-

[1] É a LXXI do tomo III.

mente as prophecias da morte, e Imperios acabados; e assim se pagão hoje as do nascimento, e dos Imperios futuros. Diz-me Vossa Mercê que o estado presente o não promette assim; e eu digo, que o mesmo estado é um dos maiores argumentos de haver de ser, e de chegar o tempo em que seja. Quando os Hebrêos se vírão mais apertados no Egypto, então desceo Deos á Çarça pára os libertar do Captiveiro. E quando o Mundo menos merecîa a redempção, então o remio quem para isso o tinha creado. A maior furia da tempestade é o mais certo signal, que os marinheiros têm de se querer mudar o vento. Consinta-me Vossa Mercê esta esperança, ou nos preparemos ambos para o infallivel naufragio. Se assim for, pouco terei que sentir debaixo da sepultura, e quando succeda o contrario Vossa Mercê logrará as felicidades, que, se forem as que eu desejo, e a Deos peço, serão todas as que elle póde dar.

Bahia, 14 de Julho de 1690.

De Vossa Mercê,

Obrigadissimo criado,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIII.

AO CONDE DA CASTANHEIRA [1].

Senhor,

Vossa Senhoria me dá o pezame dos achaques com que vivo, e juntamente o parabem da enfermidade, com que hei de morrer: isto é, por outras palavras, da minha pouca saüde, e do meu mũito amor, que se elle não fôra mũito, e mais que mũito, não me obrigára a escrever tanto, como n'aquella occasião escrevi; e não ha pouco que agradecer tanto, a Vossa Senhoria, quanto Vossa Senhoria me significa, sendo Vossa *Senhoria* um membro tão principal d'aquella Casa, onde a mesma escriptura, tocando-lhe tão de perto, agradou tão pouco que não mereceo a acceitação d'uma só palavra; circumstancia por certo de grande providencia, para o credito do que não está na nossa mão, pois os que disserem que érro, não dirão que adúlo. Servir aos futuros, pagar aos passados, e não

[1] É a LXXXI do tomo III.

dever nada aos presentes é a maior felicidade de quem fugio dos homens, para só procurar de Deos o que elles lhe não podem dar nem tirar. A este mesmo amor pertencem as anxias, com que sempre espero as boas novas da Senhora Infanta, e sinto, e me alégro com as que Vossa Senhoria me dá, segundo ellas são.

Depois de ficar vivo o primógenito da Casa da Raïnha Nossa Senhora, me escrevêrão de Roma se combinava lá um casamento, de que tambem se fallava em Portugal. Deos escolha a Sua Alteza o que for de maior gôsto seu, e bem nosso, e a Vossa Senhoria, meu Senhor, guarde com os annos de vida e felicidades, que com todo o coração a Vossa Senhoria desejo.

Bahia, 14 de Julho de 1690.

Criado de Vossa Senhoria,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIV.

AO CONDE DE CASTELLO-MELHOR [1].

Excellentissimo Senhor,

Todas as vezes que considerava a vida de Vossa Excellencia n'esse bom retiro (nome que soube pôr, e de que não soube usar aquelle grande valído de Philippe IV), a reputava pela mais feliz, de que era capaz Portugal no estado presente; mas de um mez a esta parte, em que livre do cuidado d'esta Provincia, não tenho outro que o da propria quietação, agora me parece cheguei a comprehender o summo da mesma felicidade, que não conhecia inteiramente, nem posso deixar de me congratular com Vossa Excellencia d'este genero de fortuna tão pouco appetecida e invejada, por que não dá Deos juntamente o conhecimento d'ella:

> O fortunatos nimium, sua si bona norint,
> Agricolas!

Até a propriedade d'este nome não quiz

[1] É a CXXXII do tomo II.

deixar Vossa Excellencia á mesma fortuna, pois me diz Vossa Excellencia que por razão e inclinação está retirado de tudo, ò que não é mandar abrir o paúl, e ver lavrar, ou lavrar n'elle. Acaba Vossa Excellencia com aquella sentença múito propria do juïzo de Vossa Excellencia : *Vou passando o resto da vida, contente de não ter de que me descontentar.* E eu d'ella aprendi a lhe accrescentar : *E contente de não ter a quem descontentar.* Pensão inevitavel a quem professa razão, verdade, e justiça, em um mundo tão irracional, tão mentiroso, e tão injusto.

De tudo o mais que tão larga e ponderosamente refére Vossa Excellencia me parece esta Carta um mappa do mundo, e se assim como nos compassos do mappa, estivérão tão abreviadas e juntas as distancias das terras, oh quanto teria eu que dizer a Vossa Excellencia que não posso escrever de estoutro mundo, ou mundos, etc.! Da occidental parte a frota com perto de quarenta grandes vasos, sendo tanta a abundancia dos fructos, que aïnda podéra carregar outros tantos; e o peïor é que levão o levissimo preço, por que forão vendidos. Ouço que na baixa da moéda perde esta praça mais de quinhentos

mil cruzados, e que aïnda a pouca que lhe havia de ficar, se leva para Portugal, porque lá tem mais conta. No Rio de Janeiro com a mesma baixa se achárão em um dia os que possuïão nove, sómente com cinco, etc. Da India vai na mesma frota uma nau que aqui chegou carregada. Poz na viagem cinco mezes, lançou ao mar mais de cem homens, dá por novas, que tambem morrêo em Gôa o governador (tinha mũi bôa opinião) e depois d'elle em menos d'um mez, o que lhe succedeo nas vias. Tira Deos os homens quando quer tirar o demais; e n'estas disposições dos castigos reconheço eu em sua Divina Providencia mũitos modos de tirar os mesmos homens, um dos quaes é conserválos vivos, porque não merecem a morte, e têl-os ociosos, porque o desmerecem os que se devião aproveitar d'elles.

N'este sentido diz Salomão, que castiga Deos os avarentos dando-lhes os bens, e não lhes permittindo o uso, etc. Deos guarde a Vossa Excellencia mũitos annos, como haviamos, havemos, e aïnda haveremos mistér, se a Magestade Divina se lembrar de nós.

Bahia, 6 de Julho de 1691.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCV.

AO DUQUE DO CADAVAL 1.

Senhor,

Posto que me mandei despedir de Vossa Excellencia por me faltar a mão com que escrevia, agora ajudando a direita com a esquerda dou a Vossa Excellencia as graças com ambas as mãos pelo excesso de mercê e honra, com que a piedade e grandeza de Vossa Excellencia não cessa de continuar a memoria d'este sempre fiel criado de Vossa Excellencia, ou são ou aleijado.

Chegou o Senhor D. João de Lancastro, e entrou n'esta Bahia com todo o grosso da frota, com que saío de Lisboa, no mesmo dia. Com a sua vinda se trocou a fome em fartura, a desconsolação em alegria, e até a morte, ordinaria n'estes mezes, em saüde, pagando Deos aos lavradores a esterilidade do anno em tão melhorada moeda. A casa

1 É a CXLI do tomo II.

d'ella fica ja em muito boa altura, com que o trato civil d'esta Republica, que até gora parecia de barbaros, começará a ser politico.

Sobre a administração dos Indios concedida aos Paulistas, foi servido Sua Magestade que eu tambem désse o meu voto, em que me não conformei com os demais, por ver que todo o util se concedia aos administradores, e todo o oneroso carregava sobre os miseraveis Indios, a quem em todas as voltas ou mudanças sempre a roda da fortuna leva debaixo. O modo que me occurreo de concordar sua liberdade com a consciencia e interesse dos que tanto lhe devem, então terei por acertado, quando saiba que não desagradou a Vossa Excellencia posto que a esperança das minas, que eu não creio, póde ser que incline ao favor contrario não poucos aduladores. A copia do meu parecer remetto com esta á censura de Vossa Excellencia.

De outro captiveiro domestico, com que os Portuguezes n'esta Provincia estamos dominados de estrangeiros, sem nos valêrem Decretos Reaes, tambem espero que o poder e auxilio de Vossa Excellencia nos ajude efficazmente a remir, e todo o bem, e todo o melhor deveremos a Vossa Excellencia.

Excellentissimo Senhor, Deos guarde a

xcellentissima Pessoa de Vossa Excellencia omo Portugal em toda a parte, e os Criados e Vossa Excellencia havemos mistér.

Bahia, 24 de Julho de 1694.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVI.

AO CONDE DA CASTANHEIRA [1].

Meu Senhor,

'E' cousa tão natural o responder, que até s penhascos duros respondem; e para as ozes tem échos. Pelo contrario é tão grande iolencia não responder, que aos que nascem mudos fez a natureza tambem surdos, por-ue se ouvissem, e não podessem responder, ebentarião de dor. Esta é a obrigação e a pena m que a carta que recebi n'esta frota de 'ossa Excellencia me tem posto, devendo eu 5 esperar reciprocamente que a resposta do

meu silencio fosse tão muda como elle; mas quiz a benignidade de Vossa Excellencia que n'este excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecêrem os amigos, havião os homens de morrer primeiro, e d'ahi a algum tempo (sem ser necessario mũito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo, como morto, agora com o espaço d'um anno e meio, é força que falle como um resuscitado. O que só posso dizer a Vossa Excellencia é que aïnda vivo, e crendo, com fé mũito firme, não será desagradavel a Vossa Excellencia esta certidão. Não posso com tudo callar que no mesmo dia de seis de Fevereiro em que entrei nos oitenta e sette annos, foi tão critico para a minha pouca saude este septeno, que apenas por mão alheia me permitte dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á Patria na sua mais illustre Nobreza. Sendo porèm tão singular, e não usada, esta indulgencia, aïnda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber d'aqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ou-

vir quem não póde fallar. E para que o despacho d'este forçado memorial não pareça genero d'ingratidão da minha parte, senão contracto util d'ambas, e mũito digno d'acceitação, sirva-se Vossa Excellencia de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficão duas mais livres para as levantar ao ceo, e encommendar a Deos os mesmos a quem não escrevo, com mũito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota é memoria d'uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas são lembranças de mũitas vezes cada dia. Estas offereço a Vossa Excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a Vossa Excellencia devo, e me ficão impressas no coração. Deos guarde a Vossa Excellencia mũitos annos como desejo com todas as felicidades d'esta vida, e mũito mais da que não tem fim.

Bahia, dia de Santo Ignacio, 31 de Julho de 1694.

Criado de Vossa Excellencia,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVII.

A' RAINHA DA GRÃO-BRETANHA [1].

SENHORA,

As memorias de Vossa Magestade, que li na carta do Padre Balthasar Duarte, tão proprias da Real benignidade e grandeza, de que ellas e Vossa Magestade descende, me enternecêrão de maneira, que se no Brazil houvéra podêr para dispensar nas leis da Religião, logo no primeiro navio se embarcára, como em um ataüde, a minha extrema velhice, para ir acabar felizmente a vida prostrado aos Reaes pés de Vossa Magestade.

Tendo-me alegrado mais que todos, como devia, com a restituição de Vossa Magestade á Patria, não me atrevi porèm a romper por escripto o meu silencio; porque quando escrevi de Roma a Londres, a respósta que tive por Carta do Padre Confessor Antonio Fernandes, foi tão secca, que me tirou toda

[1] É a LXXXII do tomo III.

a confiança, assim de o fazer outra vez, como de me passar a Inglaterra, que era o meu intento. Em fim, não achando em Portugal em El Rei, que Deos guarde, a correspondencia do affecto, que sempre experimentei em seus pais e irmão, como quem pela menor idade não conhecia o muito que eu os tinha servido, e arriscado por elles a vida nas viagens de Hollanda, França, e Italia, com maior perigo dos mesmos negocios do que erão os do mar, e dos inimigos da nossa Corôa no mar e na terra; me condemnei ao desterro d'este Brazil, para n'elle commutar, se podesse, o Purgatorio. Aqui estou aïnda vivo, jà quasi desacompanhado de mim mesmo, na falta de quasi todos os sentidos; mas sempre com toda a alma n'esse Palacio da Natividade, sacrificando a Vossa Magestade o que só posso, que é o coração, e amando, e adorando a Vossa Magestade com todo aquelle amor e extremo (permitta-me Vossa Magestade fallar assim) que a El Rei D. João, à Raïnha D. Luïza, e ao Principe D. Theodosio devem a minha memoria e saüdades.

Hontem tiverão elles uma bôa tarde, porque vindo-me ver a uma quinta, ou deserto, onde passo retirado, um soldado da frota,

sò por curiosidade de podêr testemunhar em Lisboa, què aïnda sou vivo, lhe perguntei mũito em particular por Sùa Magestade, e todas as novas que lhe ouvi, foi sempre com as lágrimas nos olhos, e mũito mais quando me disse que a Senhora Raïnha de Inglaterra era mãi da pobreza de *Lisboa*. Ditosissima a alma de Vossa Magestade, què dèpois da Corôa d'este mundo assim se emprega em assegurar a do Céo. Se eu tivéra similhante confiança, uma grande parte da minha gloria seria esperar lá, depois de mũitós annos, pela entrada de Vossa Magestade, tão triumphante como foi a da despedida d'essa Côrte.

Lembra-me quanto tempo Vossa Magestade por duas vezes me permittio a seus Réaes pés na Camara da *Capitania*, em quanto não partia a Armada, sendo eu o correio fiel dos recados e lembranças da mãi, e das saüdades da filha; por signal que então me disse Sua Magestade uma cousa mũito digna da sua grandeza, e do seu amor, que foi: *Estoy muy mal con Catalina, porque enviandole unas perlas, me las agradecio.* Onde o agradecimento é offensa, bem se podia ser secretario d'estes Corações.

Na Carta que acima refiro, à a memoria,

que Vossa Magestade aïnda conserva d'aquella porta da antecamara de Alcantara, onde estando eu aos pés do Principe com o Infante D. Affonso nos braços, appareceo, e se deteve Vossa Magestade, coroando com a sua presença a conversação, mas não assentindo ao que n'ella se fallava, que foi, pouco mais ou menos, o que depois veio a ser, com um canal no meio sómente.

Em fim, minha Raïnha, minha Senhora, e minha ama, em um livro impresso em França vejo aqui, e venero o retrato de Vossa Magestade, mas o que eu tenho impresso no coração, quizéra eu que Vossa Magestade visse; posto que tão quebrantado dos annos, aïnda posso dizer Missa todos os dias, e em todas, não sei se em mim, ou fóra de mim, peço a Deos me deixe ver a Vossa Magestade na eternidade, pois n'esta vida não posso. Entre tanto Deos guarde a Real e Augustissima Pessoa de Vossa Magestade, como El Rei, o Reino, e os criados de Vossa Magestade em toda a parte, e eu mais que todos desejo, e havemos mistér.

Bahia, 25 de Settembro de 1695.

ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCVIII.

A' RAINHA DA GRÃO-BRETANHA [1]

SENHORA,

N'esta frota não tive carta do Padre Confessor, de Vossa Magestade, nem o Padre Balthasar Duarte, ausente d'essa Corte, me pôde dar às novas, que em todo o anno são a minha esperança, e unica consolação d'este meu desterro; mas foi com tudo necessario valer-me das noticias vivas dos que vêm na mesma frota: os quaes desd'o maior até ao menor, perguntados pela Senhora Raïnha da Grão-Bretanha, fallão com tal veneração nos extremos de suas heroicas acções, e Reaes virtudes, que as não posso ouvir sem lagrimas, e sem grandes invejas dos que gozão de perto o bem, de que eu não fui digno.

Uma carta tive d'um irmão leigo de São Roque, e me conta miúdamente, desd'o Natal até as Quarentas horas, a edificação de

[1] É a XCIII do tomo III.

toda a Corte, a piedade e grandeza, com que Vossa Magestade não só se digna de sustentar e mandar assistir aquella Casa, mas de a frequentar com a magestade de sua Real presença em todos os dias, e actos de maior devoção. Quasi eu estive para enviar a Vossa Magestade as relações d'este Chronista, como dictadas simplesmente por bocca da verdade, sem outro ornato, ou affectação, como eu tambem faço. Sobre tudo chegou d'essa Côrte a esta Bahia um Padre, que lá tinha sido Procurador da Provincia, o qual particularmente me contou o grande respeito, e grande veneração, com que El Rei, que Deos guarde, ouve os conselhos de Vossa Magestade, e dei infinitas graças a Deos por esta, que estimo singular providencia, com que dispoz todas as cousas de tão longe, para que Vossa Magestade em tempos tão perigosos, como os presentes, podesse dar aos acertos do seu governo aquella luz, que hoje não tem outra parte d'onde a possa receber, depois de trinta annos de paz, tendo-se por melhor a neutralidade, sem conseguir as utilidades d'ella, perderem-se n'este tempo, todos os grandes Cabos, que tinha feito a guerra passada, sem haver hoje no mar, nem na terra quem os possa substituir; d'onde

é lástima ouvir (posto que de tão longe) os medos, com que de Portugal se escreve na probabilidade da morte d'El Rei de Castella, e intentos de França sobre Hespanha; o que não posso deixar de representar a Vossa Magestade, porque sei quão falsamente é informada a d'El Rei, a quem na occasião presente não vejo, nem considéro outro remedio, senão (como dizia) o da Providencia Divina, que ordenou estivesse Vossa Magestade em tal tempo em Portugal para seu unico remedio.

Eu tenho por certo, que os fins hão de ser felicissimos ao nosso Reino e Nação; mas os meios, antes d'elles, de igual difficuldade e perigo. O soccorro do Céo e da terra todo considéro na presença de Vossa Magestade, assim pelo valimento com Deos, como pelo conhecimento das cousas do mundo; no meio do qual ordenou Nosso Senhor assistisse Vossa Magestade tantos annos, recolhendo em tão soberano juizo as experiencias, que nunca, ou tarde chegão á nossa terra, hoje mais que em nenhum outro tempo necessitada d'ellas.

Mais quizéra dizer a Vossa Magestade n'este particular, mas no tempo, e idade, em que me tomou esta occasião, só posso appellar para Deos; e o faço com todo o affecto que sou obrigado, e me é possivel. Atégora, como

fiel vassallo, e criado da Casa Real, offerecia a Deos por esta tenção todos os meus sacrificios; porém de ha um anno a esta parte, em que no espaço de oito dias perdi totalmente a vista, ja o não posso fazer como Capellão, mas fál-o-hei como Merciêiro, e com toda a propriedade; pois Vossa Magestade por sua Real grandeza foi servida mandar-me dar, na impressão d'aquelle livro, salario que não só me póde bastar, mas sobejar para os dias, que sobre os noventa annos posso ter de vida; rogando sempre ao Senhor do temporal e eterno conserve a de Vossa Magestade com muito inteira saüde, como Portugal, e os criados de Vossa Magestade havemos mistér; e eu nunca me esquecerei de o pedir assim á Divina misericordia, com todo aquelle affecto, que devem as minhas obrigações passadas e presentes.

Serenissima e Augustissima Raïnha, Deos guarde a Vossa Magestade por mũitos e felizes annos, para gloria da patria, exemplo de todos os Principes, edificação de toda a Igreja Catholica, e credito da Fé, e Religião Christã.

Bahia, 21 de Junho de 1697.

De Vossa Magestade,
Humilde Servo Capellão,
ANTONIO VIEIRA.

CARTA XCIX.

A SEBASTIÃO DE MATOS [1].

Meu Senhor,

Esta carta com que Vossa Mercê foi servido continuar o favor e mercê, que me faz em todas as frotas, recebi com a costumada alegria e alvoroço, mas com igual mortificação, por não podêr ler, nem ouvir o que n'ella se contèm.

Na frota passada dei conta a Vôssa Mercê de como, deixadas todas as molestias, tinha occupado a paciencia no soffrimento de diversas enfermidades; uma d'estas (por occasião, dizem, de duas sangrias que me receitárão em noventa annos de idade) em espaço de oito dias me tirou totalmente a vista, de sorte que nenhuma letra por grande que seja, nem a dos titulos dos livros posso ver, e juntamente tendo já mui debilitado o uso de ouvir, o perdi tambem de modo, que apenas posso entender o que outros me lêm.

[1] É a LXXVIII do tomo III.

Os que fazem jogo dos achaques alheios dizem, que me veio este a bom tempo, para não ver o que se vê, nem ouvir o que se ouve; e eu me conformára facilmente com esta sentença, se os mysteriosos desenganos da Carta de Vossa Mercê me não chegárão mais á alma. Eu nos meus trabalhos não tenho aprendido outra lição por uma parte mais forçosa, e por outra mais util, que a da conformidade com a vontade de Deos, com a qual considéro a Vossa Mercê muito unido, e é remedio universal para tudo o que póde dar, ou tirar a fortuna.

Das cousas publicas não digo a Vossa Mercê mais; que ser o Brazil hoje um retrato e espelho de Portugal, em tudo o que Vossa Mercê me diz dos apparatos de guerra sem gente, nem dinheiro; das seáras dos vicios, sem emenda; do infinito luxo, sem cabedal; e de todas as outras contradicções do juizo humano. O demasiado inverno tem detido a frota d'este anno, e tambem a discordia dos mercadores com os senhores de engenho no preço do açucar, que elles querem que desça a 1,400 reis, e estes que suba a 1,600 reis: não montando menos esta differença de tostão que trezentos mil cruzados. Eu tambem sou de voto, que se abata o preço

do açucar, mas com a balança na mão, de maneira que tambem se abatão os preços das outras cousas; mas é manifesta injustiça que crescendo as de lá, e as de Angola cento por cento mais, se queira no mesmo tempo que toda a baixa das drogas seja a do Brazil: por certo, que não é este arbitrio mũito conforme aos receios, que de Portugal se escrevem sobre a contingencia em que nas pazes póde ficar a nossa neutralidade. Mas de cá escrevem-se mentiras, e de lá respondê-se com lisonjas, e n'este voluntario engano está fundada toda a nossa conservação. Deos nos acuda; e me traga melhores, e mais confiadas novas de Vossa Mercê, que será uma grande parte do alivio n'estes poucos dias, que as molestias me podem conservar de vida, a qual o Senhor augmente a Vossa Mercê por mũitos annos, com todas as felicidades temporaes, e eternas que Vossa Mercê póde desejar, e eu em minhas orações peço á Sua Divina Magestade.

Bahia, 10 de Julho de 1697.

De Vossa Mercê,

Obrigadissimo Servo,

ANTONIO VIEIRA.

CARTA C.

PAPEL,

Que fez o Padre Antonio Vieira para se ler a El Rei D. Affonso VI na sua menoridade, na presença dos Tribunaes do Reino, por mandado da Raïnha Mãi a Senhora D. Luïza de Gusmão.

Senhor,

A obediencia que a Raïnha nossa Senhora deve aos preceitos d'El Rei, que Deos tem, e o mũito que ama a Real pessoa de Vossa Magestade, que Deos guarde, e o desejo de conservar estes reinos, e de corresponder aos vassallos d'elles e ao bom animo com que sempre lhe assistírão, forão os motivos que a obrigárão a tomar sobre si o governo, quando o sentimento da sua perda pedia differente resolução; procurou fazêl-o á satisfação de todos, sem perdoar ás vigias da noite, e aos trabalhos do dia: mas não bastou isto para o conseguir, ou porque Deos quizesse continuar o castigo, ou por outras razões que elle só alcança. E porque crescem

as queixas communs, e com ellas o sentimento da Raînha nossa Senhora; e ainda mais o desejo do remedio, tive por conveniencia convocar em presença de Vossa Magestade o Reino, que, em falta de Cortes, se representa nos Tribunaes, para lhe fazer presente os remedios que tem applicado áquellas queixas, e mais principalmente para lhe ordenar (como ordena) que se aquelles não bastarem, lhe represente com toda a liberdade os mais que lhe parecerem convenientes; considerando-se, que o seu intento só é acertar, no que for mais do serviço de Deos, e bem d'estes Reinos.

Ha queixa geral de se não administrar justiça com igualdade, e porque esta é a primeira e mais principal obrigação dos Reis, e o que a Raînha nossa Senhora traz diante dos olhos, como ella por si não póde resolver materias contenciosas, e nem ainda o costuma fazer nas graciosas, se resolve a mandar juntar os Tribunaes, e Ministros d'este Reino, para que havendo quem instantemente dê occasião a esta queixa, receba o castigo que merece a sua culpa, e o Reino a satisfação que se lhe deve, em tempo que por tantas vias padece.

Queixa-se, e desconsola-se tambem o Rei-

no, e a Raïnha nossa Senhora, com mais sentimento do que se póde declarar, que sendo já os annos d'El Rei Nosso Senhor bastantes para tomar em seus hombros o peso do Reino, de que a Raïnha nossa senhora deseja tanto alliviar-se; Sua Magestade se não tenha applicado ao cuidado, e manejo dos negocios tanto como era necessario, antes, deixando-se levar do excesso e do valor, tenha tantas vezes posto em manifesto perigo de vida a successão, d'onde pendem todas as esperanças d'estes Reinos, os quaes nenhuma outra cousa desejão, e hão mister, como ver a Sua Magestade empregado todo n'aquelles exercicios que mais lhe podem conciliar a graça para com Deos, e amor para com os seus Vassallos, respeito e veneração para com os estrangeiros. E pois nos achâmos aqui todos presentes, quer a Raïnha nossa Senhora, que peçâmos a Sua Magestade se lembre de si, e de Deos, gastando o tempo em exercicios dignos de Sua Real Pessoa e grandeza; encaminhados a ser tão grande Rei, como Deos o fez, consolando os melhores vassallos que teve rei algum, pois sem repararem ao amor paternal na perda dos filhos; ao desejo de ter, na falta da fazenda; ao gosto de viver, no risco de perder a vida; dão filhos, dão

fazendas, e dão vidas, sem outro fim mais que de conservar o nome de Vassallos de Vossa Magestade.

Deve Vossa Magestade a um Deos tão grande, á consolação d'uma tal Mãi, e ao remedio d'uns taes Vassallos, que chegão aos Reaes Pés de Vossa Magestade com os corações rotos de dor, desejos nascidos no mais interior de suas almas, de ver a Vossa Magestade com saüde dos achaques de animo, assim como as suas lagrimas a alcançárão de Deos para Vossa Magestade nas doenças do corpo, que Vossa Magestade mude os descaminhos por onde anda, e nos livre de sobresaltos em que o desejo da vida e saüde de Vossa Magestade nos traz continuamente. Empregue Vossa Magestade melhor o seu talento ou generosidade do seu animo, imitando como Vossa Magestade deseja as virtudes d'aquelle Rei auctor da nossa liberdade, cujas memorias viverão com saüdade eterna nos nossos corações, e fazemos a Vossa Magestade estas lembranças, porque servir aos Reis a seu gosto, consultando-lhes só o gosto, é vicio; mas servindo-os a seu gosto, advirtindo-os, é virtude e razão mũi propria de Portuguezes, que jurámos, como temos jurado, humildemente prostrados aos Reaes

Pés de Vossa Magestade, a maior obediencia; a maior lealdade, e a maior resolução de dar as vidas pelo Real serviço de Vossa Magestade.

Não é menor a queixa e sentimento da Raïnha nossa Senhôra de se haverem introduzido no Paço, e muito juntos á Pessoa d'El-Rei Nosso Senhor, sujeitos de mũi inferior qualidade, costumes, e conselhos, que parece estarem estabelecidos no poder que tem tomado, sem excepção, e desunião entre os grandes, e divertirem a natural benignidade d'El Rei Nosso Senhor a fim de seus interesses, persuadindo-lhe sempre necessarias as suas pessoas para conciliar os animos de seus vassallos, e para os pôr á sua obediencia, e estorvando e perturbando com a sombra de Vossa Magestade o bom governo do Reino, e juntamente commettendo de noite e de dia os delictos, que com tanto escandalo são notorios n'esta Corte, que se Elʳ Rei nosso Senhor os soubéra, todos castigára com mũito rigor, atrevendo-se a intentar discreditos contra Sua Magestade; e até no sagrado com discursos indignos de toda a imaginação; contra o decóro da Fé, do sangue, do amor, do respeito, e da unica e devida adoração, que só está na Real Pessoa de Vossa Magestade.

Como esta queixa é a maior, e a que involve em si todas as outras; porque se falta com ella mui principalmente á justiça, e é a principal causa dos divertimentos d'El Rei Nosso Senhor; e a que muito perturba a paz, e póde perturbar muito mais gravemente ao diante o socego commum do mais interior e sensivel do Reino, cessará apresentando-a a Raïnha nossa Senhora com toda a instancia por parte dos Ministros que se achão presentes, e por outros que não estão, e por pessoas zelosas do serviço de Deos e bem do Reino. Convèm muito atalhar este damno, de mais d'outras razões, para aplacar a ira de Deos, que nos castiga tão severamente pelas culpas de que estes insolentes são causa; e assim convém que a dita Senhora tire de junto da Pessoa d'El Rei Nosso Senhor similhantes sujeitos, que nos põem a Côrte em maior perigo que os Castelhanos nas fronteiras; porque estes, quando muito, nos tirão as vidas; mas est'outros nos tirão as vidas, a reputação, o favor, e a misericordia infinita de Deos.

Conformando-se a Raïnha nossa Senhora como melhor sentir, que tantos e tão leaes, e grandes Ministros e Vassallos tem mandado executar, assim o quiz fazer saber a todos os

Tribunaes juntos, para que o tenhão assim entendido, e por elles todo o Reino, da estimação que Sua Magestade faz e fará sempre, do zelo, advertencia, e conselho de seus Vassallos; e certificando-se melhor do grande desejo em que a Raïnha Nossa Senhora está de satisfazer á obrigação da sua consciencia na Regencia d'este Reino, que está commettido á sua conta e disposição.

Senhor, isto que tenho referido, o mais breve que pude, não é meu, nem em substancia, nem aïnda em palavras; e, como tenho dito, é só dos Ministros que zélão a conveniencia, e a vida de Vossa Magestade, e bem do publico, que os obrigou a fazer esta representação á Raïnha Nossa Senhora, e são tudo cousas tão conformes á razão, e justiça, de que Vossa Magestade é tão zeloso, que esperâmos todos mũi confiadamente do juïzo de Vossa Magestade, e da sua clemencia, e da inclinação que todos conhecemos em Vossa Magestade por melhor, do mũito que aborrece a lisonja, e estima a natural, e liberal inteireza dos Ministros, que não só approva e que com tão boas considerações está disposto, mas que conhece com igualdade o socego do Seu Real animo, a boá intenção, e cordeal amor com que a-

conselhou e obrou o Reino, para remedio de tão grandes e leaes Vassallos, a quem zelâmos prostrados humildemente diante do Real acatamento de Vossa Magestade, que Deos guarde como lhe pedimos.

FIM DAS CARTAS.

INDICE ANALYTICO

DAS CARTAS SELECTAS

DO PADRE ANTONIO VIEIRA.

Pag.

CARTAS DE EMPENHO.

16

CARTAS DE AGRADECIMENTO.

CARTAS DE PARTICIPAÇÃO.

Pag.

CARTAS DE PARABENS.

CARTAS DE PEZAMES.

CARTAS DE CONSOLAÇÃO.

CARTAS SOBRE POLITICA.

CARTA DE DESCULPA.

CARTA DE EXCUSA.

CARTAS DE RECOMMENDAÇÃO.

CARTAS DE SUPPLICA.

CARTA DE LOUVOR.

CARTA DE QUEIXA.

CARTA DE CONSELHO, OU EXHORTATORIA.

Pag.

CARTAS DE BONS ANNOS.

CARTA DE RESIGNAÇÃO.

CARTAS DE DESPEDIDA.

CARTAS MIXTAS.

DE PARTICIPAÇÃO E DE QUEIXA.

FIM.